

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

OBJECTOS DE PASTOR

DO OBJECTO PATRIMÓNIO AO PARADOXO DA SUA INSIGNIFICÂNCIA

Eddy Nelson de Barros Chambino

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Antropologia
Especialidade em Patrimónios e Identidades

Orientador

Professor Doutor Pedro Prista
ISCTE

Dezembro, 2009

Resumo:

O fundamento desta investigação é o de uma colecção espúria de objectos de pastor. À semelhança de inúmeras outras colecções etnográficas disseminadas por todo país, sem projecto e sem contexto de proveniência, inteiramente subjugadas à dimensão material e à condição de mero testemunho histórico de um passado recente. No presente estudo, essa materialidade dos objectos serviu-nos de problematização e de veículo para chegarmos até essa dimensão imaterial tantas vezes descurada e esquecida dentro dos museus. Neste sentido, partimos assim da basilar questão: como se documenta uma colecção espúria? A partir desta problematização fomos ao encontro do sentido dos objectos. Esse sentido remeteu-nos para o mundo dos pastores e para o sistema pastoril do território, com as suas especificidades próprias adstritas tal como para a revisitação do terreno de proveniência dos objectos. Desta forma esta colecção espúria permitiu-nos perceber e problematizar o contexto específico de proveniência da colecção, seus trâmites e procedimentos. A colecção espúria constitui-se assim, enquadrada nestas dinâmicas, como um forte catalisador de histórias de vida e de memórias relacionadas com o universo pastoril da região. Confirmando-se a componente biográfica e memnónica associada aos objectos, reforçando deste modo a ideia de que os objectos são excelentes motivos para pôr as pessoas a contar histórias.

Palavras-chave: *Colecções espúrias, Objectos de pastor, Cultura Pastoril, Museus etnográficos, Memória, Histórias de vida.*

Summary:

The purpose of this investigation is the spurious collection of shepherd's objects. As similar to several other ethnographic collections disseminated all over the country with no project or sources, dependant of material size and historical testimony of a recent past. In this current study this materiality of objects helped us to define the problem and to get to that immaterial dimension which is often neglected and forgotten in museums.

Thus, we formulated the question: How can we document a spurious collection? From this problem statement we got to the meaning of the objects. This led us to the world of the shepherds and the pastoral system of the territory with its own specific features such as attached to the return of land to the origin of the objects. As a result, this spurious collection allowed us to understand and state the specific context of the source of the collection, its procedures and specifics. The spurious collection is formed in this manner and framed in these dynamics as a strong catalyst life stories and memories regarding the world of the pastoral region. The biographical component and mnemonic related to the objects, reinforces the idea that objects are excellent to get people to tell stories.

Key words: *Spurious Collections, Shepherd's Objects, Shepherd's Culture, Ethnographic Museums, Memories, Life Stories.*

Índice

Agradecimentos	IX
Introdução	1
O objecto de estudo, o problema	2
Metodologia	10
Capítulo 1. Objectos Património	15
1.1 O Património, a noção	15
1.1.1 Património Etnológico	21
1.1.2 Património Rural: o pastoreio em Portugal	22
1.1.2.1 O Pastoreio em Portugal	26
1.2 Museus, Objectos e Colecções (Os museus etnográficos)	28
1.2.1 Portugal, O Museu Nacional de Etnologia (MNE)	32
1.2.2 Objectos e colecções pastoris noutros museus	34
1.2.2.1 Região Centro (Beiras)	35
1.2.2.2 Beira Interior	36
Capítulo 2. O sistema pastoril para que os objectos remetem.	39
2.1 O concelho de Idanha-a-Nova: aspectos geográficos e humanos de uma paisagem	39
2.2 O sistema pastoril	42
2.2.1 O ciclo pastoril anual	44
2.2.1.1 <i>As cobrições, parições</i> e a arte de saber <i>afilhar</i>	46
2.2.1.2 O ciclo do leite: da ordenha ao queijo	52
2.2.1.3 O ciclo da carne: o valor simbólico, a comercialização e a comensalidade em torno dos borregos	60

2.2.1.4	A pele: usos tradicionais	64
2.2.1.5	O ciclo das lãs	69
2.2.1.5.1	A campanha das tosquias	70
2.2.1.5.2	O <i>menageiro</i> , a tosquia e os tosquiadores	74
2.2.1.5.3	Instrumentos utilizados na tosquia	78
2.2.1.5.4	A <i>camarada</i>	80
2.2.1.5.5	Pagamentos	82
2.2.1.5.6	A alimentação	83
2.2.1.5.7	A tosquia à máquina	84
2.2.1.5.8	A lã	90
2.2.1.5.9	Indústrias rurais de transformação da lã	96
2.2.1.6	O estrume	99
Capítulo 3. Exercício de retorno de uma colecção espúria de objectos de pastor		103
3.1	A colecção	103
3.1.1	O colector	107
3.1.2	As Fichas de Inventário preenchidas pelo colector	108
3.2	Exercício de retorno dos objectos	109
Recomendações finais		111
Léxico pastoril		113
Outros léxicos pastoris		117
Bibliografia		121
ANEXOS		136
ANEXOS I		137
Fichas de “Objectos com história”		138

Fichas de “Objectos sem história”	189
Fichas de “Objectos com uma história ‘construída’ pelo colector”	277
ANEXOS II	339
Modelo de Ficha de Inventário utilizado pelo Centro Cultural Raiano: Exemplo de ficha preenchida pelo colector	340
ANEXOS III	341
Curriculum Vitae	342

Índice de Figuras

Fig. 1 – Monsanto. Bode com <i>tapiche</i> em borracha	47
Fig. 2 – Idanha-a-Velha. Borrego recém-nascido	48
Fig. 3 – Toulões. Pastor a transportar um borrego recém-nascido	48
Fig. 4 – Rosmaninhal. Pastor a <i>afilhar</i> os chibos	49
Fig. 5 – Monsanto. Joaquim com um chibo diferenciado numa das patas	48
Fig. 6 – Monsanto. Ti Zé Valente guarda os chibos no chiqueiro	50
Fig. 7 – Penha Garcia. Chibo com barbilho	51
Fig. 8 – Zebreira. Ordenha	53
Fig. 9 – Zebreira. Ordenha	53
Fig. 10 - Monsanto. Despejar o leite do <i>pitchero</i> para a vasilha	53
Fig. 11 – Idanha-a-Nova (Quinta do Valongo). Antiga queijeira	54
Fig. 12 – Zebreira. Interior de uma queijeira	54
Fig. 13 – Cardo (<i>cynara cardunculus</i> L.)	56
Fig. 14 – Monsanto. Cortar os estames do cardo para um prato	56
Fig. 15 – (A) Medelim. Moer o cardo	56
Fig. 16 – (B) Medelim. Coar o cardo	56
Fig. 17 – Penha Garcia. Queijos a escorrer em cima da francela	58
Fig. 18 – Rosmaninhal. Pressionar com as mãos a coalhada nos <i>acinchos</i>	58
Fig. 19 – Rosmaninhal. Ti Inês, roupeira	58
Fig. 20 – Rosmaninhal. Parte da borregada para venda	61
Fig. 21 – Zebreira. Pesagem dos borregos na balança romana	62
Fig. 22 – (A) Rosmaninhal. <i>Badanas</i> por esquarterar	63
Fig. 23 – (B) Rosmaninhal. Homens a esquarterar	63
Fig. 24 – Monfortinho. Bodo da N. S ^a da Consolação	64
Fig. 25 – Salvaterra do Extremo. Bodo da N. S ^a da Consolação	64
Fig. 26 – Rosmaninhal. Ti Albano, secagem de uma pele de borrego	65
Fig. 27 – Rosmaninhal. Ti Abel Russo, antigo artesão de peles	67
Fig. 28 – (A) Alcafozes. Cortar à navalha uma tira de pele de cão para fazer o curriol	67
Fig. 29 – (B) Alcafozes. Curriol	67

Fig. 30 – Rosmaninhal. Romaria da Santa Madalena, grupo de mulheres a tocar adufe	68
Fig. 31 – Idanha-a-Nova. Adufes de Zé Relvas, um dos mais conceituados artesãos	68
Fig. 32 – Gravura representativa de uma adufeira e de um tocador de sarrona ou zamburra (Jaime Lopes Dias, Etnografia da Beira).	69
Fig. 33 – Monsanto. Ti Zé Amaral, antigo menageiro das tosquias	71
Fig. 34 – Gravura ilustrativa das várias componentes do corpo de um ovino	74
Fig. 35 – Monsanto. Tesouras da tosquia e apernadeiras	78
Fig. 36 – Rosmaninhal. Tosquiador	81
Fig. 37 – Gravura de uma Tosquiadeira Manual	85
Fig. 38 – Gravura de uma Tosquiadeira Mecânica	86
Fig. 39 – Gravura de uma Tosquiadeira Electrica	87
Fig. 40 – Maçainhas. Fábrica de cobertores	94
Fig. 41 – (A) Proença-a-Velha. Um dos cobertores que a Ti Ifigénia mandou fazer com os restos das lãs que apanhava durante as tosquias	98
Fig. 42 – (B) Proença-a-Velha. Outro dos cobertos que mandou fazer	98
Fig. 43 – Rosmaninhal. Terreno estrumado a bardo	100
Fig. 44 – Monsanto. Estrume retirado de um cabanal onde o rebanho pernoita	100

Agradecimentos:

Abro esta componente dos agradecimentos fazendo uso de um modelo clássico de organização amplamente utilizado dentro meio académico: agradecimentos institucionais e profissionais, agradecimentos afectivos e familiares. Neste âmbito, começo por agradecer ao ISCTE, em particular à direcção científica do mestrado “Antropologia: Patrimónios e Identidades”, por ter aceite e acreditado na minha candidatura. Ao orientador desta dissertação, Prof. Dr. Pedro Prista, um enorme elogio por ter confiado e encorajado as minhas capacidades de trabalho, persistência e dinamismo. A ele lhe devo as intermináveis e pacientes horas de sábios ensinamentos e fecundas discussões problematizantes. Tudo começou com a temática dos caminhos rurais, tauteamos as dimensões culturais e sociais associadas às viagens e terminamos numa colecção espúria de objectos de pastor. À instituição Câmara Municipal de Idanha-a-Nova por me ter aceite no âmbito de um programa de estágios profissionais e desta maneira ter permitido o acesso à colecção e ao seu estudo, tal como no apoio à edição da obra “Pastores, guardiães de uma paisagem”, trabalho resultante dessa mesma investigação. Ao Paulo Longo, técnico superior de antropologia desta mesma instituição, pela atenta coordenação desta obra e do respectivo estágio e pelas infinitas discussões antropológicas. Por último, seguindo o velho ditado “os últimos serão os primeiros”, um profundo agradecimento a todos os mestres pastores do concelho de Idanha-a-Nova pela iniciação nos remotos alfabetos pastoris.

Quanto aos agradecimentos afectivos, o destaque vai para uma “estrelinha do-mar-do-vento-e-da-terra” que me têm acompanhado em todos estes momentos cósmicos, sem ela este trabalho seria uma mera ilusão. À minha irmã Nídia tudo, pela dedicada companhia de mana. À minha sobrinha Nini, por entretanto, ter nascido e crescido durante o labor desta tese e assim ter contribuído com reluzentes alegrias para o seu árduo continuar. Ao Zé-Tó, meu cunhado, pelas noitadas musicais. Ao meu primo Pedro, pela “ajudinha” final na tradução.

Às lágrimas derramadas que preencheram esse vazio metafísico provocado pela ausência de uma mãe e de um pai...a eles e em jeito de oração dedico a essência deste trabalho.

Ao meu pai e minha mãe,

OBJECTOS DE PASTOR: DO OBJECTO PATRIMÓNIO AO PARADOXO DA SUA INSIGNIFICÂNCIA

Eddy Nelson de Barros Chambino

Introdução

A actual tese de mestrado em Antropologia “Patrimónios e Identidades” é o culminar, embora com inúmeras interrupções pelo meio, de cerca de quatro anos e meio de trabalho (de Outubro de 2004 a Julho de 2009), sob a orientação científica do Professor Doutor Pedro Prista. O início do trabalho coincidiu com o começo de um estágio profissional realizado na Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, mais propriamente no Centro Cultural Raiano, durante o período de Outubro de 2004 a Junho de 2005. Enquadrado no estágio mencionado e no âmbito de um projecto europeu denominado “Rotas da Transumância”, apoiado pelo programa INTERREG III A, foi-me apresentado um projecto de pesquisa relacionado com a criação de um núcleo museológico da pastorícia a realizar numa aldeia do concelho (Rosmaninhal). Na base deste projecto estava a aquisição de um conjunto de objectos¹ relacionados com a actividade da pastorícia que tinham sido recolhidos maioritariamente em duas aldeias do concelho (Rosmaninhal e Cegonhas), sem qualquer ajustamento metodológico por um indivíduo do concelho.

Numa primeira fase, foi-me confiada a tarefa de recolha de histórias de vida associadas ao universo pastoril do concelho. E foi, essencialmente, a partir deste fundo documental² até então recolhido, que reconfigurei novamente o meu projecto de tese, então esboçado no horizonte da cadeira de Seminário de Investigação. Onde a problematização dos caminhos rurais assumia uma especial relevância, passando deste modo a ser conjugado com a memória e a cultura pastoril do concelho de Idanha-a-Nova.

Numa segunda fase, o trabalho do estágio profissional incidiu, particularmente, sobre a colecção dos objectos, ou seja, no estudo e organização da colecção. Como os objectos tinham sido recolhidos sem qualquer enquadramento metodológico, deparei-me com uma colecção espúria de objectos. Posteriormente, face a esta situação, decido numa das reuniões periódicas, conjuntamente com orientador científico da tese, discutir este assunto referente a esta colecção e seu contexto dentro da instituição que os tinha acolhido. A partir deste exame em torno da colecção, a problemática da tese foi novamente redireccionada, passando a ser, fundamentalmente, esta colecção espúria de objectos. Ou seja, decidimos³ efectuar o retorno dos objectos aos antigos proprietários, uma vez que estes careciam da sua própria biografia.

¹ A colecção comporta cerca de trezentos objectos diversos relacionados com a actividade da pastorícia.

² Levantamento bibliográfico relacionado com a pastorícia e recolhas orais.

³ Esta foi uma discussão conjunta, para além do orientador científico da tese, contribuiu também o coordenador do projecto (Paulo Longo, antropólogo da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova).

Desta forma, ao efectuarmos o retorno dos objectos, estávamos a constituir um percurso metodológico num sentido inverso das grandes campanhas de recolha,⁴ assim como, a efectuar o conseqüente processo de patrimonialização dos objectos ao contrário. Destacando-se assim a possibilidade de uma fecunda hipótese de trabalho, onde à partida, esta colecção de objectos espúria assumia uma especial relevância para a problematização de um território pastoril e sua proposta de patrimonialização. Deste modo, esta colecção, seu contexto de recolha e o respectivo retorno dos objectos aos seus antigos proprietários revelava-se como a problemática central na estruturação da presente tese.

A actual tese apresenta-se organizada da seguinte forma: o primeiro capítulo desenvolve-se a partir dos objectos património, percorrendo desde a noção histórica de património até culminar na temática dos museus, objectos e nas colecções etnográficas; no segundo capítulo tratamos de contextualizar os significados e os sentidos de uma colecção espúria de objectos de pastor, ou seja, através dos objectos falamos de pastores e do seu ciclo de trabalho anual; finalmente, o terceiro capítulo encerra com a problematização do exercício de retorno dos objectos.

1. O objecto de estudo, O problema

As profundas transformações ocorridas paulatinamente no mundo rural português nas últimas décadas contribuiriam amplamente para o quase aniquilamento de um modo de vida tipificado como rural⁵. Em consequência destas mutações têm surgido por todo o país, nas últimas décadas, iniciativas museológicas com vista à preservação de uma memória colectiva ligada aos campos. Traduzindo aquilo que Joaquim Pais de Brito sintetiza na seguinte afirmação: “quando os equipamentos e processos de trabalho deixam de ser aqueles que marcaram, ao longo de décadas, séculos mesmo, os quotidianos, eles vão-se destacando como objectos de memória e referentes, alvo de todo o tipo de intervenções que vão no sentido da sua patrimonialização” (2003, p. 265). É o caso deste conjunto de objectos relacionados com a actividade da pastorícia no concelho de Idanha-a-Nova. Depois de perderem a sua funcionalidade foram-se destacando como objectos de memória e por sua vez alvo de serem

⁴ É de referir principalmente as campanhas de levantamentos sistemáticos sobre tecnologias, objectos e práticas ligados à vida rural, extensivas a todo o território continental, elaboradas pela equipa do ex-Centro de Estudos de Etnologia Peninsular – Jorge Dias, Margot Dias, Fernando Galhano, Ernesto Veiga de Oliveira e Benjamim Pereira. Museu de Etnologia. Posteriormente, é de destacar também em 1975 a organização por Michel Giacometti do *Plano Trabalho e Cultura* (PTC).

⁵ Sobre a identificação e conhecimento dessas transformações consultar os artigos basilares de Joaquim Cabral Rolo e Fernando Oliveira Baptista no catálogo da exposição do Museu Nacional de Etnologia, *O voo do arado* (1996).

activados enquanto património. Justificando-se desta forma a sua recolha do seu lugar de origem. Mas como é que eles chegaram à instituição que os acolheu e os legitimou enquanto património? Esta foi uma das primeiras interrogações que me propus decifrar no momento da tomada de contacto com os objectos, então arrumados num dos anexos do Centro Cultural Raiano. Procurei então, junto do colector, que se encontrava nesta mesma instituição a efectuar o trabalho de limpeza destes mesmos objectos, obter alguma informação acerca da proveniência destes. As primeiras conversas em torno da sua recolha depressa revelaram a falta de procedimentos metodológicos que tinham acompanhado todo o processo da recolha. Daí a justificação da ausência quase total de informação anexa aos próprios objectos. Estávamos perante ao que Veiga de Oliveira denominou “coleções erráticas” – coleções “incompletas e pouco sistemáticas”⁶ (1971). A partir destas indagações iniciais constituía-se aqui um amplo campo de investigação em torno desta colecção espúria, que seria desta forma o ponto de partida para este trabalho: um conjunto de objectos quotidianos, relacionados com a actividade da pastorícia e recolhidos de forma deficiente, “ganham” o estatuto de património ao serem adquiridos e legitimados pelo Município. Com a chegada do antropólogo à instituição, enquadrado num projecto museológico de organização, estudo e valorização destes objectos, estes passam a ser novamente objectos insignificantes, devido ao seu deficiente processo de recolha. Adquirindo novamente o estatuto de património através de uma campanha de retorno aos seus antigos proprietários. Questionamos desta forma, a partir deste conjunto de objectos sem sentido, o paradoxo da construção do seu sentido patrimonial, ou seja, como é que se constitui este processo de patrimonialização efectuado em sentido contrário? Que sentidos se podem construir com uma colecção espúria? Como se organiza uma colecção espúria?

Deste modo, partindo da ideia de que uma colecção espúria o deixa de ser, para se tornar num problema de pesquisa, readquirindo desta forma um novo contexto, propus-me investigar em que medida o acto da campanha de retorno dos objectos aos seus antigos proprietários, se poderia constituir enquanto veículo de desconstrução da própria noção de património. Entendida esta conforme o modelo analítico proposto por Llorenç Prats (2004), segundo o qual o património é uma “construção social” (ou cultural, se se prefere) que remete, primeiro, para a ideia de “invenção” (Hobsbawm, E. e Ranger, T. 1988) e, depois, para a ideia de “universos simbólicos legitimados” (Berger, P. e Luckmann, T. 1983). Pois segundo Prats, para que uma invenção se possa perpetuar “necessitará ‘convertirse’ en construcción social, es

⁶ As aspas são do autor.

decir, alcançar un mínimo nivel de *consenso*” (Prats, 2004:21). Neste sentido, esta campanha de retorno dos objectos aos seus antigos proprietários irá fundamentalmente contrariar a maioria das patrimonializações efectuadas pelo Estado, por associações locais ou por outros actores envolvidos nesses processos, ou seja, serão as próprias práticas e discursos dos principais utilizadores dos objectos, quase sempre exteriores ao próprio processo de patrimonialização, que os irão “inventar” ou “construir” enquanto objectos património, ou não. Permitindo-nos desta forma, problematizar o objecto não enquanto coisa-tipo mas sim enquanto coisa com biografia concreta (Brito, 2006). Destacando-se aqui a dimensão da memória associada aos objectos, tal como Veiga de Oliveira sublinhou nas suas múltiplas referências ao amplo campo de investigação que se constituía para além do objecto em si mesmo:

“Os objectos não são entidades materiais isoladas e inertes que se esgotam em si mesmas, mas sim testemunhos da vida e da cultura em que estão inseridos, que lhes conferem a dimensão antropológica e o seu verdadeiro sentido; e são essas culturas que o estudo e a investigação em que o Museu se apoia visam, para lá dos objectos” (1988, p. 3).

Neste sentido importa referir que os objectos preenchem um destacado lugar nas nossas vidas, eles estruturam as relações no tempo. Em relação às descrições das histórias de vida, Orvar Löfgren revela que,

“les objects ne sont pas seulement des points de repère, ils peuvent même avoir une existence propre. Ils deviennent pour ainsi dire des ombres de vie (plus ou moins indépendantes) qui suivent leur cours parallèlement à nos propres existences. Il se produit là probablement des transferts et des projections intéressants: dans les représentations de la vie de l’objet nous tissons nos propres visions de notre vie, telle qu’elle est ou telle qu’elle devrait être” (1996, p. 145).

Os objectos possuem suas próprias vidas, suas trajectórias, biografias que podemos reconstituir. Inúmeros autores se dedicaram a esta componente biográfica dos objectos, entre eles destacam-se: Appadurai (1986), Kopytoff (1986), Janet Hoskins (1998), Joaquim Pais de Brito (2000), Thierry Bonnot (2002), Laurie Turgeon (2007).

Entre estes realçam-se os estudos de Appadurai e Kopytoff que se centram nas formas de consumo na sociedade ocidental e onde sublinham de igual modo a dimensão biográfica dos objectos. Igor Kopytoff, no seu ensaio teórico “The Cultural Biography of things: Commoditization as process”, analisa as alterações na forma de perceber os objectos enquanto mercadorias na sociedade ocidental. Da sua análise revela que a perspectiva cultural dos objectos tem três dimensões:

“(a) *Out of the total range of things available in a society, only some of them are considered appropriate for making as commodities*; (b) *“the same thing may be treated as a commodity at one time and not at another”*; (c) *“the same thing may, at the same time, be seen as a commodity by one person and something else by another”* (Kopytoff, 1996: 64).

A sua proposta é também metodológica, pois sugere que se façam, em relação aos objectos, perguntas biográficas:

“Where does the thing come from and who made it? What has been its career so far, and what do people consider to be an ideal career for such things? What are the recognized “ages” or periods in the thing’s “life”, and what are the cultural markers for them? How does the thing’s use change with its age, and what happens to it when it reaches the end of its usefulness?” (1996, pp. 66-67).

Kopytoff faz ainda profundas reflexões sobre o processo de mercantilização das coisas ao que opõe o processo inverso de singularização. Segundo ele, a mercantilização pode considerar-se como um processo, sua expansão ocorre de duas maneiras: (a) do ponto de vista do objecto, consiste em torná-lo cada vez mais trocável, e b) do ponto de vista do sistema no seu conjunto, tornar mais e mais coisas diferentes, trocáveis entre si.

Diz ainda nas suas conclusões que não existem mercadorias perfeitas nem objectos de todo singulares. Assim como existem conflitos de identidades nas pessoas, entre o individual e o social, também existe incerteza entre a valorização mercantil das coisas e a identidade delas.

Conclui dizendo que no mundo homogeneizado das mercadorias, a biografia de um objecto torna-se a história das várias singularizações, classificações e reclassificações que o objecto sofreu no mundo operativo das categorias.

Enquadrado nesta dimensão biográfica dos objectos, Joaquim Pais de Brito, nas “Normas de Inventário – Alfaia Agrícola”, assina um artigo denominado “*Objectos com pessoas*”, que se revela central para estes domínios metodológicos de trabalho sobre colecções etnográficas. Nele, Joaquim P. Brito começa por evidenciar o interesse do Museu Nacional de Etnologia pela alfaia agrícola como objecto de investigação desde os começos da actividade de pesquisa (segunda metade dos anos 40). Destacando este interesse continuado centrado na alfaia agrícola, o autor revela uma experiência em torno da discussão do complexo mundo dos arados que, por si só, conduziu a um importante somatório de questões dinamizadoras dos principais procedimentos normativos contemplados nesta obra. E enuncia-as:

“Umam prenderam-se com morfologias, tipologias, medições, qualidades das madeiras, etc. Outras lembravam a importância do detalhe e da diversidade das informações a reter sobre cada arado (cada alfaia, cada objecto) no momento e no terreno da sua colecta e aquisição e que no caso do Museu de Etnologia nem sempre pôde ser conseguido dado o carácter de urgência das recolhas então feitas. De quem era?, quem o fez?, quem o utilizava?, que tempo teve de uso?, que avaliações sobre a sua performance?, de que transformações ou adaptações foi objecto?, quantas vezes se partiu?, como é avaliado o esforço que exige?; etc., etc” (2000, p. 14).

O fundamento destas questões basilares é, escreve Joaquim P. Brito:

“Suscitar histórias que imediatamente evocam e revelam sujeitos e afectos, circunstâncias e condições de vida, classificações e representações que tornam mais carnal, próximo e fecundo de sentidos um instrumento de trabalho” (Ibid. p. 14).

Este equacionamento metodológico afasta-se assim da histórica hegemonia colocada no objecto em si, na sua materialidade física e deste modo amplia a atenção para as histórias, biografias e narrativas que com eles se podem contar, onde os grandes protagonistas deixam de ser objectos para serem as pessoas que os utilizaram.

A etnologia sempre se interessou pelos objectos, pois eles são parte constitutiva das sociedades humanas, tanto os objectos naturais como os artefactos elaborados pelo Homem, participam na vida quotidiana dos indivíduos. Para os etnólogos, segundo Thierry Bonnot, *“l’objet fut d’abord l’illustration d’un contexte social, culturel et/ou technique, ce qui a conduit au concept muséographique de l’objet témoin qui apparaît en France dans les années 1930”* (2002, p. 7).

Este período hegemónico do objecto converte-o em arquivo, ele representa uma cultura e uma civilização longínqua, tal como ilustra o exotismo, assim como nos movimentos intelectuais das *artes e tradições populares*, representam a materialização residual dos modos de vida em extinção. Neste sentido, importa referir que os objectos etnográficos são aqueles que são estudados por etnólogos, pois o objecto etnográfico não existe em si. Parafraseando Barbara Kirshenblatt-Gimblett, *“Such objects become ethnographic by virtue of being defined, segmented, detached, and carried away by ethnographers”* (1998, p. 18). As características que estes objectos encerram são: ter uso (“objectos de uso”), que cumprem ou cumpriram uma função dentro da sociedade que os produziu; de escasso valor de mercado, a não ser que cheguem a constituir-se como objectos raros; geralmente “anónimos” e muitas vezes efémeros, porque são feitos de materiais frágeis e perenes.

Designados de património etnográfico ou etnológico, estes irão fazer parte da ampla lista de valorizações patrimoniais a par daqueles primeiros bens classificados como de valor

excepcional. Alargando-se, assim, o conceito de património para domínios onde passaram a conviver a peça rara e excepcional com o objecto quotidiano de fabrico artesanal. Esboçam-se aqui, a partir destes objectos, duas dimensões opostas equacionadas pela valorização patrimonial, que segundo Joaquim Pais de Brito se traduz no seguinte:

“Um dos atributos pelos quais os objectos se destacam e aqui entram (museu) é o da sua excelência. São objectos que estão fora do circuito ou fluxo da circulação de bens, em geral já muito restrita e reservada ao uso e fruição de apenas alguns, quer pela sua finalidade e razões de uso, quer pelo seu valor intrínseco, simbólico ou venal. São deslocados e separados da sua circulação social, e é-lhes dado um lugar concebido para aí serem admirados.

(...) Mas, no sentido aparentemente oposto, existem aqueles bens que de algum modo ficam de fora da circulação precisamente por não terem valor, por terem perdido a utilidade a que haviam sido destinados. E o reencontro de um valor para esses bens só é possível depois da perda do seu anterior valor de uso. É o que acontece com os objectos domésticos em desuso; o que acontece com as paisagens trabalhadas que deixaram de o ser, e com este abandono podem ficar, por períodos mais ou menos longos, sem finalidades ou sentidos atribuídos; o que acontece com as infra-estruturas tecnológicas que o tempo parou e que vão caindo em ruínas, vindo depois a ser recuperadas; o que acontece ainda com os saberes antigos que deixaram de ser operativos” (2006, p. 45).

Face ao exposto, a proposta do autor é que tanto a obra-prima valorizada, como os simples objectos do quotidiano, desactivados dos seus usos e das significações desses mesmos usos, devem ser pensados em conjunto, isto para estimular uma pertinente reflexão que articule património e museus. Este pressuposto explica-se pelo facto dos museus se articularem em torno da ideia de que foram gerados para guardarem património pré-existente e, ao mesmo tempo, estão frequentemente a gerar património. Joaquim Pais de Brito exemplifica com o seguinte:

“Assim como os museus de arte determinam o gosto, induzem escolhas, atribuem valor e, pela sua actividade, não apenas acolhem novas obras e correntes artísticas, como participam da sua criação, também os museus de etnologia ou, num sentido mais abrangente, museus de sociedade, estão permanentemente a resgatar do anonimato, do abandono e do desconhecimento novos objectos e, assim, a produzir bens. Criam obras. Os museus não são apenas receptáculos e cofres, são fábricas de património” (Ibid. p. 46).

Esta leitura elucida bem as alterações sucessivas em torno da problematização da noção de museu, que se iniciou com o encerramento e a atenção no objecto reificado como obra-prima e única para passar posteriormente a interrogar também os contextos da proveniência daqueles objectos ditos quotidianos e assim a virem a ser valorizados mais como testemunho, motivo para aceder à compreensão dos processos da sua produção e usos.

Contudo, prevaleceu a dimensão material face a outras possíveis dimensões. Motivo pelo qual esta ocupou ou ainda continua a ocupar um destacado lugar. Pois tal como o mesmo autor afirma,

“Tudo se organiza em torno desses objectos que ocupam as reservas dos museus, visitam as oficinas de conservação e restauro, vão ao fotógrafo, transitam pelas salas de exposição temporárias ou habitam mais perenemente as galerias permanentes com que os museus construíram muita da sua identidade. São eles que se destacam nos catálogos e circulam entre museus, adensando nessas viagens de médio ou longo curso o estatuto da sua excepcionalidade” (2000b, p. 8).

Por outro lado, paralelamente a esta dimensão física do objecto, uma outra dimensão ajudou a construir os museus e a reafirmar a valoração normativa e a univocidade de um projecto cultural. Trata-se da constituição da memória, que segundo Joaquim Pais de Brito se instituiu “como categoria de excelência na construção da nossa relação com o passado e na elaboração das identidades e, com ela, a dupla afirmação de que os museus guardam o património e são depositários da memória de um tempo que ele mesmo evoca e ajuda a restituir” (Ibid. p. 8).

É sobretudo enquadrado nesta nova dimensão que o museu introduz novos cambiantes na configuração da ideia de objecto e património. Também é através dela que o museu sai para o seu exterior, nomeadamente através da oscilação do sentido do objecto e da sua realidade material para a componente da memória que remete para as pessoas que os utilizaram e fabricaram. Inscrevendo-se neste pressuposto o percurso biográfico dos objectos e com este abre-se um amplo e fecundo campo de investigação em torno das inúmeras colecções etnográficas que “jazem” expectantes nas reservas dos museus, pelo facto de terem sido recolhidas deficientemente. Chegando aos museus do modo mais errático, fora de qualquer intenção de pesquisa e aquisição. Aqui se encaixa na íntegra a temática do presente estudo referente a uma colecção espúria de objectos de pastor.

Neste sentido, face às circunstâncias e condições de incorporação de objectos nos acervos de museu, ou seja, na constituição de colecções, interessa referir que foi elaborado em colaboração com o Museu Nacional de Etnologia, um Caderno de Normas de Inventário para colecções etnológicas. Neste, enunciam-se um conjunto de procedimentos metodológicos a ter em conta junto do acto da recolha e constituição de uma colecção de objectos etnográficos, com destaque para a importância dada à informação para a qual os objectos remetem. É precisamente nesta perspectiva que Joaquim Pais de Brito defende que, “Na constituição das colecções deve ser reunida a máxima informação associada a cada peça, assim se criando as

condições para poder evocar relações que permitem melhor perceber e revelar a sociedade, o grupo, o indivíduo a que pertence” (2000a, p. 26).

No fundo, foi esta reflexão em torno das Normas de Inventário para as colecções etnográficas que veio aprofundar e tornar mais fecunda a própria identificação individualizada de cada uma das peças dentro das respectivas colecções que constituem o acervo museológico. Ou seja, tornando-o muito mais abrangente do que um mero procedimento técnico circunscrito simplesmente à realidade material dos artefactos. Constituindo-se mesmo como um elemento de informação de capital importância para a investigação e estudo das colecções. Dito de outra forma, Raquel Henriques da Silva, escreve no prefácio da obra, “Entendido deste modo, o inventário não perde tecnicidade mas dota-se de espessura histórica, neste caso muitas vezes no domínio da micro-História em que as comunidades podem encontrar os sentidos mais fundos da sua identidade e a História global enriquecer-se com o lastro da diversidade” (2000a, p. 8).

O resultado final desta reflexão deu origem a uma ficha de inventário normalizada e abrangente do universo dos acervos museológicos nacionais, designada por Matriz. Segundo Isabel Cordeiro *et al.*,

“Esta ficha traduz um conceito de inventário desenvolvido, no sentido em que a identificação do objecto deve ser completada com outros dados caracterizadores, designadamente a sua proveniência exacta, o conhecimento do percurso que a mesma realizou ao longo do tempo, bem como a divulgação através de exposições e publicações várias (...) permite registar a informação mais diversificada sobre os acervos e colecções, complementada com a imagem digitalizada das peças e pormenores das mesmas – tais como marcas e assinaturas, elementos decorativos e iconográficos de particular relevância –, que podem ser armazenadas em disco magnético ou disco óptico” (2000, pp. 15-16).

Face ao exposto, esclarece-se assim que nos dias hoje já não faz muito sentido a entrada nos museus (principalmente à escala local) de colecções etnográficas desgarradas e sem inventário. Pois, uma colecção só se constitui com um inventário, é precisamente o inventário que justifica a investigação. A justificar e a reforçar este pressuposto está um dos últimos trabalhos elaborados pela equipa do Museu Nacional de Etnologia sobre duas doações de olaria portuguesa⁷. Segundo Joaquim Pais de Brito, o mote da investigação foi,

“Fazer um exercício de interrogação e aprendizagem do processo de elaboração do inventário que necessariamente acompanha a incorporação dos objectos no Museu. Nela damos conta das normas e protocolos que devem ser seguidos ao lidar com os campos a preencher numa ficha de inventário. Mas procuramos fazê-lo

⁷ Catálogo (2008) “Exercício de Inventário. A propósito de duas doações de olaria portuguesa”. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.

não iludindo a dúvidas, as incertezas que convivem com um pragmatismo tantas vezes seco e erroneamente valorado pela sua suposta neutralidade científica” (2008, p. 9).

A pertinência deste exercício situa-se exactamente nessa matéria feita de dúvidas e de constantes interrogações que um inventário suscita. Daí o autor alertar para o facto de que “É própria incerteza e nas imprecisões nunca totalmente resolvidas que se encontra o espaço mais fecundo da reflexão que deve ser parte indispensável de um processo de incorporação e inventário (*Ibid.* p. 9). Aludindo à própria utilização dos elementos de ironia que supostamente podem contribuir e enriquecer com uma dimensão lúdica aquela aparente *secura*.

Depois do referido, amplia-se todo um fecundo campo de trabalho ligado às colecções de objectos etnológicos. Contudo, temos a consciência de que muito mais haveria para dizer acerca do estatuto dos objectos e sua incorporação nos museus. Porém, ficou claro que o estatuto dos objectos etnológicos têm sido objecto de intenso e fecundo debate nos últimos vinte anos.

É precisamente neste campo alargado de debate sobre as colecções etnográficas que o presente trabalho se inscreve. Ou seja, dito de outra forma, o estudo de uma colecção espúria de objectos, permitiu-nos dentro desta perspectiva, problematizar tanto a dimensão da memória associada aos objectos como os diversos sentidos para que ela nos remete. Assim, interessou-nos também analisar para que território de pastorícia estes mesmos objectos remetem, para que neste âmbito se tenha podido igualmente estudar o sistema pastoril desse mesmo território. Em suma, pretendeu-se com esta investigação perceber como o exercício de (re) contextualização de uma colecção espúria pode criar uma base propícia à formulação de novas questões. Entendendo desta forma, tal como Jorge Freitas Branco reitera o valor de uma colecção etnográfica, ou seja, “como uma categoria de análise, por meio da qual porções de artefactos se transformam em mediadores de redes de relações sociais produtoras de atitudes culturais.” (Branco, 1994:53).

2. Metodologia

A matriz metodológica do trabalho de campo assentou, fundamentalmente, na observação-participante. Num primeiro momento decidi conhecer a realidade da actividade da pastorícia no concelho de Idanha-a-Nova, daí as minhas constantes e repetidas viagens por caminhos de terra à procura de rebanhos de ovelhas e de cabras e de seus respectivos pastores. Durante estas frequentes viagens por todo o concelho, que ocorreram no ano de 2005 durante

um período de quatro meses consecutivos (de Janeiro a Abril), pude conhecer parte desta realidade relacionada com a pastorícia. Fui registando nomes de pastores e seus respectivos familiares à medida que os ia contactando e conhecendo. Através de entrevistas não estruturadas ou semi-dirigidas (Burgess, 1997) recolhi histórias vida, ensinamentos técnicos e práticos relacionados com a profissão de pastor, registei o “saber-fazer” das mulheres em torno dos saborosos queijos de ovelhas que tantas vezes me deram a provar, assim como do pão, dos doces, da preparação das carnes, das ervas que curam e das que matam, etc. Neste primeiro momento, prevaleceu unicamente a intenção de tomar conhecimento de uma realidade – a dos pastores – que embora não me sendo totalmente desconhecida, se apresentava como algo que estaria em vias de se desvanecer face às novas conjecturas históricas, económicas e sociais. Daí que durante este período inicial do trabalho de campo estas minhas repetidas viagens à procura de pastores e de seus respectivos testemunhos se tenham caracterizado, quase exclusivamente, com algum sentido de “urgência”. Deste primeiro momento surgia um volume considerável de variada informação acerca deste mundo dos pastores: relatos de histórias de vida, explicações técnicas sobre o ciclo pastoril anual, nomenclaturas pastoris, mapas e itinerários, redes familiares, fluxos de bens de consumo, negócios de gado, rendas, invejas e intrigas, cantigas, festas, fotos e alguns objectos generosamente doados. A partir desta primeira etapa e do amplo fundo documental que pude reunir começava a olhar para os objectos da colecção espúria com algum sentido de proximidade, já não os observava apenas como um conjunto de objectos moribundos, começava também a perceber as suas funções, os seus contextos de trabalho, os seus actores principais e parte das suas linguagens, em suma, a profundidade dos seus contextos de proveniência.

Durante este período fui mantendo igualmente contacto com o colector dos objectos, dele obtive inúmeras informações em relação à localização geográfica de pastores que ele tinha contactado anteriormente, opiniões diversas acerca do ciclo pastoril e, fundamentalmente, importantes informações sobre o contexto da sua recolha. Principiava assim uma segunda fase do trabalho de campo, iniciada no mês de Maio de 2005 e que duraria até Setembro desse mesmo ano. Nesta etapa foi proposto ao colector dos objectos acompanhar-me ao terreno, embora este manifestando sistematicamente algum receio em revelar com toda a clareza o contexto da sua recolha, ocultando mesmo alguns dos seus contactos tidos com os pastores mais “antigos”, conotados por ele como sendo “pessoas de difícil acesso”, foi traçando, ora através de meras conversas informais ora no próprio calcorrear do terreno, o mapeamento do percurso da sua recolha. Desta forma, com base nesta

informação elaborei uma cartografia geográfica da sua recolha e dos contextos e circunstâncias em que esta tinha ocorrido. Geograficamente, a dita recolha tinha ocorrido, fundamentalmente, em torno de duas aldeias do concelho, Rosmaninhal e Cegonhas, durante os anos de 1999/02. Nestas aldeias, conjuntamente com o colector, iniciei o contacto com alguns dos seus principais informantes. Alguns destes, perguntavam-me frequentemente se também comprava “coisas velhas”, referiam-me ainda, com alguma naturalidade, quem na respectiva aldeia estava disposto a vender “cangalhadas velhas”. Viam-me igualmente como um negociante dessas mesmas “cangalhadas”. Foi também durante esta fase que iniciei, conjuntamente com o colector, a campanha de retorno dos objectos aos seus antigos proprietários. Num primeiro momento, o colector manifestou o seu total desacordo com este procedimento, apresentando-me múltiplas desculpas, nomeadamente, que as pessoas que lhe tinham vendido os objectos não iriam colaborar, pois a maior parte já não se lembraria dos objectos, outros já tinham falecido, outros por motivos de vergonha, não queriam mesmo dar a cara pelo facto de os terem vendido. Assim, face à escassa informação de umas Fichas⁸ de Inventário que este tinha elaborado para cada objecto, posteriormente à ocorrência da sua recolha, a maioria escritas mediante um verdadeiro exercício de memória, cujos transmisses tinha tido a oportunidade de acompanhar, iniciamos a campanha de retorno dos objectos aos seus antigos proprietários. Contrariamente à vontade do colector, que sistematicamente argumentava múltiplas razões e desculpas para que este processo de retorno dos objectos fracassasse, comecei a contactar as primeiras pessoas. Durante esta fase, inúmeras vezes, o colector me advertiu para a necessidade de uma preparação prévia das pessoas que iríamos contactar, dito isto, ele foi antecipadamente falar com algumas destas pessoas que lhe tinham vendido ou doado os objectos, preparando-as para a confrontação da minha chegada com os objectos. Percebi de imediato a razão desta sua preocupação em deslocar-se antecipadamente até junto dos antigos proprietários dos objectos, no sentido de os preparar para a minha chegada com os objectos. Pois mediante os primeiros discursos destes acerca dos seus antigos objectos, estes reproduziam em parte, o discurso que eu já tinha ouvido da parte do colector, ou seja, estariam a “representar” parte do discurso que o colector lhes tinha previamente incutido. De imediato, pude confirmar o que já calculava, muitas das pessoas a quem supostamente ele referia como antigos proprietários dos objectos, nem sequer os reconheciam, contrariando mesmo a sua versão dos acontecimentos que com frequência o colector narrava, tal como a maioria da informação que tinha escrito nas referidas fichas.

⁸ Ver o modelo em anexo.

“**12.30, Rosmaninhal, 16 de Junho de 2005.** Cabaça. Fomos casa do Z. “M”. Atendeu-nos o filho e foi chamar o pai. Depois de lhe ter explicado a razão da nossa visita, o V. (colector) mostrou-lhe a cabaça, de imediato, este, disse que esta não tinha sido sua. O V. insistiu e o Z. continuou a negar. Já durante a viagem de regresso para a Idanha explicou-me que o Z. não reconheceu a cabaça porque o negócio foi feito com um dos filhos.” (Extracto do diário de campo nº4)

Depois destas ínfimas e constantes contrariedades, acompanhadas de múltiplas e sérias discussões, tornou-se quase impossível o mútuo entendimento para efectuar um trabalho com alguma dose necessária de tranquilidade. Foi então quando o colector decidiu não me acompanhar mais ao terreno. Aceitando este facto, continuei a dita campanha de retorno dos objectos, que se prolongou, embora de uma forma descontinuada, até meados de 2007. Com a ausência do colector dos objectos, apenas me restou a hipótese de seguir as parcas e incongruentes referências das respectivas fichas por ele elaboradas. Muitas destas informações eram frequentemente negadas pelos próprios referenciados nessas mesmas fichas, outras, porém, eram de facto confirmadas, o nome figurado na ficha correspondia, outros já tinham falecido, outros não se encontravam mais a viver no local referido. Pois como a recolha tinha ocorrido nos anos de (1999-2002), assinalava também o momento em que muitas destas pessoas, pastores e agricultores, colocavam fim à sua actividade, assim como ao seu vínculo com as restantes tarefas do campo, vendendo deste modo os objectos que igualmente perdiam funcionalidade e, em muitos casos, abandonando de vez a aldeia para irem viver com os filhos emigrados nos grandes centros urbanos. Todas estas contrariedades pesaram, e bastante, no aumento do tempo da duração desta campanha de retorno dos objectos. Mesmo depois de ter dado como concluída esta campanha, com muitos destes objectos identificados pelos seus antigos proprietários ou familiares, muitos outros ficaram completamente esquecidos devido a esta mesma conjuntura.

Desta forma, os objectos foram os mediadores principais na constituição da minha relação com estas pessoas, a partir deles pude construir sólidas relações de empatia que de outro modo não teria sido de todo possível. De certa forma, eles remetiam para um contexto de proximidade, para uma relação com a pessoa que os tinha recolhido e por consequência para a relação entre a minha investigação, o colector e a entidade que os tinha adquirido e os legitimava enquanto património. Este triângulo relacional para o qual os objectos remetiam, era infinitamente questionado pelas pessoas, obrigando-me a múltiplas explicações que, em numerosas ocasiões, caíam no mais completo vazio das compreensões. Para este confronto, digamos assim, entre as pessoas e os seus antigos objectos, recorri à metodologia proposta por

Joaquim Pais de Brito, já citada no capítulo anterior, onde procurei partir de um conjunto de questões preliminares que este antropólogo propõe em torno dos objectos: “De quem era, quem o fez? quem o utilizava? que tempo teve de uso, que avaliações sobre a sua performance? de que transformações ou adaptações foi objecto? quantas vezes se partiu? como é avaliado o esforço que exige?” (2000, p.14). Este conjunto preliminar de questões irão, tal como o autor sublinha, “suscitar histórias que imediatamente evocam e revelam sujeitos e afectos, circunstâncias e condições de vida, classificações e representações que tornam mais carnal, próximo e fecundo de sentidos um instrumento de trabalho” (ibid., p. 14).

Os objectos sendo parte integrante de uma memória colectiva e de uma identidade ligada aos campos, pertencente a um passado ainda recente, tornaram-se assim no veículo principal para aceder a todo um universo de práticas e saberes tantas vezes silenciados pela preponderante materialidade física dos objectos e pelo destaque que lhes é dado enquanto peças de museu. Ao contrário desta reificação posta no objecto físico enquanto peça de museu, recorri à ideia desenvolvida por Kopytoff, segundo a qual os objectos materiais, da mesma forma que as pessoas, acumulam “biografias culturais” (Kopytoff, 1986). Isto permitiu-me traçar o percurso biográfico possível de cada um destes objectos em análise. Dito isto, os objectos tornam-se assim num importante veículo para contar histórias e, por consequência, despoletadores mnemónicos de experiências (cf. Hoskins, 1998, Brito, 2000).

Quanto aos problemas e dificuldades no decurso desta investigação, começo por destacar alguns problemas relacionados com o colector dos objectos. Quando cheguei à instituição anteriormente mencionada, o colector encontrava-se a limpar os objectos por ele recolhidos. Como já tinha efectuado outras recolhas no concelho e tinha sido alvo de algumas destacadas notícias na imprensa local, onde com frequência o intitulavam de “etnógrafo amador”, ele amiúde fazia uso deste qualificativo para justificar a seriedade e a componente científica das suas recolhas. Com a minha chegada à instituição e o meu foco de interesse colocado nos objectos por ele recolhidos, a nossa relação de empatia foi diminuindo gradualmente. Com frequência, junto dos antigos proprietários dos objectos, ouvia comentários que o colector lhes tinha feito em relação à minha pessoa e à investigação que me encontrava a fazer:

“10.30, Rosmaninhal, 3 de Janeiro de 2006. O T.A. disse-me que o colector esteve a falar com ele ontem e que este lhe disse que estava para abandonar o trabalho na instituição. A razão era: “não se dá consigo”. Contou ainda que eu estava a aproveitar-me do seu trabalho, pois como ainda era um estagiário, não percebia nada do assunto e que ele é que tinha que me ensinar.” (Extracto do diário de campo nº7)

“18.40, Cegonhas, 10 de Janeiro de 2006. O T. S. perguntou-me se o colector ainda trabalhava na instituição. Já havia algum tempo que não aparecia na aldeia. A última vez que esteve com ele, este tinha-lhe dito que andava outro a tentar “roubar-lhe” o lugar.” (Extracto do diário de campo nº7)

A frequência destes comentários repetia-se diariamente, levando-me em inúmeras ocasiões, a passar longos e demoradas horas com explicações desnecessárias acerca destas intrigas. Estas constantes conversas paralelas que o colector fazia questão em manter junto dos proprietários dos objectos, confundiam em parte as pessoas, levando-as mesmo a desconfiar da minha presença com os seus antigos objectos que tinham sido vendidos ou doados ao referido colector. A pergunta repetia-se amiúde: “E agora, de quem são os objectos, são seus ou são da instituição?”.

Por outro lado, face às dificuldades em estabelecer uma relação de empatia, resultado das constantes notícias de alerta para a ocorrência de eventuais perigos de enganos e burlas, recorri com frequência ao facto de possuir um nome de família conhecido na freguesia, revelando-se como um capital simbólico que facilitava, de certa forma, a minha relação de proximidade. Obrigando-me, de igual modo, repetidamente, a longas explicações sobre a minha árvore genealógica. Ficando a conhecer muitos “parentes” que desconhecia. Ouvia muitas vezes esse medo constante dos burlões, umas vezes noticiado pela rádio local, outras pela própria vizinhança.

“10. 00, Rosmaninhal, 5 de Março de 2006. A T.I. conta-me que ouviu na rádio de Monsanto hoje de manhã a notícia de um homem bem vestido, com um carro cinzento, que andava pelos arraiais a enganar as pessoas.” (Extracto do diário de campo nº8)

Capítulo 1. Objectos Património

1.1 Patrimónios, da noção

A palavra património, no seu sentido etimológico, deriva de *parius*, este de *pater*, e de *monium* (Benveniste, 1969), traduzindo segundo o direito romano, o poder masculino, pátrio, a herança paterna a transmitir. Neste sentido, partimos do princípio de que a antiga palavra património, segundo Françoise Choay, “estava, na origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo” (1999, p.11). Contudo, este sentido que lhe conferia uma denominação estável, foi-se requalificando, sobretudo nos últimos anos do séc. XX, através de outros adjectivos (genético, natural,

histórico...), tornando-o deste modo num conceito “nómada”⁹ (cf. Choay, 1999). Ou seja, na base deste alargamento do conceito para outros domínios, está segundo M. Guillaume, “Uma nova forma de paixão pelo passado” (2003, p. 39), que atinge as sociedades industriais do Ocidente. Tudo se torna património, desde os bens de ordem excepcional e ordinária, erudita e popular, tangível e intangível, natural e cultural. Neste imenso role incluem-se as arquitecturas, as cidades, as paisagens, os edifícios industriais, os saberes-fazer, as sonoridades, as festividades, os equilíbrios ecológicos, o código genético. É precisamente também por isso, que escolhemos intitular este sub-capítulo fazendo uso do conceito no plural, pois ele alerta-nos de imediato, tal como sublinha J. Pais de Brito, “para o facto de não estarmos a lidar com conceitos de sentido estável, ao contrário do que tende a sugerir o seu uso corrente essencialista” (2006, p. 43).

O conceito de património, tal como é entendido hoje na linguagem oficial e no uso comum, revela-se assim como uma noção muito recente que abrange de maneira necessariamente vaga todos os bens, todos os “tesouros” do passado (cf. Babelon e Chastel, 2004). Aparece assim ligado a um contexto muito específico, enquadrado naquilo que se entende por pós-modernidade, que Marta Anico caracteriza, “como um período de transição e de transformação social associado ao fim da sociedade industrial, das promessas da Ilustração, da história, conduzindo a uma fragmentação e reconfiguração do poder resultante na emergência de novas identidades políticas e sociais” (2005, pp. 71-72). Na base deste contexto de mudança social está o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte de massas, o crescimento das cidades, o êxodo rural e os grandes fluxos populacionais transnacionais. E que segundo esta autora,

“Conduziu a um redimensionamento do mundo, em que espaço e tempo deixam de se configurar como constrangimentos na organização das actividades humanas, pelo que a globalização se encontra, assim, intimamente relacionada com a intensificação e aceleração da compreensão do espaço e do tempo na vida económica, social, e cultural” (Ibid. p. 72).

Nesta mesma conjuntura, pautada segundo Marta Anico,

“Pela ausência de referentes de identidade, estabilidade e continuidade, em face de uma ameaça de ruptura e de desaparecimento de recursos culturais, real ou imaginada, produz-se um sentimento nostálgico em relação ao passado, abrindo o caminho ao desenvolvimento de uma indústria da nostalgia em que o passado é resgatado, idealizado, romantizado e não raras vezes inventado, mediante processos que incluem a patrimonialização da cultura” (Ibid. p. 73).

⁹ Aspas do autor.

Advém deste interesse pelo passado um fenómeno conhecido como *boom* da memória, que se materializou na criação de *lugares de memória* (Nora, 1984), ou seja, locais de recordação e reminiscência do passado, tais como: monumentos, museus, arquivos, bibliotecas, efemérides e comemorações.

Lowenthal (1985) foi outro dos investigadores que debateu de igual modo estas questões relacionadas com este *boom* da memória e do património. Nas palavras deste autor “o passado é um país estrangeiro”, no sentido de desconhecido e, também, de algo misterioso. O passado torna-se assim num terreno desconhecido, numa realidade tão distante da experiência individual da actualidade.

Segundo este autor e Raphael Samuel (1994), os processos contemporâneos de ampliação da noção de património fazem parte de um conjunto de circunstâncias conducentes a uma representação do passado como um tempo perdido ou uma época de ouro. Mediante estas abordagens, Marta Anico diz que,

“A patrimonialização de referentes culturais veio materializar a obsessão pelo passado, configura-se como uma estratégia de protecção, baseada na conservação de identidades centradas, unidas e coerentes, mediante a valorização do património e da memória, como resposta às pressões das forças da globalização, ao desconforto do presente e às incertezas do futuro” (Ibid. p. 75).

As forças da globalização circunscrevem-se assim como uma ameaça à estabilidade da segurança e a identidade dos indivíduos, conduzindo à preservação do passado, de modo a assegurar a continuidade de símbolos e significados que proporcionem uma adequação à crise mediante o reforço do sentido da coesão e da identidade colectiva. Por outro lado, Marc Guillaume refere “que esta vontade de conservar exprime muito mais do que uma simples nostalgia do passado. Ela participa de um verdadeiro trabalho de luto relativamente a um mundo em irreversível desaparecimento” (2003, p. 39).

Segundo Dominique Poulot, o património “comprend deux aspects fondamentaux: l’assimilation du passe, qui est toujours transformation, métamorphose des traces et des restes, récréation anachronique, et le constat d’une fondamentale étrangeté des témoins de ce passé” (2001, p. 3).

É esta referência a um passado objectificado que é sempre transformação, esta herança comum, que segundo M. Guillaume, “não sabemos ao certo quem serão os herdeiros” (Ibid., p. 40), que convêm amplamente proteger com o que este autor denomina “política do património”. Trata-se segundo M. Guillaume de,

“Uma política, no sentido mais tradicional da palavra, uma arte de apascentar o rebanho humano, hoje disperso e reconduzido ao campo tranquilizante de uma ficção: a de uma sociedade supostamente capaz de, melhor do que as outras, conciliar a continuidade com a mudança, a conservação com a criação” (Ibid., p. 41).

Na base da legitimação desta ficção estão as “máquinas de memória” (arquivos, museus, monumentos, cidades protegidas, etc.) que estendem os seus domínios de intervenção: ao presente que passa depressa demais, ao que está vivo, tratado como quantidade de informação. Destes mecanismos, o mesmo autor conclui:

“Organizam uma hierarquia mundial de vestígios: a terra oferecida como museu exposto ao turismo; afinam as suas estratégias através de medidas de conservação indirecta, de descentralização, de autogestão: cada qual é convidado a assumir o estatuto de conservador-associado para autogerir aquilo que no património local ainda não é controlado centralmente” (Ibid., p. 41).

Neste sentido, poucas dúvidas restam, relativamente aos motivos das “políticas do património” em relação à urgente preservação (pelo menos no mundo ocidental) dos referentes que se consideram enquanto testemunhos do passado, seja qual for o adjectivo que os acompanha. Contudo, esta proliferação de patrimónios a preservar, tem igualmente feito despoletar o interesse de um conjunto de disciplinas científicas no sentido de um processo de etiquetagem patrimonial que conduz à constituição de uma metalinguagem do património (cf. Peixoto, 2002). O que traduz que a palavra património, mais do que se converter num acto ou num objecto, torna-se em representação de alguma coisa. Assim, esta metalinguagem do património revela-se como um recurso retórico ao serviço das operações de patrimonialização conduzidas pelo Estado, por associações locais e por outros agentes envolvidos nessas operações. Neste âmbito e fazendo uso das palavras de Santana e Prats *apud* E. Peralta e M. Anico:

“O património apresenta-se como um conjunto de símbolos sacralizados que um colectivo decide preservar, não pela sua autenticidade, não pela sua ancestralidade, não pela sua genialidade, mas antes pelo facto de pertencerem a uma ‘externalidade cultural’ que se radica, não no passado, mas no presente e que se projecta para o futuro” (2006, p. 3).

É nesta linha de pensamento que Llorenç Prats nos apresenta a ideia de que o património é, fundamentalmente, um processo histórico de construção social, ou seja:

“Que el patrimonio sea una construcción social quiere decir, en primer lugar, que no existe en la naturaleza, que no es algo dado, ni siquiera un fenómeno social universal, ya que no se produce en todas las sociedades humanas ni en todos los períodos históricos; también significa, correlativamente, que es un artificio, ideado por

alguien (o en el decurso de algún proceso colectivo), en algún lugar y momento, para unos determinados fines, e implica, finalmente, que es o puede ser históricamente cambiante, de acuerdo con nuevos criterios o intereses que determinen nuevos fines en nuevas circunstancias” (2004, p.19-20).

Adiantando também, como foi referido anteriormente, para uma realidade artificiosa, para a ideia de “invenção” do património, no sentido adscrito por Hobsbawm e Ranger (1988) e, depois, para a ideia de “universos simbólicos *legitimados*”, seguindo a Berger e Luckman (1983). Pois segundo Prats, “la invención, para arraigar y perpetuarse, necesitará ‘convertirse’ en construcción social, es decir, alcanzar un mínimo nivel de *consenso*” (2004, p. 21). Ou seja, tal como E. Peralta e M. Anico referem, trata-se de uma “idealização construída ao serviço da representação simbólica de determinadas versões da identidade mediante o estabelecimento de um nexos entre o passado, o presente e o futuro de um determinado colectivo humano” (2006, p. 3).

Daí que ao falarmos de património estejamos também a falar de identidade. Ambos são ficções que veiculam imagens sociais e politicamente negociadas, bem como histórica e culturalmente construídas sobre um determinado colectivo humano (cf. Peralta e Anico, 2006). Deste modo, a discussão em torno dessas imagens corresponderem ou não à “essência” desse mesmo colectivo, não faz muito sentido, uma vez que essa essência, de facto, não existe. Pois, tal como E. Peralta e M. Anico concluem:

“O que importa saber não é se o património produz e/ou expressa identidade, mas antes saber se produz e/ou expressa identificação, ou seja, até que ponto motiva um determinado conjunto de pessoas a se identificarem com uma determinada “ficção identitária” e até que ponto essa ficção é percebida enquanto real” (2006, p. 3).

Neste horizonte, o património revela-se sempre como algo que pertence ao presente e não ao passado. Trata-se, sem dúvida, de algo aparentemente paradoxal, pois segundo a maioria das “histerias patrimoniais” que promovem a exumação intensiva do passado, revelam que o património é um reflexo do nosso futuro mais que do nosso passado, ou seja, visam actuar sobre o presente e sobre o futuro. O património é sempre um assunto do presente, porque segundo Joaquim Pais de Brito, “se deslocarmos o olhar do objecto património para o objecto que agora é sujeito, este existe no presente, é questão do presente, é o cerne da negociação e da construção do presente” (2006, p. 44).

O conceito de património remete igualmente para a questão da memória, âncora que dá substância ao sentimento subjectivo de pertença (cf. Magalhães, 2005). A memória do

passado estimula a consciência do presente e projecta o futuro de uma determinada sociedade. Desta forma, tal como F. Magalhães enuncia:

“O património tornou-se, ao longo de uma modernidade caracterizada pelo efémero, pela produção e destruição acelerada de bens de consumo, num veículo de transmissão, conservação e reprodução da memória social, considerada fundamental para legitimar a ordem social presente” (2005, p. 22).

Deste modo, através dos objectos patrimonializados podemos analisar como uma dada sociedade, num determinado período espaço-temporal constrói e reconstrói a sua memória cultural.

Nesta conformidade o património cultural, enquanto testemunho do nosso passado, tem se revelado de capital importância no seio das sociedades, anteriormente, ditas modernas, depois, pós-modernas. Múltiplos factores estiveram na base desta “histeria patrimonial”, entre outros destacam-se as duas grandes guerras mundiais que conduziram a uma crescente exaltação do património como objectivador das identidades nacionais (cf. Thiesse, 2000). No período posterior à II Guerra Mundial, com a germinação de novos Estados-Nação e suas consequentes preocupações relacionadas com a construção da sua própria identidade nacional, surgem então novas sensibilidades em relação aos referentes culturais potencialmente patrimonializáveis, conferindo novos usos e sentidos a objectos, modos de vida e lugares. Por outro lado, a terrível destruição sentida por toda a Europa e seu consequente processo de desaparecimento de um infindável volume de património cultural construído, conduziu ao aparecimento de organizações internacionais, tais como a UNESCO dentro da Organização das Nações Unidas, o Conselho Internacional de Museus ou o Conselho Internacional de Arquivos, cujo cerne das suas preocupações basilares reside, fundamentalmente, na preservação e divulgação do património.

Neste âmbito, realizou-se em 1972, em Paris, a 17ª Conferência Geral da UNESCO, de onde viria a surgir a Convenção sobre a protecção do património mundial, cultural e natural, que passa a definir como património cultural:

- Os monumentos: obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos ou estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, da arte ou da ciência.
- Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, cuja arquitectura, unidade e integração na paisagem lhes dê um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência.

- Os lugares: obras do Homem ou obras conjuntas do Homem e da Natureza, assim como as zonas, incluindo as estações arqueológicas, que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico (UNESCO, 2004).

1.1.1 O Património Etnológico

À noção de património juntavam-se esforços para alargar ainda mais os seus âmbitos e as suas perspectivas. Era urgente substituí-lo por outro mais abrangente e interveniente, ou seja, pelo conceito de património etnológico. Foi, essencialmente, enquadrado nesta perspectiva que Isac Chiva, em 1980, em França, relançou para o centro do debate a redefinição do conceito de património para introduzir a noção de património etnológico. I. Chiva foi sem dúvida o impulsionador da inovadora noção de património etnológico, que definiu como sendo o “conjunto de bens de uma sociedade que lhe permite reconhecer-se, identificar-se. Sejam bens materiais ou imateriais: estilo das casas, alimentação, falar, música popular, crenças, práticas sociais, danças...” (1996, p. 117). Neste sentido, o denominado património etnológico comporta assim, todos aqueles elementos que conformam, ou conformaram, a especificidade de um povo. Não o denominar de Popular ou Tradicional parece ser consensual. Uma vez que, o popular remete a certas classes sociais (subalternas), enquanto o Tradicional é algo indefinido. O termo *Tradição*, aparece com frequência associado à Etnologia, contudo, segundo Bayo e Garcia, “no todos los temas son *tradicionales*¹⁰, y es finalmente el etnólogo el que parece erigirse en el Maestro que dirime que cosa lo es y que cosa carece de la etiqueta de la Tradición” (1993, p. 47). Deste modo, podemos referir que se tratam de actos do passado, repensados desde o presente: a tradição dá valor e justifica o presente através do passado.

Para I. Chiva, o património cultural representa “os modos específicos de existência material e de organização social dos grupos que o compõem e, de maneira geral, os elementos que fundam a identidade de cada grupo social e o diferenciam dos outros” (1996, p. 119). Comparando o património cultural ao “património genético” diversificado, inerente a todas as sociedades e cuja diversidade se torna indispensável para devir da vida. Deste modo, tal como acontece com a biodiversidade, também a diversidade cultural é imprescindível para salvaguardar as diferentes personalidades sociais de uma dada sociedade. Nesta conformidade, Armindo dos Santos conclui:

¹⁰ Itálico dos autores.

“O património de um país é constituído pelo conjunto dos factos sociais e culturais que fundam a identidade de cada grupo e comunidade, permitindo diferencia-los uns dos outros (saberes – intelectuais e técnicos – representação do mundo, organização social). O património compreende portanto a totalidade dos modos específicos de existência material e imaterial dos grupos” (2005, p. 43).

1.1.2 Património Rural: o pastoreio em Portugal

Face à já tão ampla extensão de novos domínios do vocábulo «património», a expressão Património Rural vem nesta medida fazer igualmente parte dessa já tão alargada lista: rural, cultural, natural, etnológico, genético, vegetal. Contudo, se as denominações são recentes, uma boa parte daquilo que abrangem é conhecido e estudado desde há décadas. D. Chevallier, I. Chiva e F. Dubost fazem uso da expressão “Invenção do Património Rural” (2000, p. 11) e localizam o contexto dessa “invenção” em meados dos anos 80 do século passado, mas recordam que “depuis plus d’un siècle, le monde rural est objet d’études et de recherches, placé sous le regard croisé des folkloristes, des ethnologues, des historiens, des géographes, des sociologues, des agronomes” (2000, p. 11). Um mundo rural que já perdeu a conotação com o mundo agrícola, mesmo se a agricultura ocupa um lugar central dentro do dispositivo patrimonial.

A “invenção do património rural” surge num momento em que o mundo rural sofre uma profunda transformação. Desta forma, segundo Paulo Peixoto “constata-se a convergência de duas tendências ligadas à transformação dos meios rurais. De um lado, o aumento das ameaças sobre o mundo rural. Do outro, o aumento das preocupações com o património” (2002, p. 1). Desta convergência o autor esboça a tese da *descoberta*¹¹ do património pelos meios rurais. Partindo do pressuposto, que a emergência de um património é, geralmente, estruturada através de três etapas:

“A primeira é uma fase caracterizada pela espontaneidade e remete para os momentos em que a sociedade ou um grupo social produz aquilo que necessita para assegurar a sua sobrevivência física. Nesta fase é sobretudo o gesto técnico que predomina, funcionando como resposta a um problema prático. A segunda corresponde ao momento de tomada de consciência. Ela fica a dever-se a uma qualquer transformação que coloca fora do campo utilitário inicial o objecto produzido. A terceira é a etapa em que o objecto adquire uma identidade patrimonial, reclamando e justificando um estatuto de gestão colectiva. É na passagem da segunda para a terceira etapa que a ideia patrimonial emerge e se cristaliza” (Ibid., p. 2).

¹¹ O itálico é do autor.

P. Peixoto refere ainda face ao argumento que destaca que “a tese de *descoberta* do património pelos meios rurais está muito longe de corresponder a uma descoberta de algo que era ignorado” (Ibid., p. 2). O autor sublinha o contrário, adiantando que trata-se de “encarar o património e as suas representações como uma invenção cultural que procura legitimar e naturalizar um determinado tipo de discurso sobre a evolução recente do mundo rural e que procura responder aos desafios presentes e futuros dos meios rurais” (Ibid., p. 2). Neste sentido, o património corresponde a uma espécie de segunda vida das coisas, que ganham novas funcionalidades e sentidos.

P. Peixoto revela também que os processos de patrimonialização que promovem a dita “descoberta” são caracterizados por três dimensões essenciais que dão conta de uma histeria do património. Adiantando que

“Estas três dimensões podem ser vistas como faces imbricadas de um mesmo triângulo, cuja base emerge de um paradoxo aparente. Por um lado, manifesta-se uma tendência muito nítida para a elasticidade da noção de património. Por outro lado, evidencia-se uma clara transformação da relação temporal que marca os processos de patrimonialização. Por fim, e como causa e consequência das duas dimensões anteriores, torna-se clara a emergência de uma lógica de gestão do património, que ganha terreno face a uma lógica de conservação” (Ibid., p. 7).

Relativamente à primeira destas dimensões, a tendência para a elasticidade da noção de património, o autor afirma ser esta a que mais contribui para legitimar o argumento da histeria patrimonial. Segundo ele,

“Nos meios rurais, a patrimonialização de elementos geográficos e paisagísticos, bem como de ‘produtos agrícolas locais e de valores e costumes ‘típicos’ tem-se vindo a tornar tão importante quanto a patrimonialização das construções rurais e dos saberes agrícolas artesanais que remetem para a noção mais comum de património rural. O fascínio suscitado pelos lugares (quase) abandonados e pelos espaços despovoados, que rapidamente são associados a uma ideia de natureza, deve-se ao facto de eles se constituírem como um campo de investimento patrimonial, tanto em termos culturais, quanto ambientais e ecológicos” (Ibid., p. 8).

Quanto à segunda dimensão o autor escreve:

“(…) a transformação da relação temporal que caracteriza esses processos, a histeria do património revela que a dimensão patrimonial de um qualquer objecto é, com frequência, uma construção social temporalmente deslocada do momento da sua construção física. É, aliás, a evidência deste deslocamento, caracterizada por episódios de invenção de tradições e de idealização e imaginação do passado, que acentua a própria histeria patrimonial” (Ibid., p. 10).

Por último, referindo-se à terceira dimensão, afirma:

“A histeria do património é, finalmente, justificada pelo aparecimento de um activo e numeroso grupo de ‘profissionais’, que remete para uma terceira dimensão importante dos processos de patrimonialização: a emergência de uma lógica de gestão do património. Qualquer que seja a natureza das causas de afirmação de uma lógica de gestão do património (a celebração do passado ou os desafios do futuro) e qualquer que seja o nível de profissionalização, os ‘profissionais’ parecem frequentemente estar contagiados por uma espécie de excitação febril que explica, quer a elasticidade da noção de património, quer a redução temporal que marca os processos de patrimonialização. Nesse contexto, eles são, recorrentemente, representados como verdadeiros profetas de uma nova religião: a patrimonialização (Ibid., p. 11-12).

Para além da profunda transformação do mundo rural e da histeria patrimonial, o autor indica também a procura de um espírito de lugar como um terceiro processo fundamental para testar a hipótese da *descoberta* do património pelos meios rurais. Salientando que a ideia de “lugar” não remete unicamente para as coordenadas do local. “Ela veicula a ideia – e o ideal – de ‘raízes’ e de um ‘enraizamento’ contido na noção de ‘génio’, que significa ao mesmo tempo singularidade e continuidade” (Ibid., p. 13). O património apresenta-se assim, independentemente dos artefactos que o constituem, como uma representação desses mesmos ideais de singularidade e de continuidade. Enquanto construção, sublinha P. Peixoto, “essa representação procura destacar o carácter único de algo, que não só remete, frequentemente, para um mito das origens de um dado grupo social, ou para um momento dramático ou glorioso da sua existência colectiva, como se apresenta enquanto instrumento incontornável do seu futuro” (Ibid., p. 13).

Por outro lado, se estamos a focar um meio rural em profundas transformações, interessa-nos igualmente perceber as formas de apreensão deste mundo rural de que nos despedimos com o pulsar da vida das suas populações. J. Pais de Brito revela que este pode ser apreendido em quatro grandes planos ou campos de expressão (cf. Brito, 2003). Num primeiro plano, coloca em destaque:

“A configuração física do espaço, incluindo os relevos, as depressões, os socalcos, os muros de sustentação e tudo o que resultou da intervenção do homem pelo trabalho e pela circulação por essa mesma extensão. Trata-se dos elementos de fabricação da paisagem indissociáveis dos usos dessa mesma paisagem e que ganham forma nos cobertos arbóreos e arbustivos, nas manchas de cultura e nos incultos, nos mosaicos. Nele temos de dar conta dos caminhos e dos grandes traçados que, a partir dos lugares centrais, readquirem particular alcance como elementos que ajudam a pensar o património, a acção local e o desenvolvimento (...) e também os rios (...) pois vêm a ocupar uma posição estratégica em tudo o que tem a ver com questões de património e museus. (...) As árvores de grande porte ou singularizadas por algum outro motivo, as rochas e as suas formas, os contornos dos cabeços, os monumentos megalíticos, as calçadas de caminhos antiqüíssimos, as construções

de que não se conhece a função, têm sido um fértil campo de explosão de imaginários. (...) Este primeiro plano que organiza um imenso conjunto de aspectos da sociedade rural tradicional está em geral fora dos museus a não ser como contexto e pela via documental” (Ibib., p. 270).

Relativamente ao segundo plano, evidencia a vertente das arquitecturas, ou seja, todas as tipologias relacionadas com construções que exprimem um primeiro grande registo da materialidade de uma cultura, tais como:

“Os núcleos construídos dos aglomerados com as casas de habitação, palheiros e estábulos e todo o equipamento e infra-estruturas que se foram cerzindo e são condição de reprodução dessa sociedade. Os bebedouros para os animais, fontes, fornos, forjas, lagares, moinhos, pisões, canais de irrigação, são outros tantos equipamentos tecnológicos que em si mesmo podem revelar uma sociedade pelas produções que lhe estão associadas, pela organização social que explica o seu funcionamento, pelo entrosado conjunto de percursos, práticas, discursos que com eles se consolidam. Uma dessas edificações ocupa o centro que mais densa e intimamente permite compreender este universo de práticas e representações: a casa de habitação. (...) São também todas estas construções que são chamadas em casos mais isolados a destacar-se como núcleos de um projecto museológico mais amplo que contempla a própria interpretação do espaço onde foram edificadas” (Ibid., p. 271).

Quanto ao terceiro plano, o destaque vai para:

“O dos saberes-fazeres em que uma sociedade sedimenta ao longo do tempo conhecimentos e práticas agidos em todos os processos inerentes ao seu modo de vida e condições de reprodução. São transmitidos entre gerações, sob uma base estável vão incorporando novos contributos e aperfeiçoamentos, e vão-se perdendo quando obsoletos. Estão sempre associados a artefactos, técnicas e tecnologias que, com as sucessivas inovações quanto à energia utilizada, também vão sendo apropriadas em novos conhecimentos e competências. Desde logo estão todos aqueles que se prendem com a actividade agrícola e pastoril regida por preceitos que tendem a uniformizar as alfaias agrícolas, os procedimentos e os calendários das actividades e que nos transportam para o campo diversificado e tantas vezes de surpreendente beleza formal dos instrumentos de trabalho, dos meios de transporte, das máquinas. (...) Todas as formas de artesanato estão aqui incluídas (...) Por outro lado, há um imenso conjunto de saberes de ordem profilática e curativa que estabelece elos de uma fina relação com a natureza pelo conhecimento das plantas e das suas propriedades. Também se encontram neste plano as expressões da gastronomia que fazem a intersecção entre a gestão dos excedentes, os processos de conservação, os usos do espaço e do equipamento doméstico, as sociabilidades e a marcação ritual das trocas, a própria identidade e os traços de afectividade que a constroem” (Ibid., p. 271).

Por último, num quarto plano, J. P. Brito destaca que “para este esboço de caracterização de uma sociedade que tanto se transformou e onde agora surgem museus e uma multiplicidade de formas de patrimonialização, encontramos os usos da palavra, as artes performativas, o ritual” (Ibid., p. 271-272).

Destes quatro planos, o autor destaca o terceiro como o mais representado em museus com colecções etnográficas. Sendo também parte do que este abrange, o motivo central desta investigação, ou seja, a pastorícia, suas práticas e saberes-fazer.

1.1.2.1 O pastoreio em Portugal

Segundo J. Leite Vasconcelos o pastoreio “consiste na deslocação dos gados dirigida pelos seus donos ou criados destes (caso mais frequente) – os pastores – em busca de terras onde abundem pastos” (1967, p.466).

Agora, se tomarmos o modelo paradigmático esboçado por Orlando Ribeiro, com base na articulação de factores de ordem histórica, cultural e, num sentido amplo, geográfica, a divisão tripartida do país: Portugal Atlântico, a Noroeste; Portugal transmontano, a Nordeste; e Portugal mediterrâneo, ao Sul. Obtemos uma classificação com base em alguns elementos diferenciadores e caracterizadores destas três grandes regiões que nos permitem analisar com bastante clareza alguns aspectos relacionados com o pastoreio praticado em Portugal. Sobre a caracterização de cada uma destas regiões, Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira, escrevem:

“Assim, no Portugal Atlântico distinguem-se as zonas litoral e do interior, da Serra e da Ribeira, das terras altas e baixas, etc. Na faixa ocidental do sector meridional desta área, a Ria de Aveiro individualiza-se como uma unidade perfeitamente diferenciada, que só se pode compreender pela análise das suas feições próprias.

O rio Vouga constitui uma fronteira fundamental, sob múltiplos aspectos naturais e culturais; deste rio para o Sul, aos caracteres atlânticos nortenhos vão-se misturando progressivamente elementos climáticos e fito-climáticos mediterrâneos, sobretudo depois de passado o rio Mondego, até ao rio Tejo, e, ainda mais acentuadamente, ao rio Sado; aliás, essa fronteira não atravessa o País de lés-a-lés, porque a Leste aqueles caracteres também se atenuam, até se perderem de encontro à montanha.

No Portugal transmontano, por seu turno, existe uma diferença fundamental, em função não da latitude, mas do relevo e altitude: a Terra Fria, correspondendo ao planalto e à serra, e a Terra Quente, correspondendo aos grandes vales abrigados; nesta última, individualiza-se com uma forte personalidade geográfica e cultural o Alto-Douro, que constitui uma verdadeira ilha mediterrânea encravada em plena Terra Fria.

Em contraste com o Norte Atlântico, todo o Sul Mediterrâneo pode sem dúvida considerar-se uma unidade, porque há um grande número de características comuns a toda a área; mas na realidade, das três grandes regiões é esta a menos homogénea, compreendendo três grandes complexos regionais, nitidamente demarcados: o Ribatejo, com feição peculiar; o Alentejo, que se distingue o Baixo e o Alto-Alentejo (que se prolonga pela parte meridional da Beira Baixa), e o Algarve (...)” (1995, pp. 11-12).

Neste âmbito, Orlando Ribeiro considera os factores físicos como determinantes, sobretudo: a localização geográfica e a forma de Portugal, que o colocam sujeito às

influências climáticas atlânticas, mediterrâneas e continentais; o relevo vigoroso e contrastado, entre o Norte e o Sul e o litoral e o interior. São estes aspectos que levam à diferenciação das grandes regiões com uma tonalidade comum no seu interior, definida sobretudo pela posição e pelo clima.

Assim, tal como o clima modifica todas as modalidades da actividade agrária, torna-se também o responsável pelas manifestações e o ritmo da vida pastoril. Nesta conformidade, liga-se o predomínio de uma ou outra espécie animal à natureza do pasto, tal como o mesmo autor decifra,

“Às vacas convêm os prados regados e as montanhas onde a seca de Verão pouco se faça sentir: por isso o Noroeste possui metade das reses bovinas. Os cavalos criam-se nas ervagens da borda dos rios, e a Lezíria inundada do Tejo reunia 38 p. 100 do total antes da diminuição recente desta espécie. As ovelhas acomodam-se às montanhas de Estio mais seco e pastam nas folhas pousias, nos alqueives, e ainda nos restolhos ressequidos encontram alimento: dominam, portanto, na área da cultura extensiva de trigo a que estão economicamente associadas e, de um modo geral, nas regiões orientais onde a humidade é mais baixa. As cabras contentam-se com o pascigo das terras mais pobres, ultrapassam o número de ovelhas nas montanhas e charnecas de xisto, na Beira e no Algarve, nos matagais, e são excluídas das áreas de cultura intensiva ou de campos arborizados, que é preciso defender do seu dente voraz e destruidor” (1998, pp. 88-89).

Deste modo, é notório o predomínio do gado miúdo sobre o gado graúdo. Apenas nos vales húmidos ou nos prados da beira-mar do Noroeste e em raras montanhas o número de reses bovinas equivale, ou ultrapassa, o de ovelhas e cabras. O gado miúdo vai aumentando para o sul e leste. Refere Orlando Ribeiro que “no plano do Alentejo e da Beira Baixa, apascentadas em pousios e restolhos, há mais ovelhas que gente” (Ibid., p. 90). Assim, podemos referir que onde a vida pastoril (principalmente aquela ligada ao pastoreio de ovelhas e cabras) teve mais impacto, foi nas regiões naturais menos propícias à agricultura. Nestas terras pobres a ovelha e a cabra assumem um papel de capital importância: fornecem o leite, o queijo, a carne, a pele, a lã e o estrume. Por outro lado, convém de igual modo mencionar e de certa forma destacar que, gados de lavoura, animais de carga, rebanhos criados nas folhas devolutas, grupos de poucas reses alimentados nos lameiros que só de dia ou no Verão se deixa andar livremente, não constituem formas de pastoreio ou são apenas uma fraca derivação deste. Pois, o que de facto caracteriza a vida pastoril é a exploração extensiva de pastos: fazendo com que se movimentem rebanhos e, conseqüentemente, pastores ou até mesmo populações inteiras.

Na senda de Orlando Ribeiro também Jorge Dias dedicou uma especial atenção aos “Aspectos da vida pastoril em Portugal” (1965), onde destaca de igual modo a notoriedade de

Portugal como “um dos países da Europa onde a vida pastoril mantém excepcional carácter e enorme diversidade” (1965, p. 333). Colocando igualmente a tónica nas características naturais de certas regiões, ou seja, sendo pouco propícias à prática da agricultura recorrem ao aproveitamento dos pastos para a criação de animais de pastoreio. Por outro lado, em oposição às consequentes ameaças do mundo moderno – destruidor da vida tradicional – destaca também o apego do povo à tradição como uma das causas da persistência do modo de vida pastoril em Portugal.

A sua análise centra-se e organiza-se segundo uma tipologia de animais que são pastoreados, adiantando para o efeito a existência em Portugal de “rebanhos de cabras, ovelhas, bois, vacas, touros, porcos, cavalos e até de perus” (idem, p. 334).

1.2 Museus, Objectos e Colecções

O museu, tal como hoje é conhecido, tem a sua origem na antiguidade clássica. Conhecem-se neste período os primeiros modelos de museu, que mais não eram do que templos dedicados às Musas (cf. Pomian, 1984). Apenas a partir do século XVI e XVII, tal como o próprio conceito de património, começa-se a esboçar o conceito moderno de museu, consolidando-se no século XVIII.

Nas origens dos primeiros museus modernos estão os Gabinetes de Curiosidades, muito difundidos na sociedade do século XV. Os museus modernos que irão surgir já nos séculos XVIII e XIX, são essencialmente fruto das colecções de objectos de pertença real ou monárquica. Cujo o seu acesso estava apenas circunscrito a colecionadores, seus familiares e amigos. Nesta génese destacam-se, fundamentalmente, os bens extremamente valorados, tais como: relíquias, objectos de culto, símbolos de poder, etc.

Posteriormente, o alargamento da noção de património para outros campos, veio ajudar a elaborar uma tipologia de museus: património artístico, arqueológico, arquitectónico. Não obstante, o universo a proteger foi-se ampliando, passando também a englobar o património etnológico ou etnográfico e as temáticas ambientais e ecológicas, ou seja, as temáticas do património natural. Em relação ao chamado património etnológico ou etnográfico, designação inovadora em relação àqueles primeiros bens classificados como de valor excepcional, J. Pais de Brito define-os enquanto:

“(...) um conjunto amplo de objectos e documentos materiais marcados não apenas pela sua raridade, mas pela sua representatividade, estendendo-se, assim, o conceito de património para domínios onde passaram a

conviver a excepcionalidade da peça única com o objecto quotidiano de fabrico artesanal e uso comum ou mesmo de produção industrial em série” (2000b, p. 8).

Esta nova dimensão vai contribuir para uma maior diversificação dos museus em função das colecções que guardam, do universo disciplinar que abrangem, equacionando igualmente, o início de uma problematização em torno da própria noção de museu. Deste modo, parafraseando o mesmo autor:

“Dava-se, aqui, uma oscilação de sentido entre uma leitura incidindo preferencialmente sobre o objecto, reificado como obra exemplar ou rara, e uma outra interrogando os contextos por ele elucidados em que este valia mais como testemunho, sinal ou pretexto para aceder à compreensão dos processos da sua produção e usos” (ibid, p. 8).

Contudo, alerta o J. Pais de Brito, continuou-se “no plano do património material em que o valor das coisas confinadas à sua realidade física sobrelevou em relação a outras dimensões” (ibid. p. 8). Nesta conformidade, se esboçaram os primeiros museus etnográficos, onde a mitificação do objecto continuou a dominar todos os propósitos da acção do museu. Os museus etnográficos nascem intimamente relacionados com o desenvolvimento institucional da antropologia e tiveram um papel capital dentro desta, pois tal como Nélia Dias revela “la spécificité de l’anthropologie réside dans sa capacité à tirer profit de cet outil, si largement répandu ai XIX siècle – le musée” (1991, p. 93). Também Jean Jamin sublinha “ que les musées d’ethnographie ont joué un rôle de premier plan dans la naissance et le développement de leur discipline” (1999, P. 104). Deste modo, revela Nélia Dias, “il est à pein exagéré de dire que les musées ethnographiques du XIX siècle étaient les laboratoires d’experimentation du savoir anthropologique, des lieux dans lesquels il était possible de tester les hipóthèses et de juger de la validité de celles-ci” (ibid., p. 93). Neste sentido, torna-se compreensível a emergência de projectos museológicos no começo do século XIX acompanhados de fundações académicas ou de revistas especializadas.

O século XIX é incontestavelmente o século dos museus (cf. Dias, 1993). Por toda a Europa, nesta primeira metade deste mesmo século, se estende este movimento de criação de museus etnográficos. Um conjunto de factores destaca-se na explicação da origem deste fenómeno: o papel das Exposições Universais, o declínio da fé religiosa, o advento do Estado-Nação e o despertar de um sentimento nacional e patriótico (cf. Dias, 1993). São os museus escandinavos que melhor respondem a este último desejo. Anne-Marie Thiesse elucida da seguinte forma este despoletar de museus etnográficos pela Europa:

“Após a Exposição de 1878, sucedem-se as inaugurações de museus nacionais de etnografia segundo um calendário muito apertado. 1884: abertura da Sala de França no Museu Trocadéro, com uma exposição de folclore nacional; 1885: Museu de Etnografia Dinamarquês; 1889: Museu dos Trajes Alemães e Utensílios Domésticos Populares em Berlim; 1894: Museu Nacional de Etnografia em Oslo e Museu de Folclore em Viena; 1895: Museu de Etnografia Checoslovaca em Praga; 1886: Museu Nacional de Budapeste, com uma grande secção etnográfica, etc” (2000, p. 200).

Todos estes museus se esforçam para celebrar a nação, tal como escreve Nélia Dias “la nation rendait «un hommage perpétuel à elle-même»” (1991, p. 94), tornando-se ele mesmo no sujeito e objecto. De igual modo, o Museu etnográfico das missões científicas teve também o seu início em 1878, com o objectivo principal de celebrar o trabalho dos exploradores assim como o da nação. Mesmo quando os objectos são trazidos de outras sociedades, ilustram essencialmente a nação que os recolheu, assim como o esforço e o sacrifício dos exploradores e eruditos que os adquiriram.

Os museus do século XIX herdaram assim das grandes exposições universais um certo espírito democrático, tornando-se particularmente sensíveis à presença do público, que é amplamente convidada a penetrar nas suas instalações. É desta forma que o museu recebe diversas categorias de pessoas: exploradores e futuros colonos encontram importantes informações, comerciantes e artesãos os modelos de inspiração, assim como estudantes e investigadores que fazem do museu o seu local de trabalho. Neste sentido, os museus etnográficos combinam a erudição científica com a preocupação de vulgarização de conhecimentos. É esta particularidade que segundo Nélia Dias “les caractérise et les distingue de leurs illustres ancêtres, les cabinets de curiosités” (1991, p. 96).

De facto, convém lembrar que estes gabinetes de curiosidades do século XVIII estiveram na origem dos museus de etnografia. Estavam, fundamentalmente, destinados às grandes elites e ao seu desfrute privativo. As suas colecções constituíram os primeiros fundos dos museus. Revela Nélia Dias que “cet héritage des cabinets de curiosités n’a pas été sans peser sur la nature des collections exposées dans les musées ethnographique” (ibid., p. 96). Pois, frequentemente eram expostos e mostrados em função da sua beleza, raridade e exotismo.

O museu etnográfico foi igualmente guiado pela preocupação de coleccionar e conservar materiais provenientes de povos não europeus, sob o estigma do eminente desaparecimento. Tratando-se, frequentemente, de povos desprovidos de escrita, somente o estudo das suas produções materiais permitia reconstituir a sua história. A partir desta evidência, as fontes materiais tornaram-se imprescindíveis para o conhecimento destes povos.

Segundo Nélia Dias, “on peut reconnaître que, sous l’emprise de l’archéologie, les productions matérielles deviennent des sources d’information et par là des moyens de connaissance au même titre que les médailles ou les inscriptions” (ibid., p. 97). Nesta medida e equacionando o destaque dado à dimensão da cultura material, a mesma autora realça que “colleter des productions matérielles, cela signifie aussi les soumettre à un traitement théorique: le musée devient cet espace dans lequel il est possible de confronter les donnés, de faire de l’expérimentation, d’administrer des preuves et d’extraire des lois” (ibid., p. 97). Assim, ganha destaque a noção de «museu de tese» sob o prisma dos museus etnográficos da segunda metade do século XIX. Nestes, destacam-se os diferentes estados evolutivos do homem até atingir a sua realização nas nações europeias mais «civilizadas», ilustrados, através dos objectos.

Já nas primeiras décadas do século XX, depois da conclusão da Primeira Guerra Mundial, os grandes estados trataram de consolidar seus domínios, procurando uma paz de conveniência para travar os movimentos que alimentavam o mal-estar dos povos colonizados. Desta forma, se compreende o porquê destes estados colonizadores se preocuparem em estimular a elaboração de estudos etnográficos e antropológicos que contribuíssem com uma visão pormenorizada das colónias. Estes pressupostos vão permitir o desenvolvimento de escolas, nomeadamente da escola funcionalista. O funcionalismo, tal como refere Eloy Pellón:

“Si bien representaba una reacción frente al evolucionismo de las décadas precedentes, transmitía la existencia de un mundo equilibrado y apacible, similar a la armonía propia de los organismos vivos, y en consecuencia resultaba concordante con las aspiraciones políticas de los países dominantes, sin perjuicio del significado científico de la escuela” (1993, p. 123).

Esta conjuntura fez com que a ideia exótica continuasse a preencher os museus desta época. Os estudos antropológicos continuavam centrados em culturas longínquas, com uma carga potencialmente exótica, cujo universo material e simbólico alimentava a tão procurada estranheza e raridade, em detrimento das culturas europeias.

Esta tendência iria alterar-se substancialmente depois da Segunda Guerra Mundial, sobretudo devido a uma nova ordem que compromete as pretensões colonialistas das grandes potências. Com os progressivos processos de descolonização em curso, os antropólogos perdem o interesse por estas culturas longínquas e exóticas e simultaneamente os museus ocidentais deixam de estar motivados pelo exotismo dos objectos que exibem.

Assim, face ao exposto, os museus de antropologia em geral, e os etnográficos em particular, vão paulatinamente ocupando um lugar cada vez mais destacado nas diferentes

sociedades. Passando deste modo a abandonar a ideia de instituições estáticas, separadas das preocupações sociais, destinadas unicamente ao usufruto de uma elite de especialistas. A meados do século XX constitui-se um importante avanço na especialização dos museus etnográficos, continuando a inovadora experiência que tinham representado meio século antes os museus “ao ar livre” (cf. Pellón, 1993). Nos anos sessenta desenvolveram-se em Inglaterra os “museus vivos”, onde se procurava representar as actividades quotidianas das gentes no seu próprio ambiente. Eloy Pellón refere algumas destas iniciativas germinadas por toda a Europa:

“Instituciones como el ‘Cogges manor Farm Museum’, situado cerca de Oxford, como el ‘Museo de Tradiciones Populares de St. Fagans’ de Gales, o como el ‘Parque Agrícola de Costswold’ determinam espléndidas manifestaciones de estas experiencias ‘vivas’, en las que el visitante va más allá de la percepción visual o táctil de los objetos, para observar las labores agrarias relacionadas con la época del año, las tareas propias de la esquila del ganado ovino, los trabajos de reparación de la cerca, o los debidos a la actividad diaria en la lechería o en la cocina. El ‘Museo de Lejre’ en Dinamarca, el de ‘Lebendiges Mittelalter’ en las afueras de Berlín, o los numerosos ecomuseos franceses constituyen otros tantos ejemplos (...)” (1993, 125).

O museu etnográfico passa assim a ser persuadido por outras escalas, nomeadamente as da sua proximidade. Nos anos 70, tal como J. Pais de Brito sublinha, “o museu sai para fora das suas paredes, engloba os territórios que documenta, produz interacções com novos actores sociais, complexifica o seu campo de orientação: natureza, trabalho, relações sociais, saber fazer, sociabilidades, fazem a história e são parte dos projectos de desenvolvimento local” (2006, p.48).

1.2.1 Portugal, O Museu Nacional de Etnologia (MNE)

Em Portugal, nas primeiras décadas do século XX, muito ao jeito do que se fazia pelo resto da Europa, assistiu-se igualmente, embora ainda de uma forma embrionária, ao encenar de uma nação dominante e colonizadora. J. Pais de Brito confirma este facto com o seguinte:

“Nos anos 40 o poder político manifestara a intenção de criar uma colecção representativa dos povos sob a administração colonial. No caso português estes foram sempre escassa e ambigualmente conhecidos e a sua diversidade e afirmação e expressão social e cultural apenas em certos momentos fora exibida, em simplificação folclórica e como apologia colonial de um Portugal multi étnico, como ocorrera com a exposição colonial do Porto (1934) e com a Exposição do Mundo Português (1940), quando o regime de Salazar ensaiou a mais ambiciosa encenação de si próprio” (2000b, p. 7).

Benjamim Pereira desvenda numa frase este período: “a museologia etnológica arrastava-se num marasmo desolador” (1989, p. 556). Em 1947 Jorge Dias assume o cargo directivo do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, sediado no Porto, na Faculdade de Ciências, iniciando, conjuntamente com Fernando Galhano, Ernesto Veiga de Oliveira e, mais tarde, Benjamim Pereira, um projecto de pesquisa bastante inovador voltado para levantamentos sistemáticos, extensivos a todo o território nacional. Onde se destacavam as tecnologias, objectos e práticas ligados à vida rural portuguesa, em simultâneo com o estudo intensivo de pequenas comunidades reconhecidas e eleitas pelas suas características de arcaísmo. O objectivo destas pesquisas, revela J. Pais de Brito “era restituir o conhecimento etnológico das manifestações de um país, começando por prestar particular atenção à identificação e estudo das técnicas e tecnologias tradicionais do mundo rural, com aguda consciência das transformações que se anteviam” (1996, p. 23). Deste trabalho continuado e ininterrupto, foi resultando a um ritmo constante, um conjunto de publicações que permitiram ampliar e divulgar essa pesquisa, tal como na constituição de um acervo documental de capital importância para a valorização, estudo e conhecimento do país nas últimas décadas, onde se destacam o papel do desenho, da fotografia e do filme.

Em 1956 esta mesma equipa do Centro de Estudos de Etnologia desloca-se para Lisboa, onde Jorge Dias é chamado a coordenar a recém criada Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português. Enquadrado neste projecto, vai a partir de 1957 desenvolver trabalho junto dos Macondes de Moçambique, integrando também Margot Dias e Manuel Viegas Guerreiro. Este projecto de pesquisa termina em 1961, devido ao ressurgimento dos eminentes movimentos de libertação das ex-colónias portuguesas.

Finalmente, a partir de uma colecção de objectos ali recolhida e exibida em Lisboa, em 1959, esboça-se e define-se a ideia e o projecto de um Museu de Etnologia. Surge então a concretização do projecto, tal como J. Pais de Brito enuncia:

“Esse museu que o fundador Jorge Dias projectou com um espírito universalista, que ultrapasse a simples representatividade dos povos sob a administração colonial, veio a ser formalmente criado em 1965 com a designação de Museu de Etnologia do Ultramar, fazendo parte da Junta de Investigações do Ultramar do Ministério do mesmo nome” (2000b, p. 7).

A partir daqui, intensificam-se as grandes campanhas de recolha no continente de objectos relacionados com o mundo rural, assim como se reúnem outras colecções recolhidas por colaboradores, provenientes de viagens efectuadas pela África, Ásia e América do Sul.

Em 1974, após a revolução democrática do 25 de Abril, o museu, sob a direcção de Ernesto Veiga de Oliveira, adopta definitivamente o nome de Museu de Etnologia.

Nesta conformidade, é importante reter que do longo percurso do projecto denominado Museu de Etnologia e da sua dinâmica equipa, derivou um importante arquivo documental, do qual destacamos, fundamentalmente, algumas das mais completas obras de síntese, tais como: a tecnologia da rega (1953); o sistema de secagem e armazenagem de cereais (1963); as construções primitivas do universo agro-pastoril (1976); os sistemas de moagem (1983); a arquitectura tradicional (1992).

1.2.2 Objectos e colecções pastoris noutros museus

Partindo da análise dos cinco volumes intitulados “Roteiro de Museus (colecções etnográficas)”, resultado de um projecto de investigação designado “*Representações da Cultura Portuguesa nas Colecções Etnográficas dos Museus Locais*”, organizados segundo as respectivas regiões geográficas: primeiro volume – Lisboa e Vale do Tejo; segundo volume – Alentejo e Algarve; Terceiro volume – Região Centro (Beiras); quarto volume – Região Norte; quinto volume – Açores e Madeira. Cujo objectivo versa no conhecimento e divulgação deste género de colecções. Obtém-se um quadro de análise relacionado com os territórios que geográfica, cultural e historicamente tiveram uma forte relação com a actividade da pastorícia. Neste sentido, decidimos transcrever as respectivas informações analisando apenas o volume correspondente à região Centro (Beiras), em particular a Beira Interior (e Alta). No entanto, convém antes de mais, referir algumas das dificuldades conceptuais que a equipa de investigadores se confrontou no decurso da respectiva investigação. Segundo Nélia Dias e José Dias, no texto de abertura do primeiro volume, destacam duas dificuldades estruturais:

“ A primeira prende-se com a própria noção de museu. Cedo nos pareceu que tal como ela é entendida pelo ICOM não era susceptível de ser aplicada neste caso específico. Assim, muitas das colecções estudadas não têm horário de funcionamento, pessoal destacado, ou espaço/dimensão requeridos segundo os critérios do ICOM; outras encontram-se fechadas ao público, tornando-se visitáveis quer em momentos específicos – festas na localidade –, quer mediante autorização prévia. Em alguns casos – núcleos museográficos ligados a instituições associativas e a grupos folclóricos – são por si próprios designados como museus (...). A segunda dificuldade tem a ver com a designação – colecção etnográfica – que coloca dois tipos de problemas: por um lado, os acervos não se restringem apenas a objectos materiais, mas incluem documentos escritos, gravações, desenhos, fotografias, filmes e vídeos. A natureza extremamente variada do espólio conduziu-nos a incluir na designação colecção etnográfica para além dos artefactos, também documentos visuais e sonoros. Por outro lado, uma vez

que a definição e os limites do que constitui uma colecção etnográfica são extremamente problemáticos, a opção, neste projecto, foi a de integrar as colecções que explicita ou implicitamente eram consideradas representativas da cultura local/regional; deste modo, as fronteiras entre colecções arqueológicas, colecções etnográficas e colecções históricas esbatiam-se a partir do momento em que o critério adoptado era o da representatividade. Assim, em alguns casos, factos históricos e marcos cronológicos constituíram o ponto de partida da formação de colecções. Por outras palavras, a designação colecção etnográfica utilizada neste estudo remete não para a natureza dos objectos materiais e não materiais, mas para a forma como estes são usados como símbolos de uma identidade local, regional, nacional ou ligada a grupos profissionais” (1997, p. 7).

Assim, será mediante estas definições tão ambíguas de “museu” e de “colecção etnográfica” que iremos conduzir e balizar também a nossa análise.

1.2.2.1 Região Centro (Beiras)

Segundo o respectivo Roteiro, foram analisados 47 museus com colecções etnográficas, os quais se distribuem, sobretudo, pelas vilas e cidades (33), e os restantes na faixa litoral (14). Destes 47 museus, 20 estão sob a alçada de *grupos folclóricos* e associações locais baseadas no voluntariado dos seus membros (recreativas, desportivas, de solidariedade social, de defesa do património, etc.) Os restantes museus estão ligados: às autarquias (17); câmaras municipais (13) e juntas de freguesia (4); entidades religiosas (4), a particulares (1), e a outras entidades (5); 2 ao IPM, 1 à Universidade da Beira Interior, 1 à Assembleia Distrital, 1 à Adegas Cooperativas locais (1999).

Grande parte destes museus surgiram na década de 80 e 90, segundo o Roteiro “a partir de meados da década de 70 e até à década de 90 foram criados mais 22 museus, reflexo das transformações político-sociais e da ‘refolclorização’, movimento cultural baseado na maior heterogeneidade das entidades locais de âmbito social e patrimonial” (1999).

Em relação às respectivas colecções etnográficas que figuram no enquadramento da região, estas estão maioritariamente ligadas às actividades agrícolas localizadas nas zonas rurais e interiores: agricultura, criação de gado, pastoreio, alimentação e recheio doméstico, produção de azeite e vinho, transportes “tradicionais”, ofícios, artesanato, e trajes. Dentro destes organismos que comportam colecções etnográficas, o mais usual é combinarem como acervo variadas tipologias de objectos.

Subdividindo a região das Beiras em Beira Litoral e Beira Interior, direccionamos a nossa análise para o respectivo território da Beira Interior, abdicando aqui, por razões inerentes à própria temática da presente dissertação, da análise da designada Beira Litoral.

1.2.2.2 Beira Interior

Subdividindo este vasto território em Beira Interior Norte e Beira Interior Sul, delinea-se assim a cidade da Guarda como centro polarizador da primeira subdivisão e Castelo Branco da segunda. Quanto à sub-região da Cova da Beira, esta organiza-se em torno da cidade da Covilhã.

I. Colecções etnográficas. A pastorícia

A. Museu do Escalhão

Escalhão é uma freguesia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, com cerca de 1300 habitantes. Situada na Raia Beirã. O museu comporta uma colecção etnográfica de diversos objectos, no geral, representativos da vida quotidiana rural da região. Destacam-se aqui três módulos com alguma relação directa à actividade da pastorícia da região: as cornas, as tosquias e o fabrico do queijo. Relativamente às primeiras, estão expostas 18 cornas, cuja utilidade seria para o transporte de diversos alimentos; quanto às tosquias, estão expostas as respectivas tesouras de tosquia, e diversos apetrechos e um painel com uma foto sobre a actividade; por último, o módulo do fabrico de queijos, “com duas fotografias, de senhora a fazer queijo. Em bancadas baixas a queijoeira, a francela, o pau do soro, cinchos, as requeijoeiras, a lata de leite e a caldeira de cobre” (1999, p. 59). Contudo, outros objectos representativos da vida rural se intercalam com o labor do pastoreio.

B. Museu da Guarda

A cidade da Guarda, capital de distrito, com um concelho com cerca de 35.000 habitantes. O museu congrega um conjunto de objectos relacionados com a vida agrícola e pastoril do concelho. “O estrado do lado direito é dedicado à Vida Agrícola e Pastorícia. Os objectos expostos dizem respeito às actividades e seus produtos. Para a Pastorícia temos a lã, o cardo, a flauta, chaves de chocalhos, formas de queijo, cornas, pilão, francela, caldeiro de cozer leite” (Ibid., p. 62)

C. Sala Museu de Aldeia da Ponte

Freguesia da raia no concelho do Sabugal, a aldeia conta com uma população de cerca de 400 habitantes. Este espaço comporta “objectos que dizem respeito à vida doméstica, actividades rurais (...) fabrico do queijo” (Ibid., p. 72).

D. Museu Regional de Artes e Ofícios do Mundo Rural

Guilheiro é uma freguesia do concelho de Trancoso, distrito da Guarda e conta com uma população de cerca de 300 habitantes. O museu comporta “objectos relacionados com a vida doméstica, actividade agrícola (...) junto da parede do fundo (...) uma francela com as formas de queijo” (Ibid., pp. 73-74).

E. Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Situado na cidade de Castelo Branco, capital de distrito, com cerca de 30.000 habitantes. Para além da colecção arqueológica, o museu congrega uma colecção etnográfica onde se mencionam 385 objectos doados no período entre 1920 a 40, relacionados com “arte pastoril, tecelagem, medidas e pesos, objectos de uso doméstico e trabalhos em ferro forjado, e um conjunto de 6 artefactos africanos doados ao museu em tempo incerto” (Ibid., p. 76).

F. Centro Cultural Raiano

Localizado na vila de Idanha-a-Nova, sede de concelho, o Centro Cultural reúne um espólio de “peças representativas de duas actividades importantes no concelho de Idanha-a-Nova: a agricultura e a olaria. (...) Na sua totalidade, a colecção integra peças representativas de diversos trabalhos rurais, onde se incluem para além das que se relacionam com o ciclo dos cereais, as que se referem ao ciclo das árvores (o azeite e a cortiça), ao ciclo do pastoreio e o fabrico do queijo e do mel” (Ibid., p. 79). Na exposição permanente intitulada “Agricultura nos campos de Idanha” está representado um pequeno núcleo dedicado à pastorícia da região. Refere a obra que no “Pastoreio: os objectos expostos lembram o ciclo inerente a esta actividade, não esquecendo os produtos que dela resulta – a lã, o leite e o queijo” (Ibid., p. 80).

G. Museu Municipal de Penamacor

Situado na vila de Penamacor, o Museu Municipal engloba entre outras colecções, uma colecção etnográfica “dividida em duas categorias: etnografia geral e etnografia agrícola. (...) Na sala principal (...) surge a secção dedicada à Etnografia Geral (...) são expostos de natureza muito variada (...) arte pastoril, etc (...) A produção artesanal de azeite, de cereais, de vinho e de queijo (...) são os temas tratados na secção de etnografia agrícola” (Ibid., pp. 82-83).

H. Museu dos Lanifícios

É na cidade da Covilhã, no edifício da antiga Real Fabrica de Panos, que fica localizado o Museu dos Lanifícios. A colecção etnográfica representada no museu relaciona-se com “a produção de lã, tecelagem e tinturaria correspondente ao chamado período industrial de energia a sangue (...). Na sala 3 (...) vitrina sobre as diversas operações com a lã como a tosquia e as diversas escolhas que se faziam da lã” (Ibid., pp. 84-85). Embora o conjunto das temáticas abordadas neste museu estejam alicerçadas no campo disciplinar da Arqueologia Industrial, onde uma antiga fábrica industrial de lanifícios se revela como o centro de toda problemática, a temática da lã remete inevitavelmente para os respectivos contextos da actividade pastoril dos amplos territórios circundantes.

O concelho de Idanha-a-Nova situa-se no extremo sudeste da região centro, no distrito de Castelo Branco. Insere-se nessa remota e heterogénea região denominada de Beira Baixa (Beira Interior Sul), que Orlando Ribeiro descreveu como “uma manta de retalhos, alguns já estremenhos ou alentejanos, uma justaposição de unidades, essas bem demarcadas no aspecto da paisagem e nos modos de viver dos habitantes” (1995, 431). Essa heterogeneidade é também bastante evidente na geografia do próprio concelho, onde o rio Pônsul em conjugação com a sua destacada escarpa, se assume como marca e principal elemento de transição da paisagem. O mesmo autor descreve esta conjugação natural do seguinte modo:

“(...) um vale dissimétrico, espécie de degrau paralelo à direcção principal do rio, que pode seguir-se (...) desde Vila Velha de Ródão até para além de Idanha-a-Nova. Junto desta vila forma uma escarpa granítica imponente (...) aos pés dela estendem-se, na perfeição das suas planuras, as Campanhas da Idanha, terras nuas de cereal, e a mancha escura dos montados do Campo do Aravil” (idem, p. 437).

Neste sentido, tomando este degrau de falha natural como elemento diferenciador de uma paisagem, o concelho divide-se ou reparte-se entre duas áreas extremamente opostas: um Norte mais húmido, mais serrano e um Sul mais meridional, mais relacionado com as planuras alentejanas. Daí a frequente afirmação de que o Alentejo deveria começar no Ponsul, pois é exactamente entre a falda da Gardunha e o curso deste rio que se transita para uma paisagem própria deste registo. Aliás, o próprio clima, o coberto vegetal e arbóreo e a ocupação humana traduzem bem tamanha evidência, tal como esclarece o mesmo autor em relação à distribuição geográfica do sobreiro e da azinheira neste mesmo território:

“A repartição do sobreiro e da azinheira exprime bem este contraste: embora ambos se encontrem nos dois níveis separados pela escarpa mencionada, o sobreiro, que requer ainda alguma humidade atlântica, domina as terras mais altas a Noroeste; a azinheira, mais adaptada à secura, forma povoamentos importantes no ângulo compreendido entre o Erges e o Tejo” (Idem, pp. 229-230).

Face a esta conjuntura natural, climática e humana os cereais de sequeiro instituíram-se ao longo de séculos como a base principal da agricultura, representando igualmente um testemunho vivo da árdua conquista do solo, que ascende aos primórdios da História. Deste modo, na região de Idanha-a-Nova plantou-se, fundamentalmente, centeio e trigo, com especial destaque para este nas áreas mais meridionais – mais propriamente a SE. Daí em tempos não muito longínquos (1930) ter sido mesmo considerado o celeiro da Beira Baixa.

À produção de trigo que comporta a secura do clima, a consequente carência de águas de rega que torna impossível a variação de culturas, conjugam-se as tendências latifundiárias

da propriedade. Sobre estas e sua configuração histórica, social e cultural escreve Orlando Ribeiro:

“A propriedade está pouco dividida: o concelho de Idanha-a-Nova, pela sua área o quarto de Portugal (1417 Km²), está repartido entre escasso número de proprietários. A extensa zona das Campanhas é património apenas de uma dúzia de grandes senhores. As unidades agrárias – os montes – são enormes extensões monótonas, que, por pertencerem ao mesmo dono não têm divisões interiores e por serem tão grandes não podem cercar-se de muros: portanto, campos contíguos e abertos. Estão divididos em folhas, das quais só uma é cultivada, conservando-se as outras em pousio; sendo o afolhamento trienal o mais seguido, sucede que dois terços da área em exploração estão durante cada ano praticamente incultos. É nestas enormes extensões deixadas de relva – onde se desenvolve a vegetação espontânea, depois de ceifado o cereal – que pastam os rebanhos transumantes” (1995, pp. 366-367)

Neste sentido os campos apresentam-se vastos, sem muros ou qualquer divisão física que impeça o livre-trânsito dos homens e dos gados. São os denominados *campos abertos* (*openfield*), intimamente relacionados com o tradicional afolhamento trienal e com a decorrente economia pastoril. O tipo de povoamento concentrado revela igualmente esta associação com os cereais em regime de afolhamento, tal como o mesmo autor descreve,

*“as habitações concentram-se em aldeias onde impera forte espírito de comunidade; os campos, divididos em certo número de folhas, produzem, em períodos fixados por antigas usanças, cereais para alimento dos homens; durante o pousio, que se integra na rotação das culturas, a terra descansa, a erva espontaneamente cresce e constitui pascigo do gado que, por sua vez, estruma a lavoura preparatória de nova sementeira. Este regime implica disciplina geralmente consentida, trabalho regulado por normas consuetudinárias, divisão dos terrenos em várias parcelas (folhas), de modo que assegurem ao mesmo proprietário cereais e pastagens para o gado, campos geralmente abertos, para que, ceifado o cereal, os rebanhos possam pastar livremente nos restolhos. É o chamado *openfield*, bem conhecido na Inglaterra, no Norte da França, na Alemanha, etc”* (1991, p. 216).

Desta forma, justifica-se esta prática usual de cultivar apenas um terço da área em exploração, pelo facto desta, deixar amplos espaços livres ao percurso dos gados, que também se aproveitam dos restolhos do cereal ceifado. Sobre estes percursos de pastoreio, escreve ainda Orlando Ribeiro,

“São varas de porcos que percorrem o chão do montado e rebanhos de ovelhas brancas de milhares de cabeças, a que se juntam, no tempo frio, as ovelhas pretas trazidas pelos pastores transumantes da Serra da Estrela. O concelho de Idanha-a-Nova conta-se como o de maior riqueza ovina no território português” (1995, p. 441).

2.2 O sistema pastoril

As origens da pastorícia, percebida como meio de exploração dos recursos da natureza pelo homem, segundo Ugo Fabietti, “insere-se no processo geral de domesticação por meio do qual se tornou possível exercer um controlo sobre a reprodução das manadas de animais selvagens” (1995, p.64). Em relação às origens deste processo, escreve o mesmo autor que “remontam ao final do Plistocénico e ao início do Holocénico” assinalando deste modo “a par do aparecimento das primeiras formas de agricultura, o lento afastamento do homem de uma economia de apropriação espontânea dos recursos naturais e a passagem a uma verdadeira economia de produção” (Ibid., p. 64)

Sobre as condições que estiveram na base desta domesticação, Ugo Fabietti salienta: “a posse, por parte do homem, de um saber empírico relativo ao comportamento dos rebanhos; a existência de um sistema ecológico adaptado; a possibilidade efectiva de utilizar os recursos animais” (Ibid., p. 64). Com a progressiva domesticação dos animais surgiram as bases de um novo processo produtivo que, em relação aos animais, se repercutiu numa série de modificações, tais como a progressiva redução da agressividade das espécies domesticadas; o acentuamento das características “úteis” do animal, e, portanto, a mutação das suas características fisiológicas e morfológicas; a manipulação da taxa de reprodução; e finalmente, a maior, ou mesmo a total, dependência do animal face ao homem, do ponto de vista alimentar (Ibid., p. 64). Assim, o homem ao subtrair parcial ou totalmente a autonomia própria dos animais selvagens, contribuiu do mesmo modo para a sua vulnerabilidade geral, daí segundo Ugo Fabietti, “a necessidade de os proteger e treinar segundo modalidades cada vez mais especializadas tornou-se, pois, para o homem uma consequência directa e intrínseca do mecanismo de domesticação (Ibid., p. 65). Neste sentido, adianta o mesmo autor, “o conjunto de actividades relacionadas com a protecção, gestão e a utilização dos animais, rebanhos (no caso dos ovinos e caprinos) ou manadas (no caso dos bovinos, equinos e camelídeos), constitui aquilo que se dá o nome de ‘pastorícia’” (Ibid., p. 65). Dentro desta conformidade, conclui-se que a pastorícia é uma actividade especializada, distinta de outras formas de aproveitamento dos recursos naturais, uma vez que ela se centra num material produtivo específico (o animal), e exige conhecimentos técnicos exclusivos, úteis e necessários ao aproveitamento de tal material produtivo.

Impõe-se deste modo diferenciar a pastorícia da criação de gado sazonal e da criação praticada segundo as modernas técnicas de estabulação fixa. Isto porque a actividade da pastorícia se define efectivamente através da criação de animais com base no ambiente

natural, isto é, do simples tapete vegetal espontâneo e de diversas espécies arbóreas. É precisamente por esse motivo, o aproveitamento espontâneo da flora, que a pastorícia se define e se estrutura, ou seja, através das constantes deslocações e movimentos dos rebanhos e pastores.

Centrando agora a nossa atenção no sistema pastoril do designado concelho de Idanha-a-Nova, em particular no sector mais meridional (SE) deste vasto território, este inscreve-se num registo de notória ancestralidade. Sobre as suas possíveis e remotas origens, basta direccionar a atenção para os inúmeros vestígios arqueológicos¹² (antas, abrigos, currais, antigas rotas transumantes, etc.) disseminados por todo o território do concelho, para perceber a evidência desse ancestral vínculo com os primeiros indícios da presença do Homem no território. Numa escala geográfica mais alargada, sabe-se que na península ibérica os vestígios mais antigos de cultura pastoril datam de até 4500 a. C. em escavações localizadas no litoral mediterrânico (Otal, 2004).

Historicamente, o território foi assim submetido a inúmeras influências exteriores, enquadrado nestas, destacam-se dois grandes momentos que se posicionam na base do desenvolvimento pastoril deste amplo território beirão, a romanização e o período da ocupação muçulmana. Vasco Teixeira documenta da seguinte forma estes importantes vínculos históricos:

“A romanização trouxe e consolidou, no território e nas economias locais da península, um modelo de organização e de racionalidade produtiva que já visava a produção de excedentes para o mercado, organizado através das vias de comunicação fluviais e da rede viária construída. A par da mineração, a actividade agrícola (produtos e técnicas, como a rega), a criação de gado miúdo e exploração dos seus “produtos secundários, especialmente o leite e a lã, além de curtumes e outros, foram adaptadas aos contrastes ambientais entre o Norte e o Sul do território nacional. A própria origem do famoso ovino merino ibérico parece estar associada à presença romana (...) a ocupação muçulmana mantém a mineração, a par da cultura cerealífera (trigo e cevada), do incremento da horticultura, e de árvores de fruto e, por via da cultura nómada e agro-pastoril dos povos berberes é-lhe ainda atribuído o desenvolvimento da pastorícia” (2004, p. 7).

Decifra-se assim uma histórica e remota associação da prática da pastorícia com a agricultura, nomeadamente a relação entre o pastoreio de percurso tradicional e o cultivo de cereais de sequeiro. A esta profunda simbiose entre os cereais e a criação de gado está associada a exploração extensiva de pastos, que no fundo é o que caracteriza o modo de vida pastoril. Pois comporta movimentos de rebanhos e, por sua vez, o dos pastores. A partir desta

¹² Ligados à cultura megalítica.

vivência arcaica pautada pelos intensos ritmos e movimentos dos rebanhos, o pastor forjou uma das artes mais ancestrais, a arte de ser pastor.

2.2.1 O ciclo pastoril anual

O ciclo pastoril anual tem o seu início e termo, segundo os pastores, no dia de S. Pedro (29 de Junho), tal como a quadra popular ilustra:

“S. João e S. Pedro
São dois santos mudadores
São João muda os casados
E São Pedro os pastores”¹³

Sobre este entrosamento do calendário pastoril (e agrícola) com o calendário religioso, ritual e festivo retemos que têm que ser percebidos como um todo. Pois segundo Joaquim Pais de Brito,

“Os eixos fundamentais e mais arcaicos da sua estruturação – os ciclos solar e lunar e, inseparáveis destes, o ciclo vegetativo – vêm a combinar-se e a sofrer uma reelaboração ao longo do processo de cristianização do tempo e dos modos de o sinalizar, nele se vindo a inscrever e a tomar relevo o ciclo da vida de Cristo e da Virgem e todo o santoral” (1996, pp. 218-219).

Deste modo, o dia de S. Pedro (29 de Junho) era assim reconhecido como o dia dos pastores, daí lhe outorgarem um determinado significado simbólico, que se reflectia no seu direito a folgar neste mesmo dia. Era neste dia que, caso desejassem, os pastores assalariados adquiriam livre-trânsito para mudar de patrão, tal como para aqueles que procuravam patrão para trabalhar.

“No dia de S. Pedro era a mudança dos pastores, mandavam um criado falar com a gente” (Ti Zé “Tripa”, 77 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

A duração dos contratos de trabalho, no geral, era efectuada para servir durante o período de um ano: começando e findando no dia de S. Pedro. Todavia, também era costume contratar no dia de S. Miguel (29 Setembro), embora este dia esteja inteiramente ligado à generalidade dos trabalhos agrícolas.

¹³ Dias, Jaime Lopes (1991) Etnografia da Beira. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, vol. III.

“Nas feras procuravam a gente para trabalhar, era uma contrata como quando a gente ia para a França, a gente até costuma dizer assim: quem se ajusta ao S. Pedro e ao S. Miguel, não é senhor de si quando quer” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova).

As formas de pagamento, às quais denominavam de *soldada*, incluíam dinheiro, géneros alimentares entre outras regalias. Jaime L. Dias assinala que “por volta de 1914 constava ela de: vinte e quatro centavos para condutos, uma *fanega*¹⁴ de centeio, dois litros de azeite e oito litros de feijão pequeno, além de *pegulhal* e da *forra*” (1991, p. 86). O *pegulhal* inscrevia-se no direito que o pastor tinha em tirar oito ou dez borregos do patrão, dos primeiros que saíssem pelos quatro cantos ou ângulos do bardo. Esta prática era realizada no próprio bardo, onde o pastor escolhia um dos cantos e o patrão, outro. Quanto à *forra*, era o direito que o pastor tinha de pastar gratuitamente um determinado número de ovelhas e cabras em conjunto com as do patrão.

“Tinha uma forra de 60 cabeças, era tudo do pastor (leite, lã e carne), ganhava ainda cinco alqueires de trigo, dois litros de azeite, três quartas de caldo e dinheiro todos os meses. Primeiro era só dez escudos por mês, depois passamos a ganhar cem escudos. Tínhamos ainda um canto para o pão na seara” (Albano Quaresma “Jerolminho”, 85 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

Todavia, quando eram promovidos a encarregados, estas quantidades de géneros, tal como outras regalias e o próprio número de gado da *forra*, sofriam igualmente um acréscimo significativo.

“Na casa Baroa tinha uma forra de sessenta ovelhas, davam duas ou três para as mortes. O encarregado tinha 70 ovelhas. Eu depois passei a encarregado, passei a ter setenta e quatro ovelhas, direito a um par de sapatos por ano, cinco litros a mais de caldo e um litro a mais de azeite. No dia 7 de Setembro o patrão comprava um par de sapatos para o encarregado. Tinha ainda direito a uma arroba de queijos por ano” (Ti Zé Pequeno, 69 anos, pastor reformado, Toulões).

Deste modo, o princípio de organização destas formas contratuais mantinha-se, o que de facto variava, eram essencialmente as quantidades e algumas *comedias* extra. Nos dias de hoje a maioria dos pastores assalariados já se encontram inscritos na Segurança Social e estas antigas formas contratuais já quase desapareceram, restando apenas alguns complementos conjuntamente com o salário mensal.

¹⁴ Medida para cereais, o mesmo que fanga, de quatro alqueires. Cada alqueire varia entre os 16 e 20 litros.

Ou seja, para além do respectivo salário mensal, tinham ainda direito às refeições diárias, outros tinham também pequenas concessões, como por exemplo, o acesso a pequenas hortas ou autorização para levantar da queijeira uma determinada quantidade de requeijão (*travia*). Por vezes, acontecia que o cabreiro auferia um salário menor, mas em compensação, ganhava mais em géneros. Por outro lado, também era usual os pastores iniciarem a sua actividade através de variadas parcerias, adquirindo gado a meias (*de meias*). Se fossem dois, um dos parceiros dava o dinheiro para a compra do gado, o outro cumpria o dever de o sustentar. Cabia ao primeiro receber, em cada ano, metade da criação e da lã, e o segundo, o leite e o estrume. A partilha da criação e da lã era feita em partes iguais entre os dois *meeiros* pelo S. João. Se o rebanho, eventualmente, fosse vendido, dividia-se o lucro em partes iguais pelos dois parceiros.

“Aos 32 anos comecei a ter gado de meias, eu tinha uma terça parte e os outros tinham o resto. Depois passei a ter metade, fui comprando a parte dos outros. Quando vendíamos o gado, partíamos o dinheiro” (Ti Domingos “Menocho”, 79 anos, cabreiro, Penha Garcia).

Contratado ou constituídas as respectivas parcerias, assegurados os contratos e a correspondente *soldada*, o pastor passa a ter a seu cargo e responsabilidade um rebanho, que no fundo será o seu centro cósmico, daí, a projecção e relevância do calendário anual ser estruturado em seu redor.

2.2.1.1 As cobrições, parições e a arte de saber afilhar

É em meados dos meses de Maio e Junho que principia a altura para as cobrições, cabendo a cada carneiro cerca de vinte fêmeas. Até esta data, os carneiros podem permanecer conjuntamente com as ovelhas, uma espécie de avental (*tapiche*), elaborado pelo pastor, ora em cortiça, ora em borracha, impede que este fecunde as respectivas fêmeas. Cabendo, deste modo, inteiramente ao pastor a gestão da melhor altura para a procriação. Caso contrário, o pastor opta pela separação temporal dos carneiros do respectivo rebanho, colocando-os apenas na altura da procriação. Nada é feito ao acaso, pois geralmente tudo é feito para que a época de partos coincida com as épocas de abundância de pastos e as épocas de venda de borregos com o início das épocas de escassez.¹⁵ Para evitar os partos no início do Verão, normalmente, os pastores separam os carneiros das ovelhas a partir de Janeiro até à Primavera. Com este

¹⁵ Épocas de abundância de pasto: Outono e Primavera; épocas de escassez: Inverno e Verão.

calendário o pastor adapta as épocas de maiores necessidades alimentares do rebanho às épocas de maiores disponibilidades de pastagem.

“A gente metia os carneiros em Maio ou em Junho, depois tirávamos alguns em Outubro, depois vinham aqueles lotes, elas cobriam todas juntas. Depois vinham os temporões, os Janeiros e depois em Maio os redolhos. Depois tirávamos os carneiros todos para o vazio, senão elas depois de parirem, cobriam-se logo outra vez e secavam-se. Ficávamos sem o leite. As ovelhas cobrem-se logo outra vez, às vezes, esses temporões ainda estão a mamar e as ovelhas já se cobrem” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

Nos meses de Outubro e Novembro é necessário dividir o rebanho em dois grupos: o *vazio* – composto pelo gado novo que será coberto no ano seguinte, ovelhas alfeiras e as que *menearam* (abortaram) – e o *alavão* ou *lavão* – conjunto de ovelhas que são ordenhadas nesse ano. Daí, amiúde serem necessários pelo menos dois pastores, um para o *vazio*, outro para o *alavão*. Tal como Silva Picão revela: “Costumam ocupar-se dois para cada alavão. Tanto podem ser entregues de carácter permanente, como outros, acomodados de propósito para este fim” (1983, p. 134). É também por esta altura que começam as parições, na primeira ou segunda quinzena de Outubro, entrando por Novembro e prolongando-se geralmente até à Primavera. No fundo, tudo depende da forma como se regularam as cobrições.



Fig. 1 - Monsanto. Bode com tapiche em borracha, 2005.

“Os borregos que nascem em finais de Outubro e princípios de Novembro, a gente vende-os pelo Natal, os que nascem depois, é conforme, às vezes vendem-se em Janeiro, outras, ficam para a Páscoa. Depois os que nascem a partir de Abril, os redolhos, vendem-se em Agosto” (Ti Augusto “Serraninho”, 72 anos, pastor rendeiro, Rosmaninhal).

Quando uma cabra ou uma ovelha pare uma cria morta, dizem que *meneou* e a cria diz-se *meneoto*. Em alguns casos é mesmo necessário retirar a cria morta do interior da

progenitora, o que requer alguma perícia e, à falta de veterinário, são os próprios pastores que executam este trabalho, tal como no auxílio aos partos mais difíceis.

“No outro dia tive que lhe meter a mão, o chibito estava metido como num cascarão. Fiz trabalho de veterinário, ele esteve cá no ano passado, tinha aí uma cabra que tinha meneado, quando vejo já estava “repassada”, morresse-me. Outro igual, o veterinário deu-lhe uma injeção e tirou-lhe os chibos, vi como ele fez, depois fiz igual. O que mais custa é entrar a mão, mas devagarinho vai, aquilo começa a alargar, depois tirei-o com um alicate, ia puxando aos poucos. O chibo já estava morto há algum tempo, por isso é que custou mais a tirar. Já puxei por um que estava atravessado, a cabra era forte. Outra, pariu três, saíram as mãos para diante, o chibo era grande e a cabeça estava voltada para trás, puxei-o, o chibo não morreu, criou-se. A cabra ficou muito “embaraçadinha”, levei-a ali para arriba, ateia a um pinheiro, a cabra não comia, “joerou”. No outro dia apenas que viu começou logo a berrar, peguei nuns raminhos começou logo a comer, safou-se” (Ti Domingos “Menoucho”, 79 anos, cabreiro, Penha Garcia).

Se parir duas crias denominam-nos de *melgos*, ou simplesmente de gêmeos. As primeiras crias são as *temporãs* (Outubro, Novembro), as nascidas em Janeiro, as *janeiras* e, as posteriores, os *redolhos* ou *serôdios* (Abril, Maio ou Junho). Deste modo, urde a altura mais trabalhosa para os pastores, a altura das *afilhações*. Trata-se basicamente de auxiliar as crias recém nascidas a mamar. Esta árdua e penosa tarefa exigia um cuidado especial da parte do pastor, pois tinha que memorizar todas as crias recém nascidas assim como as suas respectivas mães, para posteriormente as colocar a mamar.



Fig. 2 - Idanha-a-Velha. Borrego recém nascido, 2006.



Fig. 3 - Toulões. Pastor a transportar um borrego recém nascido, 2007.

“A arte de afillhar os borregos e os chibos é como um padre na missa, se um padre não sabe dizer uma missa, o que vai fazer à igreja? Nós com esta coisa do gado é igual, é uma ideia que nós temos na nossa cabeça, automaticamente. Temos que conhecer as ovelhas como os dedos que temos nas mãos. Somos profissionais desta vida, para você elas são todas iguais, porque é um ver que não interessa, agora se andar todo o ano a

Objectos de Pastor

olhar para elas, já nota que são todas diferentes. É como nós, não há cara nenhuma que seja igual” (Joaquim dos Santos, 62 anos, pastor, Salvaterra do Extremo).



Fig. 4 - Rosmaninhal. Pastor a *afilhar* os chibos, 2005.

Alguns elementos inerentes à fisionomia dos animais destacam-se nesta dinâmica de memorização: no geral, os pastores referem amiúde recorrer às caras e aos amojos. Todavia, quando os rebanhos são muito numerosos, torna-se mais difícil memorizar todas as crias: neste caso concreto, é normal o pastor valer-se de pequenos sinais diferenciadores.

“Quando era na altura das afileições, quando eram muitas, eu primeiro olhava para as caras e para os amojos, se não as pudesse diferenciar, fazia um tropêlo na lã, agarrava numa baraça e fazia um sinal. Para diferenciar onde haviam 400 ou 500 era preciso um tropêlo para dar com elas” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova).



Fig. 5 - Monsanto. Joaquim com um chibo diferenciado numa das pastas, 2005.

Durante este período, o pastor, preocupado, raramente dormia descansado, pois tinha que estar em alerta constante para prestar o devido auxílio aos borregos que nasciam durante as frias noites. Muitas vezes tinham que os transladar para dentro da choça e embrulhá-los em peles de ovelha e deixá-los repousar na proximidade do lume, para que não desfalecessem devido às baixas temperaturas que se faziam sentir.

“Naquelas alturas de frio, eu cheguei a levar os borregos para dentro da choça, muitas vezes até os levava para a cama, para não arreganharem com o frio” (Joaquim dos Santos, 62 anos, pastor, Salvaterra do Extremo).

Durante este período, o pastor costumava recorrer normalmente a um “ajuda” para o auxiliar nesta difícil e esgotante tarefa, que na maioria dos casos recaía sobre um elemento do seu grupo familiar mais próximo.

“Cheguei a afilhar 800 ovelhas na Tábua, nesta altura era preciso arranjar um ajuda. Às vezes confundia-me, deve ser esta aqui, corria às 20 e às 30, conhecia logo os filhos” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova).

Relativamente à resistência dos próprios animais recém nascidos, os cabritos (chibos), em comparação com os borregos, são em regra mais frágeis. Não acompanham logo as mães e ficam num pequeno espaço vedado, denominado de *azerve* ou *chiqueiro*, durante pelo menos o primeiro mês. Só então, passado este período é que começam a acompanhar as mães na pastagem. Por outro lado, os borregos comportam outra resistência, pois assim que nascem iniciam de imediato a marcha em torno da mãe.

“Um borrego cria-se aos dois meses, o chibo é aos três. O borrego desde que tenha comida cria-se depressa, o chibo é mais mole. Quando ia para a Idanha, nascia um borrego à noite, de manhã já caminhava. Já os chibos tinham que ir acavalo no burro” (José Lourenço, 90 anos, pastor transumante, Manteigas).



Fig. 6 - Monsanto. Ti Zé Valente guarda os chibos no chiqueiro, 2006.

No caso dos chibos, o pastor retira-os do *chiqueiro* e coloca-os a mamar duas vezes por dia, enquanto os borregos acompanham logo as mães no pastoreio, sendo no entanto, igualmente necessário *afilhá-los*.

“Eu aprendi a arte de afilhar quando era pequeno. Depois fui para a Cooperativa da Granja do Marrocos, aqui estive 14 anos. Tínhamos três mil e tal ovelhas, chegávamos a ter mil e quinhentas de alavão, fazíamos um aprisco que era esta rua inteira. Eram quatro pastores a guardar e seis a ordenhar. Quando era na altura da afilhação a gente metia o gado dentro do bardo, de noite não se podia dormir, de dia a gente ainda se orientava. A gente sabia quais é que estavam para parir, assim que pariam a gente punha-as fora do bardo com os borregos. Depois víamos se os borregos começavam a mamar, se não, a gente metia-os a mamar. Às vezes, naqueles dias mais frios se não acudíssemos logo, os borregos morriam. Por isso é que a gente não dormia nesta altura. Havia noites de parirem cinquenta ovelhas” (João Henriques, 47 anos, pastor, Zebreira).

As crias, amamentadas, dois ou três meses, período sempre variável consoante a região assim como as disponibilidades alimentares e a finalidade económica em vista, são vendidas para o talho. Outras ficam para substituir o refugo ou aumentar o rebanho. Entre estas que ficam, é necessário proceder ao seu desmame. Para tal, recorria-se normalmente ao uso generalizado do *barbilho*¹⁶. Outro processo era a *bostera* que consistia em passar com excrementos nas tetas da ovelha ou da cabra. Alguns pastores utilizavam também a troca de chocalhos, enganando desta forma a cria através do som familiar que este produz.

“Fazia aos quarenta e cinquenta barbilhos, fazia-os de piorneiras, era conforme a chibarrada. Também fazia a bostera, mas elas continuavam a mamar” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova).



Fig. 7 - Penha Garcia. Chibo com barbilho, 2006.

¹⁶ Processo quase primitivo usado para desmamar os cabritos, feito de vergas de salgueiro ou marmeleiro, bem torcidas e que, metidas na boca das crias, impedem-nas de mamar.

Quando o borrego atinge um ano ou ano e meio de idade, é denominado de *malato* ou *malata*; um chibo grande é um *chibarro*; um *galfarro* é um chibo de um ano. Como tudo interfere no processo de crescimento das tenras crias, desde o ambiente natural às condições climatéricas, os pastores quando o ano é pouco chuvoso, é frequente fazerem menção a um adágio popular:

“Se não chover pela feira de S. Mateus
trata dos grandes, que os pequenos não são teus”

Chegado o mês de Março, é tempo da queijeira, sendo necessário retirar os borregos e juntá-los ao rebanho do *vazio*.

2.2.1.2 O ciclo do leite: da ordenha ao queijo

Diz-se, entre os pastores, que o rebanho *alavão* (de leite) goza do privilégio dos melhores pastos, pois a quantidade de leite a retirar, depende em grande parte da alimentação. Durante o período das ordenhas o pastor ordenha duas vezes por dia, uma pela manhã, antes de sair com o rebanho e a outra no final do dia. Outrora, as ordenhas das ovelhas eram consumadas ao relento. Para o efeito, utilizavam uma espécie de bardo, ao qual denominavam de *aprisco*¹⁷.

“*Muitas vezes ordenhei centenas de ovelhas no aprisco, debaixo de chuva e lama, até os dedos arreganhavam com o frio*” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

Por outro lado, as cabras, geralmente eram ordenhadas no *terreiro*. As agruras desta prática eram ressentidas tanto durante o Inverno, com as chuvas, o frio e a lama, como no Verão, com o pó e o calor.

“*Quando andava com o meu pai ordenhávamos as cabras onde elas estavam, no campo, as cabras não precisam de aprisco*” (Ti Domingos “Menoucho”, 79 anos, cabreiro, Penha Garcia).

Os horários das ordenhas são muito similares, variam apenas segundo a época do ano: durante os meses mais frios, a primeira ordenha, varia entre as 5 e as 9 horas da manhã; à

¹⁷ Consiste num redil a que se acrescenta um corredor vedado com cancelas grandes de madeira ou rede, onde as ovelhas devem estar mais ou menos apertadas.

tarde, entre as 16 e as 18 horas. Durante os meses mais amenos, normalmente, a primeira ordenha varia entre as 4 e as 7 horas da manhã, à tarde, entre as 17 e as 19 horas.

“Quando era às 4 horas da manhã tínhamos que estar de pé, depois íamos para o aprisco, para ordenhar até ao nascer do sol, utilizávamos um candeeiro a petróleo para alumiar e o pitchero para ordenhar” (Ti Augusto “Serraninho”, 72 anos, pastor reideiro, Rosmaninhal).



Fig. 8 - Zebreira. Ordenha, 2006. (foto Valter Vinagre)



Fig. 9 - Zebreira. Ordenha, 2006.

Terminado o ordenho, o leite é coado através de um pano de linho, sobre a boca do pote, para separar as impurezas. Neste recipiente é transportado para a *rouparia* (queijeira). Normalmente este transporte efectua-se duas vezes por dia e a distância a percorrer costuma ser curta. Em algumas ocasiões, quando a quantidade da ordenha da manhã é reduzida, guarda-se o leite até à ordenha da tarde. Efectuadas as devidas lavagens das vasilhas, são depois colocadas a secar sob a extremidade de uma cancela do respectivo bardo.



Fig. 10 - Monsanto. Despejar o leite do *pitchero* para a vasilha, 2006.

As *rouparias* eram no geral muito rudimentares: a grande maioria fazia a transformação do leite em pequenos anexos improvisados, assim como nas tradicionais choças. A arte de queijar perde-se nos tempos, segundo o autor António da Cruz: “Homero na *Iliada* e na *Odisseia* refere-se ao queijo de cabra; a Bíblia diz que no tempo de David se fazia já bastante uso do queijo de ovelha (...) Atribui-se aos Romanos a introdução da arte de queijar entre nós” (1945, p. 55).

Outrora, as queijeiras eram condicionadas pela rotação cultural das terras, acompanhando desta forma os movimentos dos gados pelas pastagens. Isto porque as terras normalmente estavam divididas em três folhas mais ou menos extensas, uma das quais era cultivada e as restantes ficavam em pousio, servindo estas para apascentar os gados, que por sua vez as fertilizavam com o seu estrume. Como o pousio durava cerca de três a cinco anos, conforme a produtividade da terra, a queijeira acompanhava esta rotação.

No geral, a transformação do leite efectuava-se numa casa própria, com duas divisões: uma primeira destinada ao fabrico, englobando todo o material necessário e ainda os objectos do *roupeiro*¹⁸ e uma segunda reservada aos queijos, onde se fazia o enxugo, a salga e sua maturação. Chegada a altura da nova sementeira, a queijeira deixava de laborar e ficava abandonada. Porém, havia grandes proprietários que possuíam para este efeito, uma queijeira em cada folha de cultivo.

No entanto, também eram muitos os pastores que procediam ao labor do queijo nas arcaicas choças. Estas eram essencialmente de estacas, cobertas de giestas e de colmo, com uma única entrada. Variável nas suas dimensões, com o interior térreo, costumava ser dividida em dois pequenos compartimentos por tabique vertical. Um destes espaços estava destinado ao fabrico dos queijos, com os diversos utensílios e a cama do pastor, que ao mesmo tempo era o roupeiro. E no segundo compartimento destinava-se a cura dos queijos.



Fig. 11 - Idanha-a-Nova, Quinta do Valongo.
Antiga queijeira, 2006



Fig. 12 - Zebreira. Interior de uma queijeira, 2006.

¹⁸ Pessoa que faz os queijos.

Relativamente ao próprio processo de transformação do leite, este entra na queijeira e é submetido ao processo de filtração, por intermédio de um pano de linho na abertura do recipiente da coagulação. Estes recipientes são normalmente vasilhas de folha-de-flandres. Relativamente à coagulação, o coalho mais generalizado é o cardo (*Cynara Cardunculus L.*), usando-se de igual modo o “pó” (composto químico) e o *bucho do mamão* ou *coalheira*, que é, essencialmente, o estômago de um chibo em amamentação. Este é extraído do animal, prepara-se e deixa-se suspenso num local seco e arejado, tal como um enchido.

“Antigamente era o bucho dum chibito, deixava-se secar, depois era partido aos bocadinhos e guardava-se numa bolsinha de farrapinho. Depois desfazia-se numa malga de água e deitava-se no lete. Agora já só faço com o pó, dá menos trabalho” (Ti Inês, 62 anos, roupeira, Rosmaninhal).

Quanto ao cardo, no momento da sua floração, durante o mês de Junho, cortam-se os estames da respectiva flor e reservam-se num local seco e arejado para que sequem. Para que este volte a rebentar, é costume cortar-se antes do nascer do sol ou depois do pôr-do-sol. Noutros tempos, os pastores plantavam-no nas proximidades das queijeiras ou em torno da *malhada*. Havia igualmente quem o comercializasse ao longo do ano.

“Corto o cardo em Junho, ao pôr-do-sol. O meu homem corta-o com a tesoura da tosquia, eu é com a tesoura da costura. Depois ponho-o a secar numa cestinha à sombra, demora aí oito dias a secar. Agora já é tudo com o pó ou o liquido, eu não gosto, sabe mal. Uma vez a minha mãe foi a comprar queijo com “coalho” (pó) e não gostou, sabem mal, eu gosto mais do cardo. Quando não tinha cardo, comprava-o, agora já ninguém vende. Uma boa mão cheia era aí a duzentos escudos. A minha mãe comprou sempre cardo, não havia onde ela estava. Antigamente, vendiam cardo nas lojas, eu plantei-o aqui à roda da casa, mas ali ao pé da estrada está lá uma boa fila deles. O cardo se a gente o cortar ao meio arrebeta mais vezes, se o cortarmos por baixo, rente, arrebeta menos. Um bocadinho de cardo dá para uns cinco litros de leite, às vezes ponho cardo a mais, noto porque o queijo fica um bocadinho mais escuro e mais queimoso” (Maria Hermínia, 69 anos, doméstica, Monsanto).

Para cortar os estames da flor utilizam uma tesoura e um prato. À medida que se corta, estes vão caindo para o respectivo prato. Depois de seco, processo que demora cerca de oito dias, está pronto a usar-se. Como normalmente as quantidades são calculadas a olho, avalia-se que cerca de cinco gramas de cardo seja suficiente para cerca de cinco litros de leite. Todavia, convém sublinhar que neste processo de coagulação interferem de igual modo, o grau de pureza do cardo em estreita relação com as diferentes variedades existentes, a época da colheita, a secagem, o acondicionamento, a idade, entre outros inúmeros factores.



Fig. 13 - Cardo (*Cynara Cardunculus L.*), 2005



Fig. 14 - Monsanto. Cortar os estames do cardo para umprato, 2005.

Retomando o processo, depois de seco, o cardo é moído num almofariz ou numa malga (tigela), com um pilão de madeira. Para que o processo de trituração seja mais fácil, junta-se uma pequena quantidade de água conjuntamente com o cardo e tritura-se tudo muito bem. A seguir, coloca-se esta pasta num pano de linho e espreme-se o líquido resultante desta mistura triturada para o recipiente do leite (asado).



Fig. 15 - (A) Medelim. Moer o cardo, 2006.
(Foto Valter Vinagre)



Fig. 16 - (B) Coar o cardo.

Mexe-se com a *fataca*¹⁹ e reserva-se durante aproximadamente cerca de meia hora, tempo que demora o leite a coalhar.

“*A fataca serve para mexer o leite coalhado, mas se a virar ao contrário serve também para mexer a travia, tem duas serventias*” (Isabel Pires, 70 anos, Segura)

É costume, no concelho de Idanha-a-Nova, as mulheres benzerem-se enquanto *afatacam a coalhada* e proferirem:

“*Deus te acrescente as almas do céu para sempre*” ou “*Deus te acrescente quem te fizer mal que arrebente*” (Ti Inês “Mates”, roupeira, Rosmaninhal).

O sinal de indicação de que a coalhada está pronta é dado pela posição firme da *fataca* dentro do recipiente. De seguida, o roupeiro(a), munido da *fataca*, trabalha a divisão da coalhada em bocados assimétricos de tamanho irregular, utilizando para o efeito movimentos rápidos. Segue-se um descanso de alguns minutos, que facilita o afloramento do soro à superfície da coalhada. Este afloramento aumenta à medida que se vai comprimindo a coalhada com as mãos e ajeitá-la para um dos cantos do *asado*, tentando reduzir os bocados maiores.

Despeja-se a coalhada sobre a *francela*²⁰ ou *parreirão*²¹, onde assentam os *acinchos*²². Utiliza-se, no geral, uma pequena malga de barro para distribuir a coalhada nos *acinchos* ou simplesmente as mãos. A coalhada vai passando por entre os dedos do roupeiro(a), com a pressão manual, leve no início e mais acentuada por fim, escoando-se o soro, pelos orifícios do *acincho* e pelo bordo inferior. Deste modo, a massa, à medida que vai perdendo o soro torna-se mais consistente e o volume vai-se reduzindo. Formada e bem comprimida a coalhada no *acincho*, o queijo fica a escorrer em cima da respectiva *francela* algumas horas, até ao ordenho da tarde, se foi feito pela manhã ou até ao ordenho da manhã, se foi feito à tarde. A seguir, procede-se à viragem do *acincho* e o aperto é mais acentuado. Geralmente, atribuem-se os fracassos e os bons resultados à mão do roupeiro(a).

“*A melhor mão para fazer o queijo é a mão fria, a mão quente não presta, encaroça o leite. É como tudo, o pão é igual*” (Ti Zé “Tarzan”, 69 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

¹⁹ Vara de madeira de tamanho variável, com uma rolha de cortiça circular na extremidade: “*afatacar o leite*”.

²⁰ Mesa de forma variável, geralmente em madeira, onde se fazem os queijos.

²¹ Termo utilizado no Rosmaninhal para as *francelas* maiores.

²² Molde em madeira de castanho ou folha-de-flandres, com pequenos orifícios, para fazer os queijos.



Fig. 17 - Penha Garcia. Queijos a escorrer em cima da francela, 2006.



Fig. 18 - Rosmaninhal. Pressionar a coalhada

Concluídos os procedimentos, os queijos adquirem um formato cilíndrico e com consistência própria. O processo seguinte é a salga, que consiste em cobrir com uma porção de sal um dos lados do queijo e depois, passadas algumas horas, o outro. Esta operação varia consoante o tempo e o tamanho da unidade.

Salgado e seco o queijo, passa-se à respectiva cura. O processo inicia-se na *francela*, permanecendo aí nos primeiros dias. Posteriormente, vai para as prateleiras de madeira e aí permanece em tratamento ou cura até ao dia de S. Pedro (29 de Junho). Era costume esta cura ser efectuada no chão, em cima da palha. Durante este tempo no espaço da cura, o roupeiro(a) vai virando-o e lavando-o com leite frio ou soro frio. Por vezes, face à viscosidade que vai libertando, tem mesmo que o raspar.



Fig.19 - Rosmaninhal. Ti Inês, roupeira, 2006.

Relativamente aos processos mais caseiros para o conservar ao longo do ano, estes consistem, basicamente, em impedir que ele seque em demasia e que a sua cura continue. Para tal, costumam untá-lo com azeite e colocá-lo em arcas ou potes de barro em dependências frescas; ou então, mergulham-no completamente num recipiente cheio de azeite. Se, eventualmente, na ocasião da venda se encontra seco ou duro demais, embrulham-no durante dois dias em folhas verdes. Pode-se usar para este fim um invólucro de junco verde ou de giesta.

Na região do concelho de Idanha-a-Nova, conhecem-se duas tipologias principais de queijos: o *queijo à ovelheira* e o *queijo à cabreira*. Segundo António Cruz, estas tipologias caracterizam-se da seguinte forma:

“As denominações de queijo à ovelheira e queijo à cabreira, usadas correntemente em toda a região, englobam a modalidade de aproveitamento do leite. O nome de queijo à ovelheira designa a transformação tírotécnica do leite de ovelha, estreme na grande maioria dos casos, ou, muito raramente, adicionado de pequena quantidade de leite de cabra, e cujo produto toma sempre o nome de queijo de ovelha; a denominação de queijo à cabreira designa a mesma transformação do leite de ovelha, do de cabra, da mistura dos dois e até, muito excepcionalmente, destes com o de vaca, sendo que varia a gama dos produtos obtidos (...) A diferença entre as duas modalidades está ligada a algumas particularidades de feitoria” (1945, pp. 56-57).

Resumindo, as diferenças estão, fundamentalmente, na prensagem em demasia nos *queijos à ovelheira* e da quase ausência de prensagem nos *queijos à cabreira*.

“O queijo à ovelheira tem que se espremer o soro todo. No fim de 70 dias de cura estão prontos a comer” (António Ramos, 82 anos, reformado, Zebreira).

Relativamente aos subprodutos ou derivados, o soro ocupa um lugar de especial destaque na dieta alimentar do pastor. Este, depois de fervido é aproveitado para fazer o tão apreciada *travia* (requeijão).

Contudo, na actualidade já não são muitos os pastores que continuam a ordenhar e a fazer a transformação do leite. As novas regras da União Europeia contribuíram e muito para que muitas destas práticas fossem sendo paulatinamente abandonadas. Hoje, a vasta maioria dos pastores dedica-se quase em exclusivo à criação de borregos para posterior venda. Outros associaram-se à venda do leite diário para produção industrial de queijos e seus derivados.

“Aqui a ordenha é mecânica e o leite vendo-o a um proprietário da Zebreira, ele depois vende-o para a Tolosa (Portalegre)” (Domingos “Panderico”, 63 anos, proprietário, Rosmaninhal).

2.2.1.3 O ciclo da carne: o valor simbólico, a comercialização e a comensalidade em torno dos borregos

Para além do leite, a carne constitui igualmente uma fonte de rendimento de capital importânciã na economia agro-pastoril. Na actualidade, a exploração dos rebanhos está mais orientada para a produção de carne, mediante a venda de borregos e cabritos. A grande maioria dos pastores possui mais ovinos²³ que caprinos. Porém, Orlando Ribeiro, referindo-se aos tempos em que o rebanho constituía quase a única fonte primária do rendimento familiar, destacava a valorização das ovelhas por um lado e das cabras por outro da seguinte forma:

“As funções destes animais são diferentes: a ovelha constitui o capital, em que não se toca, e que, pela sua conservação, vai produzindo riqueza. Assim, só a badana, ovelha velha, de sete ou oito anos, que já não pare nem dá leite, é vendida para o talho. A cabra é, essencialmente, o animal que fornece parte importante da alimentação: a carne e o leite aproveitado directamente, embora também dele se faça queijo” (1995, p. 355).

No entanto, hoje vendem-se mais borregos, pois existem mais ovinos que caprinos. Estes para além de serem vendidos, servem igualmente para consumo próprio, ofertas e pagamentos diversos, tais como rendas, trocas, favores ou promessas.

Nas sociedades agro-pastoris o borrego tem subjacente um precioso valor simbólico. Trata-se sem dúvida de um elemento arcaico, sobrevivente do tempo em que as trocas de viveres imperavam. Resistindo até aos dias de hoje, estas práticas são essencialmente mediadoras no pagamento de favores, coimas ou no retomar e reforçar velhas relações de amizade, vizinhança, etc. O pastor oferece borregos, sem que tenha havido qualquer compromisso prévio, como forma de agradecimento aos proprietários das terras por onde normalmente anda em pastoreio com o rebanho. Trata-se de uma troca simbólica bastante arcaica: pastos por borregos.

“Eu aqui pago os pastos de S. Miguel a S. Miguel (29 de Setembro), para além de lhe pagar em dinheiro, ainda lhe dou dois borregos e dois queijos, quando não tenho queijos, dou-lhe o dinheiro dos queijos” (Ti Augusto “Serraninho”, 72 anos, pastor, Rosmaninhal).

As épocas de maior venda de borregos acontecem sobretudo no Natal, Páscoa e durante o mês de Agosto.

²³ Segundo os dados do Recenseamento Geral da Agricultura de 1999, no concelho de Idanha-a-Nova registaram-se 87 954 ovinos e 7 679 caprinos.

“A gente faz para ter os borregos cedo, que é para na altura do Natal poder vende-los, é quando o preço sobe. Passando esta altura, o preço vai logo para baixo, já nem os procuram. Na Páscoa ainda sobe um bocadinho e durante o mês de Agosto também” (João Chambino “Carrapato”, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

Já os chibos, face à apreciação das qualidades da sua carne, são mais valorizados economicamente, vendem-se ao longo de todo o ano.

“As cabras andam sempre a cobrir. O preço do chibo compensa todo o ano, já o borrego não. O chibo é a 1200 escudos o quilo” (Ti Augusto “Serraninho”, 72 anos, pastor, Rosmaninhal).



Fig. 20 - Rosmaninhal, Monte de S. Domingos.
Parte da *borregada* para venda, 2005.

Actualmente, cada pastor tem um ou vários negociantes mais ou menos certos que em todas as épocas de venda aparecem para negociar. Exactamente por este facto, a probabilidade de entendimento em torno da oscilação do preço de cada época não varia muito. Contudo, não deixam de regatear o preço e todas as razões são válidas para aumentar o preço de venda. Neste sentido, o pastor é obrigado a estar constantemente atento aos preços praticados, essa informação é obtida junto de outros pastores. Constituindo-se através destes uma espécie de rede de informação diversa – preços, negócios, doenças, pragas, curas, roubos, etc – de capital importância para que este se mantenha actualizado.

Estes negócios de venda de borregos junto dos respectivos negociantes ambulantes comportam, no geral, duas modalidades de venda, *a olho* ou *a peso*. *A olho*, o comerciante oferece um preço e dispensa a pesagem. *A peso*, o preço já é negociado mediante a pesagem. Todavia, dentro desta modalidade de pesagem, o negócio pode ainda ser efectuado *a peso*

morto, ou seja, a pesagem é efectuada apenas depois do borrego ser morto e devidamente limpo no respectivo matadouro.

“Este ano foi tudo a olho, foi tudo a varrer a 35 euros cada. No ano passado vendi-os a peso a 900 escudos o quilo, este ano foi o primeiro que vendi a olho” (Luís “Zarolho”, 38 anos, proprietário, Zebreira).

A pesagem no local reveste-se de um conjunto de singularidades que vale a pena elucidar: os borregos são pesados numa balança romana, presos pelas patas dianteiras, em números variáveis que podem ir até dez.

“Quando são vendidos a peso, são pesados numa balança romana, aos dez de cada vez” (João Chambino “Carrapato”, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).



Fig. 21 - Zebreira. Pesagem dos borregos na balança romana, 2007.

A idade dos borregos na altura da venda, varia entre um mês a três meses, embora os negociantes optem sempre pelos mais novos, pois a carne é mais apreciada.

“Os meus borregos quando os vendi, havia aqui borregos de 15 dias. Agora querem os borregos pequeninos, não querem borregos grandes. Tenho aqui borregos grandes que me vão a render menos dinheiro que aqueles do Natal” (Ti Inês “Mates”, 67 anos, Rosmaninhal).

Geralmente, a preferência da venda recai sobre os machos, pois as melhores fêmeas ficam para colmatar as eventuais perdas, substituir as mais velhas e se houver necessidade,

aumentar o rebanho. Digamos que as borregas se constituem como uma espécie de seguro contra todos os riscos.

“Às borregas que ficam a gente chame-lhes borregas de semente, são as que ficam para aumentar o rebanho ou para substituir as badanas (ovelha velha). Os borregos são todos vendidos aos comerciantes” (Manuel Pintado, 55 anos, proprietário, Zebreira).

Por outro lado, o borrego participa de igual modo nas inúmeras dádivas que interferem nas dinâmicas do ciclo ritual e festivo annual da região. Em relação às dádivas que medeiam o sagrado, grande parte destas correspondem ao pagamento de promessas. A romaria da N. Senhora do Almortão, enquanto festividade de maior relevância no concelho, inscreve-se dentro desta dinâmica de dádivas²⁴ entre os crentes e a divindade.

“Os pastores davam um borrego à Senhora do Almortão ou um cabrito para pagar promessas, é uma devoção do nosso espírito” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova)

A festa de S. João na aldeia do Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) é outra das festividades onde a oferta de gado, nomeadamente *badanas* (ovelhas velhas), da parte dos pastores, ganha contornos notáveis e estruturantes. A título de exemplo, no ano de 2005, nesta mesma festividade, de acordo com um dos ajudantes, mataram-se 24 *badanas*, incluindo alguns carneiros, tudo gado oferecido por pastores.



Fig. 22 - (A) Rosmaninhal. *Badanas* por esquarterar, 2006



Fig. 23 - (B) Homens a esquarterar.

²⁴ Nos livros da Confraria da Senhora do Almortão constam inúmeras referências a estas dádivas de borregos. Ainda hoje persiste este arcaico costume de proprietários de gados e agricultores oferecerem borregos à respectiva Confraria. Com estas dádivas efectuava-se o aclamado “ramo dos borregos”, sobre o qual António Cantana cita o seguinte: “(...) o ramo dos borregos, após a recolha dos mordomos, de propriedade em propriedade, oferta de agricultores e pastores (...)”. Ainda sobre o dito ramo, o mesmo autor cita um parágrafo de um jornal local do ano de 1866, o seguinte: “(...) e o ramo da Senhora compõe-se de cordeiros, requeijões, etc.” (2007, p. 16).

Como esta festividade se inscreve nas denominadas celebrações que comportam prestações alimentares, estas dádivas de carne tornam-se assim no complemento principal para se fazer a respectiva refeição ritual que por sua vez será oferecida aos habitantes locais, assim como aos eventuais forasteiros.

Enquadrados nestas festividades com prestações alimentares rituais estão igualmente os Bodos de Monfortinho e de Salvaterra do Extremo. Em suma, como vimos, ao ciclo festivo anual estão associadas formas específicas de comensalidade bastante antigas, que por sua vez, estão intimamente relacionadas com a actividade da pastorícia.



Fig. 24 - Monfortinho. Bodo da N. Sª da Consolação, 2006



Fig. 25 - Salvaterra do Extremo. Bodo da N. Sª da Consolação, 2006.

2.2.1.4 A Pele: usos tradicionais

Desde os primórdios da Humanidade que o homem usou a pele dos animais selvagens que capturava, utilizando-a fundamentalmente como agasalho. Posteriormente, com a domesticação dos animais e com a descoberta da agricultura, o Homem foi aperfeiçoando as suas técnicas e estendeu a sua utilização aos mais diversos domínios, do vestuário aos objectos quotidianos, da arte pastoril aos instrumentos musicais relacionados com o ciclo pastoril. Os pastores, como últimos detentores de um modo de vida semi-nómada, intimamente ligado ao meio natural e ao mundo animal, conservam deste modo, todo um conhecimento relacionado com o aproveitamento da pele dos animais, em particular das ovelhas e cabras. Porém, à medida que foram aparecendo os novos materiais sintéticos, esta utilização das peles foi perdendo alguma da sua ancestral funcionalidade. Nos dias de hoje, já se torna raro encontrar alguém que ao matar um destes animais, guarde a sua respectiva pele

para um futuro aproveitamento ou até mesmo comercialização. Ainda mais singular é encontrar alguém, entre os pastores, que proceda à curtição de peles para fins comerciais.

“Antigamente quem matasse um animal tinha direito à pele. Lembro-me de um peleiro de Abrantes que aparecia aqui de vez em quando a comprar peles. Agora aventam-nas, já não lhe dão valor nenhum” (Albano Quaresma “Jerolminho”, 85 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

“Agora já ninguém quer samarras de cabra, antigamente cheguei a vende-las a um conto de reis” (João Pequeno, 64 anos, pastor, Zebreira).

O processo de curtição das peles encerra todo um conjunto de saberes-fazer únicos que normalmente os pastores adquirem. Ao processo de tratamento da pele, nomeadamente a limpeza da gordura que está anexa à parte inferior da pele (*flor da pele*), o pastor denomina “sovar”. As peles podem ainda ser *peladas*: tiragem completa do pelo ou da lã adjacente.

“Sover as samarras dava muito trabalho, primeiro lavava-se a pele com água no rebero, depois sovavam-se muito bem até enxuguer, botava-se-lhe sal e deixava-se a secar à sombra, até ficar macia” (Ti Abel Russo, 98 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

“As peles ficavam na água de molho, no outro dia era sovada com uma pedra ou com as mãos e depois deixava-se a enxugar” (Albano Quaresma “Jerolminho”, 85 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

“Eu quando matava uma ovelha ou uma cabra, tirava-lhe a pele e enterrava-a uns dias, a gente experimentava quando já estivesse capaz, quando já não deita-se cheiro. Depois era desenterrada, lavadinha no rebero, bem sovada com uma pedra hume até ficar branquinha, depois esticava-se, botava-se sal e deixava-se ficar uns dias, até que estivesse curada” (Ti Zé “Fajajeco”, 82 anos, pastor reformado, Medelim).



Fig. 26 - Rosmaninhal. Secagem de uma pele de borrego, Ti Albano, 2006.

As peles tinham inúmeras aplicações: da pele de cabra faziam-se *sarrões*²⁵, odres usados para o transporte do vinho, aventais para os ferreiros, foles, *samarras*²⁶, arreios, cintas e atilhos. Já a pele de ovelha servia essencialmente para fazer bandoleiras, *safões*²⁷, boinas, mantas para a cama, entre outras peças de vestuário.

“Eu tinha um sarrão de pele de cabra que trazia às costas, podia chover que não entrava água. O sarrão não é qualquer um que o sabe fazer, é preciso saber tirar a pele completa. Os sarrões de pele de ovelha não prestam, se chover molham-se todos, os melhores são os de cabra” (João Pequeno, 64 anos, pastor, Zebreira).

“Antigamente as mulheres pediam muitas samarras de ovelha para pôr nas camas dos garotos, para não urinarem nos lençóis e na enxerga. A Guarda-fiscal também usava uma samarra de ovelha, eles andavam a guardar o contrabando e tinham que dormir no campo, usavam a pele de ovelha para fazerem a cama. A gente também usava uma samarra nas costas para mudar o bardo, tínhamos que o mudar todos os dias, quer fosse Inverno ou Verão” (Ti Zé “Fajajeco”, 82 anos, pastor reformado, Medelim).

Neste domínio da arte de trabalhar as peles, o Ti Abel Russo, com 98 anos, pastor reformado, era considerado na região do Rosmaninhal, como o melhor artesão:

“Não havia aqui ninguém que me ganhasse, eu fazia de tudo, safões, bandoleiras com bolsinhos para pôr o tabaco e o denhero, sarrões, boinas de pele de ovelha, pele de coelho, também com um bolsinho para esconder o denhero. Aprendi sozinho, comecei a fazer quando me casei, tinha um molderezinho para fazer as bandoleiras e as boinas. Os safões eram feitos da samarra de ovelha ou de cabra, mas a de ovelha era melhor que a de cabra era mais quentinha. Os pastores que não sabiam fazer, vinham a ter comigo e pediam-me que lhes fizesse uma bandoleira, uma boina ou uns safões, pagavam-me com uma ovelha ou um borrego, era o denhero que tinham, ganhavam muito poço, vinte e cinco tostões. Vou-lhe aqui a contar uma, uma vez cozi uma presilha na mala da escola do meu filho e pus-lhe uma correia para levar a tiracolo, igual às bandoleiras. Ele na escola, em vez de escrever o seu nome, António Antunes Folgado, escreveu, António da Bandoleira. O professor mandou chamar a minha mulher e perguntou-lhe como é que se chamava o filho, ela lá disse o nome dele, mas o professor disse-lhe que não, que o filho se chamava António da Bandoleira, trazia uma mala parecida com uma bandoleira, deu-lhe para escrever aquilo” (Ti Abel Russo, 98 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

²⁵ Saco feito com a pele completa de um cabrito ou borrego, cozida com atilhos de pele de cabra no sentido longitudinal. O bordo superior fica aberto para poder guardar no seu interior os diversos pertences que acompanham o pastor no seu labor diário.

²⁶ Protecção à base de pele curtida de cabra ou ovelha que, na região posterior do corpo, vai do pescoço até meio da coxa. É guarnecida por atilhos, que prendem na face anterior. Usa-se na mudança do bardo.

²⁷ Protecção à base de pele de ovelha adaptável às pernas. Serve de protecção ao frio e à chuva.



Fig. 27 - Rosmaninhal. Ti Abel Russo, antigo artesão de peles, 2006.

Para além destas peles de ovelha e de cabra, outras eram igualmente utilizadas, como por exemplo as de alguns animais selvagens que amiúde os pastores caçavam – lobos, coelhos, lebres, raposas, etc. Destas, a utilização inseria-se mais na categoria de adorno ou até mesmo como “fetiche” decorativo nas suas próprias casas. Os pastores utilizavam ainda a pele de cão para fazer o *curriol*²⁸, ou seja, desta pele faziam uma espécie de linha que servia para cozer diversos utensílios. Segundo eles, a pele de cão, pelas suas qualidades de resistência notáveis, eram as melhores para este efeito.

“Era com o curriol que cozia as coleiras. Eu dantes preparava as peles e tudo. Podia ser de cão ou de ovelha ou de cabra, era conforme, mas as de cão eram as melhores, eram mais resistentes” (Jerónimo, pastor reformado, Alcafozes).



Fig 28 - (A) Alcafozes. Cortar uma fracção de pele de cão para fazer o curriol, 2008.



Fig. 29 - (B) Curriol.

Paralelamente a estas aplicações práticas, as peles, exerceram igualmente uma influência capital nos domínios da música tradicional dos povos, designadamente no campo dos instrumentos musicais ligados ao ciclo pastoril. Neste contexto, um dos instrumentos mais difundido e enraizado na identidade das gentes do concelho de Idanha-a-Nova ou até mesmo

²⁸ Termo dado à pele de ovelha, cabra ou de cão curtida, que servia para cozer as coleiras dos chocalhos, entre outras aplicações.

no distrito de Castelo Branco, encaixa-se nesta categoria: trata-se do adufe ou pandeiro. É um instrumento que pertence à categoria dos membrafones, designado especificamente por pandeiro bimenbranofone quadrangular e foi introduzido pelos árabes na Península Ibérica entre os séculos VIII e XII. Na actualidade, encontra-se essencialmente concentrado no centro-leste de Portugal, designadamente no distrito de Castelo Branco. Trata-se de um instrumento musical elaborado a partir das peles de ovelha ou cabra, cozidas entre si e esticadas sob uma armação de madeira, no seu interior são colocadas sementes, grãos de milho, guizos, latas ou pequenas soalhas a fim de produzir uma sonoridade tão singular.

“Era tudo feito com pele de ovelha, agora o Zé Carral já tem um bidon com um liquido, o mê avô fazia uma poça no chão e enterrava a samarra, cobri-a de terra depois punha-lhe uma canela por cima e umas pedras e umas pedras por causa dos cães não lhes darem o faro e arrancavam-nas. Eu tinha três tias, com a minha mãe quatro, o mê avô fez um adufe para cada uma e de quina a quina, fazia-lhe um cruzamento e punha-lhe guizos. A pele era enterrada para lhe arrancar a lâ depois era sovada, esticada e posta a secar. A minha nora também faz adufes, mas já aprendeu agora. Na Idanha só fazia adufes os Papanas, depois é que o Zé começou a fazer” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado).

É tocado quase na exclusividade por mulheres que acompanham toda a dimensão ritualista das diversas festividades raianas.



Fig. 30 - Rosmaninhal, Romaria da Santa Madalena. Grupo de mulheres a tocar adufe, 2007



Fig. 31 - Idanha-a-Nova. Adufes de Zé Relvas, um dos mais conceituados artesãos, 2008.

Um outro instrumento ligado ao ciclo pastoril e também bastante difundido na região é a sarronca ou zamburra. Trata-se igualmente de um instrumento da categoria dos membranofones, designadamente membrafone de ficção, que é composto por um reservatório, geralmente uma bilha de barro, que serve de caixa de ressonância, cuja boca é tapada com uma pele de ovelha ou cabra, esticada que vibra quando friccionada com um pau preso numa das extremidades.



Fig. 32 - Gravura representativa de uma adufeira e de um tocador de sarronca ou zamburra (Jaime Lopes Dias, Etnografia da Beira)

2.2.1.5 O ciclo da lã

A lã constitui desde os meados do século XVII um elemento de vulto no desenvolvimento das indústrias têxteis da Beira Baixa. Ao contrário dos dias de hoje, o interesse da exploração ovina centrava-se igualmente na produção de lã destinada a abastecer as indústrias de lanifícios da Covilhã, Guarda, Fundão, Castelo Branco e Alcains.

O concelho de Idanha-a-Nova reunia, deste modo, a fama de possuir raças de ovinos de boa qualidade lanígera. Relativamente às raças existentes no concelho, Jaime Lopes Dias assinala o seguinte:

“Há várias raças de ovinos na nossa província (...) regista-se que os lavradores distinguem correntemente três: churras, fina e entrefina. A churra, pouco corpulenta, mas muito resistente ao clima, de lã comprida e fraca; a fina, maior, menos resistente, mais exigente na alimentação e de lã sedosa e encarapinhada; e a entrefina, produto do cruzamento das duas anteriores (...) porém um distinto veterinário classificou os arietinos do distrito de Castelo Branco em merinos e bordaleiros, subdividindo estes em: comuns, feltrosos e churros” (1991, pp. 170-171).

Segundo o consenso geral, a raça que produz a melhor lã é o merino, pelo facto de ser uma lã branca, muito fina, frisada, extensa e toçada, com madeixas quadradas ou cilíndricas. Este tipo de gado lanígero foi deste modo difundindo-se pelo concelho, conjuntamente com outras raças através de algumas campanhas de promoção: a designada “merinização”. Nas áreas serranas ocorreu o mesmo, mas aqui os merinos não se adaptaram aos rigores do clima montanhoso, sendo circunscritos à região raiana e para o Alentejo. Daí que a indústria de lanifícios tivesse que recorrer sistematicamente à importação de lã a partir das áreas referidas. Por outro lado, a raça churra serviu durante séculos a produção artesanal e industrial de cobertores e tapetes. Já as finas lãs merinas destinavam-se essencialmente à indústria de panos e tecidos de melhor qualidade.

2.2.1.5.1 A campanha das tosquias

O gado lanígero é tosquiado uma vez em cada ano e efectua-se fundamentalmente entre o mês de Abril e Maio. Este período depende sobretudo das condições climáticas que se fizerem sentir no início da primavera, tal como assinala Jaime L. Dias:

“O começo da tosquia depende do verão vir mais serôdio ou mais temporão. Nas faldas da serra da Estrela e na Cova da Beira não começa ela, geralmente, antes do Santo António, e no Campo em fins de Maio ou começo de Junho. Tosquia-se em toda a província logo que as ovelhas começam a suar no bardo” (1991, p. 172).

A tosquia depende deste modo da aproximação da época mais quente do ano. Se, eventualmente, as temperaturas subirem significativamente em meados de Abril até início de Maio, começa-se a tosquiar por esta altura; se, por acaso, suceder o contrário, a tosquia efectua-se apenas em meados de Junho. De um modo geral, é feita uma vez por ano, no começo da estação seca, evitando-se assim o aparecimento de doenças pela exposição dos animais à chuva. A tosquia é higiénica porque defende a saúde do animal, pois alivia-o da lã que, caso não fosse cortada, tornava-se um constrangimento durante o tempo mais quente e, por sua vez, para além das doenças que lhe poderiam causar, dificultar-lhe-ia a deslocação.

Contudo, como vimos, o interesse principal da tosquia era assumidamente o aproveitamento da lã para ser aplicada em artigos de utilidade para o homem: tecidos, cobertores, fazendas, etc. Esta tosquia é geralmente total, ficando o animal completamente despido do seu velo. Existe ainda a tosquia parcial, para “*rabejamento*”²⁹ nas ovelhas dos “*alavões*”. Mas esta tem apenas fins higiénicos, pois faz-se unicamente para a ordenha ser efectuada com mais facilidade e asseio.

Por outro lado, também era prática comum, os pastores efectuarem tosquias parciais nos animais que iam ser negociados nas feiras, cortando-lhes a lã em várias alturas e formando mesmo desenhos lavrados na lã, tornando-os mais vistosos.

Ainda há muito pouco tempo os numerosos rebanhos eram apenas tosquiados com base na tradicional tesoura de tosquiar. Formavam-se grupos de tosquiadores (*camaradas*) para fazer a campanha da tosquia, chefiados geralmente pelo mais velho ou pelo mais experiente, designado de *menageiro*.

“Comecei aos 11 anos a aprender a tosquiar, o meu pai era o menageiro, foi ele que me ensinou essa vida. Depois continuei com essa vida, a de menageiro, ele largou a tosquia e foi para encarregado de uma casa rica” (Ti Zé Amaral, 92 anos, menageiro reformado, Monsanto).

²⁹ Tipo de tosquia que se efectua em torno das tetas e do rabo para facilitar as ordenha assim como as cobrições.



Fig. 33 - Monsanto. Ti Zé Amaral, antigo menageiro das tosquias, 2006.

As tosquias eram realizadas através de processos muito rudimentares, desconhecendo-se muitos dos requisitos necessários para a valorização dos velos³⁰. Em qualquer lugar se improvisava um “*tendal*”, muitas vezes em cima de pisos impróprios para a prática da tosquia: pisos térreos, húmidos e sujos. Em alguns casos, tinham o costume de fazer suar os animais antes de serem tosquiados, obrigando-os a passar por cima dos alqueives para que os velos ficassem bem sujos de pó e terra e, deste modo, ficassem mais pesados, para valorizar mais o negócio. Também era prática comum os animais pernoitarem próximo dos rios e ribeiros para que a lã ganhasse humidade e depois passavam pelos alqueives, para que a poeira, conjuntamente com a humidade, aumentassem o respectivo peso do velo. De igual modo era usual deixarem os carros de vacas carregados com os velos da lã tosquiada próximo dos cursos de água para ganharem humidade e deste modo pesarem mais e logo tornarem-se mais lucrativos.

“Antigamente tosquiavam pelo S. João e andavam nas orvalhadas e depois metiam os rebanhos nos alqueives e assim pesavam mais, havia muita gente a enganar. Pois quando mais pesava mais ganhavam. Nós apalpávamos a lã e víamos se estava molhada, se estivesse mandávamos pô-la um bocado ao sol” (José Pires Freire, industrial de cobertores de papa, Maçainhas).

Os animais doentes eram tosquiados juntamente com os sãos e não havia o cuidado de fazer qualquer tipo de selecção, segundo a qualidade de cada velo. Os animais de velos brancos e velos pretos eram muitas vezes tosquiados em conjunto, daí que as lãs aparecessem frequentemente misturadas: velos brancos com fibras pretas e velos pretos com fibras brancas. Muitas vezes, os animais apareciam molhados na manhã da tosquia, ou pelo facto de ter chovido ou por terem apanhado as orvalhadas da manhã. Não havia a preocupação de os

³⁰ O velo é o conjunto da lã que cobre o corpo do ovino, no todo ou em parte. Cada velo pesa cerca de três a quatro quilos de lã.

deixar secar, eram tosquiados tal como tinham chegado. Também não havia a mínima noção da conveniência de separação entre velos, os *apartes*³¹ e as *rabejas*³². O velo era frequentemente partido em dois ou até mesmo em quatro partes e torcido como uma corda, colocando no seu interior todos os *apartes*.

No geral, são estes maus procedimentos que desvalorizam sistematicamente as lãs nacionais e que irão fazer com que, a partir de 1940, se implemente toda uma política de valorização das lãs nacionais, no sentido de modificar, profundamente, este sector lanar. Para tal, iniciou-se em Portugal a designada Campanha das Tosquias, que teve como objectivos, não só alertar os lavradores para a importância que as boas normas de execução desta operação tecnológica tinham para a possibilidade de valorização das lãs nacionais, também preparar devidamente os trabalhadores rurais que, na época própria, percorriam o país a realizar este labor tradicional.

Nesta conformidade, efectuaram-se diversos estudos no sentido de se verificar quais os melhores métodos que se podiam colocar em prática. A Junta Nacional de Produtos Pecuários (JNPP) organizou e formou brigadas técnicas, para as práticas da tosquia que, por sua vez, actuariam nas principais regiões produtoras de lãs finas: distritos de Beja, Évora, Portalegre, Setúbal, Lisboa, Castelo Branco e Coimbra.

Depois de um período de ensaios e experiências da primeira campanha feita, a JNPP determinou que o processo que melhor se adaptava à tosquia e ao enrolamento dos velos devia ser o seguinte:

“Depois do animal apernado, o tosquiador deverá começar por “rabejá-lo”, isto é, tosquiar-lhe as partes empastadas que se encontram principalmente em volta dos testículos, mamas e bordo posterior das coxas. Esta operação era já feita nos rebanhos de alavão, antes da época normal das tosquias, com o fim de se fazer melhor a ordenha das ovelhas. Em seguida deverá tosquiar-se à parte a lã da cabeça, patas, barriga e parte inferior do pescoço, mas somente quando se verifique a existência de muito pelo morto nestas regiões. Todas estas porções devem ser separadas em dois montes, à medida que vão sendo tosquiadas. O da lã empastada constitui as chamadas “chocas” ou “rabejas” e o das cabeças, patas e barrigas forma o monte dos apartes.

Quando não se tiver seguido a orientação de tosquiar separadamente as lãs das regiões atrás indicadas, é indispensável separar estas porções da restante parte dos velos” (Heitor, 1946:30).

Relativamente à orientação que mais convinha adoptar no corte, determinou-se o seguinte:

“Partia-se da parte inferior do antebraço esquerdo, seguindo a goteira da jugular do mesmo lado. Tosquiando as partes laterais do pescoço, seguia-se depois a linha média abdominal, separando-se para um e para outro lado a lã de todas as outras regiões até à cauda, o que permite destacar o velo do corpo do animal. Depois de tosquiado, estende-se o velo com a

³¹ Partes da lã da cabeça, barbela, patas e barriga.

³² Partes da lã dos testículos, tetas, bordo posterior das coxas e rabo.

“flor” (face do corte) voltada para o pavimento onde vai ser enrolado, para o que deve aconchegar-se cuidadosamente a lâ para se unirem as madeixas de todo o velo e ser mais fácil o seu enrolamento. Para isso, dobra-se uma das partes laterais e depois a outra, de modo a que o velo fique reduzido a uma tira de palmo e meio de largura, aproximadamente. Nesta altura começa-se a enrolá-lo, tendo o cuidado de o deixar fofo e elástico. Da lâ do pescoço faz-se uma corda que servirá de atilho ao velo. É aconselhável executar estas tarefas em cima de um estrado bastante limpo.

Verificou-se que, na prática, devido à falta de cuidado ao fazer a corda, muitas fibras da região da espádua eram torcidas juntamente com as do pescoço, o que muito prejudicava a lâ de melhor categoria do velo. Houve, então, que modificar o método, pelo que se aconselha fazer o atado com a lâ de uma das coxas, quando não houver a certeza de conseguir o cuidado necessário para que só as lâs do pescoço sejam utilizadas na formação” (Heitor, 1946: 30-31)

Para este efeito, organizaram-se igualmente escolas de tosquiadores por todo o país. Nelas os tosquiadores receberam a respectiva instrução, especialmente, os *menageiros* da tosquia, por serem estes os cabecilhas dos grupos. Os *menageiros* foram deste modo convidados a tirar o curso de tosquiador manual.

“Fui com outros homens que também eram *menageiros* a tirar o curso de tosquia. Só iam os *menageiros*. Mandavam uma carta para nós irmos a tirar o curso. Ganhava o meu ordenado, mas tinha que levar o comer. Íamos para Castelo de Vide, Povoia de Meada, só a tirar cursos de tosquia. No fim passavam-nos uma carta de tosquiador profissional, só os *menageiros* é que tinham este cartão. Lá ensinavam-nos a não repassar o corte da lâ, o corte tinha que ser certo, não fazer desenhos nem lavrados no corpo do animal, a separar bem os *apartes* e as *rabejas*” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo *menageiro*, Monsanto).

Para além das técnicas da tosquia e dos cuidados a ter, o *menageiro* tinha igualmente que conhecer muito bem as diversas partes do corpo do animal, pois a lâ é diferente em cada uma delas. Na espádua, por exemplo, é mais fina do que na garupa. Neste sentido, o manual “Cartilha da Tosquia”³³ descreve detalhadamente cada parte do corpo da seguinte maneira:

“O corpo divide-se em cabeça, tronco e membros. A cabeça, para efeito da tosquia, constitui uma só parte. O tronco divide-se em quatro faces e duas extremidades. A face superior abrange o pescoço, cernelha, dorso e garupa. A face inferior consta de cilhadoiro e ventre. As faces laterais dividem-se em costado, flanco e virilha. A extremidade anterior abrange o peitoral e o sovaco. A extremidade posterior compreende a cauda, o ânus, o períneo e os órgãos genitais. Os membros dividem-se em anteriores e posteriores. Os anteriores são formados pela espádua, braço, antebraço e joelho. Os posteriores compreendem: coxa, nádega, perna e curvilhão. Os nomes das regiões comuns aos dois membros são: canela, boleto, quartela, coroa e unha. À parte inferior dos membros dá-se genericamente o nome de “cabo” (1968, pp. 15-16).

³³ Manual da tosquia distribuído pela Junta Nacional de Produtos Pecuários.

Objectos de Pastor

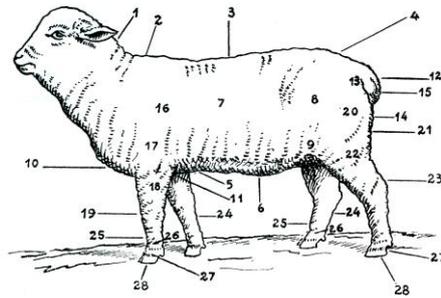


Fig. 4 — REGIÕES DO CORPO DO OVINO

1 — Pescoço	15 — Órgãos genitais (fêmeas)
2 — Cernelha	16 — Espádua
3 — Dorso	17 — Braço
4 — Garupa	18 — Antebraço
5 — Ombro	19 — Joelho
6 — Ventre	20 — Coxa
7 — Costado	21 — Nádega
8 — Flanco	22 — Perna
9 — Virilha	23 — Carvelhão
10 — Peitoral	24 — Canela
11 — Sotavento	25 — Boleto
12 — Cauda	26 — Quartela
13 — Ânus	27 — Coroa
14 — Períneo	28 — Unha

Fig. 34 — Gravura ilustrativa das várias componentes do corpo do ovino (*Cartilha da Tosquia Mecânica*, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Ministério da Economia — Secretaria de Estado do Comercio, p. 6)

Para ficarmos com uma ideia da dinâmica destes cursos, segundo o Boletim Pecuário nº1 de 1970, “levaram-se a efeito, no decurso dos últimos decénios, 157 cursos de tosquia que foram frequentados por 8540 tosquiadores e foram concedidos cartões de aptidão aos aprovados nos cursos”. Refere ainda alguns dos locais onde se efectuaram a maioria destes cursos: Moura, Aljustrel, Beja, Gáfete, Mértola, Penilhos, Évora, Loures, Serpa, Sousel, Ponte de Sôr, Lagares da Beira, Coimbra, Oliveira do Hospital e Castelo Branco.

2.2.1.5.2 O *menageiro*, a tosquia e os tosquiadores

O *menageiro* para além de iniciar a tosquia e de, por vezes, enrolar e atar os velos, tinha ainda a seguinte missão: tratar dos contratos, da disciplina, dos pagamentos, da admissão dos aprendizes e da aplicação de multas, não recebendo nada pelo exercício do cargo. Normalmente faziam a campanha da tosquia a meias. Cabia igualmente ao *menageiro* a divisão do dinheiro.

“Quando era a hora de almoço ou a hora de soltar, era eu que mandava. Era tudo a meias. Trabalhávamos de sol a sol, pagavam a vinte e cinco tostões por cabeça, só depois é que passou para quatro escudos. O pagamento era feito só no final da campanha, tosquiávamos às mil e tal e duas mil reses” (Ti Zê Manteigas, 70 anos, pastor, Monsanto).

A tosquia inicia-se ao nascer do sol e é efectuada à sombra, porque a lã que está junto da pele do animal, designada de lã interior, é de tal forma branca que, se fosse cortada e exposta directamente ao sol feriria a vista dos tosquiadores. O gado é deste modo metido em cabanais, palheiros ou simplesmente debaixo de um eventual telheiro para, a seguir, ser *apernado* pelo *apernador*³⁴. Geralmente, esta função cabia ao pastor, criado ou jornaleiro, que consistia em agarrar a ovelha, juntar-lhe as quatro patas com alguma perícia e, munido de uma corda, atá-las de uma forma segura e firme.

“A rês tem que ser muito bem apernada, o segredo está em passar a corda no meio das unhas da rês e dar um nó. A pata traseira fica aparelhada com a dianteira, depois puxa-se numa ponta e desaperna-se logo o animal. Também uso uma correia de uma câmara-de-ar (borracha), os espanhóis é só o que usam, aquilo é bom, não faz doer tanto as patas das reses” (Ti Domingos, 69 anos, tosquiador, Monsanto).

Apernado o animal, iniciam-se os respectivos procedimentos para principiar a dita tosquia. Jaime L. Dias descreve do seguinte modo estes preparativos:

“Varrido e regado o chão, para que a lã não abata, e estendidos os tendais para que se lhe não agarre a terra do pavimento, arrumados em seu lugar todos os atafícios necessários e abarcadas as tesouras nas mãos dos tosquiadores, o menageiro diz: ‘Pelas almas’ e todos os tosquiadores se persignam e rezam, em silêncio, o Pai-Nosso. Descalços ou com os pés metidos em velhas alparcatas, todos de fato ensebado pelo óleo que resuma da pele dos ovinos, curvam-se sobre estes e dão início ao tic-tic-tic, que dura todo o santo dia e só termina à hora das refeições, ou ao fim da tarde, à voz de tombe, do menageiro” (1991, pp. 172-173).

Desta forma, começava a destreza do manejar e tinir cadenciado das tesouras sobre a lã das reses, que *apernadas* e silenciosas denunciavam no olhar uma certa satisfação de alívio, pelo respectivo corte do velo. Segundo a *Cartilha do Tosquiador* a tosquia à tesoura divide-se em quatro fases:

“Na primeira fase, depois da ovelha estar apernada, o tosquiador começa em primeiro lugar a fazer o rebejamento (retirar as chocas ou rabejas), e marcar à tesoura os limites da barriga, com três a quatro cortes (lavouras) para cada um dos lados. Em seguida, inicia o corte do velo abrindo uma passagem ao longo da juguleira esquerda, começando no peitoral e terminando na fauce. Aberto assim o velo, tosquia o pescoço de um lado a outro, até à cernelha. Numa segunda fase, segura com as pernas a cabeça e as patas do animal, tosquia o braço, espádua, dorso, costado, lombo e flancos até às ancas, devendo fazer o possível por levar o corte de seguida, sem interromper, de um lado ao outro do corpo do animal (de um costado ao outro). Assim o velo irá caindo lentamente e sem se partir. Na terceira fase, com o animal deitado para um dos lados, tosquia-se-lhe o membro posterior do lado oposto. Procede-se da mesma forma para tosquiar o outro. Com a tosquia dos membros posteriores, o velo deve ficar completamente separado.

³⁴ Pessoa que aperna (ata, prende) as patas das ovelhas.

Nesta altura, desvia-se o animal para que, ao ser desapernado, não esfarrape o velo e para que não venha a sujar-se com a lã a cortar na fase seguinte. Nesta quarta e última fase, tosquia-se a cabeça, e, com o animal já desapernado, tosquia-se-lhe também a barriga e limpam-se-lhe os cabos” (1969, pp. 41-42).

O *menageiro* Ti Zé Amaral confirmou parte desses ensinamentos da Cartilha, ao sintetizar da seguinte forma o seu método de tosquiar:

“Em primeiro lugar tosquam-se as rabejas, depois começa-se pela perna direita, passa-se para a perna esquerda, depois tombava o animal e cortava a parte toda até à barriga, depois voltava e cortava até chegar à cabeça. A ovelha era desapernada para se poder tosquiar a barriga, as pernas e a cabeça” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

Tal como atrás foi referido cabia ao *menageiro* apernar a primeira ovelha. Do mesmo modo, nenhum tosquiador podia largar a ovelha na primeira volta, isto é, durante a tosquia da primeira rês, sem que o menageiro soltasse a sua; nem fumar sem que tivessem tosquiado pelo menos três ovelhas. Relativamente a algumas distrações lúdicas que normalmente ocorriam enquanto tosquiavam, Jaime L. Dias divulga as seguintes:

“Os tosquiadores trabalham muitas vezes a cantar *modas* locais, e não raro improvisam quadras a pedir tabaco ou vinho aos patrões, quando estes os visitam:

*Da cabeça até ao rabo
Tosquiamos a borregada,
Nosso amo é bom homem
Vai-nos dar uma cigarrada*

*A tosquiar ovelhas
Vida nova começamos,
Papel, tabaco e lume
À custa de nossos amos” (1991, p.173).*

A presença do patrão motivava deste modo alguns pedidos extra. Nos Toulões, por exemplo, os tosquiadores tinham o costume de efectuar alguns pedidos ao patrão.

Às vezes os tosquiadores faziam pedidos ao patrão, quando ele chegava, agarravam numa baraça e atavam-lhe as mãos e diziam-lhe: você está preso! O patrão perguntava: então porquê? E os tosquiadores respondiam: porque tem que pagar um copo à malta” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

A *camarada* de Monsanto chamava-lhe pagar a *patenta*.

“Às vezes o patrão aparecia lá, agarrava-se num lenço lavadinho e limpavam-lhe os sapatos, era a patenta, depois ele dava dinheiro ou vinho, alguns davam outros não” (Ti Zé Manteigas, 70 anos, menageiro, Monsanto).

Entretanto, depois de algum labor as tesouras começavam a dar sinais de algum desgaste. Era então necessário *aguçar a ferramenta* e untar com azeite os eixos da tesoura. Para além dos tosquiadores possuírem normalmente três a quatro tesouras para evitarem o constante afiar destas, cabia ainda ao mestre afiar as tesouras daqueles que não sabiam. As ferramentas necessárias para afiar as ditas tesouras são: a *aguçadeira* (pedra de grauvaque) e a *parreira* (recipiente com água onde molham as tesouras).

“Cada um tinha a sua ferramenta, mas alguns não sabiam aguçá-la tinha que ser o mestre a fazê-lo, tocava-me a mim aguçar a ferramenta aos camaradas. Olhe, o Manel Rechena do Lagar Martins só tosquiava uma, não sabe aguçar a ferramenta. Isto não é só tosquiar, é preciso saber preparar a tralha, aquele que não sabe aguçar a ferramenta não é tosquiador! Todos tínhamos três e quatro tesouras suplentes, para não andarmos sempre a aguça-las. Havia anos ruins, logo este tem sido também um ano muito ruim, o gado espoja-se muito e traz muita terra agarrada, torna-se muito difícil tosquiá-las. Para aguçar a ferramenta, em primeiro têm-se que molhar a tesoura na Parrera, depois aguça-se numa peçerra. Também era preciso de vez em quando por um pocochinho de azeite nos eixos” (Ti Zé Manteigas, 70 anos, menageiro, Monsanto).

Enquanto se aguçava a ferramenta o tosquiador não podia conversar, cantar, nem fumar, sob pena de pagamento de multa. Se bem que não tinha que pedir licença para deixar o trabalho, era obrigado, sempre que se ausentava, a colocar a respectiva tesoura junto da *parrera*, o que permitia ao *menageiro* controlar o número de ausentes, tal como o tempo da respectiva demora. No meio da azáfama, por vezes, os tosquiadores golpeavam a pele dos animais, sobretudo quando estes estavam mais irrequietos. Este descuido era remediado imediatamente com o recurso ao carvão vegetal³⁵, a que alguns tosquiadores – sobretudo se as feridas fossem grandes – juntavam azeite. O tosquiador quando feria o animal gritava, “*moreno!*”. “*Lá vai moreno*”, respondia o criado ou qualquer outro incumbido de ministrar o pó negro nas respectivas feridas.

“Antigamente havia um que deitava o moreno, pedíamos e ele vinha e deitava o moreno, era a ele que lhe pertencia deitar. Nem as moscas cá arrumavam, secava logo” (Ti Zé Manteigas, 70 anos, menageiro, Monsanto).

³⁵ O melhor é o das brasas apagadas de lenha de carvalho.

Terminada a tosquia, como nem todos os tosquiadores acabavam o labor ao mesmo tempo, havia o costume do último *pedir pelas almas*, no fim de cada dia. Quanto aos animais, depois de tosquiados, eram necessários alguns cuidados especiais, Jaime L. Dias enuncia alguns exemplos:

“Se está frio, é levado para o sol, e se não há sol, conservado no palheiro, telheiro, cabana ou loja. Nunca exposto à chuva nem pode comer erva ou beber água no dia em que é tosquiado. Na primeira noite depois da tosquia, os animais, cheios de frio, encostam-se por tal forma uns aos outros que, vinte ou trinta, ocupam menos espaço do que o normalmente preciso para dez ou quinze e, quando, no dia seguinte, saem para a pastagem, tremem como varas verdes. Em dias frescos escavam com as patas, poças na terra para nelas se abrigarem” (1991, p. 175).

2.2.1.5.3 Instrumentos utilizados na tosquia

Antes de entrarmos propriamente na descrição dos utensílios utilizados na tosquia, convém fazer uma breve síntese pelos diversos instrumentos de corte utilizados na tosquia ao longo dos tempos. O homem, no início do processo de sedentarização, começou por utilizar a lâ, não a cortando. Esperando que ela alcançasse uma volumetria excessiva, para de seguida a arrancar à mão. Só com os diversos avanços da técnica é que passou a utilizar instrumentos cortantes, para com eles excisar a respectiva lâ. Deste modo, surgiram as tesouras de tosquia. Dentro destas, a mais antiga e a mais usual que encontramos é a arcaica *tesoura de pastor*, designada também em Espanha, por *tesoura portuguesa*.



Fig. 35 - Monsanto. Tesouras da tosquia e apernadeira, 2006.

À medida que se desenvolveu a utilização da lã, os materiais e os instrumentos foram-se igualmente aperfeiçoando: force, tesoura de pentes e por fim generalizaram-se as diversas tipologias de máquinas de tosquiar. O force é constituído por duas lâminas de aço ligadas a dois cabos metálicos com as extremidades unidas por uma mola curva, que quando em descanso, mantém as lâminas afastadas. Tem, sobre a tesoura vulgar de pastor, a vantagem de exigir menos força e permitir que o corte da lã seja mais rente e mais homogéneo. A tesoura de pentes representa já o aperfeiçoamento do force no que respeita à velocidade do corte. Em vez de duas lâminas tem um pente e uma pequena lâmina de aço que desliza sobre o pente, pelo movimento que a mão do tosquiador imprime à haste a que a lâmina está ligada. Estabelece-se a transição entre a tesoura e as máquinas de que faremos referência mais à frente.

Com a implementação destes utensílios, cada vez mais completos, pretende-se essencialmente reduzir o tempo de demora da tosquia, diminuir o esforço do tosquiador e aproveitar melhor a lã produzida.

Utensílios da tosquia

No que concerne ao conjunto de utensílios que normalmente o tosquiador de tesoura utiliza durante o labor da tosquia, fazem parte: as respectivas tesouras com os seus *coldres*³⁶, *aguçadeiras*³⁷, *apernadeiras*³⁸, martelo, *parreira*³⁹, *azeiteiro*⁴⁰, *caço*, caixa ou tigela do *moreno*. As tesouras são essencialmente de ferro ou aço, com duas asas, elos e eixo. Para não ferirem as mãos dos tosquiadores, as asas são, antes de servirem, protegidas com cortiças, e os elos com ourelas de lã ou correias. Com o tempo, o próprio sugo da lã amacia-as. Para o seu transporte utilizam um *coldre* com tampa de cortiça, onde, para evitar acidentes, lhes espetam os bicos afiados.

“A tesoura no final da tosquia não se limpa, deixa-se ficar tal como está, aquilo que fica nas lâminas não deixa a tesoura enferrujar. Só se limpa depois quando se vai a tosquiar outra vez” (Ti Zé “Tarzan”, 70 anos, pastor reformado, Rosmanihal).

³⁶ Espécie de saco onde se guarda a tesoura de tosquiar.

³⁷ Pedra para afiar a lâmina da tesoura.

³⁸ Espécie de corda que serve para prender as patas do animal.

³⁹ Recipiente onde se molham as tesouras.

⁴⁰ Recipiente para guardar o azeite.

As *aguçadeiras*⁴¹ são de grauvaque muito duro ou de granito muito fino. São escolhidas em pedreiras próprias ou entre pedras soltas. As *apernadeiras* são elaboradas a partir de couro macio (as melhores são as de pele de cão) com aproximadamente um metro de comprimento e um centímetro e meio de largura.

“Havia muitas, eu tive muitas! Os pastores dantes que andavam com o gado é que nos davam as apernadeiras, os cães morriam. Eram eles que curtiam e preparavam a pele, costumavam enterrar a pele na terra alguns dias, depois o cabelo saía todo. A pele também servia para eles atarem os colares do gado. Quando nos davam alguma tínhamos que a torcer para fazer a apernadeira, era do melhor material para apernar” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

Todavia, existem igualmente algumas apernadeiras que são elaboradas com argolas de ferro, cujo aperto se efectua puxando a casela, ou ainda em borracha, feitas a partir de uma câmara-de-ar de um pneu. O martelo de ferro serve sobretudo para bater, apertar ou acertar as tesouras. A *parreira* é um recipiente em lata ou simplesmente uma pia, que serve como reservatório de água para molhar as tesouras durante o processo do aguço. O *azeiteiro* é o recipiente onde se guarda o azeite com que se untam os eixos das tesouras. Normalmente é uma *corná*, uma panela ou um mero frasco. Finalmente, o *caço*, caixa ou tigela, serve para preparar o *moreno* (carvão vegetal) com que tratam os golpes dos animais.

2.2.1.5.4 A camarada

A *camarada* constitui o grupo de tosquiadores que efectua a campanha da tosquia. São formadas essencialmente por homens.

“Antigamente havia mulheres a lavar, a varrer as caganitas e a apanhar as barrigas (pedaços de lã soltos). As mulheres eram só para trazer o comer à gente, ir à fonte e varrer” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

O *menageiro* e os tosquiadores que se agrupavam nestas *camaradas* eram geralmente oriundos de várias profissões, tais como: jornaleiros, pastores, sapateiros, albardeiros, barbeiros, etc. Dedicavam-se a este labor sazonal pelo facto de ser mais rentável durante este período, laborando desde Abril até meados de Julho.

Quase todas as freguesias possuíam *camaradas* que percorriam o concelho, deslocando-se mesmo além dos seus limites para tosquiar os diversos e numerosos rebanhos.

⁴¹ Algumas *camaradas* (grupo de tosquiadores) utilizam apenas uma *aguçadeira*, que serve para todos os tosquiadores. Noutras, há várias ou até mesmo, cada tosquiador possui a sua.

Em algumas freguesias existiam mesmo mais que uma *camarada*. A *camarada* de Monsanto, por exemplo, deslocava-se para Salvaterra do Extremo, Salvador, Medelim, Proença-a-Velha, Idanha-a-Velha, Alcafozes, Idanha-a-Nova, Rosmaninhal e por vezes para a raia espanhola.

“Corríamos o concelho quase todo, abalávamos daqui antes de nascer o sol e íamos a pé para a raia, chegávamos lá ao meio-dia, era uma lonjura! Na raia fazíamos aos vinte e tal dias. Era no Rosmaninhal, Salvaterra, Segura, chegávamos a ir para a Espanha. Sabe, na Espanha pagavam mais, nesse tempo só havia dificuldade em passar a fronteira se a gente levasse contrabando. Também fomos para a terra fria” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

O número de tosquiadores que compõem as *camaradas* é bastante variável: geralmente nem mais de vinte nem menos de cinco.

“Andávamos em camaradas, íamos muitas vezes para a Idanha, era como calhava. Éramos uns quinze ou dezasseis. Agora por fim, vinham os patrões a buscar-nos, mas noutros tempos, íamos acavalo no burro. Eram três meses seguidos. Para o Alentejo nunca fui, para lá havia tosquiadores mais experientes que nós” (Ti Joaquim “Carrapato”, 70 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).



Fig. 36 - Rosmaninhal. Tosquiador, 2007.

Quando se deslocavam para localidades onde os rebanhos eram pequenos e não os ocupavam o dia inteiro, era frequente a *camarada* dividir-se. Quanto aos aprendizes, quando estivessem aptos a tosquiar, para integrarem o grupo, tinham que pagar a *patenta* (alguns litros de vinho) à *camarada*.

“Os aprendizes novos tinham que pagar a patenta, no domingo, ajuntávamo-nos todos na taberna e o aprendiz tinha que pagar cinco litros de vinho à malta” (Ti Zé Manteigas, 70 anos, menageiro, Monsanto).

Geralmente, os aprendizes eram sobretudo os parentes mais próximos dos tosquiadores, pois sendo uma actividade que dava algum rendimento, interessava perpetuar a profissão através da família.

2.2.1.5.5 Pagamentos

O trabalho dos tosquiadores era remunerado *a jornal* e por empreitada. No *jornal*, havia três modalidades a considerar: *a jornal* propriamente dito, em que cada homem era regulado entre nove a quinze escudos, passando posteriormente para vinte e cinco escudos por dia; *o jornal com vinho e tabaco* e *o jornal a de comer*, com seis a sete escudos por dia. Na empreitada simples, pela tosquia de cada ovino ganhavam os tosquiadores entre oitenta centavos e um escudo por cabeça, sendo, geralmente, os carneiros pagos a preços superiores. Nesta forma de remuneração há ainda a considerar a *empreitada a de comer*, a quarenta e cinco centavos por cabeça, e a *empreitada da lã*, em que a *camarada* recebe por cada cinquenta cabeças tosquiadas, um velo, comida e uma ovelha no fim da safra. Contudo, o pagamento a jornal foi sendo substituído de forma massiva pelas empreitadas. Os tosquiadores alegavam ganhar mais com esta forma de pagamento. Os patrões também preferiam pagar à empreitada, pois assim evitavam demoras propositadas. Os tosquiadores eram obrigados a trabalhar mais, com o fim de poderem ganhar mais. Por outro lado, revelavam-se menos cuidadosos relativamente às boas normas de execução e cuidados a ter com o respectivo corte.

“O jornal acabou, os patrões tinham que nos dar de comer. O pessoal deixou de querer a de comer, preferiam andar à empreitada, ganhavam mais! Mas também era pouco mais, tínhamos que pôr na comida, gastávamos à mesma” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

Cada tosquiador cortava, em média, cerca de vinte ovelhas por dia.

“O normal eram aí umas vinte cabeças por tosquiador, mas eu cheguei a tosquiar cinquenta ovelhas por dia, mas era do nascer do sol ao pôr-do-sol. Rebanhos, só no Marquês eram três mil ovelhas” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

Como atrás foi referido, havia proprietários que incluíam no preço as refeições. O *menageiro*, ao fazer o contrato com o proprietário do rebanho, estipulava para além do preço a questão das refeições, *“se era a de comer ou a seco”*.

“Os patrões vinham a ter comigo para combinarmos os preços, se fosse a de comer era uma coisa, se fosse a seco era outra. Era assim que eu lhes dizia: querem a rancho frio ou a seco? Se fosse a de comer, quando chegasse a hora de ir comer, eles tinham que ter tudo prontinho, comíamos o que eles nos punham. Chegavam ao pé de mim e diziam para mandar o pessoal a comer, eu dizia: pronto, tudo pára! Agora vamos a comer! Se fosse a seco, éramos nós que tínhamos que levar o comer, quem não levasse nada, tinha que comprar lá qualquer coisa. Era eu na mesma que dava a ordem” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

2.2.1.5.6 A alimentação

Relativamente às refeições que normalmente o proprietário dispunha, Jaime L. Dias acrescenta ainda o seguinte:

“Anunciadas as refeições, o menageiro suspende o serviço e diz: tombe, e todos os tosquiadores tombam e abandonam os animais que estão a tosquiar. Lavadas as mãos, tomam, todos, assento em volta da mesa, às vezes, simples mas alvadia toalha estendida no chão, no próprio local do trabalho ou próximo. Nenhum tosquiador se serve enquanto o menageiro se não benze e diz: com Jesus. Na altura do queijo, serve-se em primeiro lugar o menageiro. Os tosquiadores regulam-se pela talhada que ele corta. No final de cada refeição, o menageiro benze-se e pede pelas almas. E todos, para si, rezam o Pai-Nosso” (1991, pp. 179-180).

De facto, era o tempo em que o *menageiro* regulava todas as acções da *camarada*. Muitos destes costumes caíram em total desuso.

“Antigamente o menagero era mais respeitado, agora o pessoal é mais abusador, não respeitam tanto o menagero. Antigamente pagavam-se multas, eram pagas em vinho, quando alguém fazia alguma asneira, tinha que pagar um litro de vinho, o trabalho era mais respeitado” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

As multas por transgressão das regras da tosquia eram aplicadas a todos os tosquiadores, incluindo ao próprio *menageiro*. Este tinha o costume de aplicar a si próprio as respectivas faltas a dobrar. O produto das multas tornava-se num motivo de festa para a *camarada*, pois revertia em vinho para todo o grupo.

“Se algum se distraía e cortava mal o velo, era multado. Se ficasse alguma coisa por cortar, também era multado com meio litro de vinho. Se por azar alguém ferisse alguma teta do animal, pagava um litro de vinho. A gente depois no fim, quando se recebia o dinheiro, fazia as contas: fulano tal deve dois litros de vinho! Descontava-se o dinheiro para o vinho. Depois se o dinheiro fosse pouco, o vinho era bebido logo no mesmo dia, se fosse muito, era bebido no domingo na taberna” (Ti Zé Amaral, 92 anos, antigo menageiro, Monsanto).

Ainda referente a algumas multas, Jaime L. Dias escreve:

“Por cada choca que deixarem de cortar, meio litro de vinho ou um escudo; a mesma importância ou o vinho equivalente se falarem ou cantarem na parreira, ou se, saindo do campo, regressarem mais tarde do que outro ou outros que largaram depois deles” (1991, pp. 180-181).

2.2.1.5.7 A tosquia à máquina

Com a introdução progressiva da máquina de tosquiar, as *camaradas* foram-se alterando e a tesoura foi sendo relegada para contextos mais domésticos. Ou seja, os grupos de tosquiadores foram-se profissionalizando, através do fomento de cursos promocionais da máquina de tosquiar. No início, estas máquinas não foram muito bem recebidas, pois apontavam-lhes inúmeros defeitos. Dizia-se que eram de difícil aprendizagem e que provocavam muitos ferimentos na pele dos animais. Porém, os proprietários dos rebanhos, ao serem informados das vantagens que esta tecnologia trazia para a produção lanar, aderiram imediatamente e tornaram-se eles mesmos, os grandes agentes promocionais desta mesma tecnologia.

Alguns dos antigos *menageiros* prosseguiram a actividade, comprando máquinas e especializando-se. Por outro lado, muitos dos tosquiadores mais antigos, rejeitaram a máquina de tosquiar, continuando o seu labor com a respectiva tesoura, mas agora, apenas em contextos de vizinhança ou familiares. Deste modo, a introdução da máquina de tosquiar veio modificar por completo todo um conjunto de gestos, saberes, sonoridades e espaços, alterando-se toda a organização do trabalho em torno das tosquias.

A introdução da máquina de tosquiar advém de inúmeros factores. Em destaque estiveram as novas conjunturas sociais e económicas criadas em Portugal pelo êxodo dos trabalhadores rurais, que não só procuraram os centros urbanos, como também emigraram em massa para a Europa, nomeadamente para a França. Deste modo, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários, teve a necessidade de recorrer à técnica da tosquia mecânica como meio de solucionar as dificuldades geradas pela referida conjuntura e promover os respectivos cursos. Segundo o Boletim Pecuários nº1 de 1970, realizaram-se a nível nacional, em três anos, cerca de dez cursos de tosquia mecânica que foram frequentados por 750 trabalhadores rurais, tendo sido encartados 700 tosquiadores profissionais e criados de lavoura.

“Eu tirei o curso na Várzea, em Idanha-a-Nova, consegui logo o primeiro prémio no curso. Havia lá um engenheiro que lhe chamavam Lobo. Depois pedi uma máquina eléctrica emprestada nessa aprendizagem, na Junta Nacional. Fui para o Peso, era o Manuel Carvalho que lá estava, fui para este monte a tosquiar à

máquina. Esta foi a primeira vez, depois comecei a ir ali para a Zebreira, para o Chico Rato, era um grande lavrador, tinha duas máquinas mecânicas, cada uma tinha dois braços. Depois comprei uma das minhas primeiras máquinas com dois braços, a uma sociedade de lavradores de Alcains, eles não tosquiavam com ela, a gente é que sabia fazer o trabalho, acabaram por me vender a máquina. Depois comecei então a tosquiar por minha conta, aqui nesta zona. Arrancávamos à segunda-feira de manhã cedo e andávamos para lá toda a semana, era de sol a sol. Dormíamos para lá, só vínhamos a casa aos sábados à noite, era trabalho duro, mas fazia-se com gosto. Lembro-me de pagarem à cabeça, a trinta e cinco escudos, depois começou a aparecer cada vez mais trabalho, eu já não dava conta de tanto trabalho, foi então quando comprei a outra máquina mecânica, fiquei com quatro braços para tosquiar. Esta comprei-a à Junta, ali em Castelo Branco” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

A Junta Nacional de Produtos Pecuários, para incitar mais ainda os proprietários relativamente ao uso desta técnica, adoptou a política de conceder subsídios monetários, não reembolsáveis, no montante de 25% do valor das máquinas, aos Grémios da Lavoura e Cooperativas Ovinas. Depois de encartados, os tosquiadores iniciavam a sua actividade em rebanhos de proprietários que já possuíam este tipo de tecnologia. Outros foram incentivados a tirar este curso pelos próprios proprietários, em troca de inúmeros favores.

“Tirei o curso de máquina de tosquiar ali em Castelo Branco, no IROMA. O Dr. B. é que me disse para eu tirar o curso de tosquiador, era à conta do Estado. O homem disse-me que me emprestava a carrinha e depois eu ia lá a tosquiar as ovelhas dele” (Manuel Carvalho, 66 anos, pastor, Proença-a-Velha).

Segundo a Cartilha de Tosquia Mecânica, a mais simples das máquinas de tosquiar é a *tosquiadeira manual*, que é accionada, mediante um ajudante através de uma manivela. Esta máquina como necessitava de duas pessoas para laborar, foi caindo em desuso.



Fig. 37 – Gravura de uma Tosquiadeira manual. (Cartilha de Tosquia Mecânica, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Ministério da Economia – Secretaria de Estado do Comércio, p. 44)

A outra máquina, mais completa, e que, de algum modo, veio substituir as manuais, foram as *tosquiadeiras mecânicas*.

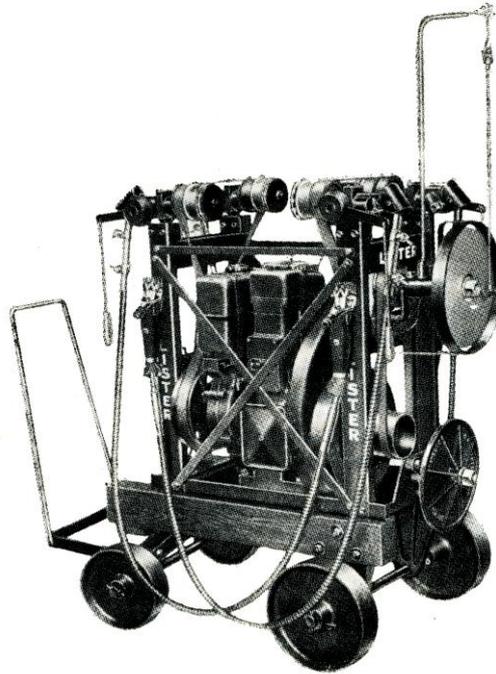


Fig. 38 – Gravura de uma Tosquiadeira mecânica. (Cartilha de Tosquia Mecânica, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Ministério da Economia – Secretaria de Estado do Comércio, p. 46)

Devido ao motor a diesel que este tipo de máquina tem incorporado, esta efectuava um ruído ensurdecedor, o que prejudicava profusamente os tosquiadores, que passavam períodos de tempo alargados à sua volta. Isto fez com que muitos tosquiadores começassem a protestar contra este ruído intenso, obrigando deste modo os *menageiros* a investir em máquinas eléctricas.

“Quando o pessoal se começou a queixar, por causa do barulho que as máquinas mecânicas faziam, eu fui na conversa e comprei as máquinas eléctricas. Estavam sempre a chatear-me: você tem que comprar as máquinas eléctricas! E assim foi! Sabe, o pessoal hoje é mais fidalgo, antigamente trabalhava-se e ninguém retilava. Eu fui no embrulho e comprei estas seis máquinas eléctricas. As outras máquinas tive que ficar com elas ali paradas. Mas olhe, as máquinas mecânicas, cada uma serve para quatro braços, as eléctricas, cada uma serve apenas um braço. E não são nada baratas, custam duzentos e tal contos, só o punho são alguns oitenta contos e ainda falta o afiador e o gerador que são à parte, isto é um balúrdio!” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

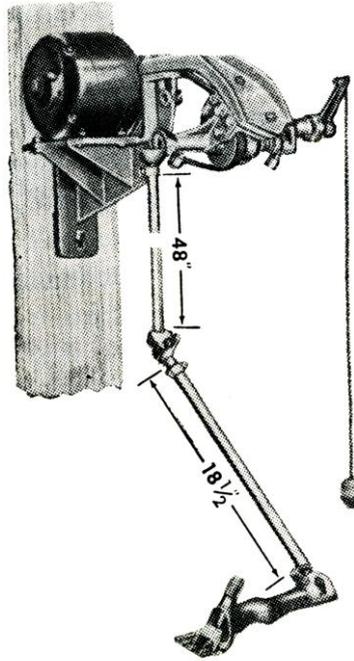


Fig. 39 – Gravura de uma Tosquiadeira eléctrica. (Cartilha de Tosquia Mecânica, Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Ministério da Economia – Secretaria de Estado do Comércio, p. 47)

Com o incremento das máquinas eléctricas, o ruído do motor a diesel foi suprimido. Contudo, cada máquina mecânica dá assistência a quatro ou mais tosquiadores, enquanto uma máquina eléctrica apenas serve um tosquiador. A outra contrariedade era sobretudo a electricidade. Como alguns arraiais não comportam ainda instalação eléctrica, o *menageiro* tem que transportar conjuntamente com a restante maquinaria, um gerador. Do mesmo modo que a tecnologia mecânica, o *menageiro*, tem que afiar os pentes destas máquinas eléctricas num afiador. Este, ao invés da máquina mecânica, é um corpo independente.

“Alguns arraiais já têm luz, mas ainda aparecem muitos que não têm. Para estes, levo o gerador, enquanto que na mecânica, não era preciso nada, trabalhava em qualquer lado, era só ligar o motor e dar à manivela. Cheguei a tosquiar debaixo de uma azinheira, era só meter gasóleo e dar à manivela” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

Quanto aos procedimentos a ter na tosquia à máquina, para além de algumas divergências no sentido do corte do velo e das diferentes ferramentas, destaca-se um procedimento que a singulariza totalmente da tosquia manual. Trata-se de que na tosquia mecânica a ovelha não necessita de ser apenada. Segundo o Boletim Pecuário nº1 de 1970, adoptou-se o sistema seguido nos países do Hemisfério Sul, grandes produtores de lãs: o de

tosquiar os animais livres, isto é, sem os apernar, o que permite maior flexibilidade de movimentos, maior rapidez e também menor perigo para a saúde dos animais (tosquia-se o animal na posição de sentado).

“A primeira é sempre o tosquiador que a apanha, as outras já são os empregados do patrão. A gente para apanhar uma ovelha como deve ser, coloca uma das mãos debaixo do queixo do animal e a palma da outra encostada à garupa. A ovelha é apanhada e assentada de cu, fica segura entre os joelhos do tosquiador, depois começa-se a tosquiar a barriga e o interior das pernas, aqui é preciso cautela, para não se cortarem os tetos ou o úbere do animal. A gente põe dois dedos da mão esquerda sobre os tetos e assim evita-se algum azar. Passa-se para a parte de fora da massa esquerda, aqui o tosquiador coloca a sua perna direita entre as mãos do animal, ficando a perna esquerda encostada ao corpo, inclina-se o animal para a direita, corta-se a parte externa da coxa e na direcção da garupa e da cauda. Tosquiada a garupa do lado esquerdo, o tosquiador muda de posição para poder tosquiar a parte do pescoço, aqui o tosquiador coloca a perna direita no meio das pernas do animal, enquanto a esquerda fica encostada ao pescoço. A ovelha está quase sentada, o tosquiador é que muda de posição, tem que pôr a perna no meio da ovelha, ao pé da barriga. Depois faz a parte do pescoço, ela vai virando, vai jogando e faz a outra parte do costelado por aí abaixo, até à coxa. Aqui deita-se a ovelha ao comprido no chão e faz-se a parte comprida até ao rabo, pela coluna acima até ao pescoço, depois o outro lado igual, vem a acabar na coxa direita. O velo sai completo, quem saiba tosquiar como deve ser, tem que tirar o velo completo, tem que saber dar as voltas completas. A técnica manda assim, não deixa cortar o velo, quanto menos se retraçar a lã, melhor! Os que retraçam a lã, estão a estragá-la” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

O velo de lã tem que ser cortado com as voltas certas para sair completo. Se eventualmente se altera este sentido de corte, o velo sai estragado. Cabe ao *menageiro* vigiar e corrigir, se for o caso, os cortes dos tosquiadores. Existem dois tipos de corte à máquina, o corte atravessado e o corte comprido. Do mesmo modo que a Junta Nacional de Produtos Pecuários instituiu um método de corte para a tosquia à tesoura, fê-lo da mesma forma para a tosquia à máquina. Assim, segundo a Cartilha de Tosquia Mecânica, a síntese do processo de corte efectua-se do seguinte modo:

“Com a ovelha sentada, convenientemente presa e levemente inclinada para a esquerda, a tosquia começa pela lã da barriga. O tosquiador agarra o punho da tesoura mecânica e inicia o corte junto do sovaco direito, seguindo para a frente e para baixo e depois para os lados. O braço esquerdo do tosquiador segura o membro anterior de encontro ao corpo do animal, enquanto a mão repuxa a pele da barriga para não fazer pregas e portanto não ferir o animal. Continua-se sempre o corte até ao lado oposto, de modo que a lã da barriga seja toda cortada. Acabada a tosquia da barriga, esta lã desvia-se para o lado e, em seguida, deixa-se descair levemente e com cuidado a ovelha, para se poder alcançar a face interna das coxas e membros posteriores, ficando assim completa a tosquia desta parte do corpo. Inicia-se, após, a tosquia da parte de fora da coxa esquerda. Na posição correcta, o tosquiador coloca a sua perna direita entre as patas do animal, ficando a perna esquerda encostada ao corpo, e a mão esquerda repuxa a pele da face externa da coxa para facilitar a operação. O animal encontra-se em repouso e um pouco inclinado para a direita, sendo a lã cortada para cima na face externa da coxa e

Objectos de Pastor

na direcção da garupa e da cauda. Quando está a tosquiar este membro, o tosquiador faz pressão no flanco do animal obrigando-o a distender o membro, para assim facilitar o trabalho. Depois de tosquiada a garupa do lado esquerdo, é necessário que o tosquiador mude de posição para iniciar a tosquia correcta do pescoço. Nesta fase, a perna direita do tosquiador coloca-se entre os quatro membros do animal, enquanto a esquerda fica encostada ao pescoço. A mão esquerda segura a ovelha pelo focinho, mas sem apertar as ventas, para não dificultar a respiração, e apoia-se a cabeça no joelho do tosquiador. Enquanto se tosquia esta região, o pescoço da ovelha descansa na perna esquerda do tosquiador e é fixado nesta posição pela mão esquerda. O primeiro corte é feito de baixo para cima e ao centro do pescoço, seguindo-se outros na direcção da espádua, mas partindo sempre da parte inferior do peito. Esta região deve ser tosquiada o mais rapidamente possível para não cansar o animal devido à posição em que se encontra, mas ao mesmo tempo tem que haver bastante cuidado em não o ferir, principalmente se a região é bastante rugosa. Em seguida, tosquia-se a espádua, e, novamente, o tosquiador muda de posição. Nesta fase, a mão esquerda do tosquiador agarra firmemente a canela do membro anterior esquerdo e a ovelha é mantida nesta posição devido à pressão do cotovelo contra o pescoço do animal, que por sua vez está apoiado na perna esquerda do tosquiador, iniciando-se assim, com golpes compridos, a tosquia do corpo. Para esses golpes serem executados correctamente, o tosquiador muda novamente de posição, ficando agora a sua perna direita entre os membros posteriores da ovelha e a perna esquerda e joelho entre os anteriores. Nesta posição, é necessário dirigir os cortes com firmeza desde a cauda até à cabeça, levando o pente sempre bem cheio de lã. É preciso ter cuidado para não ajoelhar em cima do animal. Depois de terminado o ultimo golpe comprido, todo o lado esquerdo está tosquiado e o velo intacto. Tosquia-se em seguida a cabeça, em quase nada se modificando a posição do tosquiador que deverá ter o cuidado de nunca pisar o velo. Nesta fase, é necessário segurar a orelha esquerda, e os joelhos encurvam-se um pouco, enquanto o peito do pé direito fica entre a garupa do animal e o tendal, ajudando assim a manter firmemente a ovelha nesta posição. Continuando a tosquia do membro anterior e da espádua direita, a perna esquerda coloca-se entre as mãos da ovelha, enquanto a mão esquerda do tosquiador segura com firmeza a canela do membro que se está a tosquiar. Fazem-se os cortes com todo o cuidado, principalmente quando chegamos junto do sovaco. Nesta posição, acaba a tosquia do membro e espádua, passando-se ao corte de lã do costado direito. O tosquiador muda novamente de posição: junta as pernas atrás da ovelha, obrigando o animal, sentado, a encostar-se-lhes, e, com a mão esquerda, apoiada sem esforço sobre a espádua, puxa-lhe suavemente a pele. Fazendo então, com toda a facilidade, os cortes no dorso, na direcção da barriga e do flanco. Ao mesmo tempo que a tosquia progride, a ovelha vai sendo lentamente inclinada para trás, até atingir o flanco. Estamos quase no fim da tosquia, faltando só cortar a lã do membro posterior direito. O tosquiador coloca o punho esquerdo no flanco e faz uma pequena pressão para endireitar a perna. Os cortes são todos dirigidos da espinha para as unhas, movendo-se a ovelha lentamente até chegar aos últimos cortes. Uma vez dado o último corte, o velo está todo inteiro e o animal sossegado, sendo de notar que, para manter um domínio perfeito sobre o animal, a mão esquerda do tosquiador segura a perna direita da ovelha. O animal está pronto a sair do tendal e a voltar para o rebanho. Nesta altura, o tosquiador pára a máquina e coloca a palma da mão direita na anca do animal, empurrando-o ligeiramente para diante, de modo a fazê-lo passar entre as suas pernas” (1979, pp. 74-80).

Quanto ao número de ovelhas que cada tosquiador pode tosquiar com estas máquinas, varia entre setenta a oitenta por dia.

“Um tosquiador normal é capaz de tosquiar com estas máquinas eléctricas umas setenta ou oitenta cabeças por dia” (António Marques, 64 anos, menageiro, Toulões).

Relativamente às vantagens desta tecnologia em relação à tosquia manual, o Boletim Pecuário nº 1 de 1970, destaca: melhor técnica, corte regular, consequente igualização das

madeixas na futura tosquia, maior rapidez – menor mão-de-obra, menor perigo para a saúde dos animais, encurtar o período da tosquia, efectuado apenas em dias de clima favorável.

A máquina de tosquiar permite cortar o velo de uma ovelha em cerca de seis minutos, de modo que é possível tosquiar cerca de oitenta cabeças por dia, enquanto à tesoura um tosquiador experiente tosquia aproximadamente trinta cabeças em oito horas de trabalho. Contudo, alguns tosquiadores que ainda tosquam à tesoura, reconhecem a rapidez desta tecnologia mas referem amiúde que a máquina deixa sequelas nas ovelhas.

“A máquina aquece muito a pele da ovelha, a tesoura não. O animal fica muito cansado, cheio de stress”
(Manual carvalho, 66 anos, proprietário, Proença-a-Velha).

É facto, segundo os veterinários que as ovelhas após a tosquia mecânica ficam extremamente cansadas e em stress, sendo aconselhado colocá-las em descanso em bons pastos.

2.2.1.5.8 A lã

Antes de entrarmos propriamente no percurso do velo, convém em primeiro lugar dissecar esta preciosa matéria-prima designada por lã, tal como as suas principais características. Podemos dizer que a lã é a fibra animal que constitui a cobertura protectora externa dos ovinos, ajudando a conservar a temperatura do corpo e, simultaneamente, não deixando arrefecer a pele (com ar quente que permanece entre as suas fibras).

A fibra lanar (fêvera) é formada por: *raiz* e *haste* ou *coluna*. A *raiz* é a parte embutida na pele, a *haste* é a parte que cresce acima da pele, com uma forma arredondada. Termina em ponta na lã da primeira tosquia (lã de borrego), mas é romba na lã das tosquias posteriores. A fibra de lã é envolvida dum substância denominada *suarda*, que lhe dá macieza e a protege contra inúmeras contrariedades, tais como a chuva, o vento, atritos, etc. Já na pele, pelos respectivos poros saem substâncias produzidas por glândulas, que se chamam sudoríparas e sebáceas. As primeiras produzem o *sugo* ou *suor*, as segundas produzem a *gordura da lã*. Os dois juntos formam a *suarda*.

Quanto às características da fibra da lã, estas são classificadas quanto à sua finura, ao seu comprimento, ao frisado, ao nervo da fibra, à cor e ao toque. Quando se fala da finura, está-se a referir a espessura da fibra da lã. O fio fabricado de qualquer quantidade de lã tem tantos metros quanto mais fina for a lã. Daí que, a lã mais fina seja a mais valiosa. Em relação

ao comprimento, no geral, quanto mais comprida é a fibra menos fina é a lã. Porém, em igualdade de finura, a lã mais comprida é a melhor. No que diz respeito ao frisado, este é o ondulado natural da lã. As lãs finas são mais frisadas que as restantes, mas também há lãs muito finas que são pouco frisadas. A igualdade do frisado em todo o comprimento da fibra é um sinal de boa qualidade. Quanto ao nervo da fibra, trata-se da resistência que a fibra tem à força quando a puxamos pelas duas pontas. As fibras de um velo não têm todas a mesma resistência. Por exemplo, a lã da espádua é mais resistente que a da barriga.

No que concerne à cor, existem lãs brancas, cinzentas e pretas. As lãs brancas encontram-se em maior número, desde o branco puro ao branco sujo. As mais alvas são as mais apreciadas. No entanto, a má armazenagem, a humidade e o calor excessivo podem amarelecer as lãs brancas, prejudicando o seu valor. Por último, o toque é a sensação da maior ou menor macieza ao tocar a lã. Esta característica tem muita importância no valor da lã. Aqui, também as fermentações, as terras que os velos absorvem, as más camas e a falta de sugo, prejudicam o toque da lã porque lhes diminuem a macieza.

As características da fibra lanar variam muito conforme as partes do velo, as raças e os tipos de ovinos. Como já foi referido, aos três tipos de ovinos correspondem os seguintes tipos de lãs: lãs *merinas*, *feltreiras* e *longais*, comuns às lãs brancas e pretas. As lãs brancas apresentam seis qualidades: *merino fino*, *entrefino*, *ordinário*, *grosseiro*, *feltroso ordinário* e *entrefino*, *entremérico* e *longal-lustrino*, todas do tipo merino. Ao tipo *feltreiro* pertencem as qualidades *feltreiro ordinário*, *entrefino* e *fino*. Ao tipo *longal* pertencem o *longal lustrino*, *simples* e *feltroso*, e o *longal churro*, *simples* e *feltroso*. Nas lãs pretas, também há divisões especiais segundo os três tipos: ao *merino*, pertencem as qualidades do *merino entre simples fino*, *surrubeca* e *mesclado*; *merino ordinário simples*, *crepão* e *feltroso*, e *merino grosseiro*. Ao tipo *feltreiro* pertencem o *feltreiro entrefino simples*, *altoso* e *mesclado*, *feltreiro ordinário simples*, *mesclado* e *altoso*, *entrefeltreiro* e *merino*. Ao tipo *longal* pertencem o *entrelongal* e *merino*, *ordinário* e *grosseiro*, *longal*, *lustrino feltroso* e *longal churro feltroso*. No geral, entre os pastores, é costume dizer-se, numa escala que varia até à lã grosseira, que existe a lã *merina* do tipo *mais fino*, a lã *cruzada*, menos fina que a anterior e finalmente a lã *churra*, esta, considerada a lã mais grosseira.

O velo é formado por um conjunto de madeixas de lã, que são as mechas. Existem madeixas quadradas, cilíndricas, pontiagudas e *apinceladas*. Os melhores tipos de madeixa são o quadrado e o cilíndrico, que se encontram na lã dos animais mais apurados.

O velo, depois de tosquiado necessita de ser preparado para que se vejam bem as suas qualidades, pois a lã é um produto que se negocia pela apreciação do olhar. Daí toda a

vantagem dos cuidados a ter com a sua apresentação. Como já foi referido, o velo tem lâ menos fina nos bordos (abas), e não se apresenta igualmente sujo em todas as suas partes. Ao processo de separar do velo a lâ com sujidades, manchas e outros defeitos, designa-se de *desbordagem*. Esta operação executa-se em cima de um estrado de ripas (caniço), com dois metros de comprimento e meio metro de largura. Segundo a Cartilha de Tosquia, o processo elabora-se do seguinte modo:

“Segurando o velo pelas suas quatro pontas, pôr este sobre o caniço e estende-lo de forma a ficar com o lado de fora voltado para cima. Bater o velo para largar alguma terra da que lhe esteja agarrada, mas bater com cuidado para não partir nem abrir muito as madeixas. Tirar os restos de chocas ou rabejas, que lhe esteja agarrada. Tirar a lâ muito carregada de corpos estranhos (terra, palhas, carriços, sementes, etc.), a lâ muito forte (garruda ou garra) que a do velo em geral, e as madeixas com muito pêlo morto ou com malhas. Todos estes pedaços se juntam num segundo monte, que é o dos apartes. Deitar para o monte dos apartes algum velo que aparecer com lâ muito mais grossa que a lâ do rebanho. Juntar também no monte dos apartes a lâ das barrigas, cabeças, caudas e cabos, bem como os pedaços de lâ limpa que se desligaram do velo durante a tosquia. Juntar no monte das rabejas a lâ que o lavrador tiver guardada proveniente do rebejamento dos alavões” (1979, pp. 83-84)

Seguidamente, ao terminar o processo de *desbordagem* segue-se de imediato o seu enrolamento em cima do estrado. Em primeiro lugar, devem aconchegar-se as madeixas do velo e fazer, de um e de outro lado, uma dobra a toda a altura, de maneira que as abas venham juntar-se ao meio. Depois, como quase sempre o velo fica ainda muito largo, repetem-se as dobras até reduzi-lo a uma faixa com dois palmos de largura, pouco mais ou menos. Por último, enrola-se o velo, a partir do rabo para o pescoço e ata-se com a ponta do pescoço que, para o efeito, se torce um pouco à maneira de corda. Deste modo é devidamente enrolado e atado, para depois ser ensacado e guardado em armazéns, até que o comprador os venha recolher.

“O velo enrola-se com a flor da lâ para baixo, é como quem está a enrolar um capote, depois ata-se e mete-se nas sacas. A lâ que era enrolada e atada como deve ser, para o Grémio, valia mais dinheiro” (Ti Zé Valente, 70 anos, menageiro, Monsanto).

O trabalho do *menageiro* termina aqui. Depois, cabe aos empregados do proprietário todo o processo de armazenamento das lâs. Como a produção de lâs não é mais que subsidiária de uma exploração agrícola, o produtor não dispõe, na generalidade dos casos, de instalações adequadas para guardar as suas lâs, improvisando para o efeito qualquer anexo que na altura das tosquias esteja disponível, o qual, a maior parte das vezes, não reúne as condições mínimas para o fim em vista. Consideráveis vezes escolhiam locais onde as lâs não pudessem perder peso, tais como, anexos de preferência mais frescos, que normalmente eram locais escuros e pouco arejados. Assim como, na arrumação dos velos, em vez de procurarem

colocar as pilhas em boas condições de arejamento, isolavam-nas para evitar o contacto com o ar, comprimindo-as para lhes diminuir a superfície de exposição e, conseqüentemente, reduzir-lhe ao mínimo a perda de peso por evaporação.

“Havia muitos patrões que empilhavam a lã em tulhas, a lã era calcada e tapada com tábuas que levavam cepos por cima, para ficarem bem fechadas” (António Dias, 80 anos, negociante de lãs, Monsanto).

Deste modo, permaneciam as lãs armazenadas durante períodos de tempo variáveis, consoante as tendências do mercado, sempre sujeito a flutuações, acontecendo por vezes que alguns produtores, aguardando uma melhor oportunidade de venda, chegavam a juntar, nestas más condições, lãs de três e quatro tosquias.

“Havia patrões que chegavam a ter lãs de dois anos, às vezes o preço não lhe agradava, guardavam-na para o ano seguinte” (António Dias, 80 anos, antigo negociante de lãs, Monsanto).

Tosquiada e armazenada a lã, na grande maioria das vezes a custo dos produtores e pelo seu próprio pessoal assalariado, era agora a altura de intervir o sector comercial. Estes comerciantes adquiriam as lãs à produção durante os meses que se seguiam às tosquias e conduziam-nas, por vários modos, para os respectivos centros industriais. Alguns destes comerciantes, os mais importantes e conhecedores, possuíam uma organização verdadeiramente especializada. Muitos concentravam as lãs por sua conta e risco, às vezes durante vários meses, para as irem vendendo quase sempre já escolhidas em lotes industrializáveis. Normalmente, as compras à produção faziam-se a pronto, quando não se faziam com o adiantamento de fundos ainda antes das lãs serem tosquiadas. José Pires Freire, residente na aldeia de Maçaínhas, para além de ter sido um destes comerciantes de lãs que se deslocava amiúde para o concelho de Idanha-a-Nova, é igualmente proprietário de uma fábrica de cobertores, que já pertencia ao seu pai.

“Fui muitas vezes comprar lã ao Campo: Monsanto, Penamacor, Proença-a-Velha, Alcafozes, eu sei lá! Agora a lã já não presta, misturaram as raças, deram cabe de tudo. Olhe, comprei muita lã ao Franco de Alcafozes. Antigamente tosquiavam pelo S. João, os gados andavam nas orvalhadas e depois metiam-nas nos alqueives e assim pesavam mais. Outros punham os carros de bois carregados de lã ao pé das ribeiras, para a lã ganhar humidade e pesar mais. Havia muita gente a enganar, nós chegávamos, apalpávamos a lã e víamos logo que estava molhada. Nós antes de irmos buscar a lã, fazíamos os acordos em primeiro com alguns homens que andavam pelos campos a comprar a lã, digamos que eles apalavravam o preço com os produtores, depois íamos e carregávamos. Trazíamos a lã para aqui, era aqui escolhida na fábrica, mas antes ainda ia para o lavadouro da Guarda, era no Tavares. Depois o processo era aqui finalizado, fazíamos

principalmente cobertores. Hoje isto já não dá nada, a fábrica está praticamente parada” (José Pires Freire, 70 anos, comerciante e proprietário de uma fábrica de cobertores, Maçainhas).



Fig. 40 - Maçainhas. Fábrica de cobertores, 2006.

Estes industriais contavam igualmente com alguns intermediários distribuídos pelo concelho. Cabia a estes efectuar uma espécie de pré-acordo junto dos proprietários locais, para posteriormente contactarem directamente com os respectivos industriais. Estes intermediários ganhavam à comissão.

“Comecei no negócio da lã com o meu sogro, logo quando me casei, ele já comprava azeitona. Ele tem um filho, mas estava para Lisboa empregado. Como ele não sabia ler, era eu que lhe fazia as contas. Eu era sapateiro, em tempos, ele depois disse-me para ir para ao pé dele, porque o sapateiro também não ganhava nada, eu então encostei-me a ele. Comprávamos aqui a lã e vendíamos a lã para a Guarda a uns fabricantes de lá, acho que já morreram. Depois fui para a França, estive lá alguns anos e depois vim outra vez e arrumei-me ao talho e ao negócio da lã. Nós andávamos ai pelos montes, íamos a comprar a Penha Garcia, Salvador, Torre, Monfortinho, Salvaterra, Toulões, Idanha-a-Velha, Alcafozes, Medelim, Proença-a-Velha, e era assim, nesse tempo havia muita lã. Nós levávamos a balança romana e sacas. A gente antes negociava com os negociantes de lã, o meu sogro ia muito a Castelo Branco e era lá que fazia o negócio, aquilo ficavam apalavrados, o preço é este, se derem outro preço, a gente acompanha o outro preço, era para a gente não perder a venda da lã. Os fabricantes diziam-nos, o preço deve ser mais ou menos este, depois nós tínhamos uma comissão, ganhávamos uns dez escudos em cada arroba, depois vinham as camionetas e levavam tudo para a Guarda. O nome dele era António das Neves, acho que eram de Maçainhas, eram três irmãos. Era assim que a gente fazia o negócio, a gente ia de burro pelos campos a fazer os acordos, depois vinham as camionetas a carregar a lã, nós ajudávamos a pesar, eles pagavam ao proprietário, nós só fazíamos o acordo, depois no fim da campanha, ganhávamos à comissão. Olhe uma vez fomos com os comerciantes ali a carregar a Alcafozes, com um comerciante ali dos Trinta, eram alguns sete ou oito homens. Mas era domingo, o patrão era muito religioso, não deixou ninguém carregar os camiões, porque era domingo, não podia mandar trabalhar os criados, o homem que veio dos Trinta teve que se ir embora e voltar noutro dia. Este proprietário tinha lá lã de dois anos.

Nesse tempo havia alguns negociantes como eu ali na Aldeia que também compravam lã, era um que lhe chamavam Joaquim Miguel, havia outro ali nas Aranhas, que lhe chamavam Joaquim Lendeiro, na Zebreira era o Ti Farinha, que tinha uma taberna ali onde param as camionetas, mas já morreram todos” (António Dias, 80 anos, antigo negociante de lãs, Monsanto).

Por vezes, para além da comissão a que tinham direito, era frequente receberem alguns bens extra.

“Nós tínhamos a comissão, mas também, às vezes, como estávamos muito tempo à espera para recebermos, eles ofereciam-nos cobertores de papa no fim das campanhas, ainda ai tenho alguns, agora já ninguém quer estes cobertores” (António Dias, 80 anos, antigo negociante de lã, Monsanto).

Posteriormente, as lãs depois seguiam para os principais centros industriais, que se encontravam na Covilhã, Fundão, Alcains e Castelo Branco. Nestes locais, procedia-se à respectiva escolha, uma vez que a lã das diferentes partes do velo não tinha todo o mesmo valor. Nas fábricas fazia-se a seguinte separação, correspondente às regiões do corpo do ovino: em primeiro lugar, separava-se a lã da espádua, depois dos costados, flancos e braços. Em terceiro lugar, separava-se a lã do dorso e barrigas, para a seguir se separar a lã da cernelha, do pescoço e das coxas. Por último, separa-se a lã das abas da barriga, da cabeça, da barbela, dos cabos e do rabo. Após a selecção, eram lavadas e estavam prontas para serem trabalhadas pelos vários processos mecânicos.

2.2.1.5.9 Indústrias rurais de transformação da lã

As indústrias domésticas de tecidos de lã e de linho possuem uma das mais remotas tradições na história do trabalho humano. Inúmeros povos arcaicos foram mestres nesta arte. Já no Antigo Testamento se faz menção ao “vestido de lã ou de linho”⁴².

No Concelho de Idanha-a-Nova eram muito frequentes estas tipologias caseiras relacionadas com a transformação da lã, do linho e da seda. O vestuário era essencialmente elaborado a partir destes materiais. Jaime L. Dias descreve da seguinte forma estes usos arcaicos:

“De linho, lã e seda se vestiram e agasalharam por séculos os beirões da Beira Baixa: de linho e seus derivados faziam camisas, ceroulas, lençóis e toalhas; de lã, os vestidos, barretes, garruças ou carapuças; de seda, cobertas, almofadas e lençóis que as mulheres usavam em dias de festa e nos domingos; de linho e de lã misturados, cobertas e tapetes de várias cores; de linho e de farrapos ou ourelos, mantas de farrapos; e de linho e de seda as lindas colchas de Castelo Branco. O linho e a lã eram o agasalho; a seda, o luxo” (1991, pp. 256-257).

Referente ao uso da lã, depois de tosquiada, esta sofria as seguintes operações: era lavada, aberta, cardada, enzeitada, empilhada, fiada, urdida e finalmente tecida. Era costume dizer-se “*urdir as maranhas*”. Esta operação consistia na tecelagem de certa porção de lã com a qual se faziam cobertores, fatos, capuchas, etc. O mesmo autor, referindo-se à época em que o processo de transformação da lã era praticamente todo doméstico, descreve do seguinte modo todas estas operações:

“Tosquiada ou adquirida a lã, procedia-se, como primeira operação, à lavagem. Para esse efeito transportavam-na ao rio Pônsul e ali alagavam-na a pouco e pouco, dentro de um cesto que submergiam em água corrente. Volteada, revolteada e tornada a voltear, só depois de estar isenta da maior parte das impurezas, a lã era levada ao lavadouro de onde, batida e ensaboada, saía limpa para o estendedouro, que se fazia sobre as mantas, no areal ou nas paredes dos prédios mais próximos. Enxuta e transportada para casa, era aberta e limpa de cardos, silvas e demais aderências que adquirira na secagem. Seguia-se a carda ou cardação, que começava pelo enzeitar, operação que consistia em o cardador untar a lã com azeite para a amaciar. Empilhada, para o azeite exercer a sua acção, o cardador, passados dias, cardava a lã fazendo-a passar por entre duas cardas manuais que ele, por larga experiência, manobrava com perícia e desenvoltura. Cardada, sobreposta em pastas, aos arrates (unidade de peso 459 gramas), em cestos, a lã ficava uns dias a assentar, passados os quais era fiada na roda ou em rocas, estas providas de carapulo (de papelão ou de pano) do cizo (de sola, para segurar o fuso) e do fuso.

⁴² Levítico, XIII, 47; Êxodo, XXXVI, 35.

A lã para a confecção das meias, porque devia ser mais fina, era sempre fiada nas rocas, e o fuso, em vez de girar para a direita, andava para a esquerda. Seguiu-se a urdidura que, em Idanha-a-Nova, era feita, nos últimos tempos, pelo velho Gonçalo, que também tecia, pelo Portas e pelo Pedro das Maranhas que se tornou bem conhecido, e foi talvez o último.

Para a urdidura era preciso pedir vez ao urdidor, visto que as encomendas eram muitas e todas se acumulavam pela mesma época. O urdidor, acompanhado de uma caixa de aproximadamente de três metros de comprimento, com diversos compartimentos, metia em cada um destes uma maçaroca com o seu eixo. As urdiduras faziam-se, maiores ou menores, segundo a quantidade de pano a tecer.

Vinha depois a tecelagem, feita, nos últimos tempos, como se disse, pelo Gonçalo e também pelo Portas, seguindo-se-lhe nova lavagem, e finalmente a tinta e a prensagem, estas últimas executadas no Pisão, em Castelo Novo. As tintas empregadas eram a verde, a amarela e a encarnada.

Os cobertores de dados, bem conhecidos pelos pequenos quadrados de duas cores diferentes, eram urdidos em lã branca e lã preta. Com as maranhas fabricavam-se cinco espécies de tecidos: baeta, de cor azul claro, tecida com lã branca; pinhão, granado escuro (sangue de boi); baetão, azul ferrete (azeitona) igualmente de lã branca; saragoça, da cor natural, com lã preta; e pardilho, cardado e tecido de lã branca e preta, misturada. Para a pintura de estamemha usava-se o entrecasco de amieiro (encarnado escuro).

A baeta e o baetão eram aplicados na confecção de saias, capuchas e cobertores; o pinhão nas capinhas, e a saragoça e o pardilho nos capotes e fatos de homem.

As costas dos coletes dos homens eram feitas das tiras que cresciam dos cobertores ou das saias. As criadas faziam dos peçóis (últimos fios que prendiam a maranha ao tear, neles se marcava o nome ou sinal do proprietário, quando a maranha ia para o pisão) ou peçoladas das maranhas, que pediam aos patrões, mantéus (saiotes de baixo) para trazerem na cozinha.

Havia quem urdisse as peçoladas com a estopa para o pano dos sacos da lavoura. Os colhereiros (homens que vendiam colheres e pimento) procuravam muito os peçóis” (1991, pp. 210-213).

Na memória colectiva do concelho ainda ecoam grande parte destas práticas antigas.

“A minha avó fiava lã e fazia ceroulas, cuecas, coletas para as mulheres e mais coisas. Tinha as ferramentas todas em casa, tinha uns pesos em barro, chamavam-lhe os câmbios” (António “Cacarne”, 85 anos, pastor reformado, Idanha-a-Nova).

Também era frequente, as mulheres aproveitarem as sobras das lãs que ficavam no chão depois das tosquias, assim como as partes que eram tosquiadas na altura das ordenhas, designadas por *rabejas* ou *badalhocas*. Com estes restos de lã que juntavam, depois de devidamente lavados e tratados, eram enviados através de um intermediário para uma fábrica de cobertores, com o fim de aí serem confeccionados os respectivos cobertores, pagando apenas a tinta e o correspondente trabalho. Estes pedaços de lã serviam igualmente para encher as almofadas.

“O meu homem era pastor e nas alturas das ordenhas rabejavam as ovelhas nos apriscos, para o leite não ir sujo para os potes. Eu depois apanhava aqueles bocados da lã sujos, lavava-os bem lavadinhos na rebera, levava-os para a choça e punha-os a enxugar. Depois quando já estivessem enxutas, deslanava tudo com os dedos e punha tudo como que era algodão-em-rama. Também costumava aproveitar os bocados que ficavam depois da tosquia. Ia ajuntando tudo até fazer 2,5 kg, era o peso que era preciso para mandar fazer um cobertor. Depois vinha cá um homem ali de Castelo Novo que levava a lã para a fábrica, nós só lhe pagávamos a tinta e o trabalho. Ele depois trazia-nos os cobertores já fetos. Com a lã que ajuntei fiz três cobertores, um para cada filha, tenho ainda dois aqui em casa, estão ainda por acabar. Olhe, a gente também costumava encher as almofadas com as rabejas, a gente chamava-lhes as badalhocas” (Ifisénia Maria, 85 anos, reformada, Proença-a-Velha).



Fig – 41 - (A) Proença-a-Velha. Cobertor de lã que a Ti Ifisénia mandou fazer com os restos das lãs que apanhava durante as tosquias, 2006.



Fig. 42 – (B) Proença-a-Velha. Outro dos cobertores que mandou fazer.

Este registo demonstra claramente a dimensão de um tempo onde a escassez de recursos imperava, fazendo com que se estabelecessem para além dos trânsitos industriais das lãs, redes comerciais domésticas, entre o concelho e a região serrana.

Uma outra indústria relacionada com o comércio e a transformação das lãs que convém igualmente fazer referência foi a indústria de chapéus de Alcains. Esta indústria efectuava chapéus a partir da lã, eram chapéus de abas largas e copa baixa, conhecidos por *chapéus de Alcains*, bastante usados pelas gentes do concelho. Jaime L. Dias descreve-os do seguinte modo: “Os chapéus de Alcains são feitos, como se disse, de lã, exclusivamente de lã, comprada na região, que, depois de lavada, escarameada, cardada, em-arcada e bastida, é levada à cabeça (forma de azinho do feitio de uma cabeça)” (1991, pp. 136-138).

2.2.1.6 O estrume

Desde tempos remotos que a agricultura e o pastoreio se conjugam, sobretudo através do sistema de estruturação das culturas com a criação de gado. Referimo-nos à tradicional rotação das culturas que comporta um ciclo de três anos, designado de afolhamento trienal. Neste, os pousios são destinados ao pastoreio para que a terra saturada descanse e seja ao mesmo tempo estrumada. No diário de um grande lavrador do concelho de Serpa, que viveu na segunda metade do século XIX, este anotava que naquela época “(...) a estrumação das terras pelo gado lanígero é o principal interesse neste gado” (Feio, 1985:235).

O estrume é, deste modo, um elemento precioso e vital para a fertilização da terra. É, pois, um dos seis⁴³ produtos extraídos directamente do rebanho. No entanto, com a introdução progressiva e generalizada dos adubos químicos e com as profundas mutações estruturais que tem sofrido a sociedade rural nas últimas décadas, esta antiga forma de fertilizar as terras tem-se diluído acentuadamente.

A este processo denomina-se *estrumação a bardo*, que consiste em manter o rebanho fechado durante a noite em bardos ou redis móveis nas terras que se pretende estrumar. Mudando-se as cancelas ou os redis uma vez por dia. Contudo, alguns pastores referem que durante a Primavera é costume mudar-se duas vezes por dia, isto porque na Primavera o gado *esterca* muito mais do que nas restantes épocas do ano. De facto, os pastos são mais abundantes e estes comem mais e melhor, daí que *esterquem* e urinem em maiores quantidades durante a época primaveril.

“A gente mudava o bardo todos os dias para aproveitar o terreno. As ovelhas dormiam lá nessa noite, nós no outro dia de manhã, quando acabávamos de ordenhar mudávamos o bardo. Começávamos numa ponta, agarrávamos uma fila feita, até que se estercava o terreno todo” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

⁴³ Leite, queijo, carne, pele, lã e estrume.



Fig. 43 - Rosmaninhal. Terreno estrumado a bardo, 2006.



Fig. 44 - Monsanto. Estrume retirado de um cabanal onde o rebanho pernoita, 2006.

Todavia, durante a época estival, de Junho a meados de Setembro, o gado raramente era recolhido nos bardos e dormia à solta debaixo das árvores. Como normalmente pastavam até mais tarde, o tempo de recolhimento no bardo era menor, daí que permaneciam à solta. Nos dias de hoje já se opera de modo diverso, ora se recolhe o gado no bardo e se adopta o sistema de mudança de bardo de dois em dois dias, ora se deixa à solta no cercado. Isto porque o gado estruma em menor quantidade, pois o tempo de encerro é inferior. A mudança do bardo é vista como uma medida para evitar determinadas doenças nos animais.

Silva Picão, um estudioso da História Agrária Alentejana, revela do seguinte modo a importância desta *arte de esterocar*:

“Nisto de gados, como produtores de estrumes, cabe a primazia às ovelhas e carneiros, cujos esterco são aproveitados como nenhuns, pelas circunstâncias de os lanígeros pernoitarem em bardos móveis sobre o terreno a cultivar (...) a mudança das cancelas efectua-se metodicamente “correndo-se” o terreno às fiadas ou eitos, para que não fiquem intervalos por estrumar (...) é axiomático que uma terra passada a bardos dá bem duas searas consecutivas (...) tendo em vista que quatrocentas ovelhas estrumam coisa de 500 m por bardo, e sendo certo que um moio de trigo em sementeira ocupa a terra de nove hectares, aproximadamente, é claro que essa terra fica estrumada com cento e oitenta bardos no período de cento e oitenta dias” (1983, pp. 330-332).

Contudo, convém assinalar que o valor das estrumadas, a área que ocupam e o tempo a esterocar, dependem em muito de diversas causas. Se eventualmente o passadio dos animais for deficiente, os estrumes escasseiam e a terra fica mal estrumada. Opta-se por retardar a mudança, passando a fazer-se de dois em dois dias. Se por acaso o passadio for o inverso, alargam os bardos ou mudam-se com mais frequência. O clima também exerce um papel determinante. Se as temperaturas forem altas, alarga-se o bardo, para os animais ficarem mais

à vontade. Se estiver frio, encurta-se o redil, pois o tempo frio impele os animais a juntarem-se, de forma que, se o recinto for amplo, fica em parte devoluto e por estrumar. Depois da terra estar bem estrumada, enterra-se o estrume com uma lavra. Em alguns locais, esta operação era mesmo efectuada à enxada.

“Antigamente o Marrocos fazia assim: quando se estercesse um lanço ou uma linha, vinham os arados e davam uma volta ao terreno, chamavam talhar o estrume, era um rego de cada lado. Era para segurar o estrume no terreno, depois era todo lavrado em Outubro” (João Pires, 73 anos, pastor, Idanha-a-Velha).

Relativamente ao aproveitamento dos estrumes dos outros gados, Silva Picão acrescenta:

“A terra esterçada pelas cabras limita-se ao recinto do bardo e redondezas – as camas e malhados – num raio de 50 a 60 m. (...) Das limpezas dos bardos e dos chiqueiros dos chibos, obtêm-se alguns estrumes que se amontoam nas proximidades para se transportarem. (...) Dos porcos também se aproveitam os estrumes que se produzem nas malhadas e rociadas em que dormem e param. Cada herdade susceptível de sustentar suínos, dispõe geralmente de duas a três malhadas, cada qual em folha diversa, a fim de o gado ocupar a que fica no terreno do alqueive, ou alqueivar em breve tempo. A comida dos bácoros na malhada, a sua saída e entradas diárias, durante meses, e o estacionamento, por horas, de manhã à noite, na rociada em volta, produz uma boa estrumada que se utiliza na seara. (...) Das boaidas e vacadas poucos estrumes se reúnem, devido ao regime manadio em que vivem, principalmente as vacas, que passam o ano à solta e a prado. Dos bois, aproveitam-se os esterco que deixam nos manjedourais. (...) Já não sucede assim às que ficam nas “chegadas” à palha de centeio (...) nos meses de Novembro a Fevereiro. Os dejectos das reses, misturados com os desperdícios das palhas, removem-se para fora das almenaras, compondo-se estrumeiras grandes, de valor apreciável. Estas estrumeiras e as outras similares, que se reúnem nos manjedourais, em que os bois comem, presos, representam os únicos estrumes de bovinos que se aproveitam” (1983, pp. 333-334).

Em muitas aldeias do país, o estrume destes animais era igualmente fabricado nas ruas das aldeias, em combinação com matos e palhas. Benjamim Pereira, em relação ao Norte do país, descreve de uma forma exímia este processo:

“Em Trás-os-Montes, além dos estrumes obtidos pela curtadura de vários elementos usados na cama do gado, os caminhos das aldeias funcionavam também como verdadeiras esterqueiras. Cada vizinho utilizava o espaço limítrofe da rua para aí espalhar regularmente camadas de mato que ali curtia, sendo depois empilhado nas curraladas, em composição com outros estrumes (...) Os montados para fornecimento de matos constituíam um património da unidade rural da maior importância, complementados, em muitos casos, de forma essencial pelos baldios (...) Por alturas de Maio, quando ele está em flor era roçado em grandes quantidades, normalmente à enxada (...) O mato, depois de seco, era transportado em carros de bois e disposto em medeiros, próximos dos currais; e, por vezes, também nas passagens que levam ao portão da rua, onde era calcado pela circulação do gado e dos carros (...) Havia pessoas que apanhavam a bosta deixada pelos animais que circulavam nos caminhos da aldeia (...) O estrume era carregado directamente dos currais para os caminhos, em carros de bois, com a ajuda de gadanhos, ancinhos, forquilhas e cestos, e daí descarregado em montes que salpicavam de pontos negros toda a superfície que ia ser lavrada” (1996, pp. 203-206).

Este estrume fabricado nos currais era e continua a ser de igual modo comercializado, nomeadamente por pessoas que possuem nos cabanais gado cavalari, muar ou até mesmo gado caprino.

“Antigamente cheguei a vender a carrada de estrume a 25 contos, era um reboque cheio. Fazia-lhes a cama com palha e giesta traçada” (Ti Zé Manteigas, 70 anos, pastor, Monsanto).

Relativamente à estrumação a bardo esta era, em muitos casos, comercializada e contabilizada por *noites*, ou seja, requisitava-se determinado rebanho para pernoitar em determinado terreno e era pago por pernoita. O já citado lavrador alentejano do século XIX, refere nas suas receitas a venda de estrumações a 3000 réis por noite. Da mesma forma, Silva Picão, referindo-se aos que compravam pastagens e vendiam o estrume, revela:

“Os criadores de gado ovino que compram pastagens nos olivais e esplanadas de Elvas, para aí pastarem os seus rebanhos, costumam vender-lhes os esterco aos donos dos olivais a cento e vinte e cento e quarenta réis por noite e grupo de cem cabeças adultas” (1983, p. 333).

Alguns pastores tomavam conta de gado de outros vizinhos sem qualquer compensação além do estrume que era deixado nas terras que eles próprios agricultavam. Por outro lado, era normal nos contratos entre proprietários de rebanhos e pastores, o estrume figurar como complemento do salário ou quando estes não auferiam salário em numerário, figurar como parte compensatória significativa. Os pastores transumantes que efectuavam as invernadas para o concelho de Idanha-a-Nova, pernoitavam durante a viagem em algumas localidades. Aqui, alguns proprietários abrigavam-nos nos seus terrenos a troco do estrume dos rebanhos transumantes.

“Quando chegávamos ali à Capinha, havia lá um homem que nos dava abrigo e de comer em troco de leite e do estrume das ovelhas. No Pedrógão dormíamos num pátio que era de um veterinário, dávamos-lhe o estrume dessa noite” (Ti Zé Camilo, 69 anos, pastor transumante, Fernão Joanes).

Capítulo 3. Exercício de retorno de uma colecção espúria de objectos de pastor

3.1 A colecção

Trata-se de um conjunto de objectos, cerca de trezentos, maioritariamente relacionados com a actividade da pastorícia. Como o processo das recolhas incidiu fundamentalmente entre duas aldeias relativamente próximas (Rosmaninhal e Cegonhas), a colecção apresenta-se como um corpus aparentemente homogéneo. Ou seja, apresenta-se como um conjunto de objectos, maioritariamente elaborados com base nos recursos naturais do meio envolvente e de fácil transporte e manuseio. Espelhando deste modo o semi-nomadismo associado ao tipo de pastorícia praticada nesta zona do país (latifúndio/campos abertos/Sul). Contudo, face a uma diferenciação estrutural, histórica, económica e social, relacionada com o uso e a posse da terra⁴⁴, a colecção organiza-se e destaca-se mediante dois pólos: *objectos do Rosmaninhal* e *objectos das Cegonhas*. Relativamente aos primeiros, recolhidos na aldeia do Rosmaninhal, estes remetem para um território vincado historicamente pela grande propriedade ligada quase na íntegra aos grandes latifundiários e por consequência, à perda dos tradicionais direitos associados à propriedade colectiva e sua respectiva exploração. Onde a sujeição do pastor à condição de assalariado por ter falta de terra se associa também à dificuldade em possuir e sustentar um rebanho próprio. Logo, face a esta conjuntura histórica ligada à grande

⁴⁴ Refiro-me à denominada “*Guerra dos Montes*”. Acontecimento histórico relacionado com a expropriação de terras da parte da população do Rosmaninhal (a mando dos grandes proprietários) às populações residentes num território das proximidades, ou seja, três montes que comportavam núcleos habitacionais denominados de aldeia de Alares, Cubeira e Cegonhas Velhas. Com base nas poucas fontes documentais existentes (Simões, 1924; “O Século”, 1925), sabe-se que as populações que fundaram estes montes eram provenientes das aldeias de Monforte da Beira e de Malpica do Tejo (aldeias relativamente próximas). E que face à dominação e controle dos grandes proprietários sobre a terra (“ricos” como são denominados localmente), viram-se obrigados a procurar terra para cultivar fora daqueles limites territoriais. Fundando deste modo as três aldeias. Sabe-se que estas terras pertenciam a nobres absentistas, os Manuel de Vilhena, condes de Vila Flor do Alentejo. Adquiridas posteriormente por José António Morão, visconde de Morão. Portanto, o povoamento dá-se no início do século XIX. Estes “monteses” (como são denominados pela população do Rosmaninhal) pagavam rendas anuais à família Morão, rendas essas assentes em contratos meramente verbais. Com a morte de José Guilherme Morão, herdeiro do Visconde de Morão, procederam à partilha amigável dos bens, distribuindo-se a terra dos três Montes em quatro parcelas. Passando a denominar-se montes dos Alares, Cobeira, Cegonhas e Raiz ou monte Novo (actualmente a aldeia das Soalheiras). Este último monte coube a José António de Paiva Morão, os outros aos restantes herdeiros que os venderam a alguns proprietários do Rosmaninhal sem consultar previamente os “monteses”. Originando aquilo que a imprensa da época chamaria “*A Guerra dos Montes*”. Traduzindo-se essencialmente numa expropriação à força dos habitantes destes montes. Sendo novamente obrigados a abandonar os seus territórios para fundarem o que é hoje a aldeia das Cegonhas e das Soalheiras. Portanto, estes confrontos ocorreram fundamentalmente entre 1923 e 1924. Sendo posteriormente, em 1930, efectuado o loteamento definitivo das terras para posterior venda mediante um sorteio. Entrando conjuntamente na compra proprietários do Rosmaninhal e restante povo e as populações dos referidos montes. Deste modo, o que resta destes montes (Alares, Cobeira e Cegonhas Velhas) são uma amálgama de sortes agrícolas (parcelas de terra) distribuídas entre a população do Rosmaninhal e dos referidos montes.

propriedade, uma das únicas possibilidades de poder vir a constituir rebanho próprio e consequentemente sustentá-lo era assalariar-se junto dos grandes proprietários e assim “ganhar” o direito⁴⁵ a ter um rebanho conjuntamente com o do “patrão”.

“Eu cheguei a ganhar para além da forra que eram 50 ovelhas e 10 cabras, 2 litros de azeite, 1 alqueire de feijão e uma fanega de trigo por mês” (João Chambino, 67 anos, pastor reformado, Rosmaninhal).

Esta situação conduz por consequência à partilha de rebanhos, justificando-se desta forma a necessidade do pastor em singularizar os seus domínios, a sua propriedade, daí inúmeros objectos comportarem assim as respectivas marcas de diferenciação de propriedade.

“Esta corna herdei-a do meu pai. Conheço-a porque o meu pai tinha uma com peixes desenhados, foi ele que os fez. Também têm as iniciais do nome dele (JMS) José Mendes Sanches. Esta corna era do meu pai” (Ti Joaquim “Zagal”, 85 anos, reformado, Rosmaninhal).

Por outro lado, é nas próprias biografias dos objectos que encontramos os principais vínculos que remetem quase na íntegra para esse tempo “dos patrões”⁴⁶.

“Esta é que é uma bandoleira valente, esta é que eu usei muito, foi o João Espanhol que a fez. Não lhe paguei nada, éramos criados do mesmo patrão, éramos amigos. Levava a merenda aqui quando ia a guardar o gado, mas era só quando faltava algum pastor. Tinha que ir eu com o gado, fiz de tudo um bocadinho” (João Xanas, 82 anos, Rosmaninhal).

Já os *objectos das Cegonhas*, embora estejam de igual modo conotados com os “campos abertos” (openfield), onde os cereais e o pastoreio conviveram, encadeiam-se com uma propriedade dividida⁴⁷ pertencente à maioria dos habitantes locais, resultado da situação histórica decorrente da descrita “*Guerra dos Montes*”. A esta tipologia de propriedade (campos abertos) estão associados antigos usos tradicionais, nomeadamente a servidão de *compáscuo*, definido por Orlando Ribeiro, como “o direito de transformar em “pastos comuns” todos os terrenos de cultura, quando isso não prejudique as operações agrícolas” (1991, p. 221). Este sistema traduz de facto o pressuposto da existência de campos não vedados e por todos aproveitados. Indica também que o proprietário da terra não é dono do que de forma espontânea nasce na sua propriedade (terra). António Carvalho diz ainda que

⁴⁵ O pastor tinha direito a apascentar, conjuntamente com o rebanho do patrão, um número variável de ovelhas. A este rebanho adquirido por direitos de assalariado, denomina-se de “forra”.

⁴⁶ Grandes proprietários.

⁴⁷ Os locais chamam “sortes” às parcelas que resultaram da divisão das terras.

“os ‘Pastos Comuns’ é um direito colectivo sobre a erva extensivo aos produtos das árvores, bolota e cortiça (...) os produtos não são de apropriação privada” (1992, p. 19).

Esta lógica referente aos usos colectivos do território está espelhada nas biografias de alguns objectos que remetem com frequência para a posse individual de pequenos rebanhos de cabras.

“Esta francela já era do meu marido. Era do tempo em tínhamos umas cabrinhas. Aqui toda a gente tinha cabras. A gente pagava os pastos” (Maria Gardete, 69 anos, Cegonhas).

“Aqui no povo toda a gente tinha cabras. Era por causa do leite, do queijo e da carne” (Ti Zé Parrera, 70 anos, Cegonhas).

O sistema de usufruto colectivo do território em torno da aldeia fazia-se mediante o pagamento dos pastos, conforme explica um dos últimos “responsáveis pela escrita”:

“Eu é que apontava e fazia as contas. Eu larguei isto à 39 anos. Aqui era tudo sortes, até o pessoal das Soalheiras tinham aqui terrenos. Depois cada um pagava a soma dos alqueires. Havia gente que tinha três e quatro sortes e pagava os alqueires. Os pastores por exemplo, podem andar em três ou quatro sortes de vários donos, a gente faz a conta aos alqueires que eles têm que pagar. Cada um paga os hectares que têm” (António, 72 anos, Cegonhas).

A aldeia possuía um cabreiro do povo que pastoreava o rebanho formado pelas cabras de cada um dos membros da aldeia (“*a cabrada do povo*”).

“O rebanho das cabras todas da aldeia eram aí umas 150” (Francisco Correia, 81 anos, Cegonhas).

Cabendo aos respectivos proprietários pagar ao cabreiro mediante o número de cabras que possuíam. Posteriormente, este “cabreiro do povo” deixa de existir e começam a ser os próprios proprietários destes pequenos rebanhos de cabras a executar esta tarefa. A regra é contabilizada mediante o número proporcional de cabras que cada um possui, ou seja, a cada cabra correspondia a um dia de pastoreio. Indo ao encontro do que documenta Jorge Dias noutras regiões do país:

“Numa grande parte das regiões serranas do Norte e nalgumas do Centro, as cabras de todos os vizinhos de uma aldeia constituem um rebanho colectivo. Nas regiões de maior tradição comunitária, como Vilarinho da Furna ou Rio de Onor, são guardadas pelos vizinhos, à vez, de acordo com o número de cabeças

que cada casa possui (...) Nas aldeias, onde a disciplina comunitária é menos viva, os vizinhos podem contratar um pastor profissional a quem pagam em géneros e dinheiro, podendo ainda fazer parte do contrato, o pastor ter animais seus no rebanho colectivo” (1965, p.334).

Em relação à organização da respectiva ordem, ela estruturava-se pela localização geográfica das casas da aldeia, era denominada de “volta”. Esta tinha início numa ponta da aldeia e circulava até se preencher por completo a linha formada por todas as casas da aldeia. A gestão da propriedade dos “Pastos Comuns” estava a cargo de uma comissão eleita pelo povo. A partir de 1987, esta organização em torno dos “Pastos Comuns” cessa e a propriedade assume-se já com plenos direitos individuais, fazendo dela o que o proprietário entender.

“(..) Em 1972 foi quando se acabou o cabrero do povo e começamos a andar com elas aos dias. Foi quando eu comecei a vender algumas, eram muitos dias, pois tinha 9 cabras e ainda tive 7 e agora para o fim já só tinha duas. Quando o cabrero adoeceu, o povo reuniu-se e pensamos assim: o que tinha duas ia dois dias, o que tinha três ia três dias. A volta começava numa ponta da aldeia e corria os vizinhos todos, chegava lá em cima acabava a volta. A gente dividia o tempo para sobrar mais tempo para fazermos mais coisas. Havia ali um curral, toda a gente lá ia a levar as cabritas, quando era às 9 horas, quando o cabrero vinha, as cabras já lá estavam. Ele abria a porta e seguia com elas. À tarde quando vinham, não era necessário levá-las aos palheiros, em chegando ao povo, cada uma ia para seu destino, cada uma ia a ter onde comia, chegavam a ser cento e tal. Era engraçado quando havia chibos novos, vinham atrás das mães, depois perdiam-se. A gente ia à procura deles: viste prá’qui uma chiba? A gente conhecia bem o gado. Antigamente aqui toda a gente pagava pastos, daí que todos podiam ter gado. Você tinha 30 alqueires, somava esses alqueires. Quando era dia de S. Miguel, o povo reunia-se e havia uma folha de papel com essas contas de trigo. Depois aquilo era tudo somado para uma conta. Tinha-se que tirar os alqueires para pagar o pasto, quem tinha 10 alqueires pagava 10. Quem não tinha nada e tinha cabras, pagava na mesma, pagava à cabeça para o dono do terreno” (Simão Ferreirinha, 89 anos, Cegonhas).

“Andavamos com a cabrada do povo. Hoje ia eu, amanhã ia você. Cada cabra um dia. Quem tivesse três ia três dias. Em primeiro tínhamos um cabrero que ia com a cabrada do povo mas depois desistiu. Começamos nós aos dias. Nós tínhamos cinco cabras, tínhamos que ir cinco dias, mas davam-se por duas voltas” (Domingos Taborda, 83 anos, Cegonhas).

Por outro lado, embora sendo proprietários de pequenos rebanhos, assalariavam-se do mesmo modo junto dos grandes proprietários do Rosmaninhal, especialmente durante o período das lavras e das ceifas. Deste modo, paralelamente à pastorícia, os objectos remetem também para o ciclo dos cereais.

“Às vezes ia para o Rosmaninhal a ceifar. Dormíamos ao relento (...) levava nesta cesta o fatinho para comer” (Silvina Chambino, 66 anos, Cegonhas).

A corna era onde a gente levava as azeitonas. Abalávamos daqui para as ceifas na segunda-feira com a merenda dentro dos alforjes e andávamos para lá toda a semana. Íamos ali para o Rosmaninhal, em acabando a merenda, as mulheres vinham a buscar mais e nós ficávamos lá” (Domingos Rito, 85 anos, Cegonhas).

“Servia para levar o leite para a ceifa, quando agarrava os quintos ali para a Zebrera. Levava o cântaro cheio de leite de cabra, cozia-se à noite, para levar para a ceifa” (Leonor Gardete, 75 anos, Cegonhas).

3.1.1 O colector

Em relação ao colector e às suas recolhas, interessa-nos referir apenas alguns trâmites relacionados com o próprio processo de recolha. Tal como aferi no capítulo sobre a metodologia, embora o meu relacionamento com o colector não tenha sido o mais pacífico, foi no entanto possível, perceber parte das lógicas e do respectivo contexto em que sucederam as suas recolhas. Tratando-se de uma recolha sem qualquer metodologia prévia estipulada, a linha orientadora assentou fundamentalmente numa “ideia-padrão” baseada na vida e no quotidiano de trabalho do pastor. Depois de reunir uma primeira colecção procedeu à respectiva venda a uma instituição local (Câmara Municipal de Idanha-a-Nova), para posteriormente reunir, com base nesta “colecção-modelo” mais duas idênticas para efectuar a continuidade do respectivo negócio. Temos assim, implicitamente ao engenho e organização da referida recolha a ideia de negócio de compra e venda de objectos etnográficos. Em relação a alguns aspectos do contexto, foi-me repetidamente dito pelos proprietários dos objectos o *modus operandi* do referido colector. Ou seja, o aluguer para o efeito de um velho palheiro na aldeia das Cegonhas que servia de armazém (depósito) dos respectivos objectos que iam sendo recolhidos paulatinamente durante as suas jornadas de actuação. Por vezes, como a maioria da população já se tinha inteirado das suas intenções, eram os próprios que se deslocavam ao respectivo palheiro com os objectos que achavam que valeria a pena vender ou trocar. Funcionando este local como “montra” dos objectos para os habitantes da própria aldeia e como ponto central de contacto com o respectivo colector.

“(…) O V. (colector) tinha ai um palheiro onde punha as coisas e um dia vinha a passar, ele é amigo do meu rapaz e quando passei lá, o portão estava aberto, entrei lá e vi uma cestinha pequena e disse-lhe: olha uma cestinha tão bonita para eu por as molas! E ele disse-me: leve lá a cestinha! Deu-ma e eu dei-lhe esta. O rapaz até queria pagar, eu não quis. Tenho aqui outra, não me importava de lha dar” (Silvina Chambino, 66 anos, Cegonhas).

“Ele tinha as coisas ali num palheiro velho do Ti Manel Mates e metia lá as coisas. Ele vinha a comprar à gente e depois punha lá as coisas. Ele vinha cá muita vez, depois ia-se embora, depois tornava a aparecer” (Maria Gardete, 67 anos, Cegonhas).

Em relação à troca de objectos, convém referir que em alguns casos o colector optava pontualmente por adquirir objectos novos nas feiras e/ou em comércios locais e trocá-los pelos velhos e usados.

Posteriormente, o colector foi contratado pela instituição a que tinha vendido a sua primeira colecção de objectos de pastor, para efectuar a respectiva limpeza dos objectos. Nesta fase, foi quando iniciou o preenchimento de um modelo de Fichas de Inventário para cada objecto.

3.1.2 Preenchimento das Fichas de Inventário pelo colector

O modelo de Ficha utilizado pelo colector foi elaborado pela equipa do Centro Cultural Raiano (CCR-1995/97) e teve como base o modelo adoptado pelo Museu Nacional de Etnologia para as colecções etnográficas. Trata-se de uma Ficha estruturada pelos seguintes campos principais: Designação/designação local; Registo; Localização; Aquisição; Colecção; Função; Fabrico; Utilização; Informante.

Em relação ao seu preenchimento realce-se que este foi elaborado pelo colector num dos gabinetes de trabalho do CCR. Utilizando para este efeito unicamente o recurso à sua memória referente ao momento da sua recolha⁴⁸. Ou seja, com base neste exercício de memorização, o colector completou para cada objecto a sua respectiva Ficha de Inventário. Como mais tarde se iria constatar, nomeadamente, com o exercício de retorno dos objectos, parte da informação relacionada com a biografia do objecto ora não coincidia com o discurso do seu antigo proprietário, ora era reduzida a uma simples síntese relacionada com a funcionalidade do objecto. Apresentavam-se assim dois discursos diferenciados em torno de cada objecto: um, inventado ou reduzido a uma mera síntese funcional e o outro verídico, o do próprio proprietário do objecto, que contrariava radicalmente a informação que o colector tinha debitado nas respectivas fichas.

⁴⁸ A recolha ocorreu em 2001/02 e o preenchimento das Fichas de Inventário em 2004/05.

Ficha de Inventário (colector)

Denominação do Objecto: Bandoleira

Nº de Inventário: P/R Nº1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Xanas

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Discurso

“Foi utilizada para transporte do farnel em trabalhos da pastorícia e outras actividades agrícolas.”

Exercício de retorno dos objectos, João Xanas, reformado, Rosmaninhal.

“Esta bandolera não era minha. Eu nunca fui pastor, fui criado de servir e roupero na Poupa e no Cabeço Mouro, fazia uns 50 queijos à cabreira por dia.”

3.2 Exercício de retorno dos objectos

Ao decidirmos enverendar por fazer o percurso inverso que os objectos tinham efectuado, fomos ao encontro de novos sentidos e interrogações para uma colecção espúria, tal como decifra Joaquim Pais de Brito:

“É desejável, por múltiplos motivos, que os terrenos de onde procedem os objectos possam ser revisitados por quem conduz o seu estudo. Qualquer que seja a distância temporal que separe a entrada desses objectos no Museu e o momento em que estão a ser estudados, eles podem sempre dar lugar a modos de interrogação que, no terreno, lhes acrescentam não apenas nova informação, como novos sentidos e questões que os recolocam com pertinência no presente da investigação” (2008, p. 79).

Neste sentido, deste exercício de retorno derivaram um conjunto de objectos cujo os antigos proprietários reconheceram como sendo seus e deles mencionaram parte das suas biografias, muitas vezes aludindo à confusão de datas, pessoas e usos. Aos quais intitulamos “objectos com história”. Por outro lado, derivaram também um número considerável de objectos cujos antigos proprietários não os reconheceram como sendo sua propriedade, assim como outros pertencentes a pessoas que já tinham falecido ou ainda outros relacionados com pessoas que ao largarem definitivamente os trabalhos do campo, por questões relacionadas com a idade, abandonaram também a aldeia e foram viver conjuntamente com os filhos para os centros urbanos. A estes designamos por “objectos sem história”. Por último, com base na

parca informação das fichas preenchidas pelo colector dos objectos, pudemos ainda decifrar um terceiro item, ou seja, o dos “objectos com uma história ‘construída’ pelo colector”. Em suma, organizam-se assim o conjunto desta colecção: **“objectos com história”**, **“objectos sem história”** e **“objectos com uma história construída pelo colector”**.

Recomendações finais

Terminar um trabalho de investigação em jeito de recomendações não é um procedimento muito vulgar dentro destas formalidades ditas académicas. No entanto, a opção justificou-se quando numa das últimas reuniões de trabalho com o Prof. Dr. Pedro Prista⁴⁹ se discutiram um conjunto de relevantes elementos relacionados directamente com estas matérias pastoris e que pela sua actuação estruturante que tiveram ao longo deste mesmo trabalho, não podiam ficar de forma alguma ausentes. Por outro lado, e este talvez seja o sentido mais prático da opção tomada, trata-se também de uma forma de sensibilizar e alertar, o público em geral e as instituições culturais em particular, para a visibilidade destes patrimónios pastoris, tantas vezes em ansiosas e inertes esperas de valorização, estudo e salvaguarda.

Nesta conformidade, importa referir que ao longo deste trabalho se foram equacionando e projectando outras hipóteses paralelas de investigação. Partimos de uma colecção espúria, sem sentido, para através dela sermos (re) conduzidos ao encontro do seu suposto verdadeiro sentido, ou seja, o das pessoas (pastores) que lhes deram pelo menos um sentido prático e funcional. Neste árduo percurso de sentidos (direcções) esboçaram-se múltiplas linhas de investigação, mas que por razões metodológicas impostas pelo balizamento temático deste trabalho, foram sendo preteridas em favor de outras. Algumas destas encruzilhadas temáticas foram ficando nos cadernos de campo como meras notas de recomendação sublinhadas a vermelho.

Focando agora o olhar neste vasto conjunto de recomendações de certa forma desorganizados, dele escolhemos três recomendações que nos parecem que complementam na íntegra esse amplo e fecundo eixo temático que esta investigação deixou em aberto. Uma destas recomendações alude ao importante e urgente inventário a fazer a todo um conjunto arquitectónico relacionado com o mundo pastoril, as denominadas arquitecturas pastoris: abrigos, arraiais⁵⁰, cabanais, currais, antigos recintos de gados, fontes, pias, tanques e outros reservatórios para armazenagem da água, caminhos, marcas de propriedade, muros, pontos de orientação, sítios singularizados por acontecimentos trágicos, locais de pastoreio, etc.

A segunda recai sobre um todo heterogéneo correspondente às recolhas orais gravadas durante o trabalho de campo junto dos pastores. Sobre estas interessa salientar a sua inscrição nas questões de salvaguarda das tão actuais discussões em torno dos patrimónios imateriais ou

⁴⁹ Orientador da dissertação.

⁵⁰ Conjunto de edificios que forma a unidade agricola.

intangíveis. O contexto deste infindável *corpus* imaterial remete-nos para a substância do universo pastoril. Nele constam saberes-fazer tradicionais, técnicas magico-curativas com base no meio envolvente, mesinhas, nomenclaturas e fraseologia específica da cultura pastoril, histórias de vida de pastores, superstições, medos, orações, lendas, canções, poesias, léxicos pastoris, anedotas, assobios, brados e chamamentos, cosmologias, festas, feiras de gado, histórias de lobos, leituras do meio natural, fauna, flora, etc. Tal como, fruto da documentação da colecção espúria, ou seja, todo um *corpus* de memória biográfico pertencente aos objectos conjuntamente com as suas funcionalidades e práticas. Deste modo e tendo em conta a valorização e salvaguarda de um património colectivo impõe-se a organização deste importante *palimpsesto* que revela na sua vertente mais ampla a memória pastoril do território do concelho de Idanha-a-Nova. A recomendação recai assim para a urgente constituição de um arquivo oral de pastores.

Por último, recomenda-se de igual modo a título de urgência o inventário e o tratamento de uma colecção de objectos pertencentes a um antigo pastor-artesão residente em Idanha-a-Nova⁵¹. Esta colecção com cerca de três mil objectos variados, representativos do quotidiano pastoril, retrata com enorme profundidade e diversidade os saberes e as técnicas tradicionais relacionadas com a mestria de trabalhar os materiais da paisagem envolvente. Nele comportam conjuntos de talheres (garfo, faca e colher) elaborados de uma só peça, a várias escalas e volumetrias, molduras trabalhadas em cortiça, couchos em cortiça, tropeços, cachaporras de pau de zambujeiro, estranhas figuras relacionadas com o imaginário do pastor, inúmeras figuras representativas do quotidiano pastoril, etc. Trata-se de um singular acervo pastoril, a maioria encaixotado, que à data deste trabalho preenchia um inquietante anexo-deposito pertencente à Câmara Municipal de Idanha-a-Nova. A urgência desta recomendação, estudo e tratamento da colecção, é equacionada face à avançada idade do pastor-artista (87 anos), pois qualquer projecto de valorização museológico referente ao respectivo acervo, só se completa alicerçado conjuntamente com a memória do seu criador. Constituindo-se assim, o teor desta última recomendação, precisamente como parte integrante desse questionamento que deu início a este trabalho de investigação, ou seja, esse mesmo plano de problematização para os quais os objectos remetem: de quem era? Quem o fez? Quem o utilizava? Que tempo teve de uso? Que adaptações ou transformações sofreu? Etc., etc...

⁵¹ O seu nome é António dos Santos, conhecido por António “Cacarne”.

Léxico pastoril⁵²

A

Acarter- Carregar, levar qualquer coisa.

Acarrar- Quando as ovelhas baixam a cabeça e se juntam à sombra das árvores nas horas de mais calor.

Agátcha-te- Baixa-te.

Agostadores- Restolhos.

Acharem-se dodas- Quando o gado se põem fica doido.

Andar a meia tripa- Passar fome.

Apitcher- Pegar fogo a; assanhar o cão.

Apier- Piar as cabras para não saltarem.

Aprisco- Bardo em forma de corredor, onde se efectuam as ordenhas.

Arreganhar- Ter frio, esfriar.

Arrumaçadinha- Quando as ovelhas estão todas juntas.

Arrancar o chanelo- Pôr-se a caminho.

Arriba- Para cima.

Assentar o cú no mocho- Ir a tribunal.

Aterer um brado- Chamar por alguém.

Àvier- Aviar na loja.

Azeitero- Recipiente elaborado a partir do corno de vaca, utilizado como galheteiro.

B

Badalo- Pedaco de madeira dentro do chocalho que efectua o som.

Bandolera- Mala que os pastores usam no campo, aqui colocam a merenda, a garrafa de vinho e alguns apetrechos.

Barroco- Pedra de enorme dimensão.

Barroca- Linha de água.

Boleta- Bolota.

Botelha- Abóbora.

Borreguero- Pessoa rica.

Borrera- Diarreia; acontece aos chibos se beberem demasiado leite.

Búfio- Abrigo redondo, com tecto em falsa cúpula, elaborado com pedras e terra.

⁵² Léxico pastoril resultante do trabalho de campo efectuado no Concelho de Idanha-a-Nova entre 2005/2007.

C

Cabeço- Elevação natural na paisagem.

Cabaça- Espécie de abóbora seca, que se utiliza para colocar líquidos, tal como uma garrafa.

Cangalhad- Coisas velhas.

Cantchos ou **Catchais**- Terrenos ermos, irregulares.

Catespinhos- Miúdos.

Carujer- Chuviscar.

Cêpos- Apoios de azinheira para as cancelas do bardo.

Chabuços- Parte do corno das vacas.

Chavelha- Pedaco de madeira que serve para travar a coleira do chocalho.

Cheberra- Cabra com um ano.

Chegar a roupa ao pêlo- Bater em alguém.

Chernecão- Soro do leite.

Choça- Abrigo feito de materiais vegetais, onde o pastor vivia.

Chôço- Abrigo mais reduzido, feito com materiais vegetais, onde o pastor vivia.

Chôtchos- Tremoços.

Conca- Recipiente de cortiça em forma de tigela por onde se comia.

Corna- Recipiente elaborado a partir do corno de vaca, utilizado para guardar diversos alimentos (queijo, toucinho, azeitonas, chouriço).

Costa- Margem do Tejo.

Coucho- Recipiente de cortiça, por onde se bebe água.

D

Deslanado- Com pouca lã.

Destronhada- Sinal de marcação do gado; corte da orelha rente.

Diabólica- Medo.

E

Egalipto- Eucalipto.

Encarrapato- Nú, sem roupa.

Engonheda- Encolhida.

Enrramar- Efectuar desenhos num pau; bordar; arte do pastor.

Ervagem- Pastagem.

Esborronchar- Deitar a baixo; estragar.

Estar atido- Estar à espera de;

F

Farnel- Comida; merenda.

Francela- Mesa onde se faz o queijo.

G

Galinhas engovedas- Emplumadas.

Gambiarra- Candeeiro.

Gatchos- Cachos de uvas.

Gorrão- Pedra misturada com terra.

Gravato- Instrumento para apanhar os borregos pelas patas.

Guízo- Pequena campainha, utilizada nos cães.

H

I

Impina-te- Levanta-te.

J

K

L

Lânzudo- Mandrião, perguiçoso.

Lampião- Candeeiro a petróleo.

Lapatcho- Lama, lodo.

M

Malata- Ovelha com um ano.

Malho- Machado.

Mangar- Brincar, gozar.

Margueda- Romã.

Menear- Abortar.

Mercar- Comprar.

Mêum- Forma de chamar no Rosmaninhal.

Moreno- Carvão que se utilizava para curar as feridas durante as tosquias.

Mortório- Peça de terra para cultivar.

Motcho- Pequeno banco elaborado a partir de um ramo de azinheira.

N

O

Ovelha belfa- Tem os dentes para trás.

Ovelha Becuda- Tem os dentes para a frente.

P

Pastoria- Um rebanho.

Parreirão- Francela grande para fazer queijos.

Párias ou últimas- Restos ensanguentados depois do parto das ovelhas.

Pechinho ou bucho- Estômago do chibo seco, utilizado como coalho.

Pesero - Rabo

Piara- Rebanho pequeno.

Pitchero- Vasilha de folha-de-flandres utilizada na ordenha.

Priada- Zangada.

Q

Quetunhos- Patas dos animais.

Quesácoise- Que se lixe, quer se dane.

R

Rabejar- Cortar a lã do rabo das ovelhas na altura das ordenhas.

Rebastel- Rebanho pequeno.

Reboleiro- Chocalho grande.

Redolho- Borrego tardio, nasceu posterior.

Repassada- Quando uma cabra está aflita, adoentada.

Rês- Ovelha.

Reteso- Ordenhar para tirar o leite do amujo.

Retouça- Quando o gado se põe aos saltos.

S

Serôdio- Tardio; diz dos borregos que nascem mais tarde.

T

Tachonas- Largas.

Tanganho- Pau grosso.

Temporões- Primeiros borregos do ano.

Toque aganfarrado- Toque do chocalho abafado.

Trasga- É o mesmo que chavelha.

Tropelo- Sinal feito com uma linha na lã da ovelha.

U

V

X

Z

Zangarros- Chocalhos que não tocam.

Zamburra- Instrumento musical elaborado com pele de ovelha ou cabra.

Outros léxicos pastoris⁵³

A

Alfeira – Rebanho de ovelhas alfeiras, que não parem por falta de idade ou não podem ser cobertas (por falta de carneiros).

Alfeirar – Apartar as ovelhas que só parem serôdiamente.

Alfeire – Junção de ovelhas que só parem serôdiamente, e bem assim de borregos e de carneiros.

Alfeireiro – Homem que guarda o gado *alfeiro*, ovelhas que não parem. Há borregos e borregas (cordeiros, cordeiras) temporãos e redolhos (serôidos).

Anaco – Cabrito de 1 a 2 anos.

B

Badana – Ovelha depois dos 3 anos, isto é, ovelha velha. Algures a badana é a ovelha de mais de 6 anos.

Barreguinha – A ovelha quando nasce.

Bodalho – No Alto Minho (Melgaço) é um cabrito maior que o *cabricho*.

Bode – Chibato para cobrição; chibato de casta.

Bordaleiro – Tipo de carneiro. Silvestre Bernardo Lima escreve: “Deles se deduz que a variedade mais ordinária do tipo bordaleiro, o *careo*, é a que se acha mais disseminada pelo nosso país, predominando contudo nas serras e charnecas dos distritos de Viana, Braga, Viseu, Coimbra, Leiria, Santarém e Lisboa.” Do bordaleiro comum, afirma: “Raça das Areias, no Alentejo, os do planalto de Miranda, os transumantes da serra da Estrela, e os que estacionam nas chanercas adjacentes aos vales do Tejo e Mondego.”

Borreguinho – Cordeiro até aos 6, 7 meses, e nalgumas regiões até 1 ano.

Borrego – Chibo serôido ou redolho, que nasce de 8 de Dezembro em diante. São menores que os temporãos, que nascem de Outubro a 8 de Dezembro.

⁵³ Levantamento de vocabulário pastoril efectuado por José Leite de Vasconcelos na obra “Etnografia Portuguesa, Volume V, pp. 484-488. Embora o autor sublinhe que o seu contexto de proveniência seja o Alentejo, estes termos aplicam-se de igual modo à região em estudo, ou seja, a Beira Interior Sul.

C

Cabra – Em algumas regiões só se chama cabra ao animal de mais de 6 meses; noutras, só com mais de 1 ano. O macho é chamado cabrito. Como termo geral é sinónimo de gado de cabelo.

Cabrada – Rebanho grande de cabras.

Cabradiça – Malhada de cabras.

Cabredo – Rebanho que vai pastar longe. Noutras regiões o cabredo serve para puxar o rebanho; compõe-se de cabras e chibos. As cabras dão o leite para alimento dos pastores e dos cães; os bodes capados para enfeite; os inteiros para cobrição. Num rebanho de 2000, 2200 ou 3000 cabeças, o cabredo pode ter 200 cabeças, entre bodes e cabras, mas as cabras são em maior número.

Cabreiro – Pastor de cabras, que tem como “ajuda” (ajudante) o *chibarreiro*.

Cabricho – Bode de 1 ano, não capado.

Cabrita – cabra pequena.

Cabritante – O mesmo que *ganadeiro*. Diz-se muitas vezes por ironia.

Cabrito – O mesmo que chibo. Macho da cabra.

Cabro – O mesmo que cabrão.

Cabrom – Cabrão, bode.

Capão – Chibato capado.

Carneiro – Designação para o animal de mais de 1 ano, quer inteiro, quer capado. Em certas regiões só se considera carneiro de 2 anos, para cima e até de 3 anos.

Chibarrada – Manada de chibarras.

Chibarreiro – Pastor de chibarras.

Chibarro – Bode ou chibo de 1 ano. O mesmo que chibeiro.

Chibato – Chibo de 3 anos em diante, ou 2 ou mais de 1 ano. Chibato velho é o mesmo que bode.

Chibeiro – Chibo de 2 a 3 anos.

Chiberro – Chibo até um ano.

Chibeto – Chibo acima de 1 ano.

Chibinho – Chibo quando nasce.

Chibo – Cabrito até ser desmamado, aos 3 meses. Noutras regiões do Alentejo mantém-se a mesma designação até 1 ano.

Cordeiro – O mesmo que borrego.

D

E

Embarbilhar – Meter o barbilho na boca dos chibos ou chibas para não mamarem.

F

G

Gado lanisco – O mesmo que gado lanígero.

Gado de mau andar – É o gado para o qual o dono possui poucas pastagens e de vez em quando empreende andadas, levando o gado por propriedades estranhas.

Geneta – Cabra de cor escura ou castanha, com riscas brancas no focinho, de alto a baixo (ou nas pernas). As outras designam-se conforme a cor: amarela, branca, pigarça, risqueada.

Guenepo – Chibeto, menor que o chibato. O mesmo que chibeiro.

Guinapo – Chibato capato, seja de que idade for. Capa-se para que a carne seja melhor.

Guinepe – Chibo até 1 ano.

H

I

J

K

L

M

Melato – Borrego de 1 a 3 anos.

N

Nomes de animais – De cabra: Cardana (esbranquiçada), Estrela, Frechada (de paus ensarilhados), Riscada; de ovelha: Amarela, Carriça.

O

Ovelha – De 2 anos para cima.

P

Q

R

Redolho – O mesmo que serôdio, tardio; borrego que nasce em Fevereiro, já fora do tempo.

S

Soldador – (Ir ao soldador). Quando um animal está doente cortam-lhe um bocado de pêlo ou lã e levam-no ao soldador, que receita remédios físicos ou feitiços.

T

U
V
X
Z

Bibliografia

Dicionários/Enciclopédias/Documentos Electrónicos

Dicionário de Sinónimos, 2ª Edição, Porto Editora.

Dicionário de Ingles/Português, Porto Editora.

Dicionário de Francês/Português, Porto Editora.

Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Selecções, Léxico Comum, Selecções do Reader's Digest.

CHAMBINO, Eddy (2009) – O céu dos pastores. Elementos caracterizadores de um cosmovisão pastoril. Museu da Ciência – Universidade de Coimbra. Projecto Céu dos Nossos avós. [Em linha] [Consult. 20 de Dezembro de 2009] Disponível em: <http://www.museudaciencia.pt/index.php?iAction=Actividades&iArea=20&iId=64>

Fabrice Grognet - Objets de musée, n'avez-vous donc qu'une vie? Gradhiva, 2/2005, [Em linha] [Consult. 5 de Setembro 2009]. Disponível em: <http://gradhiva.revues.org/index473.html>.

UNESCO (2004) – Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural; Paris, Novembro 1972. Paris: UNESCO. [Em linha] [Consult. 28.05.2008]. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/>

Fontes Manuscritas

Arquivo Municipal de Idanha-a-Nova

- Livro de licenças de vendedores ambulantes (1941-45)
- Livro de despesas e receitas da Confraria da Senhora do Almurtão (1854)
- Livro de registo de queijeiras no concelho de Idanha-a-Nova

Diários de Campo (Dezembro 2004 – Dezembro 2007)

Cadernos de Campo (Dezembro 2004 – Dezembro 2007)

Obras Gerais

APPADURAI, Arjun (1986) - *The social life of things. Commodities in cultural perspective.* Cambridge : Cambridge University Press.

AUGÉ, Marc e Colleyn, Jean-Paul (2005) - *A Antropologia.* Lisboa : Edições 70

BENDENISTE, E. (1969) - *Le vocabulaire des Instituitons Indo-eupéennes.* Paris : Ed. Minuit.

BAPTISTA, Fernando Oliveira [et al.] (1989) - *Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira.* Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia: Lisboa.

LEAL, João (2006) - *Antropologia em Portugal. Mestres, Percursos, Transições.* Lisboa: Livros Horizonte.

MONAGHAN, John & Peter Just (2000) - *Social & Cultural Anthropology. A very short introductions.* Oxford: University Press.

PEREIRA, Benjamim Enes (1965) - *Bibliografia analítica de etnografia portuguesa.* Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

RIBEIRO, Orlando (1970) - *A evolução agrária no Portugal Mediterrâneo. Notícia e comentário de uma obra de Albert Silbert.* Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

RIBEIRO, Orlando (1983) - *Mediterrâneo. Ambiente e Tradição.* Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1995) - Opúsculos Geográficos. *Estudos Regionais*. Vol. IV e VI. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.

RIBEIRO, Orlando (1998) - *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico, Esboços de relações geográficas*. 7ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.

THIESSE, Anne-Marie (2000) - *A Criação das Identidades Nacionais*. Lisboa: Temas e Debates.

Questões Metodológicas

ATKINSON, Paul; HAMMERSLEY (2004) - *Etnografía. Métodos de investigación*. Barcelona: Paidós Básica.

BEAUD, Stéphane e Florence Weber (2003) - *Guide de l'enquête de terrain. Produire et analyser des données ethnographiques*. Paris : Éditions la Découverte.

BURGESS, Robert G. (1997) - *A Pesquisa de Terreno*. Oeiras: Celta Editora.

CABRAL, João de Pina (1986) - A metodologia de trabalho de campo em antropologia social : um esboço bibliográfico. In *Análise Social*. Vol. XXII. Nº 90, pp. 167-178.

CABRAL, João de Pina (1991) - *Os contextos da antropologia*. Lisboa: Difel.

CASAL, Adolfo Yáñez (1996) - *Para uma epistemologia do discurso e da prática antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos.

ECO, Humberto (1984), *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. 3ª Ed. Lisboa: Presença.

MAUSS, Marcel (1993) - *Manual de Etnografia*. Lisboa: Publicações D. Quixote.

RABINOW, Paul (1992) - *Reflexiones sobre un trabajo de campo en Marruecos*. Madrid: Júcar Universidad.

SALOMON, Délcio Vieira (2000) - *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes.

Patrimónios, Museus e Colecções

ANICO, Marta (2005) - A pós-modernidade da cultura: património e museus na contemporaneidade. In *Horizontes Antropológicos « Património Cultural »*. Ano 11, Nº 23, Janeiro/Junho 2005.

AUDRERIE, Dominique (1997) - *La Notion et la Protection du Patrimoine*. Paris : Press Universitaires de France.

BABELON, J.-P., André Chastel (2004) - *La Notion de Patrimoine*. Éditions Liana Levi.

BAUDRILLARD, Jean (2004) O sistema dos objetos. São Paulo : Perspectiva.

LLOPI BAYO, Francesc ; PLATA GARCIA, Fuensanta (1993) - El Património Etnológico desde la Administración Autonómica: Andalucía y la Comunitat Valenciana, em Llorenç Prats i Canals e Montserrat Iniesta i González (org.) *El Património Etnológico*. Actas del VI Congresso de Antropologia. Tenerife: Asociación Canaria de Antropologia.

BONNOT, Thierry (2002) - *La vie des objets*. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

BRANCO, J. F. (1993) - *Ao Encontro do Povo. I. A Missão*. Oeiras: Celta Editora.

BRANCO, J. F. (1994) - *Ao Encontro do Povo. II. A Colecção*. Oeiras: Celta Editora.

BRITO, Joaquim Pais de; BAPTISTA, Fernando Oliveira; PEREIRA, Benjamim (org.) (1996) - *O Voo do Arado*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.

BRITO, Joaquim Pais de (2000a) - Objectos com pessoas. In BRITO, J. P. [et al.] (org.) *Normas de Inventário da Alfaia Agrícola*. Lisboa: Instituto Português de Museus.

BRITO, Joaquim Pais de (2000b) - O museu, muitas coisas. *Revista de Museologia [Monografias], Museos y Museologia en Portugal*. [Madrid]: Asociación Española de Museólogos.

BRITO, Joaquim Pais de (2003) - Museus, memória e projecto. PORTELA, J.; CALDAS, J. C. (org.) - *Portugal Chão*. Oeiras: Celta. pp. 265-277.

BRITO, Joaquim pais de (2006) - Patrimónios e Identidades. A difícil construção do presente. In PERALTA, E.; ANICO, M. (org.) - *Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.

BRITO, Joaquim Pais de (2006) - Museos y colecciones etnográficas. Objetos y atribución de sentido. In ALONSO PONGA, José Luís; DÍAZ GONZÁLEZ, Joaquín; PIÑEL SANCHES, Carlos (org.) - *Teoría y Praxis de la Museografía Etnográfica*. Actas del I Congreso Internacional de Museografía Etnográfica. Zamora: Museo Etnográfico de Castilla y León.

BRITO, Joaquim Pais Brito (Org.) (2008) - Exercício de Inventário. A propósito de duas doações de olaria portuguesa. Museu Nacional de Etnologia. [Lisboa]: Museu Nacional de Etnologia.

CHEVALLIER, D., Isac Chiva; DUBOST, Françoise (2000) - L'invention du patrimoine rural. In Denis Chevallier (org.) - *Vives Campagnes. Le Patrimoine Rural, Projet de Société*. Paris: Éditions Autrement. N°194. (collection Mutations).

CHIVA, Isac (1996) - O Património Etnológico é uma Noção Inovadora. *Jornal Expresso*. 11 de Maio de 1996, Lisboa.

CHIVA, Isac (1996) - Le patrimoine ethnologique. L'exemple de la France. *Encyclopedia Universalis*. Symposium 1990, pp. 229-241.

CHOAY, Françoise (1999) - *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.

CONNERTON, Paul (1999) - *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta Editora.

CORDEIRO, Isabel; FREITAS, Inês; PINHO, Elsa Garrett (2000) - Novas tecnologias em Museus de IPM. *Revista de Museologia [Monografias], Museos y Museologia en Portugal*. [Madrid]: Asociación Española de Museólogos.

DEBARY, Octave; TURGEON Laurier (2007) - *Objets & Mémoires*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

DIAS, Nélia (1991) - Le Musée D'Ethnographie du Trocadéro (1878-1908). *Anthropologie et Muséologie en France*. Paris: Editions du Centre National de la Recherche Scientifique.

GUILLAUME, Marc (2003) - *A política do património*. Porto: Campo das Letras.

HALBWACHS, Maurice (1997) - *La mémoire collective*. Paris: Éditions Albin Michel.

HOSKINS, Janet (1998) - *Biographical Objects. How things tell the stories of people's lives*. New York: Routledge.

KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara (1998) - *Destination culture : tourism, museums, and heritage*. California: University of California Press.

KOPYTOFF, Igor (1986) - The cultural biography of things : Commoditization as process. In APPADURAI, Arjun (dir.) - *The social life of things*. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 64-91.

JAMIN, Jean (1999) - Les musées d'ethnographie, les objets et les mots. *Le Musée et les Cultures du Monde*. Paris: École nationale du patrimoine, N° 5.

JEUDI, Pierre (1990) - *Patrimoines en folie*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme.

LÖFGREN, (1996) - Le retour des objects? L'Etude de la Culture Matérielle dans L'Ethnologie Suédoise. In *Ethnologie Française – Culture Matérielle et Modernité*. Vol. XXVI. N° 1. pp. 140-150.

LOWENTHAL, David (1985) - *The past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.

NORA, Pierre (1984) - *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard.

PEIXOTO, Paulo (2002) - Os meios rurais e a descoberta do património. Oficina do CES. Coimbra: Universidade de Coimbra. N° 175.

PELLÓN, Eloy Gómez (1993) - El Papel de los Museos Etnográficos. In CANALS, Llorenç Prats i; GONZÁLEZ, Montserrat Iniesta i (org.) - *El Patrimonio Etnológico*. Actas del VI Congreso de Antropología. Tenerife: Asociación Canaria de Antropología.

PERALTA, Elsa; ANICO, Marta (2006) - *Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.

PEREIRA, Benjamim (1989) - Ernesto Veiga de Oliveira e o Museu de Etnologia. In *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira Organizado por Centro de Estudos de Etnologia*. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia, Instituto Nacional de Investigação Científica. pp. 569-580.

POMIAN, Krzyszth, (1984) – Colecção. *Enciclopédia Einaudi, Memória-História*. Vol. 1. Lisboa: I.N.C.M. pp. 54-86.

POULOT, Dominique (2001) - *Patrimoines et Musées. L'institution de la Culture*. Paris: Hachette Livre.

PRATS, Llorenç (2004) - *Antropologia y Património*. 2ª Ed. Barcelona: Editorial Ariel.

RAMOS, Manuel João (2003) - *A matéria do património*. Lisboa: Edições Colibri.

Roteiro de Museus (Colecções Etnográficas) Vol. I, II, III, IV, V, Lisboa: Olhachim, 1999.

SAMUEL, R. (1994) - *Theatres of memory*. London: Verso.

SANTOS, Armindo (2005) - Património ? Que Património? O Património Etnológico. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 1e 2. p. 45.

SILVA, Sónia (2004) - *Vidas em Jogo. Cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais (ICS).

SOBRAL, José Manuel (1988-89) - Passado e património: famílias, classes, nações – uma reflexão. In *Estudos de História*. Nº 7/8/9 (II Série). Lisboa: Associação dos Professores de História (APM).

SOBRAL, José Manuel (2004), O genuíno, o espúrio e a identidade local: um estudo de caso das políticas de património em meio rural. In *Etnográfica*, Vol. VIII, Nº 2. Lisboa: CEAS.

TAMEN, Miguel (2003) - *Amigos de objectos interpretáveis*. Odívetas: Assírio & Alvim.

TORRICO, Juan Agudo (2006) - Patrimónios e Discursos Identitários. In PERALTA, E.; ANICO, M. (org.) - *Patrimónios e Identidades. Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto (1971) - *Apontamentos sobre Museologia. Museus Etnológicos: lições dadas no Museu de Etnologia do Ultramar*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto (1988) - O Museu de Etnologia (documento dactilografado/typescript).

VEIGA DE OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1995) - *Alfaia Agrícola Portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.

Cultura Pastoril

ALONSO MARTIN, Pedro Garcia y Angel Cabo (Coord.) (2000) - *Cañadas, cordeles y veredas*. Salamanca: Junta de Castilla y León.

AMARAL, Abílio Mendes do (1970) - *Pastores da Serra da Estrela. Etnografia, foro, privilégios, transumância*. Viseu: Top. Beira Alta.

ASSOCIAÇÃO DA DEFESA DO PATRIMÓNIO AROUQUENSE (Org.) (1999) - *Mintemuro: a última rota da transumância: Actas Colóquio*. Arouca: A.D.P.A., 2000.

BARBOFF, Mouette (1994) - Matar o tempo ou le role social, mediatique ou metaphorique de l'object. In *Ethnologie du Portugal: Unite et Diversite, Actes du colloque*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.

BARBOSA, José Carlos B. Couto (2000) - *O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.

BARRIO, Ángel B. Espina (1999) - *Culturas Ganaderas de Castilla y León. Alberche, Corneja, Sayago y Serrezuela*. Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y León.

CHAMBINO, Eddy (2006) - Pastores: os últimos guardiães da paisagem. *ADUFE: Revista Cultural de Idanha-a-Nova*, 08, Janeiro/Junho. Idanha-a-Nova: : Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

CHAMBINO, Eddy (2007) - Objecto antigo, Objecto património. In *Chaves de Silvas e de Estrelas*. Exposição de Chavelhas do Núcleo Museológico do Salgueiro no âmbito do Festival dos Caminhos da Transumância, Chocalhos 2007, Três Povos-Fundão. Fundão: Câmara Municipal do Fundão.

CHAMBINO, Eddy (2008) - *Pastores, guardiães de uma paisagem*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

CHAMBINO, Eddy (2009) – O pastor, o rebanho e o espaço. *Tectos pastoris, céu, colmo, barro, pedra: o pastor e a pastorícia no discurso etnográfico da Beira Baixa*. Fundão: Câmara Municipal do Fundão. (Cadernos pastoris, 3).

CHAVES, Luís (1920) - *A agricultura e a etnografia*. Lisboa: Associação Central da Agricultura Portuguesa.

1º Congresso de Ciências Agrárias (1943) - *O Problema da Lã*. Comunicações apresentadas pelos Médicos Veterinários da Secção de Produção e Comércio de Lãs da Junta Nacional dos Produtos Pecuários. [s.l.]: [s.n.], 1946.

CARVALHO, António Maria Romeiro; MENDES, Cipriano Bento Moita; FIGUEREDO, Manuel Carlos Martins Sancho (1987) - *O concelho de Idanha-a-Nova 1850-1892. Perspectiva Histórica do Desenvolvimento das Estruturas e relações de Domínio Agrícola na Segunda Metade do Século XIX*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

CARVALHO, António Maria Romeiro (1990) - Acerca do “Openfield” e “Pastos Comuns” no concelho de Idanha-a-Nova nos finais do Antigo Regime a partir de Albert Silbert. *Fórum Sociológico*. Nº1. Lisboa: FCSH-UNL.

CASTÁN ESTEBAN, José Luís; SERRANO LACARRA, Carlos (Coord.) (2004) - *La trashumancia en la España mediterránea. História, Antropologia, Médio Natural, Desarrollo Rural*. Guadalaviar-Teruel (Aragon): Centro de Estudios sobre la Despoblación y Desarrollo de Areas Rurales (CEDDAR); Museo de la Trashumancia.

CASTRO, Ferreira de (1999) - *A lã e a neve*. Lisboa: Guimarães Editores.

CATANA, António Silveira (2007) - *A devoção à Senhora do Almurtão*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

CORREIA, Vergílio (1937) - *Etnografia Artística Portuguesa*. Barcelos: [s.n.].

CORTES VAZQUEZ, Luís (1957) - *Las ovejas y la lana en Lumbrales. Pastoreio e industria primitiva en un Pueblo Salmantino*. Vol. IV. Salamanca: Centro de Estudios Salmantinos.

CRUZ, António Alves (1945) - *Lacticínios da Beira Baixa. Queijo à ovelheira e queijo à cabreira*. Separata do Boletim Pecuário, Ano XIII, nº 4.

DIAS, Jaime Lopes (1991) - *Etnografia da Beira*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal. Facsimile da 2ª Edição. Lisboa: Livraria Ferin, 1966. Vol. I, III, V, VI, VIII.

DIAS, J. (2000) - A história do frabrico do queijo na Beira Baixa. *Via Láctea*, nº 15.

DIAS, Jorge (1965) - *Aspectos da vida pastoril em Portugal*. *Revista de Etnografia*. Museu de Etnografia e História, Vol. IV, Tomo 2, Abril.

DIAS, Jorge (1984) - *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*. Lisboa: Editorial Presença.

ELLEN, Roy (1994) - Modes of subsistence: hunting and gathering to agriculture and pastoralism. INGOLD, Tim - *Encyclopedia of Anthropology*, London: Routledge.

ESTEPA GARCIA, Juan Jose (2000) - *Las grandes cañadas extremeñas. Relatos de la Mesta*. Badajoz: Universitas Editorial.

EVANS-PRITCHARD, Edward E., (1968), *Les Nuer*. Paris: Gallimard.

FABIETTI, Ugo (1995) - Pastorícia. In *Enciclopédia Einaudi*, Produção/Distribuição/Excedente. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

FEIO, Mariano (1985) - Uma grande lavoura de Serpa na segunda metade do século XIX. A cultura dos cereais e dos legumes. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Centro de Estudos Geográficos. Nº 20, pp. 235-238.

FERNÁNDEZ OTAL, José Antonio (2004) - La trashumancia en Aragón: una visión historiográfica. In CASTÁN ESTEBAN, José Luís; SERRANO LACARRA, Carlos (Coord.)

- *La trashumancia en la España mediterránea. Historia, Antropología, Médio Natural, Desarrollo Rural*. Zaragoza: CEDDAR.

FLORES DE MANZANO, Fernando (1999) - *La trashumancia y su Mundo en Extremadura. Cuadernos Populares*. Mérida: Junta de Extremadura. Nº 59.

GALATY, John G. (1996) - Pastoralists. In *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, London: Routledge.

GARCÍA, Juan José Estepa (2000) - *Las grandes cañadas extremeñas. Relatos de la Mesta*. Badajoz: Universitas Editorial.

HERNANDO, Máximo Diago (2002) - *Mesta y trashumancia en Castilla (siglos XIII a XIX)*. Madrid: Arco Libros S. L.

Instituto Nacional de Estatística (2001) - *Recenseamento Geral da Agricultura 1999. Beira Interior*. Lisboa: I.N.E.

JERÓNIMO, Rita (1997) - *Agricultura nos campos. Catálogo da Exposição*. Idanha-a-Nova: Centro Cultural Raiano.

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS (1968) - *Cartilha de Tosquia Mecânica*. Ministério da Economia – Secretaria de Estado do Comercio.

MARTINHO, Alberto (1978) - *O Pastoreio e o Queijo da Serra*. Lisboa: Parque Natural da Serra da Estrela. (Parques Naturais; 3).

MORAIS, David (1998) - *A transumância de gados serranos e o Alentejo*. Évora: Câmara Municipal.

PASCUAL, Manuel Rodríguez (2001) - *Trashumancia. Cultura, cañadas y viajes. Trabajo del Camino*. León: Edilesa.

PEREIRA, Benjamim (1985) - *Têxteis. Tecnologia e simbolismo*. Lisboa: Instituto de Investigação Tropical. Museu de Etnologia.

PESSANHA, Sebastião (1939) - *Arte popular e a moderna etnografia*. Porto: Imprensa Portuguesa.

PESSANHA, Sebastião (1951) - *Fechos de coleiras do gado na Beira Baixa e no Alentejo*. Porto: Imprensa Portuguesa.

PESSANHA, Sebastião (1953) - O ferrado, o picheiro e a ferrada (vasilhas para ordenhar, no Alentejo e nas Beiras). *Separata do Boletim A cidade de Évora*. Nº 33-34, Julho-Dezembro.

PICÃO, Silva (1983) - *Através dos campos: usos e costumes agrícola-alentejanos*. Lisboa: D. Quixote.

RIBEIRO, Orlando (1939) - Ensaio e notas: Brandas e Inverneiras in Castro Laboreiro. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. Tomo VI, Nº1 e 2. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 297-302.

RAVIS-GIORDANI, Georges (1983) - *Bergers corses: les communautés villageoises du Niol*. Aix-en-Provence: Edisud.

SALVADO, Pedro; RAINHA, Miguel (2007) - Transumantes paisagens do ocidente. As marcas da memória. Aproximação breve. *Virtual museum of European transhumance, Culture 2000 Programme of the European Union*. San Salvo: Dierre Edizioni. pp. 137-173.

SALVADO, Pedro (2007) - Matérias de solidões. Chaves de silvas e de estrelas. Chavelhas do núcleo museológico do Salgueiro, Três Povos Fundão. *Exposição de Chavelhas do Núcleo Museológico do Salgueiro no âmbito do Festival dos Caminhos da Transumância/Chocalhos 2007*. Fundão: Câmara Municipal.

SILBERT, Albert (1960) - *O colectivismo agrário em Portugal. História de um problema. Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista.* Lisboa: Livros Horizonte, 1972. pp. 221-297.

SILBERT, Albert (1964) - *Uma aldeia comunitária da Beira Baixa no início do século XIX: Monforte.* Do Portugal do Antigo Regime ao Portugal Oitocentista. Lisboa: Livros Horizonte, 1972. pp. 109-127.

TABORDA, José (1972) - *Terminologia da pastorícia na Beira Baixa.* Junta Distrital de Castelo Branco.

TEIXEIRA, Vasco A. Valadares (2004) - *Pastorícias, Trato de homens e de animais (Pastores e memórias – Actividade Pastoril no Concelho do Fundão, Fundão.*

VASCONCELOS, José Leite de (1967) - *Etnografia Portuguesa.* Vol. V. Lisboa: Imprensa Nacional.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim (1988) - *Construções primitivas em Portugal.* Lisboa: D. Quixote.

KAVANAGH, William (1994) - *Villagers of the Sierra de Gredos. Transhumant Cattle-raisers in Central Spain.* Oxford; USA: Berg Publishers; Providence.

Concelho de Idanha-a-Nova

ADUFE - Revista cultural de Idanha-a-Nova. Nº08 Janeiro-Junho 2006. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal

CHAMBINO, Mário (2000) - *Rosmaninhal. Lembranças de um mundo cheio. Açafa.* Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo. Nº 3.

CATANA, António Silveira (2003) - *Artistas da nossa terra.* Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

Objectos de Pastor

DIAS, Jaime Lopes (1991) - *Etnografia da Beira*. Vol. I-X, Ed. fac-simile, Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

LOPES MARCELO, Manuel Martins (1993) - *Beira Baixa – A memória e o olhar*. Lisboa: Edições Presença.

PINHEIRINHO, José António dos Santos (2001) - *Rosmaninhal. Passado e presente da antiga vila raiana da Beira Baixa*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal.

ANEXOS

ANEXO I

Objectos com história; Objectos sem história; Objectos com uma história
“construída” pelo colector

I. OBJECTOS COM HISTÓRIA

Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Bandoleira ⁵⁴

Nº de Inventário: P/R-2 Nº 1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Xanas

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ti Albano Quaresma “Jerolminho”, 85 anos, pastor reformado, Rosmaninhal

História do objecto:

(Depois de observar bem a bandoleira diz que talvez tenha sido uma das suas bandoleiras)

“Talvez tenha sido uma que a dei ao João Espanhol em troca de um bocado de pele. Mas estes botões já foi ele que os pôs. Eu na altura disse-lhe – ficas com ela para fazeres o molde. Ele fazia-as em redondo, ficavam feias. Então disse-lhe – bom, ficas com ela e dá-me um bocado de cabedal para eu fazer outra. Era para ele riscar por esta. Ainda cheguei a andar com ela no campo. Eu às vezes punha-lhe a era (data), mas esta já não me lembro quando é que a fiz.

(Começa a recordar alguns dos nomes dos patrões para quem trabalhou como pastor)

Nós andamos com o Ti Peseta uns cinquenta e tal anos. Lembro-me que fiz a troca com o João Espanhol no Vale da Morena, eu andava com o Ti João Peseta e ele andava com o Badacha, depois ajuntávamo-nos lá ao meio-dia debaixo de uma azinhera. Às vezes o cabedal de uma parte não era igual ou não chegava e fazíamos assim negócio – tu ficas com esta metade e eu fico com esta. Este na altura disse-me – olha, talha-me o molde. E eu em vez de lhe talhar o molde disse-lhe – levas esta e dá-me um bocado de cabedal para eu fazer uma

⁵⁴ Em relação a este objecto em concreto, depois do nome que figura na respectiva ficha elaborada pelo colector ter sido negado pelo próprio, decidi levar este objecto a um antigo artesão de bandoleiras na tentativa de este o reconhecer.

para mim. Às vezes vinham aí na fera a vender cabedal e a gente comprava-lhes. Estes Pienços traziam bocados muitas vezes. O tal Espanhol era primo destes Pienços e dizia – trás para cá que eu faço também para ti. E este tal Espanhol era muito aldrabão no talhar, no cozer, só fazia bem era nos safões de lã, ganhava-me. Fazia umas coisinhas todas bonitas, com bolsinhos.

(A bandoleira)

Com esta bandoleira andei pouco tempo, troquei-a logo. Ele não sei se andou muito tempo com ela. Esta tira de fora com os brochos já foi ele que os pôs, eu não fazia assim, eu dizia-lhe – eh pá, olha que estes brochos é mau, um dia queres desmancha-los e não és capaz.

(Mostra-me as bandoleiras que têm em casa para exemplificar como as dele são diferentes, são todas cozidas “a ponto)

Quando fiz a troca estava lá o Joaquim Almeida, mas também já morreu. O João Espanhol também já morreu, é o pai do Chanito, gosta muito do copo, casou com a Tachona, filha do Chico Tacho, chama-se Manel Chanito, anda sempre com o copo. O avô deste chamavam-lhe o Ti Espanhol, tinha estado em Espanha e quando foi na guerra dos Montes, o gajo para aterer uma pedrada, havia três homens em cima de um palheiro, ele mete na cinta três gorrõns (pedras), iam muitos daqui pela estrada a fora, disse para eles – ó rapazes querendes ver, o primeiro abaixo? Aventou com eles todos, ele era um homem dos diabos!

(Sobre a “Guerra dos Montes”)

Aquele pessoal dos Montes estavam lá há muito tempo, aquilo era dos Morões e não queriam pagar renda, como já lá estavam com casas, tinham tudo, ainda aquela gente antiga. O Morão vendeu aquilo ao povo do Rosmaninhal, veio a guarda a cavalo e tudo. O povo vêm e deitaram tudo abaixo, ainda lá mataram um, parece! Correram-nos até à serra, já não havia nenhum que passasse da serra para cá, eram corridos à pedrada. Estava aí outro Ti Chanito que era o pai desta Chanita que está com o Canucho, que era o mais velho.

(Voltamos à bandoleira e ao João Espanhol)

Ele tinha o costume dos brochos e eu não. Eu como era a despachar, umas vezes punha bolsos, outras não. Andávamos sempre a fazer trocas. Quantas vezes não vínhamos à note ao copo, embebedávamo-nos e em qualquer lado deixávamos as coisas. Ele (João Espanhol) uma vez já estava em casa, caiu à porta da Padeirita e partiu os óculos, esgadanhou-se todo. Depois foi para a França, tem lá uma filha, para lá morreu.

(Falo-lhe de outros objectos seus que pertencem a esta colecção)

Ainda ontem o meu primo João David foi a uma excursão, já não sei para aonde e disse que me viu para lá com um chapéu grande, eu tenho-as até na Espanha.

(Fala-me de uma fotografia que me tinha prometido mostrar)

Já encontrei aquela fotografia que te tinha falado, aquela em que estou de luto. É de 1958, lembro-me porque na altura tinha comprado uma bengala a um Carabinero (Guarda Espanhol) que fazia negócio ali na rebera. Nesta fotografia estou de luto pela minha mãe. Eu costumava apontar a era (data) nas cornas e lembro-me da bengala porque também gravei a data (1958) e a fotografia é desta altura.

(Falamos da venda de tecidos feitos a partir das lãs e dos “Serranos” (pastores transumantes que vinham para esta região)

O Ti Salavença era tendero, ia para os montes com os machos com tendas em cima, vendia Saragoça, surrabeque, etc., trazia o metro em cima do macho. Dos serranos que vinham para aqui com o gado houve um que casou com uma rapariga daqui, levou-a para lá. Era uma Janota, ele era de Manteigas. Vinha aí outro Coelho, vinham pelos Santos a trazer o gado. Os que traziam uma manta eram de Videmonte e os da capa eram de Manteigas, nos bolsos costumavam trazer castanhas”.

(Caderno de Campo nº4, pp. 35-40)



Denominação do Objecto: Coucho de Cortiça

Nº de Inventário: P/R-2 Nº 2

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Ti Zé Tripa

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

(Encontro-o sentado à porta de uma vizinha. Cumprimento-o e mostro-lhe o coucho)

“Fui eu que o fiz, talvez em 1945. Eu tenho lá sobreiros e escolhi-o bem, fui à procura daquele que tinha aqueles cantos. Eu era pastor e então fiz isto para quando chegava às fontes beber água com ele. Eu ordenhava duas cabras para aqui, migava um bocado de pão e era o meu almoço. Esta era a aplicação que

isto tinha. Há três coisa aplicadas ao gado da parte do pastor: o coucho, a bandoleira, e o cão. Estas eram as três coisas mais importantes do pastor. A bandoleira é para levar o comer, o coucho serve para comer e beber, o cão na parte do verão não fazia falta, as ovelhas andam sempre acarradas. Mas quando era no tempo da bolota, se não fosse o cão a gente não conseguia ajuntá-las, elas separavam-se e se não fosse o cão, elas até variavam e não iam à malhada, não conseguia leva-las à malhada, só com ajuda do cão. Quando elas se começavam a afastar eu mandava o cão e ele virava-as. Eu estava nos Alares ali na Barrera Alta, era da minha sogra, o meu sogro morreu e a minha patroa herdou metade. Quando a minha sogra morreu fiquei lá eu e um cunhado que também herdou a parte da mãe e do pai dele, que era segundo homem da minha sogra e também herdou qualquer coisa. Eu depois comprei-lhe a ele e aquilo hoje é tudo meu. Quando vim da França comprei tudo e hoje aquilo é tudo meu. Sai de lá em 1965, tinha 150 ovelhas e umas 7 ou 8 cabras, fazia queijos, semeava um bocado de seara, vendia a criação, ficavam outras para a semente. Os queijo, vinha a leva-los ao povo de 8 em 8 dias, mas vinha um marchante de fora a busca-los.”

(Indica-me a casa onde deixava os queijos. Começa a falar sobre a casa).

“Esta casa é como o terreno, era da minha sogra e do meu sogro. Depois morreu o meu sogro, a minha mulher herdou parte do pai, depois mais tarde a minha sogra precisou de vender e vendeu a outra mulher. Mas depois quando eu estava para a França, a minha mulher comprou uma casa mais acima, para fazer uma troca com a parte dela, para eu aprontar tudo, conforme assim ajuntei, depois ficou tudo junto. A mulher carregava dois cestos de queijos no burro e trazia-os para cá, eu fazia uma média de 10 quilos por dia, nesse tempo era a 10 ou 12 escudos o quilo. Às vezes as pessoas encomendavam: arranja-me lá uma dúzia, meia dúzia e trocavam por trigo. Fazes-me tantos queijos.”

(Retoma a conversa sobre o objecto).

“Este cocho deixou de servir em 1965 e ficou prá’i. As cancelas do gado a mulher ainda conseguiu vender algumas, depois eu mandei dizer para vender o gado. Quando arranjei trabalho lá (França) mandei dizer: agora já podendas vender o gado, eu já não venho para cá. Depois venderam o gado a duzentos escudos cada rês. Estive 28 anos em França, depois vim reformado. Este coucho nunca mais serviu. A partir de 1965 deixei de o usar. Um dia estava à conversa com o V e disse-lhe: olha, tenho lá uma coisa muito importante, que faz parte da vida de um pastor: o coucho, a bandoleira e o cão, são as coisas principais do pastor. O pau, eu às vezes usava outras não, eu era novo, tinha uns trinta e tal anos. E depois ofereci este coucho ao V. Esta peça foi feita à navalha e a olho, têm uns setenta e tal anos. Muita miga e muita água bebi neste coucho. Foi o tempo que andei no gado. Chegava à fonte e bebia uma cacherada de água.”

(A sua vizinha que está sentada ao lado, ouve atentamente a conversa. O Ti Zé começa a falar dela)

“O homem desta mulher era moleiro na fábrica do Polho.”

(A sua vizinha intervêm e começa a falar dos moinhos)

“Eu ainda me alembro do moinho no ribeiro, eu ainda era garota. Pagávamos a maquia. Dantes os moleiros tinham má fama, mas também era mais do povo. Uma vez foi lá uma e disse – desta vez deu tão poctchinho pão? Ele numa outra vez não lhe tirou nada do que ela tinha levado, tornou-lhe a dar sem lhe tirar a maquia e ele disse-lhe – tão e agora fiz-te bem? E ela disse-lhe que não e ele disse-lhe que para a próxima lhe tirava a maquia.”

(Começa a falar dos “serranos”)

“Eu ainda me lá ajuntei com eles, eles compravam lá os pastos, havia pastos que ninguém corria, eram chamadas as “sortes dos montes”. Eram as sortes dos ricos.”

(O Ti Zé faz menção ao acontecimento histórico da “guerra dos montes”)

“O Jacinto Simões era o advogado. Esta mulher ainda se alembra desse tempo da revolução!”

(Retoma a mulher)

“Quando atereram as casas abaixo aqui na ponte eu era garota. O meu pai tinha uma junta e ia com ele, mai o mê primo Domingos Charra.”

(O Ti Zé)

“Ainda se alembra quando deram lá uma sova à minha sogra, ela estava grávida? Estava grávida da minha mulher. Apanharam-na lá e sovaram-na.”

(Vizinha)

“Metia a Guarda acavalo e tudo, estava lá para defender o povo. Queriam vender a eles a terra mas eles não quiseram. Falava-se de um alguidar e de uma faca para o matarem. Pagam a renda mas eles (monteses, habitantes dos montes) queriam aquilo pela posse, já lá estavam há muitos anos.”

(O Ti Zé)

“O Ti Linguixa era o regedor aqui do Rosmaninhal nessa altura. E ele disse – avancem só os do Rosmaninhal. O tal jacinto Simões que era advogado do povo do Rosmaninhal deu 24 horas de despejo ali para o lado da Raiz, onde estão agora. Aquilo era do Dr. Carriço e o Carriço era advogado deles (monteses) e era contra o povo do Rosmaninhal. Deu o terreno aos monteses para passarem para ali”.

(Refere que as sortes têm sete hectares. Mudamos de conversa e começa a falar dos “serranos”)

“Eles vinham cá e contactavam com os donos e compravam as sortes para os pastos. Dormiam em qualquer lado, dormiam enrolados nessas mantas ao pé do gado. Andavam aqui uns três meses. Havia um que lhe chamavam o Camilo. Nós chamavamos as ovelhas serranas. O nosso gado era merino, o meu foi todo merino, agora já há muitas raças.”

(Sobre trocas de objectos)

“Eu nunca troquei nada com os serranos, mas com os pastores de cá troquei muitos chocalhos. Eu dava um pequeno e eles davam-me um grande, depois eu dava um grande e eles um pequeno. A gente escolhi-os pelo som. Com os serranos nunca troquei nada com eles, mas cheguei a andar mesmo ao lado deles, malhão com malhão, com esse tal Camilo. Os gados que traziam eram de muitos donos, vinham dois ou três com eles. Eles andavam só tratados a leite e também vendiam o leite. Adepoi começaram por andar por aí os marchantes, iam mesmo ao campo a buscar o leite. Combinavam connosco em tal sítio e íamos todos ali a ter para lhes vender o leite. Eu morava mesmo à roda do caminho principal.”

(Como sabe que estive antes a falar com a Ti Inês Baldoa, refere)

“Essa que estive a falar, a Baldoa, era minha vizinha nos Alares, vinha a levar o leite ao pé da minha casa, ela não te disse? Os lá debaixo vinham a levar o leite ao pé da minha casa, ao pé do caminho principal. Era onde calhava melhor ao marchante. Naquele tempo a gente não tinha vagar de vir ao povo, a gente tinha que andar sempre atrás delas (ovelhas). Eu cheguei a andar um mês com a barba por fazer, só de mês a mês é que vinha ao povo. A gente tinha barbeiros contratados, vinha a gente a casa, dávamos meio alqueire de trigo por ano e a gente vinha à barbearia. Se fosse barba e cabelo era um alqueire, se fosse só barba era meio alqueire. Eu agora faço a barba dia sim, dia não, tenho os aparelhos todos, naquele tempo nem um par de sapatos tínhamos. Havia uns caturros que faziam os sapateiros, atão quando estavam rotos a gente remendava-os, atava-se uma baraça e um remendo. Nessa altura o dinheiro era pouco, eu cheguei a ter vinte e tal sortes alugadas. A gente comprava aquilo e tinha por muitos anos. Era só para pastos, as azinheiras e as árvores não. Pelo aluguer das sortes cheguei a paga-las a mil escudos cada uma ao ano, mas normalmente eram a quinhentos escudos ao ano. Quase todas têm cinco hectares para riba. Os terrenos com barreras (inclinados) davam mai terreno e os a direito davam menos.”

(Entretanto vai a casa buscar as cadernetas das suas sortes e da sua casa. Mostra-me e refere novamente a “guerra dos montes”)

“Quando a “guerra dos montes” acabou, vieram uns aviões a fazer as divisões pelo ar, foi quando o povo ganhou a Questão. Dividiram as terras e deram um bocado a cada vizinho daqui.”

(Mostra-me a primeira caderneta do seu sogro)

“Tenho aqui outra com os mapas e tudo! A minha mulher faleceu e eu passei tudo para meu nome.”

(Com base num dos mapas da caderneta das sortes indica-me alguns lugares)

“O tal caminho que vem das Soalheiras e da Caseta Velha onde estavam os Guardas. Daqui para aqui é meu, para ali é dos outros. Tenho isto dispensado ao Domingos Pandrico para pastos. Estes tracinhos é uma bredda (vereda), vem das Soalheiras, era dentro do meu terreno, mas agora um que lá estava que lhe chamam o Vinagre andou a fechar e apanhou a bredda para o lado dele. Eu como não me queria chatear, deixei. Mas a bredda era minha, a linde (linha divisória) é o risco e a bredda está do lado do risco.”

(Muda de assunto e começa a falar da feira de gado de Maio)

“Na fera de gado entravam ai milhares de cabeças de gado, eu vendi lá muitas badanas (ovelhas velhas). Todos os anos vendiamos as ovelhas mais velhas, vendiamos a cem escudos, a cinquenta e a oitenta. Eu cheguei a vender os borregos tirados das mães a vinte escudos. Um ano ajuntei lá uma borregada e vendi-os a cem escudos. Eram marchantes que vinham de fora.”

(Fala do tempo das ceifas)

“Aqui na Devesa ajuntavam-se ai moios e moios de trigo. Cada moio eram sessenta alqueires. Era tudo cheio de trigo e cevada. Era tudo malhado aqui, vinham umas máquinas e começavam numa ponta e levavam tudo a eito. Andavam as pessoas ao quinto, ganhavam sessenta alqueires de trigo. Havia ai patrões que colhiam quatrocentos e quinhentos moios de trigo.”

(S. Pedro)

“O dia de S. Pedro era a mudança dos pastores. Mandavam um criado falar com a gente. Cheguei a ganhar vinte escudos por mês e uma fanega de trigo. Aqui na festa a gente advertia-se na balança.”

(A conversa toca nas minhas raízes familiares ligadas à aldeia)

“Tu ainda és meu parente. A tua “desavó” era a mãe do João Chanito, o Espanhol teu avô. A tua avó, o pai dela era Chanito e a avó, a mulher era irmã da minha avó, chamam-lhes os Reviras. Eu conheci a tua desavó, chamava-se Mariana, morreram ali na Espanha. Estiveram muito tempo ali em Alisedas. Ele veio cá e esteve na casa da minha avó. Eu fui criado com os meus avoses, eles tiveram sempre um forno ali na Guarita, onde mora o Chaneco, havia ali um forno que era do Ti Brasileiro e os meus avoses foram sempre forneiros lá no forno e eu fui criado lá com eles. O João Chanito era primo direito da minha mãe, as mães eram irmãs, estava outro que lhe chamavam o Joaquim Reviras, a mãe também era irmã. Uma que lhe chamavam a Isabel Borroa, morreu com 102 anos em Castelo Branco. A mãe dela ou o pai também era irmã. O Ti Ramboia era o homem, que era covero. Os teus avós vieram fugidos da Espanha, andavam nas ceifas, depois teve que ser

declarado porque o registo dele era espanhol, eram muitos. A parte dos teus avôs é Chanito e Revira. O teu avô era meu primo segundo, era primo direito da minha mãe, a minha avó era irmã da mãe dele, as mães eram irmãs. Sou teu parente e arrumado. Eu do teu pai éramos primos segundos, como de ti sou primo terceiro.”

(Caderno de campo nº4, 15 de Junho de 2005)



Denominação do Objecto: Coucho de Cortiça

Nº de Inventário: P/R-2 Nº 3

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma “Jerolminho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

(Encontro o Ti Albano sentado junto à capela do Espírito Santo)

“Era capaz de ser minha, esta peça já tem uns 10 ou 12 anos. Esta peça foi feita lá em cima na horta, era onde eu trabalhava estas coisas.”

(material-cortiça/escolha/proveniência)

“A cortiça veio das outras que havia ali ao lado. Isto servia para beber água. Eu fazia isto por fazer, às vezes havia sempre por ali gente e pediam-me e eu fazia para os carros. Iam por lá os caçadores também lhes dava. Quando havia, quando tirava a cortiça, olhava sempre por estas coisas, tirava sempre certa.”

(Como têm uma cor esbranquiçada, pergunto acerca do seu uso)

“Talvez tenha tido muito uso, é conforme a qualidade cortiça também. Todas foram feitas lá em cima na horta.”

(Caderno de campo nº12, pp. 66-71)



Denominação do Objecto: Coucho de Cortiça

Nº de Inventário: P/R Nº 4

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma “Jerolminho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Este é mais novo é mais recente. A gente nas cortiças, quando andam os cortiçeros a terer aquelas partes grandes e a gente onde há estas coisas, a gente vai e tira. Às vezes dão cada uma, assim maiores! Este ano parece que para além ninguém terou cortiça, eu também lá tenho sobrerros. Agora já acabou, a cortiça tira-se ali pelo S. João, parece este ano nem apareceram. Antigamente costumava por uma conca destas nas fontes, quando a gente ia à fonte, sempre lá havia uma concazinha destas. Agora é só latas de sardinhas. A gente pendureva-a na bandolera por uma guita, porque lá dentro partiam-se mai depressa. Colheres de pau, tinha lá tantas, já lá não tenho nenhuma.”

(acerca da nomenclatura, coucho ou conca)

“Isto é um coucho as concas são as redondas, essas custam muito, abrem muito.”

(Entretanto chega o sogro do Ti Abílio Sardinha e começa a falar do colector)

“O meu sogro tinha uns arados que ele (colector) também os queria levar, mas eu fiquei com os arados, tenho os três na minha casa. O meu sogro era cherero, tinha uma parrelha de machos e depois pagavam-lhe os dias. Também vendeu muita palha para Monforte, um dia fazia duas carradas, no outro uma, aquilo fazia muito denhero. As carradas de palha eram a cem escudos cada uma. Carregava e ia lá a levar. Quando vinha a altura de lavar ou semear, lá ia. Depois fazia a seara dele, era a vida dele, tinha de tudo. Ele aos 95 anos ainda ia à lenha. Um carro destes, carregava aquilo tudo, até as pessoas se admiravam.”

(sobre as recolhas do colector dos objectos)

“Eu só me lembro da falta das coisas. As talhas desapareceram e tantas outras coisas, foi esse V. (colector) que levou tudo. Loças antigas, levou tudo! Eu quando cheguei disseram-me logo – olha quem anda aí dentro é o V. está a fazer a barba ao teu sogro. Tão esse gajo não faz a barba ao pai e está a fazer a barba ao meu sogro! Ainda tratou mal a minha (mulher)! Os pratos a minha conhece-os.”

(Fala das grandes casas e da quantidade de objectos que lá ficaram abandonados: cangas, morguenhos, charruas e ferro velho. Fala de um homem que tem uma debulhadora antiga. Uma dos presentes refere que ainda trabalhou com ela)

“A partir do 25 de Abril acabou tudo, aqui na Devesa era essa máquina do Henriques Moura, era a do Blasco, a do Xavier, do Rolo dos Escalos de Baixo.”

(O sogro do Ti Abel Sardinha explica alguns processos ligados aos cereais-trigo)

“Um relhero é o sítio onde se ajuntam os molhos de trigo cortados. As medas era em quadrado. Naquele tempo havia tanto trigo, eram dezenas e dezenas de moios de trigo e agente passava fome. Agora já não há trigo, é só mato e anda tudo com a barriga cheia. Agora nem os cães comem pão. Dantes eram os carapetos, a gente nem tereva para aquilo que a gente ganhava. Agora há as máquinas, já vão para todo o lado. Aqui dava trigo de seis sementes, hoje o que se planta é para o gado, se terer o subsidio ninguém cultiva. Isto era terra de muito gado, hoje já ninguém quer saber do gado, já ninguém trata delas (ovelhas). Se quiser um homem para as ordenhar, dá-se a volta ao povo e não encontra ninguém.”

(Intervêm o Sr. Joaquim “Carrapato”)

“Eu andei para o Almeida, ganhava seis contos por dia. Aqui fora, ao que parece, ganho sete ou oito contos, a limpar oliveiras e o que aparece. Eu com o Almeida levantava-me às quatro da manhã até às sete da noite, para ganhar seis contos. O gado tem que ser todos os dias, não tem feriados nem domingos. Aqui, os terrenos deixaram de ser lavrados e os pastos deixaram de ter qualidade. Agora vieram para aqui os Espírito Santos (novos proprietários), em vez de haver ovelhas à caçadores. Isto agora é deles, não é do povo.”

(Sobre o associativismo agro-pecuário)

“Aqui desconfiam todos uns dos outros.”

(Caderno de campo nº12, pp. 66-71)



Denominação do Objecto: Cabaça Grande

Nº de Inventário: P/R Nº 10

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Emília Pingarota

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta cabaça deu-ma o meu cunhado, ele é que as tinha lá em cima na horta, arrancava-as e secava-as. Algumas pessoas usavam-nas na ceifa cheias de vinho, eu não. Serviu para vista, para enfeitar. Eu dantes tinha uma grande onde punha lá sopa, quando ia para a ceifa. Mas depois uma vizinha pediu-ma e lá ficou com ela. Esta cabaça tem uns 50 anos.”

(Caderno de campo nº4, pp. 74-75)



Denominação do Objecto: Coleira de ferro com puas

Nº de Inventário: P/R Nº 20

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta colera era minha, comprei-a na fera no povo. Serviu ainda uns 10 anos, estava num cão que tinha que se chamava Leão. A colera não era por causa dos lobos, aqui não havia, era por causa da zaragata dos outros cães. A morte deles é aqui no pescoço. Só lhe tirei a colera quando morreu, depois não serviu em mais nenhum. Comprei-a a um homem que vendia ferrarias, tenazes e por ai fora, custou ai uns cinco contos. Foi a minha mulher que a comprou na fera, eu é que lhe pedi para ma comprar.”

(Caderno de campo nº4, pp 63)



Denominação do Objecto: Coleira de ferro com puas

Nº de Inventário: P/R Nº 21

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonel Folgado “Carrapato”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta colera foi feita a martelo pelo Zé Russos. Tem uns 30 anos, esta era a colera de um cão que eu tinha chamado Rio. Tinha outra de inox, essa era do Tejo.”

(Demonstra como se pode apertar ou alargar a coleira).

“O cão dorme deitado e quando se alevanta assacode-se e o gado fica logo alertado (abana a coleira para se ouvir o barulho), as argolas é que fazem a chocalhada. Quem saber dar o valor, pessoas que estão no campo sabem que é um valor grande, ver esta peça é uma grande alegria para mim. Ela é mais larga de um lado do que de outro, pois uma parte é para trás, para a parte do cachaço, e outra é para o lado das orelhas. Na altura que a mandei fazer ao Ti Zé Russo, tirei as medidas com uma vara e deixei-a lá. Isto não foi feito por menos de 5 contos, foi tudo feito a martelo. As pessoas tinham capricho no cão e mandavam-nas fazer. Um cão com uma colera destas mete muito mais vista e respeito do que sem colera, com isto os outros cães não lhe

pegam no cachaço. Este era um cão de guardar o gado grande, eu tinha três cães que ninguém se chegava a eles, iam todos três atrás do rebanho. Quem gostava do gado, gostava de ter as coisas bem preparadas. Lembro-me que numa das cóleras tinha o nome do cão escrito. Esta colera andou sempre no mesmo cão uns 25 anos, criei-o de pequenino, era rendero no Balém e na Eira Verde, tinha três cães, um era o Tejo, o Rio e o Rajá. Cada um trazia o seu par de ferros, assim que eu abria o bardo, eu corria aqui a devesa, os cães que andavam por aí à solta, ouviam os chocalhos lá em cima, fugiam todos, por causa dos meus cães. Eles já sabiam aquilo, iam sempre na frente do gado, ão, ão.! E, eu a ver, assim que apanhavam outros cães, pegavam-se logo, um cão assim que agarra outro por trás, nunca mais se lá metia. O Rajá era o mais velho, levava dois anos aos outros. Tinha uma colera de inox que foi feita de umas lagartas de um navio. O rapaz trouxe um bocado dessas correntes da Alemanha, aquilo é inox e não enferruja. Deu-me um bocado e eu levei-a ao Ti João Ferrero para me fazer uma colera para os cães com aquele material.”

(Caderno de campo nº 5, pp. 2)



Denominação do Objecto: Corno

Nº de Inventário: P/R Nº 27

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Abílio Sardinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

(Como o Ti Abílio já faleceu, falo com o sogro. Encontro-o na taberna da Palelita a jogar às cartas)

“Aqui neste corno misturava-se o azeite com o vinagre, o vinagre ficava no fundo e o azeite em cima.”

(manuseia o objecto e explica o seu funcionamento)

“Se se quisesse vinagre fazia-se assim (vira o objecto ao contrário). O azeite tirava-se por cima, porque o azeite vem ao de cima. O meu sogro era artista para estas coisas, fazia isto à navalha, esta coisa (espécie de

rolha em madeira) era para torcer, para apertar melhor. Esta peça servia nas ceifas e na lavoura, quando ia a semear e comia o gaspacho. Normalmente era o gaspacho a comida que se fazia mais rápido, não dava tempo para estar ao lume. Isto (material) era aqui do Rosmaninhal, aqui havia muita vaca. Tiravam o corno, a pele e faziam safões. Como eu não estava cá, estava para Lisboa não sei quando é que ele vendeu isto, só me lembro de ver o corno quando ia para o campo com o meu sogro, eu ia para a sementera com ele, cheguei a ir às ceifas com ele. Na ceifa usava-se mais o cantil. Porque estava-se mais tempo no mesmo sítio e pendurava-se o cantil numa árvore. Quando íamos a lavrar ou a arrancar moitas levávamos a corna. Ainda havia outra corna que levávamos com azeitonas. Estas cornas maiores geralmente eram para as casas agrícolas, os azeiteiros. Porque era mais pessoal. Havia casas que era assim, pagavam 5 alqueires de trigo, meio alqueire de feijão e queijos e cinco escudos por dia. E havia outras que davam 5 escudos por dia, mas também davam de comer, comiam lá. E então quando iam para o campo, para fazer o gaspacho para a rapaziada toda ou faziam a comida ou mandavam fazer. À hora de almoço comia-se no campo e à noite é que era lá em casa, era a roupera que fazia o comer. Uma vez lembraram-se de meter na corna piri-piri a um, o gajo comia mesmo os piri-piris, era para ninguém comer. Olhe em 1957 foi quando nasceu o meu filho, esta peça já existia, esta peça tem pelo menos 50 anos, foi a primeira vez que eu sai com ele, quando casei, vinha cá de férias e ajudava-o.”

(Sobre a cortiça que veda o fundo do corno)

“Isto tinha que ser com uma navalhinha para fazer o corte muito direitinho. Coziam a cortiça, eu agora também cozo as rolhas de cortiça para o vinho.”

(Muda de conversa e fala sobre o garimpo do ouro na região)

“Quando chovia muito, nas lavouras, as pessoas iam aos regatinhos a ver se achavam algum ouro. Aqui no rebero, estavam lá umas poças, uma rapariga foi lá a estender a roupa e encontrou um bocado de ouro agarrado a uma pedra. Então, a partir daí, o Ti Zé Rabiça, Ti Freixal e o Ti Cabação foram lá a escavar e encontraram lá um quilo. Depois o Ti Cabação como era muito amigo da D. Piedade foi-lhe a dizer e ela foi a dizer ao Lopes Dias e depois tirou-lho, por isso é que ficaram a mal. Eu andava a abrir um poço ainda encontrei uma que tinha nove gramas. Depois vendíamos aos ourives, eles vinham cá com aquelas maletas a vender o ouro, relógios. Quando chovia muito e não havia nada para fazer íamos pelas barrocas, uns a lavar, outros era a olho, encontrava-se uma pinguita, havia esses canudos dos abutres das asas, cortavam-se e metia-se uma rolhinha e metiam lá dentro as pepitas. Eles faziam isto com a própria pena do abutre, cortavam e como era oca, metia uma rolha e lá dentro metiam as pepitas. O Chico Cágado ainda lá tem estas coisas, ele já morreu. Com as penas era o Geraldês que foi governador civil de Castelo Branco. Aqui faziam pífaros e ele tocava bem. Aqui o Rosmaninhal tinha muitas coisas, desapareceu tudo, mas ainda há muito por aí escondido.”

(Um dos homens presentes)

“Uma vez andava a abrir covas para plantar oliveiras, porque as oliveiras pegam por estaca. Então os lavradores tinham um determinado terreno para abrir covas para plantar oliveiras. O Chico encontrou lá no fundo um bocado, como estava cheio de terra, quando foi a lavar era ouro, ainda era um bom bocado. O menério era ali para o Cabeço Mouro, era o volfrâmio, ainda lá estão as minas abertas. O Ti Zé Nabiça era bom para fazer poços e para o ouro. Vinham para aqui pessoas de fora, traziam as bacias para lavar a terra. Eu não, era a olho. Quando chovia, vinham aquelas trovoadas, levava aquelas barrocas. O meu tio Zé, cheguei a ir com ele, mas nunca achamos muito, a maior tinha umas 9 gramas. Deu uns duzentos escudos, a gente ganhava 120 escudos por mês.”

(Caderno de campo nº12, pp. 72-77)



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R Nº (não têm)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Ti Zagal

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta corna herdei-a do meu pai. Conheço-a porque o meu pai tinha uma com peixes desenhados, foi ele que os fez. Também têm as iniciais do nome dele (JMS) José Mendes Sanches. Esta corna era do meu pai. Ele deixou a vida e ficou tudo para mim. Esta foi ele que a fez e eu servi-me dela até que vim embora dos Alares e a trouxe para aqui. Levava-a para o campo com a merenda, lá dentro metia um bocado de queijo e outro de choriço enrolado num papelinho. A velha partia um bocado de queijo e outro de choriço, enrolava num papelinho e metia dentro da corna. O choriço vinha em cima para a hora do jantar. Levava um bocado de pão para acompanhar. Era a minha mãe que me arranjava as cornas, depois passou a ser a Inês, a minha mulher. Na corna mais pequenina punha as azeitonas. Esta corna dos peixinhos era mesmo do meu pai.”

(Olha atentamente para os desenhos, a sua atenção está nos desenhos. Pois são eles que lhe permitiram reconhecer o objecto)

“Eu ainda experimentei imitar estes peixinhos, mas não consegui, o meu pai tinha mais habilidade. Os velhos tinham uma paciência dos diabos. Esta corna tem alguns setenta e tal anos.”

(Torna a manuseá-la e refere que a achava mais larga. Começa a falar da bandoleira onde guardava as cornas quando ia para o campo com o gado)

“Tinha uma bandolera que tinha uma divisão, de um lado metia o pão, do outro as cornas e alguns chocalhos. Foi feita cá, foi o Piênço, as outras feitas por esses pastores, pediam uma ovelha por uma bandolera. A minha mandei-a fazer, falei com o sogro do Piênço e o genro vinha cá a vender correias e tal, eu pedi-lhe, o rapaz fez a bandolera e na parte de dentro pôs um bocado de pele, servia para pôr o pão e na outra parte alguma colera.”

(Mostra-me uma coleira com uma campainha)

“Esta colera tem um bocado de corno em cima da campainha e um pedaço de sola para não gastar o metal no céu da campainha.”

(Desconfia que a mulher anda a mexer nas suas coisas que estão guardadas num velho frigorífico que depois de deixar de servir para congelar alimentos, passou a servir para guardar as “coisas velhas”, ou seja, serve agora para congelar o tempo. Dentro deste espaço têm ainda uma pequena bolsa em pele, remendada, cozida à mão, muito interessante – surge-me uma ideia relacionada com estes objectos “nómadas”, transportáveis – bandoleira, pequenas bolsas, alforjes, cornas, cabaças, tarros, tabaqueiras, etc. Depois, retira deste espaço duas tesouras de tosquiar e fala sobre elas)

“Eu também tosquiava. Se por acaso as tesouras mesmo estando afiadas em vez de cortarem a lã a dobrassem, tinha-se que dar uma pancada numa folha. A outra fica direita e esta fica com uma ligeira curva, assim já corta bem. Quando uma ficava romba tinha a outra. Quando tosquiávamos, era eu e o meu pai e os meus irmãos. Cada um ia a buscar a sua, pegava-a na pata e trazia para a sombra e pegava na pata da frente e na de trás e virava-a. O moreno ficava no centro, assim que ferrávamos a ovelha tínhamos que pôr logo o moreno, o velho estava sempre de olho. Comecei a tosquiar logo de rapaz, tinha uns quinze anos, também ia a ganhar para outros arraiais. Nós fazíamos competições, entre eu e os meus irmãos. O meu pai não deixava que a gente deixasse desenhos na lã - a lã é para ficar la ovelha, quero tudo rentinho!”

(Torna a pegar no colar da campainha e fala sobre a “loiça” do gado)

“As pequeninas, chamamos-lhe as esquilas são para as cabras. Para as ovelhas eram maiores por causa da lã. As cabras são mais pequenas porque têm cabelo. A lã tapa o chocalho e depois não soa, é preciso ser maior.”

(Caderno de campo nº 4, pp. 65)



Denominação do Objecto: Chapéu-de-chuva

Nº de Inventário: P/R Nº 32

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma “Jerolminho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Este guarda-chuva era meu, comprei-o fero, era o que se usava dantes no campo. Eu tinha-o lá em cima na horta arrumado, ele (V.) apareceu ai a pedir coisas velhas, eu dei-lho, ele deu-me uma nova, pequenina, para a mulher, troquei por este velho. Tenho a impressão que este foi um daqueles que comprei uma vez a um homem que aí veio a vender, comprei-lhe quatro, um para mim, outro para a mulher, outro para a minha nora e outro para a minha neta. Comprei-os a um homem que andava ai de barbas. Este era o meu, que eu andava no campo, agora por fim estava lá para cima para a horta arrumado. Quando eu andava no campo com o gado, usava-a muitas vezes ao ombro, outras pendurava-a no braço. Antigamente era raro o pastor que não tinha guarda-chuva. Acho que ainda o consertei, pus-lhe alguns remendos e arames que se partiam. Esta argola de corno que aqui têm, fui eu que a fiz, serrei uma corna velha que tinha lá. Mas isto já foi feito ali na horta, já me tinha vindo embora do campo.”

(Caderno de campo nº4, pp. 46-47)



Denominação do Objecto: Manta de Papa

Nº de Inventário: P/R Nº 39

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Emília Pingaroto

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta manta nunca serviu. Era de uma tia minha que eu tomava conta e depois ela deu-ma, mas nunca serviu. Quando estava na minha tia, ainda serviu para ela se tapar. Eu depois lavei-a lá em cima na fonte, com omo e escaldei-a, depois guardei-a. Esta manta veio da Espanha deve ter uns 100 anos. Antigamente vinha tudo da Espanha.”

(O V intervém e diz-lhe se não veio do Alentejo, conforme lhe tinha dito, anteriormente)

“Atão o Alentejo não é Espanha? Esta manta foi uma herança. O V veio cá uma vez, viu-a, gostou dela e levou-a. Também lá têm uma corna, têm um arame atado.”

(Caderno de campo nº 4, pp. 65)



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R Nº 47

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Este é capaz, este é meu, conheço-o só pelo toque. Há pessoas que gostam de uma maneira e outras gostam de outra. É como tudo, eu gosto deste toque, é um toque claro. Os outros que estás a mostrar já têm um toque ensanfarrado.”

(Manuseia o chocalho)

“Este trabalho que aqui está dentro do chocalho foi tudo feito por mim. A gente agarrava-os de uma pessoa qualquer e arranjava-os. O chocalho até podia ser de outra pessoa, mas este trabalho que aqui está é meu. Este badalo é feito de azinheira. Isto preparava-se com o tempo. Hoje um, amanhã outro, no outro dia outro. Debaixo da azinheira, quando calhava!”

(Pergunto como se chama a correia que segura o badalo)

“Isto chama-se uma cartilha e isto é um badalo e o pauzinho que leva em cima é uma travisca. A gente comprava só os chocalhos, escolhia-os pelo som e a colera já a fazia eu, comprava o cabedal nas feras e nos mercados e comprava também fivelas. Eu tinha muitos chocalhos, cheguei a vender três sacas cheias. Os maiores eram para as vacas.”

(Fala-me do negócio da compra e venda dos objectos. Pensa que eu ando a fazer negócio de compra de objectos velhos)

“Mas este negócio depois faz o que querem. O gajo (colector) chegou a vir ai, eu a esfolar 5 e 6 borregos e ele a terer fotografias. Isto está bem! (aumenta o tom de voz) e ia todo contente coitadinho! Isto dos chocalhos se calhar como arrumados, foram emperreando e ficaram uns de um lado e outros de outro. Eu tinha muitos.”

(Pergunto se fazia trasgas/chavelhas bordadas para fechar os colares de chocalhos)

“Eu não tenho nenhuma destas trasgas feitas de pau, as minhas eram todas feitas de corno, eram feitas de corno de cabra. As que não tinham fivela tinham uma trasga de corno de cabra. Era tudo feito à navalha.”

(Mostra-me um porta chaves que tem no bolso, feito com um pedaço de corno de cabra)

“Este material é para os nossos avós, para os nossos netos (duração do material). Aqui como havia muitas cabras estes cornos encontravam-se com facilidade. Eu tenho coisas feitas de corno de cabra de toda a maneira. Os pés das campainhas (suportes) fazia-os também de corno. O corno trabalha-se bem, é só raspar. Eu tinha muitas trasgas de corno, não gostava das de pau. A gente preparava-as com tempo. Porque esta coisa de cortar corno não é como quem corta pau. Isto só tem uma maneira, é que a gente põe a navalha à área do lume e a navalha entra que nem toucinho. Bastava que a navalha toma-se quentura.”

(Pergunto se ainda têm alguma trasga destas que fazia em corno)

“Isto foi tudo com os chocalhos, não fiquei com nada disto. Este porta-chaves também era para ser uma trasga, mas depois tive pena e em vez de aventar com ele, fiz um porta-chaves. Estas coisas intigas, dantes esta gente velha era os estudos que tinham. Era trabalhar no campo, era onde se ganhava o tachozinho, agora toda gente foge disto.”

(Fala do tempo do garimpo do ouro e da valorização das ovelhas)

“Essa gente que andava ao ouro, essa gente nunca viu mais que as ovelhas. As ovelhas é que eram o ouro! O meu sogro andava muitas vezes ao ouro. Passava semanas para apanhar uma folhazinha, aquilo não chegava para nada. Andavam prá ai para esses cabeços, depois já não era o ouro era o menério. Havia outras pessoas que faziam uma caldeirinha num rebero e ali estavam a lavar areia todo o dia e quando era no fim do dia não tinham lá nada. Nós dizíamos que o ouro cá da nossa terra era o gado. Um gajo começou, casou-se, foi para a casa dele. Arranja uma ou duas ovelhas e com estas forma um rebanho. Chegou a ponto de ter 200 ou 400 contos só em ovelhas. O ouro era muito bom era chegar e apanha-lo, mas e dele?”

(Sobre a feira de gado)

“Isso foi a melhor coisa que tivemos aqui na nossa zona e deu cabe do nosso povo e hoje não se vê cá nada à custa disso. Quantos camiões se carregavam aqui de ovelhas, para irem para o matadouro. Vendia-se de tudo aqui. Os borregos é que não era agora neste mês. Eu já apanhei outra época que só se vendiam com três meses, eram tão grandes como as mães. Assim é que os vendiam. Veja aqui os chãos (terrenos) das oliveiras, não há ai quem tire uma erva de uma oliveira, nem nada e agora que fim é que isto vai levar? Isto tem dono, mas se o dono vai a meter aqui um homem para terer as ervas leva-lhe 10 contos. Este meu terreno comprei-o quando vendi o gado, isto já foi depois de vender o gadinho. Arranjei uns tostõezinhos e disse – vou a comprar um chãozinho ali para ao pé da estrada, sempre vejo passar os amigos.”

(Sobre os poços que se distribuem pelos terrenos)

“Onde quer há poços! Aquilo foi tudo feto à mão. Estes poços serviam para regar a horta, ao lado de cada poço faziam logo uma hortazinha. Daqui até ao fundo da Cubera, quantos hectares é não haverão? Todos os tchões que eu conheci daqui até à Cubera tinham um poçinho desses e tinham lá uma horta. Isto foi tudo feito a martelo. Havia homens que tinham especialidade naquilo e andavam com uma varinha à procura de água. Onde quer que a varinha dava volta, havia água. A tal varinha é que advinhava era uma varinha de oliveira. Quando comprei isto o meu sogro ainda era vivo. O meu sogro também tinha a doença, por isso, esta coisa da água. Trouxe cá três homens, cada um marcou o seu sítio.”

(Caderno de campo nº 5, pp. 3)



Denominação do Objecto: Pitchero (pitchero)

Nº de Inventário: P/R Nº 53

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

(A Ti Inês está no arraial)

“Este pitchero mandei-o a fazer ao Ti Manel Sobrero. Eu tinha três o outro é que os levou. Eram três iguais, eram dois mais ou menos parelhos e um mai pequenino. Este mai pequenino comprei-o à Maria Carrapata e os outros encomendei-os ao Ti Manel Sobrero que já morreu. Este pitchero foi quando fui para o Monte do Campino, estive lá 14 ou 16 anos. Este tem este arame na asa porque a asa arrancava-se e atão o Ti Augusto arranjou-o. Como já não havia quem o consertasse cá, o meu homem pôs-lhe este arame. Este ainda era do tempo em que ordenhávamos, tirávamos este pitchero cheio de leite e ainda mais. De manhã à noite. Agora já tenho outros em inox, este ainda é dos antigos, são mai pesados.”

(Entretanto, olha para a revista Adufe (agenda de actividades do Centro Cultural Raiano) e demonstra interesse em vê-la, ofereço-lhe uma e à medida que vai folheando vai me perguntando quem são as pessoas que aparecem nas fotografias. Pede-me a ajudar a meter dentro do bardo alguns borregos e fala das vendas e dos preços deste ano)

“Este ano vendemos tudo a peso morto, quer dizer os borregos saíram daqui vivos para o matadouro de Alcains e a gente vendeu e depois mataram e só no fim de estarem mortos é que pesaram e nos pagaram. Este ano foi assim.”

(Sobre a paisagem)

“Quando são poucos, como é uma corporação de uns 30 ou 40 agente pesa-os aqui, com a romana (balança). Como este ano vendemos 183 e ainda vendi mais dois, mas não foram para ele, foram à parte. Vendemos ao todo 185 e como eram muitos, a gente não estava aqui a pesar tanto borrego e foram para o matadouro.”

(Sobre os proprietários)

“Está ali a Otilia (proprietária), secalhar veio a ver do homem da lenha, a ver se lhe dá dinheiro. Andam aí a cortar a lenha, são uns da Povoia. A nós que aqui estamos à tantos anos nem uma rama de azinhera nos deixam cortar.”

(Muda de conversa e fala sobre os seus rebanhos e a sua distribuição)

“Este é o bardo do Ti Augusto (marido) e este é o meu. As minhas são as paridas e as do Ti Augusto são o vazio. O Ti Augusto traz o rebanho todo e à medida que vão parindo vão vindo para mim.”

(Alturas da venda de borregos)

“Pelo Natal são vendidos mais caros, agora querem-nos mais baratos. Agora baixam de preço. O Amicra é que me comprou os borregos pelo Natal e pelo Ano Novo e agora o rapaz também era para comprar estes, era para os levar na Segunda-feira e não os levou. Estes que foram para o matadouro a peso morto foram a 1500 escudos o quilo, já limpos. Os negociantes têm um olho que sei lá!”

(Estamos a mudar o bardo)

“Os meus borregos quando os vendi, havia aqui borregos com 15 dias, agora querem os borregos pequeninos, não querem os borregos grandes. Agora estes borregos vão a render menos dinheiro, tenho aí grandes, vão a render menos dinheiro que aqueles do Natal.”

(Chama atenção para o cão de guardar o gado)

“Estes cães toda a noite não param, depois de dia deitam-se a dormir. Toda a noite aqui a guardar o bardo, aqui ninguém se pode arrumer.”

(O Ti Augusto)

“O Ti Augusto daqui a nada está aqui, ele anda ali para cima, daqui a nada dá a volta ali por cima, como anda aqui a motoserra a trabalhar ele vai por cima que é para elas (ovelhas) comerem a rama.”

(Torna a folhear a revista e comentar as imagens. Repara numa imagem de um grupo de mulheres a cantar as almas)

“Isto é arroz-doce. Tantos tropeços de cortiça! Isto é em Castelo Branco. Nós cá também encomendávamos as almas! Dantes eram as velhas, agora não sei, deve ser a Luísa e a mãe. Como é que serão as cantigas que elas cantam de encomendar as almas? Nós aqui é assim. Eu tinha um tio que lhe chamavam o Ti Zé Cardoso era assim meio maricas também ia sempre com as mulheres a encomendar as almas.”

(Como sei que ela sabe cantar, insisto para que cante)

“Dantes era assim:

Eu vos peço meus irmãos

E um Padre Nosso

Uma Ave Maria

P’aquelas almas’

C’andam perdidas”

(Engana-se e diz que já não se lembra)

“Nome de Maria tão lindo éi

Salva a minha alma

Qu’ela vossa éi

Qu’ela vossa éi, sempre há-de seri

Salva a minha alma quando eu morrer

Quando eu morrer, salva a minha alma

Para o bom lugari

Para o bom lugari, para o paraíso

Salva a minha alma no dia di júzo

Dia di júzo numa hora boa

Salva a minha alma para o Rei da Glória”

“O senhor Domingos Carriço ficou-as lá guardadas, morreu coitadinho e ficou tudo escrito num livro. Agora vou-te a contar esta, andava a guardar as ovelhas como ando agora ali ao pé da casa, ali onde está o chafariz, ao pé do rebero que até é do senhor João Pinheiro; andava a bordar uns paninhos que até eram para tapar os bolos para o S. João quando ia a dar às casas ricas. E odepoi comecei a inventar uma cantiga ao S. João e lá inventei e dia de S. João cantei a cantiga e o Tó Manel Almeida a tocar a concertina e eu a acompanhar. Eu tinha além a minha netinha. Eu sei quantos fiz o S. João pela minha neta. Ela tinha um mês quando eu fiz o primeiro S. João. E atão cantei lá em casa, eu tinha duas casas, a de cima estava aberta e a de baixo estava fechada, tínhamos lá a menina a dormir. Mas o meu compadre estava só ali de roda da menina, era a primera neta que tínhamos. Estava ali só a adorar a menina. E atão cantei esta cantiga assim:

*Ai ao mê lindo S. João
Gosto munto da tua festa
Entreguei a minha alma a Deus
Já paguei a minha promessa
Já paguei a minha promessa
Oh ai com todo o mê coração
E agradeço ao Povo do Rosmaninhal
Ai que também me dou a mão
Ai que também que dou a mão
Também abriu a sua cartera
E é uma vergonha para o povo do Rosmaninhal
Deixar ir o S. João para as Soalheras
Ai deixe-lo ir para as Soalheras
Oh ai uma festa assim
Assim quem não o poder fazer valente
Faça sequer a menos”*

(Chega o Ti Augusto e a sua mulher pergunta-lhe se conhece o pitchero)

“Conheço poi, este é o maior. Este pitchero era de um pastor que tinha aqui a trabalhar, era o do Ti Manel Cachaparra. Isto ainda foi quando estávamos naquilo do alemão, estivemos lá 20 anos. Este pitchero é capaz de ter uns 14 ou 15 anos ou mai. o homem que os fez já morreu à muitos anos. Já não me lembro quanto custaram, sei que estes que tenho agora, de inox, custaram 10 contos ao homem. Este deve ter custado ai uns 3 contos.”

(A Ti Inês fala das cantigas que cantou)

“Se soubesses as cantigas que eu já lhe cantei!

(Como pretendo um cachorro, pergunto-lhe se me pode dar um quando a cadela parir)

“A cadela anda cheia outra vez, mais uns dois meses pare, eu depois dou-te um. Já dei tantos, dei um ao Tarzan, mas já lho rouberam, mas eu desconfio de quem foi. Isto é para o gado, como é boa, rouberam-lha.”

(Interfere a Ti Inês)

“Se viesses aqui à noite, ali ao caminho, os cães esfanagavam-te. Estes cães já fomos nós que os criamos, já são das raças que nós tínhamos. Isto é do melhor! O Zé Manel Cagão levou uma dessas cadelas, levou uma irmã do cão e agora demos-lhe outra. O outro dia veio cá um a comprar-nos ovelhas, ele é ali da Mata da Rainha. Primeiro queria 50 ovelhas, depois queria 60, depois queria 100 e o Ti Augusto não lhe quis vender. Se vendesse, vendia-lhe logo o rebanho todo. E veio outro homem com ele que queria lhe comprar a pequenina (cadela) que aqui está. Que lhe pedisse dinheiro, que lhe pedisse dinheiro! Atão o Macarrão, ele a nós deu-nos dadas, o Ti Augusto disse-lhe logo que não a vendia por dinheiro nenhum. Estes cães agradam a toda a gente, uns querem para as vivendas. A minha neta já são duas vezes que me era para levar o cão para uma vivenda em Lisboa. Diz o meu filho que na Serra há lá destas duas qualidades: em amarelo e outra qualidade. A cadelinha que traz o Ti Augusto é para voltar o gado. Traze-a presa porque ela às vareia, ainda é nova, ainda não tem careio. Chama-se Vaidosa. Nós temos que as comprar, demos 10 contos ao Morão por um, mas morreu. Ao Zé Preto também lhe demos 10 contos, este mataram-no com veneno. Esta deram-me de pequenina, foi o Tonho Gonçalo que ma deu. Esta é mesmo da raça de virar o gado, ela vai sem ninguém a mandar, é mesmo de raça. Já nos disseram se arranjassemos um cão para cobrir, foi um pastor. Disse-me – veja lá se arranja um cão! Eu vou ali ao Zé Preto, tem lá um cão:”

(O Ti Augusto refere-se à coleira com o guizo que a cadela têm)

“Dentro do guizo pus-lhe um pau que é para não tocar, é para não assustar as ovelhas.”

(A Ti Inês mostra-me uma fotografia da altura quando foi festeira do S. João, onde aparece o Ti Augusto montado na égua)

“O João Antonho Cachaparra está a segurar o cavalo porque o mê cunhado não dava conta dele, era intero”.



Denominação do Objecto: Estaca de aprisco

Nº de Inventário: P/R Nº 54

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Lembro-me destas estacas, cortei-as aqui no campo, são capazes de ter uns 10 anos. Quando alimpei uma azinhera, aproveitei e como também precisava de estacas para o aprisco, talhei-as com o malho. Uma destas estacas segurava duas cancelas. Espetava-as no chão e seguravam as cancelas do aprisco. Já não me lembro ao certo quando é que foi que as cortei, já foi há muito tempo. Depois arrumei-as, já não precisava delas.”

(Caderno de campo nº 4, pp. 52)

Estaca de aprisco** (estão inteligadas com o texto da peça Nº54)

P/R Nº55

Augusto Crespo “Serraninho”

Estaca de aprisco**

P/R Nº56

Augusto Crespo “Serraninho”

Estaca de aprisco**

P/R Nº57

Augusto Crespo “Serraninho”

Estaca de aprisco**

P/R Nº58

Augusto Crespo “Serraninho”

Cancela de aprisco**

P/R N°80

Augusto Crespo “Serraninho”

Cepos da cancela**

P/R N°81 (4)

Augusto Crespo “Serraninho”



Denominação do Objecto: Fataca

N° de Inventário: P/R N° 63

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma “Jerolminho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta peça foi feita quando me vim embora do Couto. Foi feita à navalha de um pau de zambujo. Mas estava direitinha, agora é que empenou, de andar por ai assim. Era para a mulher mexer a coalhada. É pena estar toda empenada, precisava de ser molhada e de lhe colocar uma pedra em cima. Esta fataca também já foi feita na horta, era só para os nossos queijos. No Couto, chegávamos a fazer uns 30 queijos por dia, lá tinha outra grande. Depois quando me vim embora ainda tive gado lá em cima na horta, durante uns 3 ou 4 anos, mas como tinha menos ovelhas, esta fataca chegava para os queijos que a minha fazia, eram só um ou dois por dia. Daí que a fataca tenha servido só estes três ou quatro anos, enquanto tive gado lá em cima na horta. Depois trouxe-a para casa porque ela empenou, tinha-a deixado cá fora ao relento.”

(Gaba outra que teve melhor, pela sua forma, pela qualidade do pau, sobretudo pela sua fisionomia, “era um pau direitinho”. Começa a falar de várias qualidades de pau para trabalhar)

Objectos de Pastor

“O pau de zimbros é o melhor para trabalhar, ali na costa do Aravil há muito. É um pau que cheira muito bem, às vezes arrecado bocadinhos por causa do cheiro, tenho bocados na mala da roupa; custa muito a cortar. As melhores alturas para o cortar é em Agosto ou em Janeiro, é quando tem menos viço, se tiver muito viço, abre muito. É quando as árvores começam a rebentar, se a gente vai a cortar um pau agora verde, racha-se logo, em Agosto já não. O pau de zimbros trabalha-se em verde, em seco não presta.”

(Vai buscar umas fotografias que me tinha prometido mostrar, são relativamente recentes)

“Esta é numa fera que cá houve, este é o Carrapato, este sou eu, este é o João Guerra, este é o Dr. Pinto, este é um gajo dos Montes, este é o Charra, estes não entravam mas calharam lá, foi a minha filha que tirou o retrato.”

(Caderno de campo nº4, pp. 47-48)



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/R Nº (não têm)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luisa de Alpedrinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Eu fui pastora em vários sítios, para vários patrões, no Cabeço Mouro, na Nave da Azinha. Tinha o meu marido que também era pastor e fazia uns queijinhos nesta francela. Foi o meu marido que a fez, comprou a madeira e arranjou-a. Quando mudávamos tinha que levar sempre a francelinha, era para eu poder fazer os queijos. Eu fazia os queijos e o meu marido guardava e ordenhava o gado. Fazia queijos de mistura. Conforme o gado que tinha parido, assim eram os queijos que fazia. Às vezes uns 6 ou 7 por dia. Também vendia ao queijero quando lá ia a pesar os queijos do patrão. Nessa altura vendia aí a 15 escudos o quilo.”

(Mostra-me algumas medidas que tem arrumadas num canto da casa)

“Isto é uma quarta e um salamim e servia para a gente medir o trigo, a cevada e a aveia. Esta francela deve ter uns 50 anos, foi o meu marido que a fez, ele era muito jeitoso, fomos muitos anos pastores, também estivemos na horta, como hortelaneiros.”

(Fala-se do marido já falecido e comove-se. Vai buscar uma fotografia da família. Fala do filho, proprietário de um café na aldeia, mas não lhe fala)

“Eu fazia travingal do soro e dava às pessoas. Fervia e ajuntava aqueles borregos. Depois deixei tudo e arrumei a francela. O V veio aí e andava sempre a dizer venda-me isto, venda-me aquilo e eu acabei por lha vender. Como sou viúva, disse-lhe, olha dá-me o que tu entenderes e o rapazinho levou-a.”

(Torna a mencionar o nome do filho, referindo que o mal que lhe fez foi ter ido ao banco e levantado 700 contos e dar-lhos)

“Triste vida, uns não têm mãe, outros preferem não ter, enquanto a têm.”

(Caderno de campo nº 4, pp. 65)

Cegonhas



Denominação do Objecto: Cesta de verga

Nº de Inventário: P/C N°1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Esta cesta era minha, comprei-a no meu tempo da mocidade e um homem que ia a Castelo Branco e trazia cestos e cestas, para a gente levar para o campo. Eu era das Soalheiras e casei-me com um rapaz de cá. Nessa altura nos andávamos sempre no campo, usavam-se muito os cestos ainda não se usavam os baldes. Comprei a cesta para levar a merenda para o campo. A cesta tem uns 40 anos. Serviu sempre até há pouco tempo. Serviu para a azeitona. Os meus iam a ver de patrões para irmos à azeitona ali para Castelo Branco e se o meu pai não levasse a mulher ou a filha, já não ficava lá. Queriam lá os homens mas com uma mulher a acompanhar. Eles perguntavam: atão, trazes lá a mulher, se não, não tens cá lugar! Este cestinho andava comigo na azeitona, agora só se usam baldes. Esta era a cestinha que eu tinha na vida da minha mocidade. A gente depois casou e a cestinha andou sempre a servir. Quando cá veio o rapaz levou-a e ainda levou outras coisas. O V tinha aí um palheiro onde punha as coisas e um dia vinha a passar, ele é amigo do meu rapaz e quando passei lá, o portão estava aberto, entrei lá e vi uma cestinha pequena e disse-lhe: olha uma cestinha tão bonita para eu por as molas! E ele disse-me: leve lá a cestinha! Deu-ma e eu dei-lhe esta. O rapaz até queria pagar, eu não quis. Tenho aqui outra, não me importava de lha dar. Esta cesta serviu quase sempre na azeitona, assim que acabava a azeitona ia a lavar a cestinha ao rebero com sabão e esfregava com um bocado de feno, ficava branquinha. Esse homem a quem a comprei, também ia a Castelo Branco a buscar varas. Trazia umas varas compridas para ir tocando os machos. Era o Ti Velho, tinha uma carrocita. Vendia aqui nas Cegonhas, nas Soalheras, no Couto das Correias e passava no Rosmaninhal. Às vezes ia para o Rosmaninhal a ceifar. Dormíamos ao relento. Às vezes vinham aquelas trovoadas, a gente fugia para baixo dos “relheros”, são umas três ou quatro “gavelas.”

(Explica-me estas duas palavras)

“A gente ceifava, quando já tínhamos as mãos cheias dávamos um nó, chamávamos “engarrelar”, depois vinham os homens com as varaças e atavam. Os homens punham alguns a amolecer e faziam dali uns varaços. Ajuntar os molhos para fazer os “relheros”. Também muitas vezes andávamos em sortes que não

tinham sombra, ia a gente a almoçar ao sol. Também fazíamos lá o comer. Comíamos feijão, grão, etc. Íamos para a ceifa, levava na cesta o fatinho para comer.”

(Caderno de campo nº5, pp. 14-17)



Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/C N°2

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Esta tesoura era minha, eu fui muitos anos pastor e esta tesoura servia para a gente cortar as badalhocas, chama-lhe a gente rabejar as ovelhas. Esta tesoura comprei-a na fera do Rosmanihal, tem mais de 50 anos. Com esta tesoura eu só tosquiava as minhas e alguma do patrão, eu nunca fui tosquiador. Eu quando era novo era um especialista, tinha umas 400 ovelhas, pariam e sabia qual era a filha desta, daquela e por ai fora. Eu tinha um olho do catano. A minha forra eram 40 ovelhas, ordenhava e o lete era para o patrão, meu, era só a lã e a criação. Os queijos eram as mulheres que os faziam, depois eram vendidos aos marchantes. A lã eu vendia aos marchantes, antigamente era cara. Não nos pagavam dinheiro, mas tínhamos a lã e a criação da nossa forra. Dantes era assim! Eu não tosquiava muitas, o patrão metia tosquiadores que vinham ali dos Escalos. Eu era só para tirar as badalhocas, para as limpar, por causa das ordenhas. Era pastor ali na Serrinha, quando era no Inverno metiam outro homem para andar com o outro rebanho, o vazio. Mas era eu que afilheva os borregos, metia-lhe o dedo na boquinha para os borregos começarem a mamar. Conheci logo a tesoura, porque ela era mais ou menos assim, mas como já estou esquecido, não admirava que não a conhecesse.”

(Fala da tosquia da burra)

“Quem tosquia os burros são os ciganos, vêm da Zebreira, passam aqui e eu digo-lhes – tão pá, não me queres tosquiar a burra? Eles dizem-me – é prá semana ou tal dia. Tosquiam com uma máquina. A altura da tosquia do burro é em Março ou Abril. Antigamente também havia sangrias. Quando estava na Serrinha ia

ao Ladoeiro a sangrar a burra, davam-lhe uma pancada com um ferro, deixavam-na a sangrar e depois coziam com um cabelo. No Rosmaninhal ainda me chegaram a sangrar, foi Ti João Ferreiro. O burro não comia, estava desacorçoado, ia lá passado uns dias começava logo a comer. A burra tem uns vinte anos, é medrosa. Chama-se Boneca, tem moléstia, agora só a morte. Tenho também uma carroça, às vezes queremos ir aos prédios e vamos amontados na carroça.”

(Falamos dos tipos de coalho para o queijo)

“Antigamente matava-se um chibo e punha-se a secar o bucho para a coalhada. Era secado no fumeiro dentro de casa, aqui a gente só usava o bucho.”

(Os lobos e os serranos)

“Quando éramos pequenos, andava aí um homem que tinha uma junta de vacas, íamos com o homem acavalo, ele ia a acartar esterco, para cá vínhamos a pé. Os serranos estavam cá, iam dois cães atrás de dois lobos, eu dizia – Ó Ti Manel olhe ali dois cães atrás de outros dois cães! O Homem começou-se a rir e disse-me – não vês que não são dois cães, são lobos. Os cães dos serranos iam atrás dos lobos. Antigamente faziam lobadas, matavam gado, iam aos bardos e escacheravam as ovelhas, agora já não há, mas ali para as serras ainda há. Os serranos compravam aqui pastos, tinham muitas ovelhas pretas e vinham com uns gabões, chapéu ou um garruço comprido que parecia uma corneta atrás.”

(Caderno de campo nº5, pp. 22-25)



Denominação do Objecto: Corna pequena

Nº de Inventário: P/C Nº7

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Encontro o Ti Simão na rua, vinha de podar uma árvore de uma vizinha que está acamada. Depois de uma breve conversa sobre o objecto, reconhece-o de imediato. Começo por perguntar se sabe quando o elaborou)

“Mais ou menos, eu era novo. Eu até acho que o V. levou uns cornos grandes que a gente dantes usava quando ia para o campo. O azeite num e o vinagre no outro. Quando íamos para a ceifa. Esta corna foi cortada de uma ponta de um corno desses. Isto com essas serras de serrar ferro cortam-se bem. Aqui punha sal ou pimenta, porque eram mais pequeninas. A gente depois temperava a comida no campo. Era para gaspacho, feijões ao meio-dia, eu sei lá.”

(Pergunto se cozia a cortiça para fazer as rolhas)

“É melhor. Mas esta acho que não foi cozida. Quando era para vedar tinha que ser cozida. Ainda hoje faço uma média de 25 a 30 litros de vinho, das parreiras que tenho à porta e ainda cozo as rolhas para engarrafar o vinho. Cozo na água e depois quando estão quentes ficam moles e depois com uma máquina apertam-se. Estas mais pequenas eram à mão. Nas rolhas faz-se uma ponta mais aguçada que é para entrar, quando seca agarra pressão.”

(Reparo que a tampa tem um pequeno rasgo, pergunto o que era, se foi ele que o fez)

“Isto é feitio.”

(Pergunto quantos anos tem a corna)

“Eu sei lá. Já os cornos que eu lá tinha já eram do meu pai e já seriam do meu avô. Agora veja os anos que já tem esta corna. Pode pôr uns 85 anos, que é a idade que eu tenho.”

(Falo-lhe de cornas bordadas)

“Isso eram os pastores, lá de dia é que faziam isso.”

(Reparo que a corna tem alguns rabiscos)

“Teria sido eu que não sabia fazer mais nada!”

(A utilidade)

“Esta corna era muito pequena para azeitonas, isto servia para o sal ou para a pimenta.”

(Digo-lhe que ainda existem mais alguns objectos para lhe trazer: uma armadilha (confunde com ratoeiras)

“Ainda tenho algumas. Isto servia para apanhar pássaros. Quando era no alqueive, quando andávamos a semear, os pássaros acodem muito à lavoura. Quando a gente anda a lavrar, apanhamos aqueles bichinhos e põem-se na ratoeira. Enquanto a gente chega à outra parte e volta já lá há. Depois a gente depenava-os e comia-os. Quando tinha os filhos pequenos ainda se entretiam com aquilo.”

(Entretanto, pergunta-me se a corna ainda me faz falta; digo-lhe esta não me pertence, é pois da CMI; nesta sequência pergunta-me se o V. ainda está na CMI; tento falar o menos possível sobre este indivíduo; decido centralizar a conversa nos objectos, mostro-lhe a lista para me certificar de quem está na aldeia)

“Charneco – faleceu; Chico Velho – faleceu, mas está um filho; Marques Quinteiro, faleceu, mas têm uma filha em Lisboa; Celeste Gil – está em Lisboa; Isabel Gardete – faleceu, mas tem uma filha em Lisboa.”

(Chego ao seu nome e digo-lhe alguns objectos que faltam trazer-lhe: serrote)

“O serrote serve para limpar as oliveiras, as parreiras, é como aquele que eu tenho ali. Compram-se em qualquer lado, até ali na feira do Rosmaninhal se compram.”

(Junto ao carro vê os outros objectos que tenho guardados (cochos de cortiça, cabaças) e comenta)

“Os pastores usavam isto (cochos) para beber água das fontes no campo. Isto tira-se dos sobreiros, naquelas setas. As cabaças eram boas para encher de aguardente, para se ir bebendo de vez em quando. Faz a aguardente gostosa.”

(A mulher intervêm)

“Mas é preciso enche-las de água primeiro e deixa-las ficar um tempo para chupar a água.”

(Ti Simão)

“Também se pode pôr o vinho. O Ti Domingos Quintilho trazia sempre uma destas cheia de aguardente no bolso.”

(A mulher)

“Nós tínhamos uma destas que levava 12 litros de vinho. Mas estava empalhada, para não se partir.”

(Ti Simão)

“O meu sogro tinha uma taberna e tinha a cabaça lá no balcão e os homens só queriam beber o vinho pela cabaça, não queriam do pipo. Estava empalhada para não se partir. Vinham os rosmanheros e tudo e só queriam o vinho da cabaça e não queriam dos pipos. A taberna era ali no princípio da estrada. O meu sogro era conhecido por Ti Jerolmo Conde. Estas cabaças plantam-se nas hortas. Dá uma cambulheda delas. A gente planta-as onde se possam embarrar, depois criam uma cambulheda delas, umas maiores, outras mais pequenas.”

(Tamanhos e aplicações)

“As mais pequenas são para pôr o sal e se for só uma pessoa também se podem pôr zeitonas. As maiores são para o vinho. A pequena também era jeitosa para andar no bolso com aguardente. O tal homem, o pai do Marques Quinteiro tinha uma vinha grande, chegava ao pé de si e dava-lhe um gole de aguardente da parte da manhã. Ele era o homem que tinha aí mais laranjas. Era muito amigo de matar o bicho a qualquer um. Dantes as pessoas bebiam muita aguardente, era para matar o bicho. Até em jejum bebiam. Eu ainda bebo um copinho às refeições. Um litro de vinho dá-me para uma semana. Agora já não bebo à noite, nem de manhã. Eu cheguei a beber meio litro a comer e um litro só se não calhava. Eu estive na França e lá não há água para se beber, só de compra. Há lá um vinho para fazer de água, chamavam-lhe vinho nove e meio, era fraquito, era para matar a sede. A água lá é só de compra e é cara.”

(Fala das fontes nos campos)

“Agora já não há ninguém nos campos, as fontes estão abandonadas. E a água era melhor do que a das torneiras. A água boa é que é bebida nas fontes.”

(Torna a falar na aguardente)

“Agora a aguardente era com aquele homem. Parece que só o conheci a ele com aguardente no bolso. Tinha muitos amigos, arranjava muitos amigos. Se lá fosse a casa não falhava um copito. Agora está tudo abandonado.”

(Começa a ficar de noite, despeço-me)

(Caderno de campo nº11, pp. 76-80 – Diário de campo nº12, pp. 1-2)



Denominação do Objecto: Cabaça

Nº de Inventário: P/R Nº 23

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Hipólito

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Chego à aldeia, são 15 horas. Está um grupo de mulheres sentadas ao sol, algumas estão a fazer renda. Cumprimento-as, embora algumas já me conheçam, explico o que pretendo. Depois de consultar a lista de objectos, pergunto pelo nome de Celeste Hipólito, dizem de imediato que está presente. Entretanto, vou ao carro buscar a cabaça e pergunto se a conhece?)

“Eu já não conheço nada. Sei que é um objecto qualquer. Isto servia para a água e para o vinho.”

(Outra das mulheres (Maria Luísa Gardete), ao olhar para o saco onde estão os objectos, se está tudo no mesmo nome; retomo à conversa da cabaça, pedindo à Ti Celeste para falar mais sobre esta;)

“Uma vez levávamos água, outras vinho, quando o meu marido era vivo (demonstra tristeza). Era o que calhava. Era para a gente levar para o campo. O meu marido tinha umas ovelhinhas.”

(Comentário da Maria Luísa Gardete)

“Há aqui quem as tenha ainda, o Ti Zé têm as lá penduradas. A Ti Cabação também tem. Mas ainda não estão preparadas.”

(A Ti Celeste olha para o objecto e diz)

“Isto é o cano para cima e a barriga para baixo. Colhem-se verdes, depois têm que se deixar secar bem, depois com um gancho limpam-se bem. Depois enchem-se de água e deixam-se ficar assim um tempo, muda-

se a água todos os dias, que é para tirar o gosto. A gente chama-lhe cabaças. Há umas que têm um gargalo comprido, era onde a gente levava as zeitonas para a ceifa.”

(Explica-me como de uma cabaça se podem fazer duas mais pequenas)

“Também levávamos sal numa mais pequena. Levam ainda uma rolha de cortiça.”

(Maria Luísa Gardete)

“Dantes usava-se muita coisa desta, usavam-se também ferrados de cortiça, agora já não.”

(Devido à conversa, explico, novamente, o porquê desta recolha e a sua importância; uma das mulheres comenta face à falta de informação dos objectos)

“A gente é que não sabia nada disso!”

(Retomo a conversa da utilização do próprio objecto; relaciono-o com a mobilidade dos pastores; revelo outros objectos que os pastores transportavam para beber água: o cocho de cortiça e o barril de barro)

(Comentário de uma das mulheres)

“Eu ainda lá tenho um barril que nunca usei!”

(Comentário do Ti Zé Parreira)

“Eu comprei um na Senhora do Almortão e também nunca o usei.”

(Pergunto se a cabaça conserva melhor a água fresca no verão)

“Não, o barril é que é para o verão, as cabaças eram para esta altura mais fria. Levavam para os alqueives quando andavam a lavar.”

(Pergunto à Ti Celeste se a correia que têm anexada se foi ela que a colocou? Diz que não sabe; demonstra saudades daquele tempo; depois desta conversa acerca da cabaça, mostro-lhes a corna do Ti Simão; a Ti Celeste comenta)

“Nós também tínhamos uma!” (tristeza)

(Maria Luísa Gardete)

“Eu tenho lá uma que era onde o Chico levava as zeitonas para o campo.”

(Entretanto o sol começa a fraquejar, algumas mulheres começam a prepararem-se para irem embora; comentário da Maria Luísa Gardete para outra mulher)

“Tu também vendes-te!

“Sei lá!”

(Retomo às cabaças, mostro outra mais pequena e apercebo-me que ainda tem algum salitre; digo que esta seria para transportar o sal; Maria Luísa Gardete)

“Secalhar! A gente levava o sal para fazer o gaspacho.”

(Entretanto, reparo que esta cabaça também está no nome da Celeste Hipólito)

“O homem é que fazia estas coisas, ele é que aproveitava isto e fazia.”

(Comentário do Ti Zé Parreira)

“Os pastores é que faziam estas coisas, tinham vagar!” (ri-se)

(A Ti Celeste diz-me o nome do falecido marido com uma enorme tristeza)

“Manuel Goulão.”

(Pergunto se coziam a cortiça para vedar melhor; responde o Ti Zé Parreira)

“Eu agora para engarrafar os garrações de vinho, se não a cozer já não presta, é preciso cozer a cortiça para engarrafar bem.”

(Peço para me falarem da recolha do V. ; Maria Luísa Gardete)

“Ele tinha as coisas ali num palheiro velho do Ti Manel Mates e metia lá as coisas. Ele vinha a comprar à gente e depois punha lá as coisas. Ele vinha cá muita vez, depois ia-se embora, depois tornava a aparecer.”

(Celeste Hipólito)

“Ele comprava carroças e tudo!”

(Digo à Maria Luísa Gardete que depois também lhe hei-de trazer os seus objectos; consulto a lista e nomeio alguns dos objectos: francela, acinchos)

“Eu não lhe vendi muita coisa! Acho que não lhe vendi acinchos, nem francelas!”

(Comentário de outra mulher)

“Acho que lhe vendes-te uma francela!”

(Maria Luísa Gardete)

“Eu, umas queimeias, metia-as para o forno.”

(Outra mulher)

“Eu ainda lá tenho uma!”

(Como também está presente a Leonor Gardete e como também já tinha falado com ela acerca de um objecto lembro-a da minha visita; já não se recorda; descrevo-lhe o objecto (cântaro pequeno, vermelho, que era utilizado para o leite; recorda-se)

(ri-se) “Eu também lhe vendi coisas, mas foram poucas, ele as minhas coisas não as quis. Ele comprava a muita gente. Eu tinha cântaros grandes, tinha um candeeiro.”

(Como já estão com vontade de irem embora, despeço-me.)

(Caderno de campo nº 11, pp. 72-76)



Denominação do Objecto: Cântaro (do leite)

Nº de Inventário: P/C N°29

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Já não me lembro onde comprei este cântaro, talvez tenha sido na fera, a algum caldeirero, mas é muito antigo, é uma peça para mais de 50 anos. Servia para levar o leite para a ceifa, quando agarrava os quintos ali para a Zebrera. Levava o cântaro cheio de leite de cabra, cozia-se à noite, para levar para a ceifa. Para não se estragar, levava-o nos alforjes, quando era a hora do almoço, comia-mos leite e ao jantar fazíamos caldo de batata e de feijão. Antigamente íamos para a Zebrera de burro, só vínhamos a casa quando acabava a ceifa, andávamos ao trigo para arranjar o talegue para comer. Ainda me lembro deste cantarozinho, tanta vez que serviu para me encher a barriga. Serviu sempre para levar o leite. Eu ainda o pinteí, para não se enferrujar. Quando acabei as ceifas nunca mais serviu para mai nada, ficou lá em casa arrumado, dentro de uma arca onde tinha os caldeiros. Até que o V. o comprou.”

(Caderno de campo nº5, pp. 46-47)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cântaro (do leite)

Nº de Inventário: P/C Nº 30

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Devido à doença da mãe, é a filha quem fala sobre o objecto).

“Este cântaro era da minha mãe, comprou-o aos latoeiros. Este serviu para por o azeite, leite e mel. Quando se estragava, vinha o latoeiro para deitar uns pingos.”

(Caderno de campo nº 5, pp. 46)



Denominação do Objecto: Sevela curva

Nº de Inventário: P/C Nº54

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Esta sevela era minha, eu trabalhava de sapatero. Servia para cozer os sapatos. Fui eu que a fiz. O cabo é feito de salguero, é o pau mais macio para estas coisas. Põe-se a amolecer na água, depois enfia-se o arame por ele abaixo, dava-se umas pancadinhas e no fim afiava-se.”

(Mostra-me a pedra para afiar e adianta que a compra nos comércios, mas também serve para a gadanha. Entretanto quando lhe pergunto quanto anos tem o objecto, a sua mulher intervém e refere que já se casou há 52 anos, portanto quando se casou já ele a tinha)

“Esta peça tem mais de 50 anos. Com esta sevela fazia sapatos, furava para enfiar as pontas. Trabalhava de sapatero. Aprendi a arte tinha 21 anos, aprendi no Rosmanhal, com o Joaquim Pienço. Dormia lá e vinha todas as semanas às Cegonhas. Vinha a buscar o “fato” e a muda da roupa. Depois casei e vim para as Cegonhas a trabalhar, mas não trabalhei muito, chegamos ao ponto de sermos três sapateros e o povo era poço. Mas havia sempre que fazer. Depois comecei a fazer a vida do campo, era criado. Estas sevelas também servem para matar galinhas, eu nunca matei, mas sei que serve. Esta serviu sempre para os sapatos.”

(Caderno de campo nº5, pp. 26-27)



Denominação do Objecto: Serrote

Nº de Inventário: P/C N°73

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Este serrote era meu, conheço-o pelo cabo. Isto é feito de um sobrero ou de azinho, já não sei. Isto era para fazer cortiços, para cortar a cortiça, porque a navalha é mal serrada e com isto serra-se bem. Já não sei quantos é que a fiz. Isto às vezes apanha-se ai em qualquer lado. O cabo foi feito à martelada. Este pau escolhi-o aqui na pilha da lenha, já com o feitio mais ou menos. Eu tive abelhas, tive sempre abelhas desde que vim da França. Agora já acabaram. Eu vim de lá em 1972 e tive abelhas até aos 80 anos, depois

Objectos de Pastor

entreguei-as aos filhos, eles estão para Lisboa, eu também não posso lá ir, levaram caminho. Ainda dei algumas ao Zé da Cruz.”

(Caderno de campo nº12, pp. 43-44)



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C N°139

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Devido à doença da mãe, é a filha quem fala sobre o objecto)

“Esta francela foi o meu pai que a fez, ele tinha umas cabrinhas e a minha mãe fazia um queijo de dois em dois dias, o leite não chegava para mais. Esta francela tem à volta de 40 anos. A minha mãe era dos Alares, casou e veio para aqui, foi nesta altura que o meu pai fez esta francelinha. Já não me lembro quando é que o V a levou, mas depois de a minha mãe deixar de fazer queijos, a francela nunca mais serviu.”

(Caderno de campo nº5, p. 50)



Denominação do Objecto: Barril

Nº de Inventário: P/C N°159

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Este barril era para beber água. Antigamente a gente andava no campo e passávamos nas fontes e enchíamos o barril. Este barril foi comprado aos louceros da Idanha que vinham aqui a vender. Eles faziam tudo lá na Idanha, tinham fornos e tudo, vendiam talhas, potes, etc. Este barril tem uns 40 anos, ainda foi antes de eu abalar para a França, andei lá 26 anos. Este barril foi sempre para a água. A correia já é nova, a gente até uma corda trazia atada ao barril.”

(A mulher intervêm e refere que mudaram de religião, diz que se mudou da religião católica para a evangélica, não adoram estátuas. Refere ainda que os católicos utilizam a palavra rezar e os evangélicos orar. Relativamente a esta conversa o Ti Domingos retoma a conversa)

Olhe, vou-lhe a contar uma história. Quando era pastor, às vezes quando ia a afilher, morriam borreguinhos, eu podia roubar ao patrão e pôr nas minhas. Quando vinha do campo, vinha chegando aqui à Serrinha, disse ao patrão: olhe que vêem duas ovelhas forras, é uma minha e a outra sua. Ele disse-me: oh Domingos, você é um homem sério! Eu não enriquecia ao roubar um borrego, se enriquecesse! A ovelha forra é quando lhe morrem os borregos, já não têm filhos. O patrão disse-me: se fosse outro pastor, tirava um borrego dos meus e punha nos dele. Eu quero é ganhar a seriedade!

E foi assim, eu depois acabei a vida de pastor e o barril aqui ficou, o V apareceu aqui e comprou-no.”

(Caderno de campo nº5, pp. 30-32)



Denominação do Objecto: Barbilho

Nº de Inventário: P/C Nº162

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Paulo

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Encontro-o no campo com o pai, junto do rebanho)

“Este barbilho foi o meu pai que o fez. Isto estava verde, é feito de salgueiro. Há muito ali no rebero, são assim umas árvores que sobem para cima, miudinhas, com as folhas miudinhas, têm as folhas como as oliveiras. Isto depois colhe-se a rama em verde e depois troce-se e faz-se assim. Há mais maneiras, há outra maneira que leva aqui uma correia por cima. Isto é feito sempre em salgueiro. Isto servia para a gente meter na boca dos chibos para não mamarem. Quando andavam na pastagem a gente metia-lhe isto. Quando tinham ai um mês é que iam para a pastagem. Isto punha-se em Abril, em andando um mês com isto já chega.”

(Fala do colector e pergunta-me para onde que vão os objectos. Demonstra algum espanto quando lhe digo que os objectos são pertença da Câmara de Idanha)

(Caderno de campo nº12, pp. 7-8)

Barbilho** (está interligado com o texto da peça Nº 162)

P/C Nº163

João Paulo

Francela⁵⁵

P/C Nº176

Simão Ferreirinha

⁵⁵ Não foi possível anexar a respectiva fotografia.

História do objecto:

“Talvez fosse minha, já não me lembro muito bem, tive tantas. Fiz muitas francelas, não é difícil de se fazer. Faço um desenho e depois com um escopro e um martelo corta-se, depois com uma enchó tiro este veio. Era a minha mulher que fazia um queijinho. Quando abalei para a França deixei cá 7 cabras, fui em 65 para lá, a mulher ficou cá com as cabras, ia a vender os queijos ao Ladoeiro e a Monforte. Se fosse na altura da Primavera fazia mais, no Verão dá menos, há menos comida. Fazia aí uns dois queijos por dia, cheguei a ter sete, depois cinco, até que fiquei com duas. Ia-se a vender ao Ladoeiro e a Monforte, de burro com os alforges e duas cestas. Eu tinha 44 anos, fui para França em 1965, vim em 1972, foi quando se acabou o cabrero do povo e começamos a andar com elas aos dias. Foi quando eu comecei a vender algumas, eram muitos dias, pois tinha 9 cabras e ainda tive 7 e agora para o fim já só tinha duas. Quando o cabrero adoeceu, o povo reuniu-se e pensamos assim: o que tinha duas ia dois dias, o que tinha três ia três dias. A volta começava numa ponta da aldeia e corria os vizinhos todos, chegava lá em cima acabava a volta. A gente dividia o tempo para sobrar mais tempo para fazermos mais coisas. Havia ali um curral, toda a gente lá ia a levar as cabritas, quando era às 9 horas, quando o cabrero vinha, as cabras já lá estavam. Ele abria a porta e seguia com elas. À tarde quando vinham, não era necessário levá-las aos palheros, em chegando ao povo, cada uma ia para seu destino, cada uma ia a ter onde comia, chegavam a ser cento e tal. Era engraçado quando havia chibos novos, vinham atrás das mães, depois perdiam-se. A gente ia à procura deles: viste prá’qui uma chiba? A gente conhecia bem o gado. Antigamente aqui toda a gente pagava pastos, daí que todos podiam ter gado. Você tinha 30 alqueires, somava esses alqueires. Quando era dia de S. Miguel, o povo reunia-se e havia uma folha de papel com essas contas de trigo. Depois aquilo era tudo somado para uma conta. Tinha-se que tirar os alqueires para pagar o pasto, quem tinha 10 alqueires pagava 10. Quem não tinha nada e tinha cabras, pagava na mesma, pagava à cabeça para o dono do terreno. Como tínhamos mais vida, fui acabando com o gado e a francela depois arrumei-a. Agora estou a olhar para ela e a lembrar-me dos queijos que a minha mulher fazia, costumava deixa-los a escorrer em cima da francela.”

(Fala sobre o dia dos pastores - S. Pedro, 29 de Junho)

“O dia de S. Pedro é o dia dos pastores, todos tinham uma sesta. Eram os patrões que iam com o gado ou tinham que meter um homem. Era neste dia que ficavam livres e também era neste dia que se mudavam. Até nós, tinha uma seara por minha conta, mas quando acabava a minha ia para o Rosmaninhal a ceifer. No dia de S. Pedro davam uma sesta, ceifava-se até às 11 horas e depois ia-se para a sombra e dormíamos uma sesta até às 15 horas, depois tornávamos a ir para o corte.”

(Caderno de campo nº5, pp. 51-54)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Acincho**

Nº de Inventário: P/C N°182

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Encontro-a à porta de casa, refere que está aflita, pois tem uma espinha de um peixe encravada na garganta. Comeu peixe do rio (Tejo))

“Isto já foi comprado há muitos anos. O mê homem é que pode falar sobre eles, a gente comprou-os quando ele veio da França, foi quando compramos o gado. Lembro-me deles, eram para a gente fazer os queijos. Compravam-se nos mercados. No mercado de Castelo Branco e até no Rosmaninhal, lá também os havia. Quando os comprei já não me lembro. Fazia os queijos em casa, a gente tinha uma francela grande de madeira, há quem tenha de pedra. Depois a gente coalhava o leite lá num asado, quando a coalhada estava a ponte, a gente tirava com uma tigelinha para dentro do acincho, depois com as mãos fazia-se os queijo.”

(Entretanto, chega uma vizinha com uma malga de arroz-doce e diz que veio ver se ela estava melhor. Como está com dificuldades em falar, indica-me onde está o marido)

“Vai ali além onde estão os palheros, onde temos o gado, à esquerda é nosso, senão estiver ai devem andar por ali à roda, mas são capazes de estar por ali a esta hora (11 horas da manhã). Sobe ao alto, sempre do lado esquerdo e o gado deve estar ali. Estas coisas comprou-as o meu marido na altura que veio da França, só nessa altura é que comprou o gado. Esteve lá 10 anos, em Tours, prá ai assim, sei lá! Depois de vir, pouco tempo da gente cá estar é que começou a comprar o gado e a ter estas coisas.”

(Encontro-os no campo junto do rebanho. Como já tinha estado a fala com ele, reconheceu-me de imediato e o filho (João Paulo) também.)

“Isto era meu, comprei-os depois de vir da França. Sai daqui à sucapa, fui num camião, umas horas a cavalo outras a pé. A maior parte dos que foram comigo já morreram quase todos. Aqui nas Cegonhas não há

nenhum que foi comigo. Do rosmaninhal estava lá um que foi comigo mas já morreu, chamavam-lhe o Lavado, o Zé Russo.”

(O passador)

“Já não me lembro dos nomes, eram tantos!”

(O caminho)

“Fomos a passar ao Sabugal, aí estivemos alguns três dias presos e depois tivemos que ir embora para cá, depois tivemos que ir outra vez. O passador é como nunca o conheci, nunca o vi, íamos a correr atrás de uma égua atrás daquele mato. Quando ele dava o sinal a gente escondia-se. Depois fomos até um certo sítio e estava lá um camião escondido no meio do mato à nossa espera. O camião tinha uma camada de grades de pirolitos lá dentro, íamos lá uns 50 lá dentro.”

(O pagamento)

“Tive que pagar uns 16 contos, na altura era muito dinheiro. Depois quando chegamos a França ainda estive uns 9 dias parado, a gente nem ia a pontos de trabalhar, íamos cansados da viagem. Estava num sítio que lhe chamavam Limans, lá para diante. Depois estive num sítio que lhe chamavam Boluais, perto de Tours, aí a uns 60 quilómetros. Depois em Tours estive lá uns 5 anos. Depois vim de lá e pensei em arranjar o gado e meti-me com o gado. As primeiras que comprei foi ao Manel Carvalho ali no Rosmaninhal, comprei umas 50.”

(Diz para o filho que têm que ir embora. Pergunto-lhe novamente sobre os acinchos)

“Isto já não me lembro, mas sei que eram meus. Isto na altura custava uns 30 escudos cada um, compravam-se ali no Rosmaninhal nos mercados. Dantes havia muitos, agora não sei.”

(Caderno de Campo nº 12, pp. 4-7)

Acincho**

P/C N°183

Silvina Chambino

Acincho**

P/C N°184

Silvina Chambino

Acincho**

P/C N°185

Silvina Chambino



Denominação do Objecto: Bandoleira

N° de Inventário: P/C N° (não têm)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Esta bandolera era minha. Quando eu trabalhava no campo, usavam-se uns safões de Inverno, eram fetos de pele de bezerro. Tapava as pernas e chegava até à barriga. De Inverno para água e também na ceifa quando a gente ia a atar, para não estragar a roupa, também usávamos safões. Andava a fazer os molhos e aquilo rompe muita roupa. Quando deixei de trabalhar no campo, aqueles safões deixaram de servir, já não me faziam falta e desta pele fiz uma bandolera. Esta, é uma parte da perna e a parte de trás era a outra parte. Sobrou outro bocado, fiz então a parte da frente. Este remendo talvez tenha sobrado e eu acrescentei-lho. Esta bandolera serviu muitas vezes, era para eu levar a merenda. O fecho é um pau de azinho. Depois deixar as ceifas ainda cheguei a ter sete cabras, depois acabou-se cá o cabrero que guardava o gado do povo. Ele ainda cá está, é o mudo. O rapaz adoeceu e o gado tinha que ficar fechado. Depois o povo organizou-se e vínhamos consoante o gado que tínhamos com elas para o campo. Eu tinha sete, ia sete dias com elas para o campo, outro tinha duas tinha que ir dois dias. Era nesta altura que eu andava com esta bandolera e com o barril de água fresca. A alça da bandolera é de um cabresto.”

(A mulher interfere e diz que naquela altura quando as coisas faziam falta aproveitava-se tudo. O Ti Simão demonstra-me como o bocado remendado junto à alça serve para reforçar aquela)

“As ferramentas que usei para fazer esta bandolera foram: a sevela, a linha, navalha e a pele. Andei com as cabras uns cinco anos, era a minha mulher quem fazia os queijos.”

(A mulher explica-me os coalhos que se usavam na época)

“Eu usei o pó, comprava-se. Antigamente usava-se o bucho do chibo. Quando a gente matava um chebito, púnhamos a secar o bucho e utilizávamos para coalhar, eu ainda o utilizei algumas vezes. Aqui a maioria utilizava o bucho.”

(O Ti Simão retoma a conversa à cerca da bandoleira)

No Rosmaninhal é que se fazia muitas bandoleras, até as enrramavam. Esta bandolera ainda serviu uns bons anos, andei com as cabras cinco anos, depois ainda a usava quando ia aqui ou ali. Depois acabei com tudo, dei-a ao V.”

(Caderno de campo nº5, pp. 27-29)



Denominação do Objecto: Corno

Nº de Inventário: P/C Nº (não têm)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Rito

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Este corno era meu, foi o outro do Rosmaninhal que o levou. Este corno já era dos meus avós, eu recebi-o das mãos dos meus pais. Eu fui muitos anos pastor, mas este corno serviu sempre para a ceifa. Havia uma que era para o azete e a outra para o vinagre. Às vezes servia para as duas coisas. Quando acabava as ceifas, pendurava-se ali numas estacas e ali ficavam até ao ano seguinte. A gente limpava-as, botávamos-lhe água lá

para dentro e enxogavam-se muito bem. A gente fazia o comer no campo, feijão, batata e com este corno temperava-se.”

(O Ti Simão que me acompanhou até à casa do Ti Domingos também está presente, entretanto intervém e explica-lhe o porquê desta minha visita)

“Este corno dei-o ao V, estava lá pendurado e disse-lhe: queres o levar? Até um chamberilho lhe dei, mas este deu-me 300 escudos por ele. O corno do azeite e o do vinagre ia pendurado no burro, tinha aqui um cordel e punha-se na pombinha da albarda. Na ponta da albarda têm ali um rebachinho que a gente lhe chama pombinha. Punha-se um de um lado e outro de outro. A corna era onde a gente levava as azeitonas. Abalávamos daqui para as ceifas na segunda-feira com a merenda dentro dos alforjes e andávamos para lá toda a semana. Íamos ali para o Rosmanihal, em acabando a merenda, as mulheres vinham a buscar mais e nós ficávamos lá.”

(O Ti Simão fala desses tempos de miséria e refere que eu não sei o que é)

“Ele já não sabe o que são esses tempos de miséria, neste tempo já tudo é feliz.”

(O Ti Domingos fala do seu apelido)

“Sou conhecido por Domingos Rito, toda a gente me conhece por este nome, mas por esse nome não vou a lado nenhum. Eu sou Rito só porque a minha mãe era Rita, puseram-me o nome de Rito.”

(Caderno de campo nº5, pp. 47-50)

II. OBJECTOS “SEM” HISTÓRIA

Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Bandoleira

Nº de Inventário: P/R-2 Nº 1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Xanas

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

(Não reconheceu o objecto, pergunta se nós o pintamos. Depois diz que nunca usou esta bandoleira e que era só para “vista”. A mulher refere que talvez tenha sido o João Espanhol que a fez. Depois diz que tem uma com duas fivelas grandes e que foi o Zé Preto que a fez. Torna a referir que não se lembra dela e que nunca a usou).

“Esta bandolera não era minha. Eu nunca fui pastor, fui criado de servir e roupero na Poupa e no Cabeço Mouro, fazia uns 50 queijos à cabreira por dia. A gente usava o coalho líquido, o cardo era para o queijo à ovelheira”.

(Entretanto, diz-nos que tem duas bandoleiras penduradas no palheiro e decide-se a mostrar. Já no palheiro pega numa delas e começa a falar).

“Esta é que é uma bandoleira valente, esta é que eu usei muito, foi o João Espanhol que a fez. Não lhe paguei nada, éramos criados do mesmo patrão, éramos amigos.

Levava a merenda aqui quando ia a guardar o gado, mas era só quando faltava algum pastor. Tinha que ir eu com o gado, fiz de tudo um bocadinho.”

(Refere que tinha umas cornas e que as vendeu. Começa a dar indícios de querer fazer negocio com estas duas bandoleiras. Pergunta-me se as quero “mercar” (comprar). Ofereço-lhe 10 euros por uma das bandoleiras, diz-me que tenho que lhe dar 20 e levo as duas. Digo-lhe que não tenho neste momento os 20, responde-me).

“Amanhã logo calhamos.”

(continua a conversa sobre a sua vida)

“Eu estive na Poupa e no Cabeço Mouro com o meu primo J. Alfredo, fazia lá os queijos à cabrera.”

(Fala da minha ligação familiar à aldeia)

“Eu lembro-me do teu pai me ter posto a luz aqui em casa, até perdeu a chave:”

(Retoma a história da sua vida)

“Eu andava ao mês, agora ganham o que querem, nós dantes ganhávamos às comédias. Às vezes quando falhava algum pastor tinha que ir eu a guardar o gado, não podia ficar fechado.”

(Pega novamente na bandoleira)

“Neste bolsinho era onde guardava a navalhinha.”

(Caderno de campo nº4, pp. 49-50)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/R N°5

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está em Lisboa, não consegui contactar) *



Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/R N°6

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/R N°7

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/R N°9

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Cabaça

Nº de Inventário: P/R N° 11

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: José Matraca

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Esta cabaça não era minha.”

(O V (colector) insiste e diz-lhe que só podia ser dele, ao qual responde com a mesma negação. Já no caminho de regresso, o V. diz-me que o suposto proprietário do objecto têm más relações com ele, isto porque o filho dele vendeu uma espingarda ao irmão do V. e este ainda não lhe pagou, daí o suposto proprietário do objecto não querer reconhecer que este era seu).

(Caderno de campo nº4, 16 de Junho de 2005)



Denominação do Objecto: Cabaça pequena

Nº de Inventário: P/R Nº 12

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/R Nº13

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Firmina Calota*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Candeeiro a petróleo (lâmpião)

Nº de Inventário: P/R Nº14

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Firmina Calota*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado

Nº de Inventário: P/R Nº15

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado

Nº de Inventário: P/R Nº16

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado

Nº de Inventário: P/R N°17

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/R N°18

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/R N°19

Objectos de Pastor

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Coleira de ferro com puas

Nº de Inventário: P/R N°22

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: José Russo

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°23

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°24

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: José Cachaparra*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°25

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Pombicha*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°26

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°28

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°30

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Colher de madeira bordada

Nº de Inventário: P/R N°33

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Fivela de ferro

Nº de Inventário: P/R N°34

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Chocalho pequeno

Nº de Inventário: P/R N°35

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Trado grande

Nº de Inventário: P/R N°36

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Manta de papa

Nº de Inventário: P/R N°37

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Teresa Amaro

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Manta

Nº de Inventário: P/R N°38

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Teresa Amaro

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Manta

Nº de Inventário: P/R N°40

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Felícia Lobato*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Manta de farrapos

Nº de Inventário: P/R N°41

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°42

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°43

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°44

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°45

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°46

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho e coleira com chavelha)

Nº de Inventário: P/R N°48

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Campainha completa (campainha e coleira com fivela)

Nº de Inventário: P/R N°49

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu!”



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho com chavelha)

Nº de Inventário: P/R N°50

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Este chocalho não é meu, eu não tinha destes chocalhos”.

(Caderno de campo nº5, 17 de Junho de 2005)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho com chavelha)

Nº de Inventário: P/R N°51

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (chocalho com chavelha)

Nº de Inventário: P/R N°52

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Gravato

Nº de Inventário: P/R N°59

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto nunca foi meu!”

(O V insiste e diz-lhe que o objecto lhe pertence, contando o seguinte: isto foi quando eu estava a comprar peças à Ti Leonor Chambino e a sua mulher (Ti Inês) passou e me disse se

Objectos de Pastor

eu quisesse o gravato que o podia levar. Eu trouxe-o e você não soube, daí que o Ti Augusto não o reconheça. Porém, o Ti Augusto continua a negar, referindo que este objecto nunca lhe pertenceu)

(Caderno de campo nº 4, pp. 52)



Denominação do Objecto: Gravato com cabo

Nº de Inventário: P/R N°60

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto nunca foi meu!”

(Caderno de campo nº 4, pp. 52)



Denominação do Objecto: Tigela pequena de barro

Nº de Inventário: P/R N°61

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Alguidar grande

Nº de Inventário: P/R N°62

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Cadeira

Nº de Inventário: P/R N°64

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Facheça*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Mocho de cortiça

Nº de Inventário: P/R N°65

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Zé Cachaparra*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Pichero (pitchero)

Nº de Inventário: P/R N°66

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Malcata

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Não reconheceu o objecto)



Denominação do Objecto: Tábua de lavar

Nº de Inventário: P/R N°67

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Facheça*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna da pedra da gadanha

Nº de Inventário: P/R Nº68

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da ladeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Pedra de esmoril

Nº de Inventário: P/R Nº69

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Cadeira

Nº de Inventário: P/R Nº70

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Facheça*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Pichero (pitchero)

Nº de Inventário: P/R N°71

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: **Francela**

Nº de Inventário: P/R N°72

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Armadilha de ferro

Nº de Inventário: P/R N°73

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Cachaparra

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Candeeiro a petróleo

Nº de Inventário: P/R N°74

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Facheca*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Pote de zinco da qualhada

Nº de Inventário: P/R N°75

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Carroça

Nº de Inventário: P/R N°76

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Afonso Barata

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Mesa

Nº de Inventário: P/R N°77

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

(Está fora da aldeia em trabalho)



Denominação do Objecto: Angarelas

Nº de Inventário: P/R N°78

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Baldona

Lugar da Recolha: Rosmaninhal



Denominação do Objecto: Cadeira

Nº de Inventário: P/R N°79

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Facheça*

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cajado

Nº de Inventário: (Não têm)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

História do objecto:

“Isto não era meu. Este garrote é feito de pau de zambujo há muito ali nas costas do Tejo e do Aravil. Foi colhido assim com a curva. Ali para o Tejo enxertaram muitas oliveiras. Os enxertos fazem assim, serra-se com um serrote, escolhe-se uma pua aguçada (espeto feito de uma oliveira mansa) e mete-se entre a casca e põe-se uma gorrera e barro massado ou bosta de vaca em cima do corte, é para o sol não entrar. Depois arrebenta a boa.”

(Como está com pressa, pois quer sair com o rebanho, fala dos horários)

“No verão saio de manhã por volta das oito até aí às onze ou meio-dia. Depois o gado acarra, venho a almoçar a casa, durmo uma sesta e depois saio às quatro, dou outra volta e venho até aqui e ficam até às nove ou dez, até se fazer de noite.”

Cegonhas



Denominação do Objecto: Máquina manual de tosquia

Nº de Inventário: P/C N°3

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/C N°4

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Chico Velho

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C N°5

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C N°6

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C N°8

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Par de cabrestos

Nº de Inventário: P/C Nº9

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: José da Cruz

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Isto nunca foi meu, eu não usava disso. Sei para que serve, é para pôr nas cabras quando a gente passava ao pé de alguma horta. Era para elas não comerem aquilo que não lhes pertencia.”

(Caderno de campo nº5, 21 de Junho de 2005)



Denominação do Objecto: Chavelha

Nº de Inventário: P/C Nº10

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Colher de pau

Nº de Inventário: P/C Nº11

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colher de qualhada

Nº de Inventário: P/C Nº12

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Colher de pau

Nº de Inventário: P/C Nº13

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Acinchos de madeira

Nº de Inventário: P/C Nº14

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C N°15

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Felisbela Gardete*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Candeia

Nº de Inventário: P/C N°16

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Malga de barro e pilão de madeira (para moer o cardo)

Nº de Inventário: P/C N°17

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Pilão

Nº de Inventário: P/C N°18

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Malga de barro e pilão de madeira (para moer o cardo)

Nº de Inventário: P/C N°19/20

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

(Observa os objectos e não os reconhece)

“A malga de barro até podia ter sido, eu tinha muitas malguinhas de barro, quanto ao resto não. Eu também cheguei a fazer queijos, mas não utilizava a malga e o pilão para moer o cardo.”

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/C N°21

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cabaça

Nº de Inventário: P/C N°22

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Piença

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cabaça pequena

Nº de Inventário: P/C N°24

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cabaça pequena

Nº de Inventário: P/C N°25

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Cabaça pequena

Nº de Inventário: P/C N°26

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Cabaça pequena

Nº de Inventário: P/C N°27

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Sem identificação

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Conca de cortiça

Nº de Inventário: P/C Nº28

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Barata

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C Nº32

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Malga de cobre (para tirar a qualhada)

Nº de Inventário: P/C Nº33

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Velho

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Arroucho (para ajustar a carga do burro)

Nº de Inventário: P/C N°34

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Chocalho pequeno

Nº de Inventário: P/C N°35

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Isto não era meu, eu também já estou esquecido, já tenho 83 anos. Esta trasga (fecho) também não era minha.”

(Interfere a mulher)

“Ele fazia umas trasgas muito lindas, bordadinhas. Atão não eras capaz de fazer outra igual”

(Responde o marido)

“Não, já não sou capaz! Os chocalhos é que os comprava nas feras, ali no Rosmaninhal, na Zebreira, eu sê lá!”

(A mulher)

“O mê homem quando ia às feras era por onde ia primero era pelos chocalhos. Tinha uma louça ca sê lá!

(Ti Domingos)

“Tinha gado, tinha muita loiça, parecia uma festa. Tudo a meter barulho, as campainhas escolhi-as pelo toque. Tinha de todos, que era para fazer a música completa. Tinha mai altos, mais baixos, que era para fazer a musica. Tinha campainhas, chocalhos, reboleros. Eu já estou muito esquecido, já deixei de ter estas coisas, já não tenho nada, dei tudo. Uns para o Rosmaninhal, outros para ali, dei de tudo, não fiquei com nada. Havia cá um rapaz que depois agarrou gado, é o Chico Carriço, dei-lhe uns poucos. Ao cabrito também lhe dei uns poucos. Para o Lamão, ali para o Rosmaninhal, também lhe dei alguns. Dei tudo, não vendi nada.”

(Torno a perguntar se ainda era capaz de bordar uma trasga (fecho))

“Não, já não tenho paciência. Olhe que eu era um escrivão, tenho o 2º grau.”

(A mulher interfere)

“Tens a quarta classe, não é o segundo grau.”

(O homem)

Tão a quarta-classe não é o segundo grau? Tão o que é? Eu ia aos bancos a assinar, tudo dizia que tinha uma rica cagrafia. Agora vou a escrever tenho nervos nas mãos. É a idade.”

(Retoma a conversa dos chocalhos)

“As campainhas já traziam os badalos, só lhe preparava o colar. Ainda ai ficou um chocalhote velho, tenho-o ali pendurado numa oliveira, serve para espantar a passarada da horta, se quiser pode-o levar. Só não tem a trasga, eu de qualquer fazia uma trasga, mas o azinho é que é bom. O cabedal é para toda a vida, nunca mais se gastava. Eu fazia estas coisas quando andava a guardar o gado no campo, sentava-me além numa pedra e bordava.”

(A mulher interfere)

“A umas fazia uns raminhos, a outras fazia quadradinhos, era como ele entendia.”

(Ti Domingos)

“No outro dia vi uma trasca toda bordadinha, já não sei onde está. Eu sabia bordar bem as trargas, só não sei é fazer denhero, mas para o trabalho era homem para tudo. Fui encarregado de homens e de mulheres, fui pastor, ganhão, pedreiro, eu sê lá! Temos muita terra, não temos só esta, mas está tudo por lavrar. Não se pode pôr ninguém a lavrar as oliveiras sem pelo menos lhe pagar 4 contos e oitocentos, vinte e quatro euros. Já ninguém quer colher, já ninguém quer trabalhar camarada! As coisas do campo está tudo perdido! A gente come da terra, esses supermercados está tudo cheio, vem tudo da terra. Mas ninguém quer, há tantos desempregados, a terra está para além tudo abandonado, se deitassem a mão à terra! Eu ainda nasci nas Cegonhas Velhas, onde estavam os nossos pais. Eu tinha seis meses quando sai de lá. Isto aqui estava tudo cheio de mato, era só lobos, contavam os mais velhos. Depois os lobos iam aos bardos, matavam e comiam. Isto foi tudo limpinho, agora é só rosmanos (rosmaninhos), é só mato outra vez.



Denominação do Objecto: Chocalho com coleira

Nº de Inventário: P/C N°36

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Chocalho pequeno com badalo de ferro (prego)

Nº de Inventário: P/C N°37

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cabaça

Nº de Inventário: P/C N°38

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



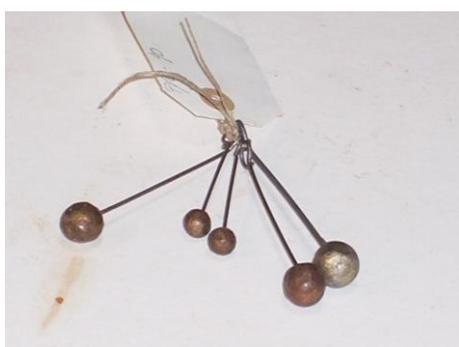
Denominação do Objecto: Almotolia (guardar azeite)

Nº de Inventário: P/C N°39

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Conjunto de badalos de cobre

Nº de Inventário: P/C N°40

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Bola de sebo

Nº de Inventário: P/C N°41

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Argola de ferro (pertence a um arreio)

Nº de Inventário: P/C N°42

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°43

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°44

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°45

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Campainha

Nº de Inventário: P/C N°46

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Campainha

Nº de Inventário: P/C N°47

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Agulha

Nº de Inventário: P/C N°48

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°49

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°50

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Barata

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chavelha

Nº de Inventário: P/C N°51

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°55

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Agulha

Nº de Inventário: P/C N°53

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°55

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Ponta de sevela curva

Nº de Inventário: P/C N°56

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Ponta de sevela curva

Nº de Inventário: P/C N°57

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°58

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Trado pequeno

Nº de Inventário: P/C N°59

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Gardete (mudo)

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°60

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°61

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°62

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°63

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°64

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°65

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Argola de ferro (para ajustar a albarda nos burros)

Nº de Inventário: P/C N°66

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Argola

Nº de Inventário: P/C N°67

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Alforges cinzento

Nº de Inventário: P/C N°68

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lucia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Alforges

Nº de Inventário: P/C N°69

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Silveirinho

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Alforges

Nº de Inventário: P/C N°70

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Silveirinho

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Safões

Nº de Inventário: P/C N°71

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Chapéu

Nº de Inventário: P/C N°72

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Faca

Nº de Inventário: P/C N°74

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Faca

Nº de Inventário: P/C N°75

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Candeeiro

Nº de Inventário: P/C N°76

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Correia

Nº de Inventário: P/C N°77

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Navalha

Nº de Inventário: P/C N°78

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colher de sopa

Nº de Inventário: P/C Nº79

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Garfo

Nº de Inventário: P/C Nº80

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Chocalho

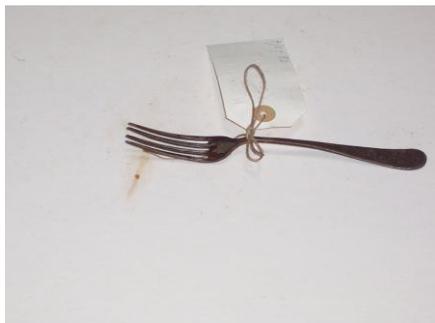
Nº de Inventário: P/C Nº81

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Garfo

Nº de Inventário: P/C N°82

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Colher de alumínio

Nº de Inventário: P/C N°83

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Sem identificação

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Garfo

Nº de Inventário: P/C N°84

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Caldeiro do poço

Nº de Inventário: P/C N°85

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Caldeiro do lume

Nº de Inventário: P/C N°86

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°87

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°88

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°89

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°90

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°91

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°92

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°93

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Badalo de madeira

Nº de Inventário: P/C N°94

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Panela de Ferro

Nº de Inventário: P/C N°95

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°96

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Cabreiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°97

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Cabreiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°98

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Cabreiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°99

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Cabreiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°100

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (campainha com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°101

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°102

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°103

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°104

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Velho

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°105

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°106

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°107

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°108

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°109

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°110

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°111

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°112

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°113

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°114

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°115

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°116

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°117

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°118

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Colar completo (com fivela)

Nº de Inventário: P/C N°119

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Colar completo (com chavelha)

Nº de Inventário: P/C N°120

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Cesto

Nº de Inventário: P/C N°121

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°122

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°123

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°124

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°125

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°126

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°127

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°128

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°129

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Armadilha de ferro

Nº de Inventário: P/C N°130

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Isto não era meu, se eu tivesse uma coisa destas talvez não me desfizesse dela.”

(Caderno de campo nº12, p. 44)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Candeia

Nº de Inventário: P/C N°131

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Malga grande

Nº de Inventário: P/C N°132

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Malga

Nº de Inventário: P/C N°133

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Fataca

Nº de Inventário: P/C Nº134

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Fataca

Nº de Inventário: P/C Nº135

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Emilia Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Fataca

Nº de Inventário: P/C Nº137

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Fataca

Nº de Inventário: P/C N°138

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas
(Faleceu)



Denominação do Objecto: Talha da água

Nº de Inventário: P/C N°140

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas
(Não reconheceu)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Asado

Nº de Inventário: P/C N°141

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Ti Necas

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°142

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Prato de esmalte

Nº de Inventário: P/C N°143

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Feijoa

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Prato de esmalte

Nº de Inventário: P/C N°144

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Feijoa

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Prato de esmalte

Nº de Inventário: P/C N°145

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Feijoa

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C N°146

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Marranhão

Nº de Inventário: P/C N°147

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Marranhão

Nº de Inventário: P/C N°148

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Chavelha

Nº de Inventário: P/C N°149

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Malga de esmalte
Nº de Inventário: P/C N°150
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
(Não reconheceu)

Caldeiro⁵⁶
P/C N°151
(sem nome)



Denominação do Objecto: Caldeira
Nº de Inventário: P/C N°152
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
(Não reconheceu)

⁵⁶ Falta objecto.

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Frigideira

Nº de Inventário: P/C Nº153

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Felisbela Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Candeeiro de petróleo (lâmpião)

Nº de Inventário: P/C Nº155

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Frigideira

Nº de Inventário: P/C Nº156

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cadeias

Nº de Inventário: P/C Nº157

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Correia

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Saleiro

Nº de Inventário: P/C Nº158

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Correia

Lugar da Recolha: Cegonhas

História do objecto:

“Isto não era meu.”

(Maria Silveirinha)

“Seria dessa velhota que era mais antiga.”

(Como está presente também a Maria Silveirinha, interfere, referindo-se também ao contexto da dita recolha)

“A gente vendia por várias fases, umas vezes via umas coisas, eu vendi-lhe uma panela de ferro, de barro, pratos antigos.”

(Maria Barata)

“O meu marido vendeu-lhe muitas coisas do palheiro, cangas, arados e assim, coisas que lá haviam no palheiro.”

(Maria Silveirinha)

“Um dia foram a ter comigo a dizer que eu tinha vendido ao V. (colector) uns alforges. Ele não assentava nada e depois pôs ao que calhava, se naquela altura quando comprasse se registasse tudo, mas não, ele nessa altura comprava para vender. O V. é que andava cá a comprar as coisas e depois não assentava nada.”

(consulto a listagem dos objectos e confirmo que os alforges constam no seu nome)

“Ainda ai estão no meu nome, mas não eram meus. Eu nunca lhe vendi alforges. Eu tinha dois pares até os dei à tia, quando o tio tinha o burro que andavam. Dei-lhes dois pares.”

(Maria Barata)

“Parece que ainda andam ali uns pequenos!”

(Maria Silveirinha)

“Tanta coisa que a gente lhe vendeu!”

(Maria Barata)

“O meu marido vendeu-lhe tantas coisas lá do palheiro!”

(Maria Silveirinha)

“Ele alugou aqui um palheiro onde punha as coisas, era um palheiro do Manel Mateus. Ele comprou ai a toda a gente, toda a gente tinha coisas antigas. Ele começou ai a vir e comprou várias coisas. Ele tinha o palheiro bem recheado. Agora saber das pessoas, é muito difícil saber isso, muitas das pessoas já faleceram, outras foi tudo desenhado!”

(Maria Barata)

“E agora o que fazer com isto, com estas coisas que vendemos?”

(Falo-lhe do projecto do Museu do Pastor)

(Maria Silveirinha)

“Queriam fazer um museu aqui e na Câmara querem lá os nomes destas coisas. As coisas que a gente lhe vendeu havia lá peças que tinham mai de 100 anos. Tem que ter o nome das pessoas de quem vendeu. Avó do Zé morreu com 90 anos, já morreu à uma série de anos, as panelas ainda eram dela. Aquelas panelas já tinham cento e vinte ou cento e trinta anos. Eram de ferro e uma de barro vidrada. A tua irmã um dia foi lá a casa da tua mãe, até o alguidar vidrado que estava a aparar a água que chovia lá em cima da mesa, ele levou e a tal mesa que a tua mãe tinha que era muito antiga. Tinha mai de cem anos e não lhe entrava o bicho, não estava pintada, tinha as maderas em branco, a gente esfregava com a escova.”

(Maria Barata)

“E o que fizeram à mesa?”

(Maria Silveirinha)

“Era da tua irmã, tinham-na ali para comer. Foi ela que a vendeu ao V. (colector). O Simão ainda veio para lha trocar por uma que lá tinha e ela disse que não queria. Eu vendi-lhe as panelas e outras coisas, roupas antigas não lhe vendo nada. Naquela altura comprou uma série de sacos de linho à Isabel Magra e eu disse-lhe – sacos de linho também eu tenho, aqueles sacos de pôr a farinha. Ele disse-me – já não quero mais sacos, tenho muitos sacos! O que lhe vendi eram tigelas de barro com aqueles bordados muito antigos, duas bacias grandes, uma até lhe faltava um bocadinho, mas eram muito antigas. Depois até a minha filha quando veio disse – ó mãe, não lhe vendia a bacia, que eu punha lá em cima do armário! Esta bacia já era da minha mãe. Fazia lá o gaspacho, quando se faziam as matanças também lá fazia as coisas. Isto porque dantes comiam todos da mesma bacia. Eram aqueles alguidares que acaso ainda ai tenho dois e que a minha filha já levou para Lisboa. Quando ela faz agora festas, faz as saladas frias e tudo naqueles alguidares antigos. E tem um painel na parede com cinco pratos grandes. Tinha lá um da Cerâmica de Coimbra. Está lá na parede. Só naquela altura já tinham cento e tal anos. A minha mãe era dos Alares que se desmancharam, morreu com 26 anos, foi doença pulmonar. E então eram loiças muito antigas que a gente tinha e a nossa geração já detestava essas coisas antigas, ninguém gostava de coisas antigas. Ah.. Agora coisas antigas! E aqueles pratos que tinham aqueles borbotos negros e o V. (colector) arrebanhava com essas coisas todas. Aqueles pratos do cavalinho que agora já há a imitar, eu já vi no Brás e Brás. Dei um ao V. (colector) e ele na altura disse-me – a minha namorada gosta muito destes pratos! E eu disse-lhe – tenho dois, toma lá um! Dei-lhe aquele prato com os ramos azuis. Era tudo feito à mão. E agora esta juventude de agora, há quem goste destas coisas antigas, mas também há quem não goste. Eu tenho duas netas e não querem nada antigo! Não ligam!”

(Muda a conversa para a limpeza de alguns objectos de loiça)

“Arear os almofarizes, os castiçais, os caços, antigamente era tudo com o vinagre e colorau. Se deitar o vinagre com o colorau dentro de uma coisa bem negra com um farrapinho dá-se em toda a volta. Depois começou-se a usar as celourinas, que é o que eu mais gosto. Aqui a mãe da minha prima casou-se, tinha tudo antigo, foi para a Guarda, a minha tia vendeu-lhe as loiças. As velhinhas quando lhe apareciam com cinco

tostões coitadinhas vendiam tudo. O V. (colector) arranjou-se por aqui muito bem! Eu tinha um prato grande, se fosse hoje não o vendia. Eu pensei tenho uma filha e duas netas, eu podia dar à minha filha, mas ela disse-me – quero lá essas coisas velhas! Eu tinha um prato muito grande e quando me ofereceram dez contos fiquei tontinha. Com os dez contos comprei dois conjuntos e duas camisas de dormir para as minhas netas. Tenho a certeza que gostaram mais disto do que do prato.”

(pergunto onde compravam estas loiças)

“Sei lá! Seria nos oleiros antigos que vinham para aqui a vender. Quando houve essa guerra dos montes, os meus avós já eram aqui das Cegonhas Velhas e a minha mãe já era dos Alares e eles vieram para as Soalheras e aquestes vieram aqui para as Cegonhas. O meu avô chamava-se João Gardete e a minha avó Isabel Barato eram dos Alares, da parte do meu pai, a minha avó chamava-se Maria Antunes e o meu avô Manuel Dias, eram das Cegonhas Velhas. Os meus pais vieram das Cegonhas Velhas para aqui (Cegonhas). O meu pai chamava-se Joaquim Silveira e a minha mãe Maria Isabel Barato e vieram das Cegonhas Velhas. Como a minha mãe morreu nova, tive uma madrastra que me deu o peito. E aqui veio tudo para as Cegonhas e começaram a arranjar as casinhas. Eu tinha uma tia com 19 anos foi quando saiu das Cegonhas Velhas, que estava para se casar e foi para o bouchel do Ti Zé Cabrero. Os meus avós tinham gado e viviam muito bem e foram para além, mas aquela minha tia levava dias a chorar lá na tchoça e ela trabalhava muito bem de costura e levava os dias a chorar. Logo nesse ano a seguir na matança (porco) de uma prima, disse assim – vá ir-vos a arranjar, ir para o balho. E a minha tia disse – ai, hoje não tenho vontade! A minha prima disse-lhe – ai, tens aqui uma empolinha! Olhe, durou oito dias coitadinha! Era um entraste que tinha na garganta, daqui foi para o hospital de Castelo Branco e lá morreu também com 19 anos.”

(Volta ao assunto da proveniência das loiças)

“Essas loiças eles iriam às feras a Castelo Branco e assim e lá iam comprando cada um o que podia. Mas o V. (colector) nessa altura aparecia com o dinheiro e a gente ficava tonta! Porque nessa altura a gente precisava.”

(Maria Barata)

“Cadeiras de pau antigas, a minha mãe tinha ali duas em casa, ele abalou com tudo! Cadeiras que já eram da minha mãe e já seriam da minha avó. Aparecia com cadeiras novas e trocavam.”

(Maria Silveirinha)

“Ele só queria as que não estavam pintadas. Eu tinha duas e até as tinha pintadas e ele queria assim tudo muito antigo. A minha sobrinha Isabel foram a buscar duas às Soalhera, lá a uma casa antiga que uns caçadores alugaram, uma para a Maria Helena e outra para a Isabel. Como tiveram que tirar algumas coisas, elas foram lá a buscar. A minha sobrinha disse-me – ó tia, vou mandá-las a arranjar e a envernizar! Toda

torneadinha! Aquela caderas de pau eram muito antigas, ele (colector) também só queria as coisas muito antigas.”

(Maria Barata)

“Eu ainda aqui tenho uma dessas cadeiras, foi uma velhota aqui das Cegonhas que ma deu, já seria dos antigos dela.”

(Como tenho que falar com a Celeste Gil, aproveito peço referências. Dizem-me que ela não vive na aldeia, mas como estamos no período da apanha da azeitona veio mais o genro para a apanha. Indicam-me a casa. Pelo percurso encontro uma mulher que está sentada à porta de casa a cortar passas de figo com um tesoura, diz-me que a Celeste Gil não está em casa, foi a apanhar azeitona. Não sabe explicar onde fica o terreno.)

(Caderno de campo nº12, pp. 53-62)



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C Nº160

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Guerra

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C Nº161

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luisa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Bilha

Nº de Inventário: P/C N°164

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Alguidar

Nº de Inventário: P/C N°165

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C N°166

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Talha da beira

Nº de Inventário: P/C N°167

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Talha da beira

Nº de Inventário: P/C N°168

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Arca dos queijos

Nº de Inventário: P/C N°169

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Lata da coalhada

Nº de Inventário: P/C N°170

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)



Denominação do Objecto: Banca de assado

Nº de Inventário: P/C N°171-A

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Talha

Nº de Inventário: P/C N°171-B

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Marranhão

Nº de Inventário: P/C N°171-C

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Púcaro

Nº de Inventário: P/C N°171-D

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cajado

Nº de Inventário: P/C N°172

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Faleceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Tigela

Nº de Inventário: P/C N°173

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Trempes

Nº de Inventário: P/C N°174

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas



Denominação do Objecto: Rodilha

Nº de Inventário: P/C N°175

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Feijão

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Cântaro

Nº de Inventário: P/C N°177

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°178

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Correia

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)



Denominação do Objecto: Cucherrero

Nº de Inventário: P/C N°179

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil*

Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor



Denominação do Objecto: Arca de queijos

Nº de Inventário: P/C N°180

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

(Não reconheceu)

III. OBJECTOS COM UMA HISTÓRIA “CONSTRUÍDA” PELO COLECTOR

Rosmaninhal⁵⁷

Denominação do Objecto: Bandoleira

Nº de Inventário: P/R Nº 1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: João Xanas

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Foi utilizada para transporte do farnel em trabalhos da pastorícia e outras actividades agrícolas.”

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 2

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Ti Zé Tripa

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que ainda servia quando foi recolhida (teve vários fins). Foi bebedouro de galinhas e gamela onde os cães comiam.”

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 3

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Construído por ele à navalha como tantos outras peças que ele utilizava.”

⁵⁷ Optei por não colocar as respectivas fotografias pelo facto destas se repetirem nas anteriores fichas descritivas.

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 4

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma “jerolminho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça talhada pelo próprio. Pouco utilidade teve.”

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 5

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Coucho feito à navalha por ele e nunca chegou a ser utilizada.”

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 6

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça executada pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Coucho

Nº de Inventário: P/R Nº 7

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Paneta

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Executada pelo próprio.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Coucho
Nº de Inventário: P/R Nº 9
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Francisco Paneta
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Serviu noutros tempos para tirar a qualhada do pote.”

Denominação do Objecto: Cabaça grande
Nº de Inventário: P/R Nº 10
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Emília Pingarota
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que pouco uso teve.”

Denominação do Objecto: Cabaça
Nº de Inventário: P/R Nº 11
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: José Matraca
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Semeado por ele e colhido também.”

Denominação do Objecto: Cabaça pequena
Nº de Inventário: P/R Nº 12
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Leonor Chambino
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Pertenceu ao marido que era pastor”

Denominação do Objecto: Cântaro de leite
Nº de Inventário: P/R Nº13
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Firmina Calota

Objectos de Pastor

Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Cântaro para transportar leite ou travia. Peça feita pelo latoeiro da vila (área mais alta da aldeia).”

Denominação do Objecto: Lampião
Nº de Inventário: P/R N°14
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Firmina Calota
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que pertenceu ao seu marido e que ela também usou (teve serventia nos Alares). Comprado no comercio local (Joaquim Girão).”

Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado
Nº de Inventário: P/R N°15
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Camisão
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Ferro que foi encontrado nos utensílios de pastor mas que não pertenceu a este pastor. Uma vez que ele tinha três marcas diferentes.”

Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado
Nº de Inventário: P/R N°16
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Camisão
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Mais um dos ferros que foi encontrado nas ferramentas deste pastor. Teve o seu rebanho entre os anos 60 a 80. Mas que se concluiu que não seriam as suas marcas.”

Denominação do Objecto: Ferro de marcar o gado
Nº de Inventário: P/R N°17
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Camisão
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Peça também em posse deste antigo pastor, mas que não era a sua marca pessoal com que identificava o gado.”

Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/R Nº18

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Tesoura de tosquia. Peça bastante comum que servia para tosquiar ovelhas.”

Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/R Nº19

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Tesoura de tosquia utilizada pelo próprio na tosquia do seu gado.”

Denominação do Objecto: Coleira de ferro

Nº de Inventário: P/R Nº20

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Crespo “Serraninho”

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Comprado na feira de gado para um cão que andava desprotegido. Segundo o Ti Augusto era uma coleira reles.”

Denominação do Objecto: Coleira de ferro

Nº de Inventário: P/R Nº21

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonel Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Peça que se encontrava em desuso. Era utilizada num dos muitos cães que este pastor tinha para proteger somente o bardo das feras. O lobo era uma ameaça nocturna.”

Denominação do Objecto: Coleira de ferro
Nº de Inventário: P/R N°22
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: José Russo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Este ferreiro recuperou esta coleira que se encontrava num palheiro e que segundo ele estava abandonada no Vale da Morena. Encontrava-se num monte de sucata para reciclar.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R N°23
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Francisco Paneta
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Corna de azeitonas que já pertencia ao pai que a herdou.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R N°24
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: José Cachaparra
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Corna utilizada para guardar uvas. Esta corna fazia parte de um conjunto de cornas que utilizava consoante as merendas. Seria uma das maiores.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R N°25
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Pombicha
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que era utilizada pelo marido que foi toda a vida pastor.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R Nº26
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Francisco Paneta
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que pertenceu aos seus antepassados que as utilizava no dia-a-dia dos trabalhos.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R Nº27
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Abilio Sardinha
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Corna que toda a vida utilizou para transportar a merenda. Trocou-a por uma navalha já usada quando era ainda rapozote.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R Nº28
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Albano Quaresma
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça preparada por ele onde transportava o queijo para a merenda nas jornadas de trabalho.”

Denominação do Objecto: Corna
Nº de Inventário: P/R Nº29
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Joaquim Mendes “Zagal”
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça datada de 1948, mas segundo o Ti Zagal, seria mais antiga, pois já a tinha apanhado do pai. Servia ultimamente para guardar pregos antes. Servia para guardar o queijo para a merenda.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/R N°30

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Corna de sal que era utilizada para transportar o sal para fazer o gaspaxo nas jornadas de pastoreio como noutros trabalhos de jorna. Pertenceu ao marido.”

Denominação do Objecto: Chapéu de chuva (sombriinha)

Nº de Inventário: P/R N°32

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Albano Quaresma

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio indispensável nos dias de invernia ou nos dias de torra. Protecção das intempéries, sol, chuva ou vento.”

Denominação do Objecto: Colher de pau

Nº de Inventário: P/R N°33

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que o marido fez à navalha e que transportava na bandoleira para comer o gaspaxo nas grandes jornadas de pastoreio.”

Denominação do Objecto: Fivela de Ferro

Nº de Inventário: P/R N°34

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Fivela que se encontrava junto com outros objectos que faziam parte da lata onde o marido tinha os utensílios para preparar as coleiras e os chocalhos.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Chocalho pequeno

Nº de Inventário: P/R N°35

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Chocalho que se encontrava dentro da lata onde o marido tinha os preparos para arranjar as coleiras das ovelhas.”

Denominação do Objecto: Trado grande

Nº de Inventário: P/R N°36

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Leonor Chambino

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que era utilizada pelo marido em pequenos trabalhos em casa quando tinha alguma madeira para furar.”

Denominação do Objecto: Manta de papa

Nº de Inventário: P/R N°37

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Teresa Amaro

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Manta que herdou da mãe que por sua vez esta herdou de uma cunhada em que o marido era pastor na Herdade da Poupa no Rosmaninhal. Manta que foi comprada na Zebreira.”

Denominação do Objecto: Manta de lã

Nº de Inventário: P/R N°38

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Teresa Amaro

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Manta que herdou da mãe. Manta comprada a um cigano por trezentos escudos.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Manta de lã
Nº de Inventário: P/R N°39
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Emília Pingarota
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Manta que herdou de um tio que era pastor mas nunca a usou por ser nova, com receio que se estraga-se. Comprada no comércio local (Joaquim Girão).”

Denominação do Objecto: Manta de lã
Nº de Inventário: P/R N°40
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Felícia Lobato
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Manta que era distribuída aos ganhões da casa agrícola do Sr. Domingos Mendes (Rosmaninhal), durante as invernias e que eram recolhidas na primavera. Uma das muitas mantas que foram para o lixo.”

Denominação do Objecto: Manta de farrapos
Nº de Inventário: P/R N°41
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Leonor Chambino
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Manta sem uso algum que foi comprada em altura de muito folgo mas que nunca serviu e esteve sempre dentro da arca. Comprada na feira de gado do Rosmaninhal.”

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela
Nº de Inventário: P/R N°42
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Comprado no mercado local e preparados por ele com preparos comprados no mercado local.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°43

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°44

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°45

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°46

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°47

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R N°48

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Objectos de Pastor

Ficha de Inventário (colector)

“Peça restaurada.”

Denominação do Objecto: Campainha com fivela

Nº de Inventário: P/R Nº49

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“A peça 48 e 49 foram restauradas pelo próprio (os calores estragaram-nas). Tinha que ser substituídas por novas, estes nunca tinham sido usados.”

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela

Nº de Inventário: P/R Nº50

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Joaquim Tonelo Folgado

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Chavelha feita pelo próprio durante as jornadas de pastoreio. Chocalho que era pendurado ao pescoço de uma ovelha.”

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha

Nº de Inventário: P/R Nº51

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Restaurada com cabedais usados, mas nunca chegou a servir mais.”

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha

Nº de Inventário: P/R Nº52

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Camisão

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Restaurada com cabedais usados, mas nunca chegou a servir mais. Pastor nos Alares.”

Denominação do Objecto: Picheiro
Nº de Inventário: P/R N°53
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Lata da ordenha que deixou de ser utilizada por derramar o leite.”

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha
Nº de Inventário: P/R N°54
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Estaca que servia para segurar a cancela do bardo onde se realizava a ordenha. Cortada de uma pernada de azinheira e preparada pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha
Nº de Inventário: P/R N°55
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha
Nº de Inventário: P/R N°56
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário - em branco

Denominação do Objecto: Chocalho com chavelha
Nº de Inventário: P/R N°57
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário - em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Gravato com cabo

Nº de Inventário: P/R N°58

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça com um engate que serve para agarrar os cabritos ou borregos dentro do bardo.”

Denominação do Objecto: Gravato sem cabo

Nº de Inventário: P/R N°59

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que servia para agarrar os borregos. Têm um cabo de madeira feito pelo pastor contratado.”

Denominação do Objecto: Tigela pequena de barro

Nº de Inventário: P/R N°61

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio usado pela mulher que fazia os queijos no período das ordenhas.”

Denominação do Objecto: Alguidar grande de lata

Nº de Inventário: P/R N°62

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Alguidar que servia para aparar a cualhada.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Fataca
Nº de Inventário: P/R N°63
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Albano Quaresma
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça executada por ele, que servia para diluir o qualho no leite.”

Denominação do Objecto: Cadeira
Nº de Inventário: P/R N°64
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Laurinda Faxeca
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Cadeira que comprou quando se casou.”

Denominação do Objecto: Moxo de cortiça
Nº de Inventário: P/R N°65
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Zé Cachaparra
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Mouxo que veio da Fainina e que se julga ter sido feito por alguém da memória do pai dele. Já o encontrou abandonado.”

Denominação do Objecto: Picheiro
Nº de Inventário: P/R N°66
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: João Malcata
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que guardou depois de acabar a vida de pastor.”

Denominação do Objecto: Tábua de lavar
Nº de Inventário: P/R N°67
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Objectos de Pastor

Anterior proprietário: Laurinda Faxeca

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça onde dentro do alguidar se fazia a lavagem da roupa com ajuda das mãos. Era costume se emprestar a outros vizinhos.”

Denominação do Objecto: Corna da pedra da gadanha

Nº de Inventário: P/R N°68

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Corna que utilizava para guardar a pedra da gadanha. Encontrou-a num palheiro abandonada e voltou a utiliza-la.”

Denominação do Objecto: Pedra de esmoril

Nº de Inventário: P/R N°69

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Pedra comprada em Castelo Branco.”

Denominação do Objecto: Cadeira

Nº de Inventário: P/R N°70

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Laurinda Faxeca

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Cadeira que fazia parte de uma série de seis que mandou fazer ao cadeireiro do Rosmaninhal quando se casou.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Picheiro
Nº de Inventário: P/R N°71
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Couvinha
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Picheiro que era do pai e o mandou fazer ao latoeiro do Rosmaninhal.”

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/R N°72
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Couvinha
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Peça construída pelo próprio onde a mulher fazia seis queijos por dia.”

Denominação do Objecto: Ferros (ratoeira)
Nº de Inventário: P/R N°73
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: António Cachaparra
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Ferros utilizados pelo pai quando ele era pastor.”

Denominação do Objecto: Candeeiro
Nº de Inventário: P/R N°74
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Laurinda Faxeca
Lugar da Recolha: Rosmaninhal
Ficha de Inventário (colector)

“Candeeiro que era usado na sala.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Pote de zinco

Nº de Inventário: P/R N°75

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: António Couvinha

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio comprado em Castelo Branco no mercado que servia para preparar a qualhada quando à uns anos teve um pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Cegos do bardo ou cancela

Nº de Inventário: P/R N°81/84

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Augusto Pinheiro Crespo

Lugar da Recolha: Rosmaninhal

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que servia para ligar e segurar as cancelas do bardo. Feito pelo próprio pastor com ajuda de um trado.”

Cegonhas

Denominação do Objecto: Cesta

Nº de Inventário: P/C N°1

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Cesto que servia para conter os acinchos depois de lavados.”

Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/C N°2

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Tesoura que ele utilizava quando tinha o seu rebanho.”

Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia (máquina)

Nº de Inventário: P/C N°3

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Comprada em Monforte para tosquiar as ovelhas e também realizar outros trabalhos por fora.”

Denominação do Objecto: Tesoura de tosquia

Nº de Inventário: P/C N°4

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Chico Velho

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Herança do pai que trabalhava como tosquiador no tempo da tosquia. Andava pelo palheiro aos reboões.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C Nº5

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio com várias utilidades que serviam para levar os alimentos nas grandes jornadas de trabalho que variavam durante a época do ano (pastorícia, lavra, tosquia, etc).”

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C Nº6

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quintero

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio que servia para levar azeite quando o havia, para o trabalho de vários dias fora de casa. Peça que pertenceu ao pai de quem já a tinha herdado.”

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C Nº7

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que utilizavam para levar sal para preparar o gaspacho quando guardava gado.”

Denominação do Objecto: Corna

Nº de Inventário: P/C Nº8

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio que servia para guardar alimentos durante as jornadas de trabalho. Utensílio que se transportava na bandoleira, que pertencia ao marido.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Cabrestos
Nº de Inventário: P/C N°9
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: José da Cruz
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Construído pelo próprio com rede velha da capoeira que servia para evitar que as cabras comessem as sementeiras quando de passagem.”

Denominação do Objecto: Chavelha
Nº de Inventário: P/C N°10
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que nunca foi utilizada que se encontrava no meio de outros utensílios que pertenciam ao marido.”

Denominação do Objecto: Colher de pau
Nº de Inventário: P/C N°11
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Colher comprada no comercio local.”

Denominação do Objecto: Colher da cualhada
Nº de Inventário: P/C N°12
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Teria sido uma colher de pau adaptada para tirar a cualhada.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colher de pau

Nº de Inventário: P/C N°13

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Colher comprada no comercio local, utilizada na casa do campo ou choça.”

Denominação do Objecto: Acinchos de madeira

Nº de Inventário: P/C N°14

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que servia para prensar a qualhada de onde saia depois o queijo. Utensilio que pertenceu à mãe, mas pouco serviu nas mãos dela.”

Denominação do Objecto: Francela

Nº de Inventário: P/C N°15

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Felisbela Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Francela onde preparava o queijo de cabra. Tinha quatro cabras.”

Denominação do Objecto: Candeia

Nº de Inventário: P/C N°16

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça bastante comum feita no ferreiro do Rosmanihal.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Malga de barro
Nº de Inventário: P/C N°17
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Tigela comprada no mercado do Rosmaninhal. Compraram-se logo três ou quatro, para em caso de se partirem terem logo mais uma.”

Denominação do Objecto: Pilão
Nº de Inventário: P/C N°18
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Pilão feito pelo marido de um pau de azinho.”

Denominação do Objecto: Malga de barro
Nº de Inventário: P/C N°19
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que se encontrava numa casa que pertenceu à sua mãe.”

Denominação do Objecto: Pilão
Nº de Inventário: P/C N°20
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que se encontrava dentro de um saco de plástico em conjunto com a malga de barro.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Coucho de cortiça

Nº de Inventário: P/C N°21

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Teria antes uma colher de pau que foi adaptada para tirar a cualhada do asado.”

Denominação do Objecto: Cabaça média

Nº de Inventário: P/C N°22

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Piença

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Pertenceu ao marido onde a utilizava nos dias de trabalho.”

Denominação do Objecto: Cabaça média

Nº de Inventário: P/C N°23

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Hipólito

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Cabaça que pertenceu ao marido.”

Denominação do Objecto: Cabaça

Nº de Inventário: P/C N°24

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que pertenceu ao marido mas que pouco utilizava. Leva sal para a merenda durante as jornadas de trabalho.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Cabaça
Nº de Inventário: P/C N°25
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça preparada pelo marido e que pouco a utilizou.”

Denominação do Objecto: Cabaça pequena
Nº de Inventário: P/C N°26
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Preparada pelo marido com finalidade de guardar azeitonas. Nunca chegou a ser utilizada.”

Denominação do Objecto: Cabaça pequena
Nº de Inventário: P/C N°27
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Coucho de cortiça
Nº de Inventário: P/C N°28
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Barata
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que os pastores transportavam para o campo onde comiam leite ou gaspacho. Não era muito comum esta conca.”

Denominação do Objecto: Cântaro
Nº de Inventário: P/C N°29
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Leonor Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor

Ficha de Inventário (colector)

“Cantarinho para a travia. Comprava-se um cantarinho de travia, ou mandava-se um cantarinho de travia a um familiar. Utensílio muito comum.”

Denominação do Objecto: Cântaro para leite

Nº de Inventário: P/C N°30

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Cântaro com a finalidade de transportar leite ou travia. Para quatro pessoas.”

Denominação do Objecto: Cântaro para leite

Nº de Inventário: P/C N°31

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Cântaro onde se transportava o leite para fazer um queijo em casa.”

Denominação do Objecto: Cântaro para leite

Nº de Inventário: P/C N°32

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Taça de tirar cualhada

Nº de Inventário: P/C N°33

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Francisco Velho

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Utensílio em cobre que já era da mãe com que tirava a cualhada do asado para preparar os queijos. Peça que teria vindo das Cegonhas Velhas.”

Denominação do Objecto: Arroucho

Nº de Inventário: P/C N°34

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita pelo marido em azinho com a finalidade de apertar as cargas quando se transportam em cima dos burros para não caírem.”

Denominação do Objecto: Chocalho com coleira

Nº de Inventário: P/C N°36

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Chocalho que era utilizado no pescoço do cão. Neste caso ainda era um cachorro.”

Denominação do Objecto: Chocalho pequeno

Nº de Inventário: P/C N°37

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Chocalho de borrego. Peça que se encontrava dentro de uma lata junto com outros apetrechos.”

Denominação do Objecto: Cabaça tipo caixa

Nº de Inventário: P/C N°38

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita de uma cabaça com tampa de cortiça onde o marido guardava utensílios e ferramentas que utilizava no preparo das coleiras para chocalhos de ovelhas.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Almotolia
Nº de Inventário: P/C N°39
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Almotolia que tinha em casa e que foi mais tarde utilizada durante as jornadas de trabalho fora do povo (ceifa).”

Denominação do Objecto: Badalos em cobre
Nº de Inventário: P/C N°40
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Badalos que nunca foram utilizados e que se compravam para arranjar algumas campainhas que se iam estragando.”

Denominação do Objecto: Bola de sebo
Nº de Inventário: P/C N°41
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Bola de sebo que servia para besuntar os fios com que se faziam as coseduras de coleiras de chocalhos, etc.”

Denominação do Objecto: Argola de Ferro
Nº de Inventário: P/C N°42
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Argola de ferro que pertencia a um arreio. Peça que se encontrava dentro de uma lata.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Fivela de cobre
Nº de Inventário: P/C Nº43
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Fivela que nunca chegou a servir, que iria entrar na coleira de um chocalho para ovelha.”

Denominação do Objecto: Sevela
Nº de Inventário: P/C Nº44
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Sevela com que se faziam os furos nas coleiras das ovelhas para se realizar as coseduras.”

Denominação do Objecto: Fivela de cobre
Nº de Inventário: P/C Nº45
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Fivela para coleira.”

Denominação do Objecto: Campainha pequena
Nº de Inventário: P/C Nº46
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Campainha para cabritos. Nunca chegou a servir.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Campainha pequena

Nº de Inventário: P/C N°47

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Campainha para cabrito. Nunca chegou a servir.”

Denominação do Objecto: Agulha média

Nº de Inventário: P/C N°48

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Agulha com que se cosiam os panos mais fortes (panais da azeitona, etc).”

Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°49

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Fivela aproveitada de um arreio velho para segunda utilidade.”

Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°50

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Barata

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chavelha pequena

Nº de Inventário: P/C N°51

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Chavelha simples que pertencia à coleira de um borrego. Guardada dentro de uma cabaça para segundas utilizações.”

Denominação do Objecto: Fivela

Nº de Inventário: P/C N°52

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Fivela aproveitada.”

Denominação do Objecto: Agulha

Nº de Inventário: P/C N°53

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Agulha com que o marido cosia as coleiras das ovelhas quando preparava a chocalhada.”

Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°54

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Simão Ferreirinha

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Sevela feita pelo próprio para fazer coseduras nos cabedais.”

Denominação do Objecto: Sevela

Nº de Inventário: P/C N°55

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Sevela para furar cabedal para coser coleiras.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Ponta de Sevela
Nº de Inventário: P/C N°56
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Ponta de sevela para coser albardas.”

Denominação do Objecto: Ponta de Sevela
Nº de Inventário: P/C N°57
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Ponta de sevela para couros duros. Utensílios que faziam parte das ferramentas de pastor, que pertenciam ao marido.”

Denominação do Objecto: Ponta de Sevela
Nº de Inventário: P/C N°58
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Sevela para furar couros.”

Denominação do Objecto: Trado
Nº de Inventário: P/C N°56
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Gardete (mudo)
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Sevela
Nº de Inventário: P/C N°60
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Gardete (mudo)
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°61
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Chocalhos comprados na feira de gado (Rosmaninhal).”

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°62
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°63
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°64
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°62
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Argola de silha
Nº de Inventário: P/C N°66
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Argola que era cosida na ponta de uma correia de cabedal. Servia para apertar a albarda no lombo dos burros.”

Denominação do Objecto: Argola
Nº de Inventário: P/C N°67
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Alforges
Nº de Inventário: P/C N°68
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Alforges que utilizava para transportar carga. Comprados num mercado em Monforte.”

Denominação do Objecto: Alforges
Nº de Inventário: P/C N°69
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Silveirinho
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Alforge que a mãe utilizava para levar os alimentos durante as jornadas de trabalho.”

Denominação do Objecto: Alforges
Nº de Inventário: P/C Nº70
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Silveirinho
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Herdou da mãe. Peça feita pela própria mãe.”

Denominação do Objecto: Safões
Nº de Inventário: P/C Nº71
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça de vestuário trazidos por um amigo à 30 anos atrás, mas nunca chegou a utiliza-los. Peça proveniente do Alentejo.”

Denominação do Objecto: Chapéu
Nº de Inventário: P/C Nº72
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Chapéu que pertenceu ao marido que o utilizava aos domingos.”

Denominação do Objecto: Serrote
Nº de Inventário: P/C Nº73
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Simão Ferreirinha
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça amanhada por ele, feita com restos de uma folha de serra que encontrou. Restauro da pega de madeira.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Faca

Nº de Inventário: P/C N°74

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Faca que já agarrou da mãe. Pouco servia e quando servia era para cortar pão rijo para os cães.”

Denominação do Objecto: Faca

Nº de Inventário: P/C N°75

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Candeeiro de lata

Nº de Inventário: P/C N°76

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Candeeiro de palheiro e choça.”

Denominação do Objecto: Correia

Nº de Inventário: P/C N°77

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça de couro para fazer uma coleira.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Navalha
Nº de Inventário: P/C N°78
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Navalha que pertenceu ao marido.”

Denominação do Objecto: Colher de sopa
Nº de Inventário: P/C N°79
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Garfo
Nº de Inventário: P/C N°80
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°81
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Garfo
Nº de Inventário: P/C N°82
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colher
Nº de Inventário: P/C N°83
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Garfo
Nº de Inventário: P/C N°84
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Caldeiro do poço
Nº de Inventário: P/C N°85
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Caldeiro de tirar água do poço para beber. Havia dois caldeiros: um para tirar água para beber, outro para águas não potáveis, como aqueles que bebiam os animais.”

Denominação do Objecto: Caldeiro de lume
Nº de Inventário: P/C N°86
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Caldeiro para aquecer água e que também podia ser utilizado nas matações.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°87
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°88
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°89
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°90
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°91
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°92
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°93
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Badalo
Nº de Inventário: P/C N°94
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Conjunto de nove badalos que nunca serviram. Estes badalos vieram de Monforte e foram feitos por um pastor.”

Denominação do Objecto: Panela de ferro
Nº de Inventário: P/C N°95
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Panela individual.”

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°96
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Cabreiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Chocalho e coleira preparada por ele.”

Denominação do Objecto: Chocalho com fivela
Nº de Inventário: P/C N°97
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Cabreiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°98
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Cabreiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°99
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Cabreiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Preparado pelo próprio.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Chocalho com coleira

Nº de Inventário: P/C Nº100

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Cabreiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Chocalhos comprados na feira do Rosmaninhal e preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Colar de campainha

Nº de Inventário: P/C Nº101

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Campainha comprada na feira do Rosmaninhal e preparada pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C Nº102

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C Nº103

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Preparado pelo próprio.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C Nº104
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Francisco Velho
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Comprado a este senhor que já faleceu.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C Nº105
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Chocalho comprado no mercado do Rosmanihal e preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C Nº106
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Mateus
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Falecido.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C Nº107
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Mateus
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Falecido.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°108

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Na aldeia das Cegonhas todas as pessoas tinham três ou mais cabras, que eram entregues a um pastor que se encarregava de as guardar.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°109

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu rebanho em 1970. Emigrou para França e vendeu o seu pequeno rebanho, mas conservou a louça.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°110

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°111

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenceram ao seu pequeno rebanho.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°112
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°113
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°114
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°115
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°116

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°117

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°118

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°119

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Marques Quinteiro

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Colar de Chocalho
Nº de Inventário: P/C N°120
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quinteiro
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peças que pertenciam ao seu pequeno rebanho.”

Denominação do Objecto: Cesta
Nº de Inventário: P/C N°121
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Cesto que utilizava para guardar acinchos.”

Denominação do Objecto: Cântaro (A)
Nº de Inventário: P/C N°122
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Cântaro para transportar leite ou água.”

Denominação do Objecto: Cântaro (B)
Nº de Inventário: P/C N°123
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Cântaro (C)
Nº de Inventário: P/C N°124
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas

Objectos de Pastor

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Cântaro (D)

Nº de Inventário: P/C N°125

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Cântaro (E)

Nº de Inventário: P/C N°126

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°127

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

“Comprada em Castelo Branco. Era utilizada nas matações do porco e para aquecer água.”

Denominação do Objecto Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°128

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Panela que era utilizada por uma só pessoa durante os dias de jorna.”

Denominação do Objecto Panela de ferro

Nº de Inventário: P/C N°129

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Panela individual utilizada na choça.”

Denominação do Objecto Armadilha de ferro
Nº de Inventário: P/C N°130
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Simão Ferreirinha
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Armadilha para as feras.”

Denominação do Objecto Candeeiro de lata
Nº de Inventário: P/C N°131
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Candeeiro a petróleo utilizado na choça.”

Denominação do Objecto Tigela grande
Nº de Inventário: P/C N°131
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Leonor Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Tigela para muitos usos. Servia também para apanhar o soro da qualhada.”

Denominação do Objecto Tijela grande
Nº de Inventário: P/C N°133
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto Fataca

Nº de Inventário: P/C N°134

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita pelo próprio que pouco a utilizou.”

Denominação do Objecto Fataca

Nº de Inventário: P/C N°135

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Emilia Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Herdou dos pais que eram pastores.”

Denominação do Objecto Fataca

Nº de Inventário: P/C N°136

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Maria Emilia Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Herdou dos pais que eram pastores.”

Denominação do Objecto Fataca

Nº de Inventário: P/C N°137

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita pelo marido e que a utilizou para mexer a cualhada.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto Francela

Nº de Inventário: P/C N°139

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Francela onde preparava um queijo para se comer em casa.”

Denominação do Objecto Talha de água

Nº de Inventário: P/C N°140

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Talha que comprou quando se casou. Acompanhou-a em muitas jornadas. Veio de Monforte.”

Denominação do Objecto: Asado

Nº de Inventário: P/C N°141

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Sem identificação

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Asado para coalhar o leite.”

Denominação do Objecto: Chocalho

Nº de Inventário: P/C N°142

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Domingos Taborda

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Peça que pertenceu ao seu rebanho.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Prato de esmalte
Nº de Inventário: P/C N°143
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Feijoa
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Prato que era da mãe e que o utilizava no campo.”

Denominação do Objecto: Prato de esmalte
Nº de Inventário: P/C N°144
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Feijoa
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Herdou da mãe.”

Denominação do Objecto: Prato de esmalte
Nº de Inventário: P/C N°145
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Feijoa
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/C N°146
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Francela para um queijo.”

Denominação do Objecto: Marranhão
Nº de Inventário: P/C N°146
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

Objectos de Pastor

“Serviam para tapar a boca das talhas e também das panelas de barro.”

Denominação do Objecto: Marranhão
Nº de Inventário: P/C N°148
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Chavelha
Nº de Inventário: P/C N°149
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça encontrada entre tantas outras ferramentas do pastor. Ao que parece nunca deve ter sido utilizada, uma vez que é de uma coleira de vaca.”

Denominação do Objecto: Malga de esmalte
Nº de Inventário: P/C N°149
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça de cozinha que era também utilizada no campo para a ordenha de uma cabra.”

Denominação do Objecto: Caldeiro
Nº de Inventário: P/C N°151
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Caldeira
Nº de Inventário: P/C Nº153
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Caldeiro que herdou da sogra que também tinha vida de pastor. Utensílio para aquecer água para lavar os utensílios com que preparava os queijos.”

Denominação do Objecto: Frigideira
Nº de Inventário: P/C Nº154
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Felisbela Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que teve o seu uso durante a jornada de trabalho quando o marido era pastor. Peça de cozinha que era utilizada também na choça.”

Denominação do Objecto: Lampião
Nº de Inventário: P/C Nº155
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Taborda
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça oriunda de França. Utilizado no palheiro onde guardava o burro. Ainda à um ano atrás tinha sido utilizada.”

Denominação do Objecto: Frigideira de esmalte
Nº de Inventário: P/C Nº156
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Frigideira onde se aquecia uma pouca de água para se escaldar umas ervas para chá.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Cadeias
Nº de Inventário: P/C N°157
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita pelo ferreiro local.”

Denominação do Objecto: Saleiro
Nº de Inventário: P/C N°158
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Saleiro feito de madeira pelo sogro onde continha o sal para salgar os queijos.”

Denominação do Objecto: Barril
Nº de Inventário: P/C N°159
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Domingos Rosa
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Barril comprado no Rosmaninhal, mas sofreu um restauro pelo dono antes de ser vendido. Levou uma correia nova.”

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/C N°159
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Guerra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Francela feita por um carpinteiro do Rosmaninhal (os Robalos).”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/C N°161
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Seria a última de muitas francelas que teve durante a sua via. Construída pelo falecido marido quando já tinha acabado com o rebanho e ficado com três cabras.”

Denominação do Objecto: Barbilho
Nº de Inventário: P/C N°162
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: João Paulo
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Feito pelo próprio e servia para impedir que os cabritos mamassem.”

Denominação do Objecto: Barbilho
Nº de Inventário: P/C N°163
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: João Paulo
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Feito pelo próprio e servia para impedir que os cabritos mamassem.”

Denominação do Objecto: Bilha
Nº de Inventário: P/C N°164
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça que utilizava tanto na ceifa como na choça onde tinha sempre água fresca.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Alguidar de lata
Nº de Inventário: P/C Nº165
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Alguidar comprado em Castelo Branco onde lavava os apetrechos relacionados com o fabrico do queijo.”

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/C Nº166
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Silvina Chambino
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Francela feita no Rosmanihal pelo carpinteiro Ti Nina, mas teve pouco serviço. Serviu até esta data.”

Denominação do Objecto: Talha
Nº de Inventário: P/C Nº167
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Talha onde se depositava água para segundas lavagens.”

Denominação do Objecto: Talha
Nº de Inventário: P/C Nº168
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Talha da beira que servia para segundas lavagens. Comprada no Rosmanihal na feira do gado.”

Denominação do Objecto: Caixa de queijos

Nº de Inventário: P/C Nº169

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Manuel Mateus

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Caixa de guardar queijos feito pelo próprio com restos de uma caixa de madeira de sabão.”

Denominação do Objecto: Lata da cualhada

Nº de Inventário: P/C Nº170

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Isabel Gardete

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Lata onde se preparava a cualhada para fazer queijos.”

Denominação do Objecto: Banca de asado

Nº de Inventário: P/C Nº171 (A)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Celeste Gil

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Comparada no Rosmaninhal aos Robalos.”

Denominação do Objecto: Talha

Nº de Inventário: P/C Nº171 (A)

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Lúcia Magra

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário (colector)

“Talha de água potável.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Maranhão
Nº de Inventário: P/C N°171 (C)
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Púcaro
Nº de Inventário: P/C N°171 (D)
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Lúcia Magra
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Cajado
Nº de Inventário: P/C N°172
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Marques Quintero
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Cajado preparado pelo próprio.”

Denominação do Objecto: Tigela
Nº de Inventário: P/C N°173
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luísa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Trempe
Nº de Inventário: P/C N°174
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça comprada num ferreiro do Rosmanihal.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Rodilha
Nº de Inventário: P/C N°175
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Isabel Feijona
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Rodilha com muito pouco uso. Tinha-a pendurado já há muito tempo, por já ter água em casa.”

Denominação do Objecto: Francela
Nº de Inventário: P/C N°176
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Simão Ferreirinha
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça construída pelo próprio quando tinha gado e tempo para pastar as suas três cabras.”

Denominação do Objecto: Cântaro de Leite
Nº de Inventário: P/C N°177
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Luisa Gardete
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Cântaro que servia para transportar o leite após a ordenha.”

Denominação do Objecto: Panela de ferro
Nº de Inventário: P/C N°178
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Maria Correia
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Panela utilizada na casa junto ao bardo das ovelhas.”

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Cucherreiro
Nº de Inventário: P/C N°179
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Celeste Gil
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita no Rosmaninhal quando ela se casou.”

(nota do colector na ficha 181) a peça 180 pertence ao Rosmaninhal

Denominação do Objecto: Arca dos queijos
Nº de Inventário: P/C N°181
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Mateus
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Herdou esta pequena arca do pai. Era onde guardava os queijos que se comiam em casa.”

Denominação do Objecto: Canga de burros
Nº de Inventário: P/C N°182
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Manuel Mateus
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário (colector)

“Peça feita pelo seu avô que a trouxe das Cegonhas Velhas.”

Denominação do Objecto: Acincho
Nº de Inventário: P/C N°183
Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano
Anterior proprietário: Silvina Chambino
Lugar da Recolha: Cegonhas
Ficha de Inventário – em branco

Objectos de Pastor

Denominação do Objecto: Acincho

Nº de Inventário: P/C N°184

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Acincho

Nº de Inventário: P/C N°185

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

Denominação do Objecto: Acincho

Nº de Inventário: P/C N°186

Instituição/Proprietário: Centro Cultural Raiano

Anterior proprietário: Silvina Chambino

Lugar da Recolha: Cegonhas

Ficha de Inventário – em branco

ANEXO II

Modelo de Ficha de Inventário utilizado pelo Centro Cultural Raiano. Exemplo de ficha preenchida pelo colector.

CENTRO CULTURAL RAIAN
CÂMARA MUNICIPAL DE IDANHA-VALE



DESIGNAÇÃO: <i>Bandeira</i>	
DESIGNAÇÃO LOCAL: <i>Rosmaneira</i>	
REGISTO	
Data do registo: <i>11-12-2004</i>	Número de Tombo: <i>1</i>
LOCALIZAÇÃO	
Exposição Depósito: <input type="checkbox"/>	Reservas Empréstimo: <input type="checkbox"/> Empr: <input type="checkbox"/>
AQUISIÇÃO	
Modo de Aquisição: Recolha <input type="checkbox"/> Depósito <input type="checkbox"/> Oferta/ legado <input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/>	Local de Aquisição: Sítio: <i>ROSMANINHAL</i> Freguesia: <i>ROSMANINHAL</i> Concelho: <i>I. D.</i> Distrito: <i>C. B.</i> Região: <i>B. B.</i> País: <i>P.</i>
Adquirente: <i>V. C.</i>	Custo: \$
Proprietário anterior: <i>José Xanas</i>	Telefone:
Morada:	País: <i>P.</i>
Circunstâncias da Aquisição: <i>Proposta de compra</i>	
COLECCÃO: <i>Rota da Transumança</i>	
FUNÇÃO: <i>Para transporte da Merenda</i>	
FABRICO	
Data de fabrico: <i>1978</i>	Justificação da Data:
Autor: <i>PIENES</i>	Local de Fabrico: Sítio: <i>ROSMANINHAL</i> Freguesia: <i>ROSMANINHAL</i> Concelho: Distrito: Região: País:
Justificação do Autor: <i>peça artesanal confeccionada em caixol de porca e outros (carnivos) Taza cozido à mão.</i>	
UTILIZAÇÃO	
Local de Utilização: Local de Aquisição <input type="checkbox"/> Local de Fabrico <input type="checkbox"/> Outro: <input type="checkbox"/>	Período(s) de Utilização: <i>78 - 88</i>
INFORMANTE	
Nome: <i>José Xanas</i>	Idade: <i>71</i>
Naturalidade: <i>J</i>	Local de Residência:
Profissão/ Actividade:	Relação com a Peça:
Discurso: <i>Foi utilizada com transporte de fornêl em trabalhos de Pastoreio e outras actividades agrícolas.</i>	
VALORAÇÃO DA PEÇA:	

ANEXO III

Curriculum Vitae